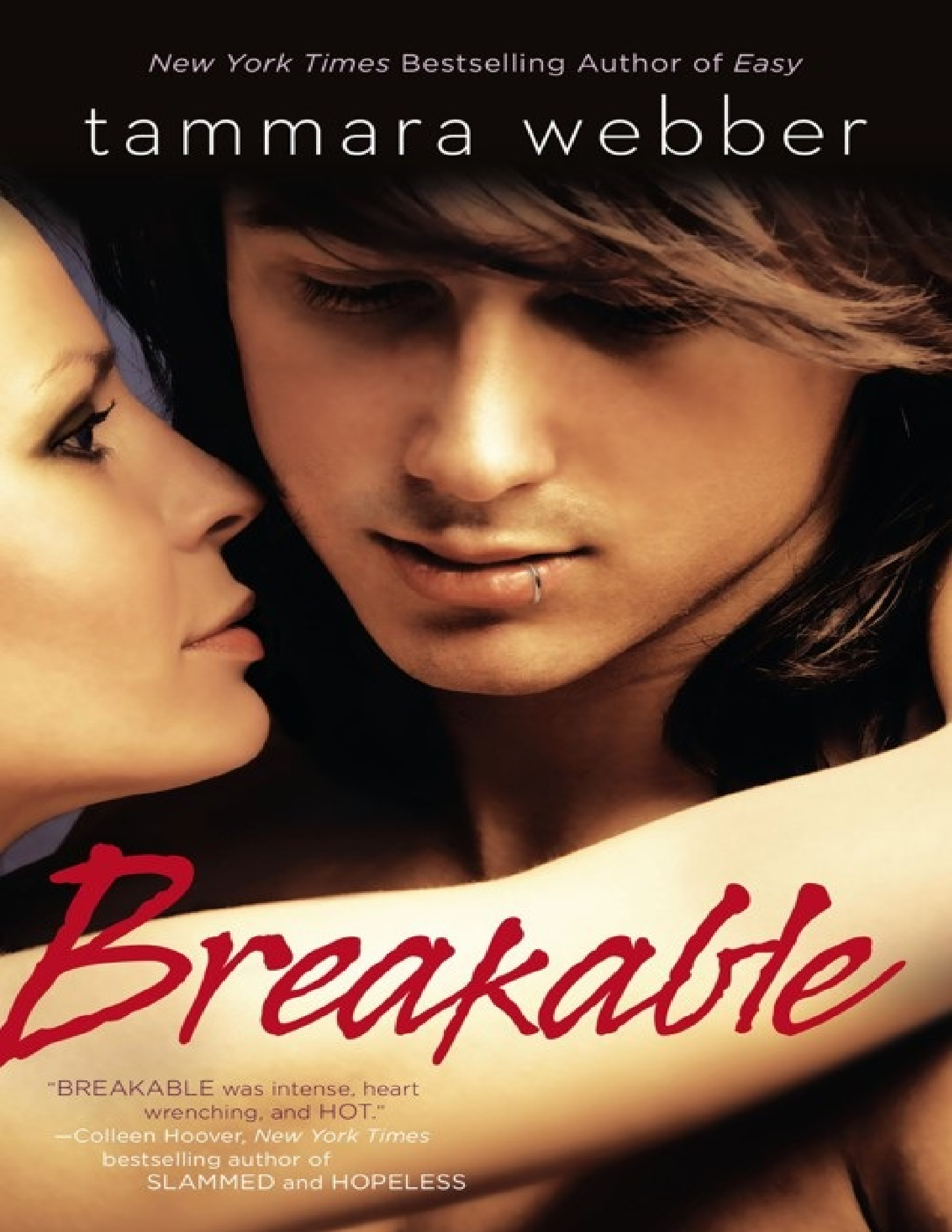
New York Times Bestselling Author of *Easy*

tammara webber



Breakable

"BREAKABLE was intense, heart wrenching, and HOT."
—Colleen Hoover, *New York Times* bestselling author of SLAMMED and HOPELESS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

EASY 02

Ele estava perdido e sozinho. Em seguida, ele a encontrou. E o futuro pareceu mais frágil do que nunca.

Quando criança, Landon Lucas Maxfield acreditava que sua vida era perfeita e aguardava um futuro cheio de promessas – até a tragédia que separou sua família e o fez duvidar de tudo em que ele sempre acreditou.

Tudo o que ele queria era deixar o passado para trás. Quando ele conheceu Jacqueline Wallace, seu desejo de ser tudo o que ela precisava veio tão fácil…

Tão fácil quanto poderia ser para um homem que aprendeu que a alma é frágil e que tudo o que você espera poderia ser arrancado num piscar de olhos.

1

Landon

Há oito anos

Acordei com um pulo, gritando.

— Enfermeira! — alguém gritou. — Enfermeira! — Uma face se inclinou para me encarar. Cindy Heller, a melhor amiga da mamãe. — Landon, querido – está tudo bem. Você está seguro. Shh, você está seguro.

Seguro? Onde?

Eu senti seus dedos frios no meu braço e tentei me concentrar, enquanto seus olhos vermelhos encheram de lágrimas. Ela mordeu o lábio inferior com tanta força que era incolor e tremia. Todo o seu rosto estava amassado como o papel e, em seguida, ele voltou ao normal.

Seu marido Charles apareceu ao lado dela, deslizando um braço atrás das costas para puxá-la firmemente. Ela caiu contra ele, como se ela tivesse sido derrubada sem o seu reforço.

A mão oposta dele estava quente em cima da minha, então, envolvendo-o. — Você está seguro, filho. Seu pai está a caminho. — Sua voz soou granulada, e seus olhos estavam vermelhos também. — Ele estará aqui em breve.

Uma enfermeira se materializou no outro lado da cama com uma seringa enorme, mas antes que eu pudesse me afastar, ela enfiou-a em um saco suspenso a partir de um suporte de metal, não no meu braço. Um cabo claro estendendo do fundo do saco se enrolava para baixo. Eu sabia que estava ligado a mim quando eu senti o que ela tinha acabado de injetar nele, como se eu tivesse levado um tiro com uma arma tranquilizante.

Arma.

Mãe.

— Mãe! — Eu disse, mas minha boca não iria cooperar e meus olhos continuavam tentando fechar. — Mãe! Mãe!

Cindy não poderia morder o lábio com força suficiente para abafar o soluço que escapou. Lágrimas transbordaram e arrastaram por suas bochechas. Eu não conseguia senti-la me tocando mais, e ela virou-se no peito de seu marido, mãos voando para cobrir sua boca - tarde demais para abafar outro soluço.

A pressão da mão de Charles diminuía pouco a pouco quando tudo se embaçou. — Landon, durma agora. Seu pai vai estar aqui logo que ele puder. Eu estou aqui. Eu não vou te deixar.

Seu rosto tornou-se cada vez menos distinto, finalmente, desaparecendo por completo, e eu não conseguia manter meus olhos abertos.

Mãe! Eu gritei o nome dela na minha cabeça, *Mãe! Mamãe... Mamãe...*

Mas eu já sabia que ela não teria me ouvido, mesmo que a minha voz fosse tão alta quanto um motor a jato.

LUCAS

Em uma sala de aula de 189 alunos, o que é incomum para um deles se destacar no primeiro dia, mas não sem precedentes. Quando se separa do rebanho que, no início, é normalmente por causa de algo negativo. Como fazer perguntas estúpidas. Ou falar durante a palestra - e perder o olhar do mal do professor. Odor corporal excessivo. Ronco sonoro.

Ou o meu anátema pessoal: ser um idiota moderno.

Então, eu não estava muito surpreso quando me tornei ciente de um cara durante a primeira semana do segundo semestre. Típico de sua anterior BMOC[{1}] no ensino médio - acostumado a ser bajulado por bajuladores. Ainda esperando por isso, ainda conseguindo. Cara de Fraternidade. Roupas caras, mas casuais,

corte de cabelo caro, o sorriso auto-importante, dentes perfeitos e a requisitada namorada bonita. Formações prováveis: Economia, Ciências Politicas, finanças.

Ele me irritou a vista. Tendencioso da minha parte, com certeza – mas não é como se a minha análise importasse. Ele prestava atenção na aula e perguntava questões competentes, então ele provavelmente não precisava de tutoria, no entanto, isso não opõe a ele de aparecer para as sessões de estudo que eu administrava para Dr. Heller três vezes por semana. Muitas vezes, os brilhantes estudantes que formavam a maior parte do grupo.

O primeiro semestre eu fiz estudo complementar - no ano passado - eu prestei muita atenção durante as aulas de Heller. Eu tinha tirado um A na sua classe, mas tinha sido um ano desde que assumi-la, e a economia não é um campo estagnado. Eu não queria um aluno me fazendo uma pergunta no meio de uma sessão de tutoria que eu não podia responder. Até o terceiro semestre - o meu quarto sentado na classe - eu realmente não precisa estar lá, mas a frequência de classe fazia parte do show de tutoria, e era dinheiro fácil.

Então lá estava eu – entediado, com a minha bunda na fileira de trás, trabalhando em projetos dos meus cursos de nível sênior, esboçando ideias em projetos de design, mantendo um ouvido na palestra para que eu pudesse ficar no tópico durante minhas sessões, e resolutamente ignorando a minha antipatia pelo segundo-anista vaidoso sentado no centro da classe com sua namorada de acessório.

Mas, no final dessa primeira semana, a minha atenção estava desviando para ela.

Desde a infância, desenhar era um desvio reconfortante, e às vezes uma fuga. Minha mãe era uma artista, e eu não sei se ela percebeu que eu tinha aptidão natural para isso ou se era uma habilidade aprendida resultante de seu encorajamento precoce e muita prática. Tudo o que eu sabia era quando eu tinha cinco ou seis anos, o papel e o lápis foram a minha maneira de me relacionar com o mundo. Minha forma pessoal de meditação.

Quando comecei a faculdade, a maioria dos meus desenhos tornaram-se

mecânico ou de natureza arquitetônica - provavelmente inevitável, dado os meus estudos de engenharia mecânica. Mas, mesmo no meu tempo livre, eu raramente esboçava corpos ou rostos. Eu tinha pouca vontade de fazê-lo.

Até ela.

Entrando e saindo da classe, o namorado dela segurava sua mão, às vezes. Mas era como se ele estivesse segurando uma vantagem, e não a mão de uma menina que ele se importava. Antes da aula, ele falava de futebol, política, música e elementos da fraternidade, como corrida ou futuras festas com outros caras como ele e os caras que queriam ser como ele. Meninas próximas olhavam de soslaio que ele fingia ignorar.

De alguma forma, enquanto ele estava preocupado com tudo e todos ao seu redor, *exceto* ela, de repente eu não conseguia ver mais nada. Ela era linda, claro, mas em uma universidade com trinta mil graduandos, isso não era fascinante. Se não fosse por minha irritação inicial com o namorado, eu nunca poderia ter a notado.

Depois que eu percebi a frequência que meu olhar viajava para ela, eu conscientemente lutei contra isso – mas foi inútil. Não havia nada na sala tão interessante como essa garota. O que me fascinou em primeiro lugar eram as mãos. Especificamente, os dedos.

Na sala de aula, ela se sentava ao lado dele, com um sorriso solto, às vezes em silêncio conversando com ele ou outras pessoas nas proximidades. Ela não parecia infeliz, mas seus olhos estavam quase vazios, às vezes, como se sua mente estivesse em outro lugar. Durante esses momentos, no entanto, suas mãos – seus *dedos* - estavam tocando algo.

No começo eu pensei que ela tinha um hábito nervoso, como a filha de Heller, Carlie, que nunca parou de se mover desde o dia em que ela nasceu. Carlie estava sempre tocando uma unha ou um pé, um balançar de joelho, conversando. A única coisa que eu vi acalmá-la foi acariciar Francis, meu gato.

Não foi essa garota tocando os dedos inquietamente, no entanto. Seus

movimentos eram metódicos. Sincronizado. Sentado longe o suficiente e para a esquerda dela para estudar o seu perfil, eu a vi apertar o queixo, tão sutilmente que era quase indetectável - e em algum momento, eu percebi que quando sua expressão estava distante e seus dedos estavam se movendo, ela estava ouvindo música. Ela estava *tocando* música.

Foi a coisa mais mágica que eu já vi alguém fazer.

De acordo com a carta dos assentos de Heller - recebido com o resto dos meus materiais de tutoria de apoio para o semestre - o nome do idiota era Kennedy, supondo que eu estava lendo o rabisco de sua impressão corretamente. Sentado no sofá da minha casa, olhando o papel, eu murmurei, — De jeito nenhum, — quando li o nome dela, nitidamente impresso no quadrado ao lado da sua Jackie.

E *Jackie* e *Kennedy*?

Ele não poderia estar saindo com ela por causa de seu nome. Ninguém poderia ser tão superficial.

Lembrei-me desta manhã no final da aula. Ele entregou-lhe o dever de casa e disse: — Ei, baby, leva isso para frente com o seu? Obrigado. — Piscando e sorrindo, ele virou-se para continuar alguma discussão sobre o que deve e não deve ser considerado trote enquanto ela colocou o trabalho dele em cima do dela, revirando os olhos quando se virou para descer os degraus à frente da sala de aula.

É. Ele poderia ser absolutamente tão superficial.

Eu toquei um dedo no nome dela. Cada letra que ela escreveu era arredondada, feminina. Mesmo o 'i' tinha uma ligeira curva e uma cauda desviando. O ponto sobre o 'i' era um ponto, no entanto. Não um círculo aberto. Não um pequeno *coração.* E lá estava o revirar de olhos após o *Hey, baby* dele. Talvez ela não estivesse irremediavelmente presa em sua teia.

O que diabos eu estava pensando mesmo? Esta menina era uma estudante na classe que eu tutelava. Ela estava fora dos limites, pelo menos para o restante do semestre. O que era um maldito longo tempo, considerando que

tínhamos acabado de entrar na segunda semana de aula.

E além do fato de que eu não podia tocá-la se ela estivesse disponível... Ela não estava disponível.

Eu me perguntava por quanto tempo eles estavam saindo. Ambos eram alunos do segundo ano, de acordo com o formulário. Na pior das hipóteses, então: tinha sido uma coisa por um ano.

Então fiz o que qualquer perseguidor comum faria. Eu procurei-a on-line e encontrei um perfil bloqueado. *Droga.*

Mas o dele estava aberto.

Kennedy Moore. Em uma relação com Jackie Wallace. Sem data de aniversario listado, mas havia fotos marcadas com ela - e não penas em relação ao ano passado, mas antes disso. Eu fui olhando antes disso, ficando progressivamente chateado por nenhuma boa razão.

O verão antes da faculdade. Conclusão do ensino secundário. Formatura. Esquiar durante as férias de primavera. Uma festa surpresa em seu aniversário de dezoito anos. Uma foto a distância de uma orquestra com mais artistas do que a população de todo o meu ensino médio. Um close-up dela vestindo aquele traje completo orquestral mais um esse chapéu de papai Noel – mas nenhum instrumento em suas mãos, então eu não tinha certeza do que ela tocava.

Ação de Graças com sua família. Os dois de brincadeiras com os amigos em um campo de futebol do lado de fora de uma escola que cheirava a subúrbio endinheirado. *Anterior* as férias de verão. Baile Junior. Ainda um outro Natal.

A foto mais antiga dela tirada com ele em um carnaval de quase três anos atrás.

Eles estiveram juntos há três anos. *Três anos*. Eu não podia sequer envolver minha mente em torno disso.

Um uivo na minha porta sinalizou o retorno de Francis de qualquer problema que ele entrou entre o jantar e a hora de dormir. Como qualquer bom

companheiro domesticado, eu coloquei meu laptop de lado e fui deixá-lo entrar. Quando eu abri a porta, ele estava sento lambendo uma pata.

— Vamos lá, então, — eu disse. — Eu não vou refrigerar todo o bairro.

Ele se colocou em uma posição de pé, se esticou e correu para o apartamento quando eu fiz que iria fechar a porta na cara dele. Pouco antes de estalar fechado, eu ouvi, — Lucas! — e abri-a.

Carlie estava a meio caminho até a escada de madeira que levava ao meu apartamento em cima da garagem dos Heller. Já era tarde. Ela havia desenvolvido uma paixão desconfortável por mim na última primavera, o que eu pensei ter terminado há mais de meses atrás, depois que eu fingi não perceber seus olhares excessivamente prolongados e risos. Eu a conheço desde que ela nasceu, ela e seus irmãos ou primos eram como irmãos para mim, especialmente considerando que eu não tinha ambos. Ela era cinco anos mais nova também - uma criança, realmente. A última coisa que eu queria fazer era machucá-la.

Movi-me completamente na porta. — Ei, Carlie. Você não deveria estar na cama?

Ela torceu o nariz e fez uma careta, insultada. — Eu tenho dezesseis anos, e não *seis, Meu* Deus. — Quando ela chegou ao degrau mais alto e se moveu para o semicírculo de luz sobre o pequeno patamar, eu notei que ela tinha uma prato na mão. — Eu fiz cookies. Pensei que você poderia querer algum.

— Legal. Obrigado. — Peguei o prato, mas não levei para o apartamento.

Ela arrastou um pé e enfiou as mãos nos bolsos de trás de sua bermuda. — Lucas?

— Sim? — Eu disse, pensando, *Oh, merda*.

— Você nunca vai... ter uma namorada? Ou você tem uma, mas você simplesmente não a traz aqui? Ou será que existe, você sabe, outra coisa que você ainda não *revelou*...

Engoli uma risada. — Se você está prestes a me perguntar se eu preciso sair do armário, a resposta é não. Eu teria feito isso há muito tempo. — Esta

questão foi, estranhamente, muito mais fácil de responder do que a outra.

— Eu achei que você teria. Quero dizer, você meio que não se importa de ser controverso.

Eu levantei uma sobrancelha. — Por causa do piercing nos lábios?

Ela assentiu com a cabeça. — E as tatuagens. — Os olhos dela alargaram quando ela percebeu o que tinha acabado de dizer. — Eu quero dizer, obviamente, você tem suas razões para isso. A maioria delas... — Ela fechou os olhos. — Deus, eu sou tão estúpida. Sinto muito...

— Está tudo bem, Carlie. Não se preocupe. — Meus dentes rasparam sobre o pedaço de metal enfiado através de meu lábio inferior, enquanto eu lutava para manter os olhos de deslizar sobre as tatuagens envolvendo meus pulsos. — Obrigado pelos cookies.

Ela bufou um suspiro. — Yeah. Sem problemas. Boa noite, Lucas.

Pergunta de namorada evitada, eu suspirei, também. — Boa noite.

Carlie era a única Heller que nunca teve um problema de se lembrar de me chamar de Lucas. Quando saí de casa para a faculdade há três anos, eu queria mudar tudo, começando com o meu nome. Minha mãe tinha me dado seu meio nome de solteira - Lucas - como o meu nome do meio. Eu imagino que muitas pessoas tinham nomes do meio, e bônus – não tinha procedimento legal que os obrigava a usá-lo.

Meu pai se recusou a me chamar de Lucas, mas o que ele escolhia me chamar de pouco importava. Eu não vivia com ele mais, e quando fui para casa, mal falava. Os pais de Carlie e seus irmãos lembravam esporadicamente – mas eles tentaram. Eu tinha trocado por Landon há mais de 18 anos, depois de tudo, então eu costumo deixá-lo deslizar sem corrigi-los. Velhos hábitos, blá, *blá*.

Daquele ponto em diante, porém, eu era Lucas para alguém novo. Eu queria fazer Landon desaparecer para sempre. Sem existência.

Eu deveria ter sabido que não seria tão fácil.

2

Landon

Desde o jardim de infância, eu ia para uma pequena escola privada fora de DC. Nós usávamos uniformes: meninas em blusas brancas com botões de pérola, saias plissadas e casacos xadrez, meninos em oxfords branca engomada, calças e blazers. Nossos professores favoritos faziam vista grossa para cachecóis e cadarços coloridos não autorizados e ignoravam casacos e jaquetas abertas. Os instrutores rigorosos pegavam itens de contrabando e rolavam os olhos quando argumentamos que pulseiras de linha e bandanas revestidas de brilho eram expressões de liberdade pessoal.

Victor Evans foi suspenso na última primavera, quando se recusou a tirar uma coleira de cachorro Bottega Veneta, alegando que usá-la era seu direito sob a Primeira Emenda e não era tecnicamente contra as regras. Administração o reprimiu depois disso.

Todos pareciam o mesmo na superfície, mas durante as duas semanas que eu estava fora da escola eu tinha sido alterado completamente debaixo da pele - onde as mudanças contam. Eu tinha sido testado e eu tinha falhado. Eu tinha feito uma promessa que eu não mantive. Não importava se eu ainda estava aparentemente idêntico. Eu não era mais um deles.

Eu estava autorizado a fazer o trabalho que eu tinha perdido, como se eu tivesse saído com um caso grave de gripe, mas as considerações especiais não param por aí. Professores que me tinham desafiado antes bateram no meu ombro e me diziam para tomar meu tempo com o novo trabalho de classe. Eles concederam não ganhos de notas em trabalhos mal escritos, tempo extra em tarefas de laboratório incompletas, automáticas ofertas para fazer de novo exames que tinha ido mal.

Em seguida, houve os meus colegas - alguns que tinham me conhecido desde que tinha cinco. Todos eles murmuraram condolências, mas não tinham nenhuma ideia do que dizer depois. Ninguém pediu ajuda na lição de casa de álgebra ou me convidou para jogar videogame. Os outros caras não jogavam meus livros para fora da minha mesa quando eu não estava olhando, ou me sacanearam quando o meu time de futebol favorito tinha sua bunda chutada pelos Redskins. Piadas de sexo cortadas no meio da frase quando eu aparecia.

Todo mundo ficou me olhando, na sala de aula, no corredor, durante assembleias, na hora do almoço. Eles fofocaram por trás de suas mãos, suas cabeças balançando, encaravam como se eu não pudesse vê-los fazendo isso. Como se eu fosse uma figura de cera do meu antigo eu - realista, mas assustador.

Ninguém me olhou nos olhos. Como se talvez ter uma mãe morta fosse contagiante.

Um dia excessivamente quente, eu arregacei as mangas na aula de história dos EUA, do Sr. Ferguson sem pensar. Ouvi o sussurro revelador, movendo-se de pessoa para pessoa, muito tarde.

— Seus *pulsos?* — Susie Gamin assobiou antes que alguém a fizesse calar.

Puxando as mangas para baixo e re-abotoando os pulsos não fez diferença. As palavras, desencadeadas, era uma avalanche de pedras caindo. Imparável.

No dia seguinte, eu usava um relógio com uma faixa grossa no meu pulso esquerdo, mesmo que irritasse minha pele ainda crua. Eu empilhava pulseiras de silicone no meu direito, incondicionalmente proibido pelo diretor na primavera anterior. Estes se tornaram parte do meu uniforme diário.

Ninguém me fez tirá-las. Ninguém as mencionou. Mas todo mundo olhou, ansioso para ter um vislumbre do que estava por baixo.

Coisas que eu parei de fazer:

Hockey. Eu comecei a jogar quando eu tinha seis anos, logo depois de

assistir o meu primeiro jogo dos Capitals com o pai. Mamãe não estava emocionada, mas ela tolerava - talvez o porquê era um ponto de ligação do meu pai comigo. Talvez porque eu gostava tanto de jogar. Embora destro em todas as outras situações, algo aconteceu quando eu atava meus patins e peguei a minha posição de canhoto. Tacando um disco para o gol, eu era ambidestro. Entre respirações, eu mudava de posições para cavar um disco a partir do canto ou assustar os oponentes trocando as mãos no meio de um jogo, afundando objetivos antes que eles pudessem se recuperar. Minha equipe selecionada não ganhou todas as vezes, mas tínhamos chegado a final do ano passado. Comecei a oitava série com a certeza que este seria o ano em que levaria para casa o troféu do campeonato. Como se essa fosse a coisa mais significativa que alguma vez poderia acontecer comigo.

Participar das aulas. Eu não levantava minha mão. Eu nunca era chamado. Rescisão muito fácil.

Dormir. Eu ainda dormia, mais ou menos. Mas eu acordava muito. Eu tinha pesadelos, mas não óbvios. Na maioria das vezes, eu caí. Fora do céu. Fora de um edifício, uma ponte, um penhasco. Braços e pernas balançando inutilmente chutando. Às vezes, eu sonhava sobre ursos, tubarões e dinossauros carnívoros. Às vezes, eu sonhava sobre afogamento. Uma coisa era constante: eu estava sempre sozinho.

LUCAS

Em dias quentes, eu sentia falta de ter a praia em frente da minha porta. Mesmo que o ar fosse saturado de umidade, e a areia estava irregular e coberta de ervas, o abismo sempre esteve lá, ondas de frio batendo contra a costa como um murmúrio de venha para cá.

Nos últimos três anos, eu tinha vivido quatro horas no interior. Se eu tivesse o desejo de submergir em água, eu tinha duas escolhas: a piscina dos Hellers ou o lago. Havia um pouco de solidão a ser encontrada em qualquer um.

O lago estava perpetuamente lotado de turistas e locais da mesma forma, e os amigos de Carlie estavam ficando na casa quase que diariamente, descansando na piscina em espreguiçadeiras como eles fizeram durante todo o verão. A última coisa que eu precisava era um bando de meninas muito menores tentando competir pela minha atenção só porque eu era o único não-pai macho na vizinhança. Cole tinha sido o objeto de seus interesses durante todo o verão, para grande desgosto de sua irmã. Mas ele foi embora há duas semanas para seguir os passos de sua mãe em Duke, e Caleb tinha apenas onze anos, jovem como todas elas eram para mim.

Elas não conseguiam perceber a correlação.

Progressivamente ficando mais pálido ao longo dos últimos anos a minha tinta se destacava ainda mais. Eu tinha começado com os padrões complexos que envolvia meus pulsos, e eles se tornaram mangas, principalmente composta por meus próprios desenhos. Combinado com o piercing no lábio e o cabelo escuro comprido, eu me assemelhava mais a um cara que gosta de música depressiva e as trevas do que aos adolescentes residentes na praia que eu era quando *comecei* as tatuagens e piercings.

No colégio eu usava vários piercings, um na orelha, uma barra através de uma sobrancelha e um piercing no mamilo - além do anel de lábio. Papai odiava, e o colégio da minha pequena cidade alegara que sofria de todos os sinais de desvio e uma disposição anti-social. Eu não me incomodei discutindo.

Depois que eu saí de casa, eu tirei todos, menos aquele da borda do meu lábio - o mais visto.

Percebi que Heller iria me perguntar, *por que deixar esse*? Mas ele nunca fez. Talvez ele soubesse a resposta sem vocalizar - que eu estava categoricamente confuso e longe de estar preocupado com *ambientar-se.* Para as pessoas comuns, o meu piercing labial indicava o oposto de acessibilidade. Era uma barreira auto erguida, e servia como um aviso de que a dor não ira me dissuadir - Que eu a acolhia.

As aulas tinham estado acontecendo por duas semanas. Contra o meu

melhor julgamento - o que restou dele - estudei Jackie Wallace. Seu cabelo castanho caía em ondas suaves por vários centímetros depois de seu ombro, a não ser que ela torcesse em um nó com uma presilha ou um grampo de cabelo ou colocá-los de volta em um rabo de cavalo que a fazia parecer da idade de Carlie. Ela tinha grandes olhos azuis - um azul de flores silvestres. Aquelas sobrancelhas franzidas profundamente quando ela estava irritada ou se concentrando, e em repouso - o que me fez pensar o que fazia quando estava surpresa. Altura média. Magra, mas ainda cheia de curvas.

Suas unhas eram curtas e sem pintar. Eu nunca a vi mastigá-las, então eu decidi que ela deve mantê-las intencionalmente lixadas, o melhor para conduzir sinfonias em sua cabeça e deixava as mãos para simular os movimentos instrumentais. Eu queria pegar fones de ouvido e ligar nela e para saber o que ela estava ouvindo quando os dedos tocavam. Eu mesmo fiquei mais curioso sobre qual instrumento ela interpretava - como se eu soubesse a diferença entre uma violino e um violoncelo de ouvido.

Há essa falácia de que se você é artístico, você é artístico e criativo em sua abordagem para tudo. É verdade para alguns - como a minha mãe - mas não para todos. Quando eu era jovem, as pessoas estavam confusas que eu não tocava um instrumento ou pintava ou escrevia poesia. Mas eu só mantinha uma forma artística. *Desenho.* É isso aí. Até mesmo minhas tatuagens são o resultado de esboços de papel e lápis transferidos do meu caderno para a tinta da tatuagem, injetados sob a minha pele.

Depois de absorver um capítulo entorpecente sobre sensor de medições em laboratório de calibração, eu retornei meu livro para a minha mochila e tirei o meu bloco de notas. Faltando quinze minutos de aula de Heller. Meus olhos se desviaram para Jackie Wallace, sentada várias fileiras para baixo, com o queixo na mão. Sem intenção consciente, minha mão começou a desenhá-la. As linhas rudimentares estavam lá antes que eu soubesse o que estava fazendo. Eu não poderia evitar os dedos de se deslocarem do interior dos limites de uma folha de papel, por isso eu a peguei prestando atenção na aula - ou parecendo.

— Aqueles de vocês que não estão planejando se formar em economia puder se perguntar: - Por que eu deveria perder meu tempo estudando economia? — Disse Heller. Eu suspirei, sabendo o que vinha em seguida. Eu sabia toda a sua rotina de dentro para fora. — Porque quando você estiver declarando seu desemprego, *pelo menos você vai saber o porquê*.

Alguns gemidos previsíveis se levantaram de seu público cativo. Eu admito que me segurei de revirar os olhos, decorrente do fato de que eu estava agora a quatro semestres com essa lengalenga particularmente familiar. Mas Jackie sorriu, o canto de sua boca apenas visível do meu lugar na parte de trás, junto com o arco para cima de seu rosto.

Então, ela gostava de piadas bobas.

E o namorado dela era um dos que gemeram.

Minha primeira sessão de tutoria do semestre era esta tarde. Duas semanas em qualquer semestre, a maioria dos alunos ainda está cheios de antecipação e otimismo do começo de semestre, mesmo que eles estejam ficando para trás já. Era possível que eu só tenha um punhado de alunos aparecendo hoje - ou nenhum.

Meu primeiro semestre como o tutor de Heller, apenas uma pessoa apareceu no primeiro dia - a companheira de quarto de alguém que eu tinha ficado duas semanas antes. Eu mal podia lembrar da garota que eu tinha passado um par de horas, mas eu reconheci a companheira de quarto de imediato, porque tinha havido um enorme quadro de avisos cheio de selfies exibicionistas acima de sua cama. Eles estavam me... distraindo. Como ser assistido por espectadoras seminuas. Eu encontrei-me perguntando - Durante o momento mais embaraçoso possível - o que ela fez durante a semana dos pais. Cartazes pregados dos elementos periódicos e Albert Einstein sobre eles?

Assim, durante a minha primeira sessão de tutoria de sempre, eu desenhei gráficos em um quadro branco ao explicar a diferença entre um deslocamento para baixo na demanda e uma diminuição da procura de *um* aluno. Uma estudante que estava alheia ao fato de que eu tinha visto sua

galeria de selfie em topless. Eu não conseguia olhar nos olhos dela, ou em qualquer outro lugar, realmente, toda a hora, o que foi bem malditamente estranho já que ela era a única pessoa na sala.

Eu tinha quatro alunos aparecendo hoje, todos eles surpresos que eles eram os únicos participantes, tal enorme era a classe. Não havia nenhum Kennedy Moore ou Jackie Wallace. Fiquei aliviado e desapontado - e eu não tinha o direito de sentir qualquer dessas coisas.

— Este é o meu terceiro semestre de tutoria para o Dr. Heller, — disse eu, de frente para eles. Quatro pares de olhos me observavam extasiado de seus assentos na primeira fila na pequena sala de aula. — No ano passado, todas as pessoas que participaram de sessões suplementares duas a três vezes por semana, durante todo o semestre tirou um A ou um B na aula.

Os olhos arregalados, impressionados. Claramente, eu era um fazedor de milagres.

Verdade? Participantes regulares da sessão eram geralmente os superdotados - estudantes que perderam aulas apenas para uma cirurgia de emergência ou quando alguém morreu. Eles faziam as leituras atribuídas e os exercícios dos capítulos opcionais. Eles entregavam atribuições para crédito extra. A educação era uma prioridade, e a maioria deles poderiam ter fechado a matéria sem mim.

Mas os dados estatísticos me davam segurança no trabalho, então eu usei.

Toda semana, eu atribuía pelo menos 15 horas em sala de aula, em sessões, fazendo trabalhos e prestando assistência pessoal, no campus ou através de e-mail. Essas horas deixaram um quarto da minha taxa de matrícula paga. Ser o tutor de Heller não era tão lucrativo como o Emprego Um - segurança para o DP do campus, ou Emprego Dois – trabalho no balcão da Starbucks do campus, mas foi a maneira menos estressante do que qualquer um.

Bem.

Até ela.

3

Landon

Papai não pareceu notar que eu parei com o hóquei. Ele não percebeu o meu distanciamento dos amigos ou o colapso da minha vida social. Ele só tinha providenciado para um carro me pegar na escola a cada dia porque eu parei para perguntar como eu voltaria para casa, antes de eu deixar o seu carro no meu primeiro dia de volta.

Seus óculos Ray-Ban se esconderam de seus olhos, para que eu não tivesse que testemunhar a agonia que queimou através deles toda vez que eu percebia que mamãe tinha ido embora, então ela não poderia fazer uma coisa que ela sempre tinha feito. Coisas *que alguém* tinha que fazer em seu lugar. Como me pegar na minha escola particular, porque de casa era de vinte e cinco minutos de carro ou uma viagem de metrô que eu nunca tinha tomado sozinho seguido por vários quarteirões a pé.

Na minha boca estavam às palavras, *eu vou tomar o Metrô - tenho treze anos, eu posso fazer isso,* quando me respondeu. — Eu vou... chamar um carro para levá-lo para casa. Você está liberado às três horas?

— Três e meia, — eu disse, pegando minha mochila e saindo, raiva construindo. Senti-me quebrar no fundo, me esforçando para contê-lo.

As manhãs eram ainda frescas, ainda não fria o suficiente para ver a sua respiração. As crianças que tinham chegado já estavam saindo da frente, à espera do primeiro sino, enquanto outros saiam dos carros dos seus pais. Ninguém estava correndo para entrar. Cabeças giraram, me observando. Os pais, também, nenhum deles se afastando do meio-fio. Todo mundo desacelerou - suspenso, observando. Eu senti como se os olhos deles fossem dezenas de minúsculos

refletores.

— Landon?

Voltei-me para a voz do meu pai, irracionalmente esperando que ele só me dissesse para voltar para o carro. Que ele ia me levar para casa. Levar-me para o trabalho com ele. Qualquer coisa, menos deixar-me aqui.

Eu não queria estar aqui. Eu não queria fazer isso.

— Você tem a chave da casa?

Eu balancei a cabeça.

— Eu vou ter um carro aqui às três e meia. Estarei em casa mais cedo. Cinco e meia, o mais cedo. — Sua mandíbula se endureceu. — Tranque a porta quando você chegar em casa. — *E verifique as janelas*.

Eu balancei a cabeça novamente e fechei a porta do passageiro. Eu olhei para mim através do vidro, e novamente, o desejo louco que ele não iria me deixar aqui se espalhando e me agarrando pela garganta. Ele levantou a mão e foi embora.

Então, eu nunca lhe lembrei sobre a prática de hóquei. Eu só parei de ir.

Quando meu treinador finalmente me ligou, eu disse a ele que estava saindo. Ele sugeriu que manter rotinas anteriores no lugar seria bom para mim. Disse-me que eu poderia voltar no meu ritmo, construir novamente. Disse que a equipe estava pronta para me apoiar. Que alguns dos caras tinha discutido ter estes decalques das iniciais da mamãe adicionados aos nossos capacetes ou costurado sobre as mangas de nossas camisas. Sentei-me com frieza do outro lado da linha, esperando que ele percebesse o que eu não diria, mas eu também não iria.

Eu não sei se papai continuou a pagar ou se eles pararam o faturamento dele, e eu não me importei.

Havia uma garota que eu gostava, antes. (Tudo era agora *antes ou depois.)* Antes - o nome da menina era Yesenia. Eu não a via desde o último dia da sétima série, mas nós mandamos uma mensagem um par de vezes durante o verão e tínhamos sido amigos on-line, trocando enigmáticos comentários nas

redes sociais. Que é uma espécie de paquera no semáforo. *Boa tacada... Haha impressionante*. *Olhos bonitos*. Esta última foi a partir dela, uma de uma dúzia de comentários sobre a foto que mamãe tinha tirado de mim na praia do vovô, de pé no pôr do sol da praia.

O dela era o único comentário que importava. Foi a coisa mais ousada também que ambos de nós jamais disse um ao outro.

Eu tinha crescido ao longo do verão. Uma coisa boa, porque Yesenia e eu tínhamos sido da mesma altura na sétima série, e há essa coisa de meninas sobre altura - Elas querem usar saltos e não ser mais alta do que o cara. Eu tinha acrescentado três centímetros e tinha esperanças de mais. Papai tinha mais de 1.82. Nenhum dos meus avós tinha.

A única filha de um embaixador de El Salvador, Yesenia era linda e escura, com cabelo curto e preto e enormes olhos castanhos que me observavam do outro lado das salas de aula e mesas de almoço. Ela vivia em um triplex em Dupont Circle. Eu tinha convencido mãe a deixar-me andar de metrô para o seu lugar sozinho, duas semanas antes, mas ainda não tinha construído a coragem de perguntar a Yesenia se eu poderia ir.

Nessa segunda semana de aula, eu consegui pegá-la sem a multidão de amigos dela - uma ocorrência rara, com meninas de treze anos de idade. — Ei, você quer ir ver um filme no sábado? — Eu soltei o convite e ela piscou para mim, esperançoso que ela perceba essas três polegadas. Ela era a garota mais alta da nossa série. Alguns caras tinham que olhar para *ela.* — Comigo?— Eu adicionei quando ela não respondeu de imediato.

— Um... — Ela mexia com os livros em seus braços quando meu coração bateu para fora *droga, droga, droga,* até que ela disse: — Eu realmente não estou autorizada a sair com rapazes ainda.

Huh. Minha vez de remexer em resposta.

— Mas talvez... Você poderia vir e assistir a um filme na minha casa? — Ela estava hesitante, como se talvez ela pensasse que eu iria recusar.

Eu senti como se tivesse sido mergulhado de cabeça na água fria, em

seguida, puxado para fora e beijado, mas eu só balancei a cabeça, determinado a jogar indiferente. Então eu chamei uma menina para sair. Não é grande coisa. — Sim, claro. Eu vou mandar uma mensagem para você.

Seus amigos apareceram no final do corredor, e chamaram-na e me olharam com curiosidade. — Olá, Landon, — disse uma delas.

Voltei a saudação com um sorriso e me virei, as mãos nos bolsos, murmurando *sim, sim, SIM* sob a minha respiração, como se eu tivesse acabado de disparar um disco para o gol, passando joelho acolchoado direito do goleiro. Sábado era apenas cinco dias de distância.

Vinte e quatro horas mais tarde, a minha vida havia mudado para *depois.*

LUCAS

— Você. É. Um. *Idiota!*

Meus lábios pressionaram em uma linha fina, e eu lutava para conter a réplica piscando em meu cérebro: *Uau. Essa ai eu nunca ouvi falar.*

Continuei preenchendo a multa de estacionamento, felizmente eu estava quase terminando.

Sinto pena de pessoas cujo parquímetro termina antes que voltem para o carro. Eu sinto pena das pessoas estacionadas em lotes rotulados reconhecidamente ambíguos. Eu *não* sintia pena de um estudante que estacionava diretamente sob uma placa ESTACIONAMENTO SOMENTE DE PROFESSORES.

Quando ela percebeu que sua aparência e insulto previsível não me fez parar de escrever ou até mesmo olhar para cima, ela tentou uma tática diferente. — Vamos, *Por faaaaavor*? Eu só estava lá por uns dez minutos! Eu juro!

Uh-huh.

Eu arranquei o bilhete e o estendi para ela. Ela cruzou os braços e olhou para mim. Encolhendo, peguei um envelope, coloquei a multa dentro e enfiei o envelope debaixo do limpador de para-brisa.

Quando me virei para voltar para o carro que eu dirijo lote a lote em torno do campus, ela gritou: — Filho de uma bunda-de-macaco *puta*!

Esse, por outro lado, é novo. Bem jogado, Srta Mini Cooper Azul.

Cara, eu não tinha certeza se eles me pagavam o suficiente para compensar por este tipo de abuso. Eu com certeza não estava fazendo isso pelo *prestígio.* Para isso, eu prendia meu cabelo sob um capuz marinho revestido de poliéster que fez o topo da minha cabeça parecer como se estivesse pegando fogo quando eu estava no sol por muito tempo em dias quentes, o que descrevia setenta por cento do ano. Troquei meu piercing no lábio, a sua perfuração curada felizmente vários anos, por uma contenção durante os meus turnos. Eu usava um uniforme que era o oposto de qualquer outra coisa no meu guarda-roupa.

Concedido, estas três coisas mantinham todos os alunos que já multei - até mesmo, em alguns casos, as pessoas que me sentei ao lado na sala de aula - de me reconhecer quando eu estava no processo de arruinar os seus dias.

— Desculpe-me! Yoo-hoo!

Este é o tipo de intimação normalmente entregue pela avó de alguém - mas não, era meu professor de termodinâmica da primavera passada. *Inferno.* Eu embolsei o pad de multas, rezando para que ele fosse o Sr. novíssimo Mercedes, que tinha acabado de ingressar no estacionamento em dois espaços na parte de trás do estacionamento. Eu não teria pensado que Dr. Aziz era capaz de ser tão idiota - mas as pessoas eram estranhas ao volante de um carro. Suas personalidades poderia se transformar a partir de estáveis, cidadãos sensatos para merdas enfurecidos na estrada.

— Sim, senhor? — Eu respondi, órtese.

— Eu preciso de carona! — Ele ofegava como se tivesse correndo através de um campo de futebol.

— Oh. Claro. Entre. Onde está o seu carro? — Eu ignorei a menina no

Mini Cooper, dando-me o dedo, quando ela gritou para nós.

Embora ele não comentasse, Dr. Aziz não estava tão acostumado ao gesto que era tudo muito rotineiro para mim. Sobrancelhas elevadas, ele subiu no banco do passageiro e segurou com ambas as mãos depois de se atrapalhar para o cinto de segurança inexistente. — Duas fileiras mais. — Ele apontou. — O Taurus verde.

Eu diminuí para evitar dele ser arremessando para fora da lateral aberta do carrinho ao fazer uma inversão de marcha no final da linha, refletindo que a minha usual encarnação antisocial teria sido bem menos propensa a mostrar o dedo do meio no meio de um parque de estacionamento. Eu era um alvo ambulante, patrulhando o campus neste traje condenados.

Uma vez eu tive o seu carro ligado, tirei os cabos e deixei cair o capô. — Certifique-se de obter essa bateria carregada ou substituída – isto é temporário e não uma carga. — Eu sabia que meu professor de engenharia não precisava deste conselho... mas eu achava que eu estava irreconhecível.

Errado.

— Sim, sim, Sr. Maxfield, eu acho que estou bastante familiarizado com auto carregamento por este ponto. — Ele riu, ainda um pouco ofegante. — Esta é um encontro de sorte, eu acho. Eu estava revendo mentalmente os ex-alunos apenas esta manhã. Estarei contratando um punhado deles, convidando-os a candidatar-se a um projeto de pesquisa que começa no próximo semestre. Nosso objetivo é o desenvolvimento de materiais duráveis macios para substituir aqueles normalmente danificados por forças termodinâmicas – aqueles usados na administração de medicamentos e engenharia de tecidos.

Eu sabia tudo sobre o projeto de pesquisa proposto pelo Dr. Aziz - que tinha estado discutindo animadamente no mês passado no encontro Tau Beta Pi com o tipo de entusiasmo que só um bando de nerds da sociedade de honra de engenharia pode fornecer.

— Você é um sênior, eu acredito?

Minhas sobrancelhas se levantaram e eu balancei a cabeça, mas eu

estava muito atordoado para responder.

— Hmm. Principalmente nós estamos interessados em juniores, como eles vão estar com mais tempo. — Ele riu para si mesmo antes de franzir os lábios, me observando. — No entanto, a equipe fundadora de um projeto é fundamental, e eu acredito que você poderia ser um trunfo, se você estiver interessado. A posição seria refletida como um curso de projetos especiais em sua transcrição, e recebemos uma doação, por isso, somos capazes de oferecer uma pequena ajuda de custo para os escolhidos.

Puta merda. Sacudi-me do meu estupor. — Eu estou interessado.

— Bom, muito bom. Me mande um e-mail esta noite, e eu vou enviar o pedido oficial. Sou obrigado a informar os requerentes que as posições na equipe não são garantidas. Elas vão ser muito procuradas, eu suponho. — Ele não estava brincando. Alguns dos meus colegas seriamente consideravam me empurrar para o tráfego para garantir uma. — Mas... — Ele sorriu conspiratório. — Eu acho que você seria um candidato no topo.

Quando Heller deu a classe seu primeiro exame, eu tive um dia de folga do tutoramento. Em vez de dormir como um estudante universitário regular, eu me ofereci estupidamente para um turno extra do PD do campus. Era como se eu já não tivesse qualquer ideia de como relaxar e não fazer nada. Entre trabalhos pagos, trabalhos voluntários e estudando, eu trabalhava malditamente o tempo todo.

O céu se abriu por volta das sete horas da manhã, inundando a área com uma tempestade surpresa bem na hora do nascer do sol, então peguei uma carona com Heller em vez de suportar uma miserável corrida encharcada para o campus na minha Sportster. Depois de ajudar com uma caixa de livros de seu carro ao seu escritório e acertar uma hora do dia para ir embora, eu fui para a saída lateral.

O sol havia surgido nos poucos minutos que eu estava dentro, concessão de uma curta trégua da chuva, embora as árvores e saliências de construção ainda pingavam gotas gordas que escorriam para os alunos marchando através

das poças e pulando sobre pequenos fluxos. Dadas as baixas nuvens cinzentas se reunindo com visível sobrecarga, eu sabia que o sol duraria cinco minutos no máximo, e esperava que eu pudesse ir até o prédio da polícia do campus antes da próxima chuva.

Se a chuva se manteve - e todas as previsões disse que iria - eu estaria preso no interior, atendendo telefones e arquivando pilhas de pastas na parede do departamento de armários em vez de emitir multas de estacionamento. Tenente Fairfield estava *sempre* atrasado no arquivamento. Eu estava meio convencido de que ele nunca arquivou nada. Ele simplesmente esperava os dias chuvosos e descarregava a tarefa de entorpecimento mental em mim. Estranhamente, eu prefiro estudantes bravos, funcionários e professores irados do que ficar preso dentro todos os dias.

E eu não vou ver Jackie Wallace em tudo hoje.

Eu quis que o meu cérebro calasse a boca, deslizando meus óculos escuros e segurando a porta aberta para um trio de garotas que me ignorou, continuando a sua conversa como se eu fosse um servo ou um robô, instalado lá com o propósito expresso de abrir a porta para elas. *Droga deste uniforme.*

Então eu a vi, espirrando água através de poças em botas de chuva com contornos de margarida amarela. Eu fiquei como uma estátua, ainda segurando a porta entreaberta, embora ela estivesse metros de distância e não tinha me notado - ou qualquer um ao seu redor. Eu sabia que ela estaria entrando nesta porta. Ela tinha um exame na economia em um minuto. Não havia Kennedy Moore à vista.

Sua mochila ameaçou deslizar para baixo seu braço, e ela prendeu em seu ombro superior, enquanto mexendo com um guarda-chuva não cooperativo que combinava com suas botas. Sua linguagem corporal agitada e o fato de que ela nunca tinha estado atrasada para a aula antes - ou chegou sem o namorado dela - Disse-me que ela estava atrasada esta manhã. Seu guarda-chuva se recusava a fechar. — *Droga,* — ela murmurou, dando-lhe um aperto duro enquanto repetidamente pressionando o botão de retorno.

Isso se fechou um momento antes que ela olhou para cima para ver me segurando a porta.

Seu cabelo estava úmido. Ela não usava maquiagem, mas as pontas dos cílios estavam com algo - claramente ela tinha sido pega pela chuva no caminho de seu quarto ou carro. A combinação de sua pele molhada, a sua proximidade e a respiração que tomei olhando em seus belos olhos quase me derrubou. Ela cheirava a madressilva - um cheiro que eu conhecia bem. Minha mãe tinha preenchido uma parede na pequena casa de campo no nosso quintal onde ela tinha transformado em um estúdio de arte. Todo verão, as flores em forma de trompete tinha infundido o interior com seu aroma doce, especialmente quando ela tinha aberto as janelas. Enquanto minha mãe trabalhava em projetos para as apresentações em galerias na primavera, eu me sentei em frente a ela à mesa marcada, desenhando personagens de videogame ou insetos ou as entranhas de um aparelho inoperante que pai me deu permissão para desmontar.

Um sorriso espantado quebrou no rosto de Jackie quando ela olhou para mim, ela substituiu a carranca dada a seu guarda-chuva rebelde. — Obrigada, — disse ela, esquivando-se através da porta aberta.

— De nada, — eu respondi, mas ela foi se afastando já. Para a classe de onde eu era o tutor. Rumo ao namorado que não a merecia.

Eu não tinha me deixado quer algo tão impossível em um tempo muito longo.

4

Landon

Horas depois que meu pai me trouxe do hospital para casa, ele totalmente se perdeu, usando um cortador de caixa para arrancar o carpete manchado de sangue a partir da sala, todo o caminho até o piso estrutural. Sem uma máscara sobre os olhos ou nariz, ele acendeu a lixadeira e raspou o chão até que a madeira caiu como uma tigela no meio da sala. Serragem flutuava como fumaça na porta, revestimento o quarto e tudo nele, incluindo meu pai.

Sentei-me na sala de costas para a parede e as mãos cobrindo meus ouvidos, sofrendo pelo som de sua dor e raiva, lágrimas e roucos rugidos ensurdecedores misturando-se com a lixadeira, tudo inútil, porque nada disso iria trazê-la volta. Quando o motor parou, eu me arrastei até a porta e espreitei para dentro. Ele estava ajoelhado, chorando e tossindo, a mancha odiosa estava mais fraca, mas ainda visível sob a lixadeira, agora em silêncio.

No dia de seu funeral, eu acordei com o som de seus passos no corredor do lado de fora da minha porta, caminhando para trás e para frente. Meu quarto estava no escuro da madrugada, e eu estava imóvel, quase sem respirar, identificando o grito de cabides empurrado juntos e o arrastar de gavetas abertas e fechadas antes dele vagar passando meu quarto e voltando, mais e mais. Uma hora depois, a porta do quarto se fechou.

Ele mudou-se para o pequeno quarto no andar de baixo. Por acordo tácito, nenhum de nós entrou no seu quarto selado e assombrado depois disso.

Cindy passou um monte de vezes para verificar papai e eu, trazendo comida ou limpando. Normalmente Charles vinha com ela, ou Cole - que dizia todas as coisas erradas, embora fossem exatamente as mesmas coisas que todo mundo dizia.

— Sinto muito pela sua mãe, — ele havia dito na noite passada enquanto estávamos sentados lado a lado na minha cama, controle de jogos em nossas mãos.

Eu balancei a cabeça, olhando para a tela onde a gente arrastava carros correndo em alguma rua famosa - eu não conseguia me lembrar qual delas - derrubando lixeiras, árvores, outros carros e infeliz pedestres animados ocasionalmente. Tentei não atingir as pessoas. Cole parecia apontar para elas, especialmente se sua irmãzinha Carlie estava por perto, porque ela se assustava sempre que fazia isso.

— Você bateu em um *garoto* ! Você acabou de bater em um *garoto* de *propósito*! — Ela dizia quando seu carro saltava do meio-fio e atropelava um skatista.

Perdoei Cole por deliberadamente bater no povo, e por dizer o que todo mundo disse, porque ele tinha dez anos, e porque ele me tratava da mesma forma como sempre. Ele era a única pessoa que eu conhecia que fazia isso.

Vozes murmurando me tirou do meu quarto e desci as escadas uma manhã de sábado. Cindy e papai estavam sentados na mesa da cozinha, canecas agarradas entre eles. Suas vozes reverberaram no quarto e derramavam no corredor, tão quietos como eles estavam. Eu sabia que eles estavam discutindo sobre mim antes deu ouvir o que eles estavam dizendo.

— Ray, ele precisa de aconselhamento.

Cindy sempre brincou que ela alegremente trocaria ambas as irmãs pela minha mãe, que era sua irmã “verdadeira”. Como uma tia intrometida que havia me conhecido toda a minha vida, ela sempre me tratou como se eu fosse parte dela para criar.

Por um longo momento, meu pai não respondeu, e então ele disse: — Landon é imaginativo, você sabe disso. Ele desenha todo o maldito tempo. Eu não acho que alguns esboços são motivo de um *psiquiatra*...

— Ray, eu vi o seu filho, filho *dela*, desde que ele pegou seu primeiro lápis. Claro que como eu estou familiarizada que ele se expressa

artisticamente. Mas eu estou dizendo a você, isso é... diferente. É perturbador, violento...

— O que diabos você espera? — Ele assobiou, e era a sua vez de ficar tranquilo. Ele suspirou. — Eu sinto muito, Cin. Mas... vamos lidar com isso em nosso próprio jeito. Nós não queremos falar sobre isso. Quando eu penso sobre isso a noite... — Sua voz se quebrou. — Eu não vou fazê-lo falar sobre isso.

Eu ouvi o que ele não disse. Que ele não queria ouvir o que eu tinha a dizer sobre aquela noite.

Mas ele estava certo. Eu não queria falar sobre isso.

— Ele está se retirando, Ray. Ele quase não fala mais nada. — Sua voz estava embargada pelas lágrimas.

— Ele tem *treze.* Reticência é normal para treze anos.

— Se eu fosse assim antes, eu concordaria. Mas ele não era. Ele era feliz e comunicativo. Observando-o com Rose me deu esperança de ter filhos, que ainda iriam conversar comigo e rir comigo e me desse beijos de adeus quando se tornassem adolescentes. Isto não é o comportamento normal para *Landon* - treze ou não.

Meu pai suspirou novamente. — Sua mãe está morta. Como ele pode ser normal de novo?

Ela fungou, e eu sabia que ela tinha começado a chorar baixinho.

— Eu não posso discutir isso mais, — ele disse. — Eu aprecio sua ajuda, de Charles - mas eu simplesmente não posso...

— E se eu encontrar um terapeuta para ele? E se eu levá-lo, e você não tem que estar envolvidos, até que você queira...

— *Não.* Não... ainda. Dê-lhe tempo.

— Mas...

— *Cindy.* — Essa era a sua voz *Eu terminei*. Eu estava muito familiarizada com ela. Quando eu queria algo que meus pais não queriam que eu tivesse, meu pai sempre tinha sido o único a entregar o não final, e foi assim que ele disse isso. *Landon,* e aquela carranca. Não adianta discutir quando chegava a

isso.

Antes de eu nascer, os Maxfields e os Hellers começaram a celebrar Ação de Graças juntos. Eles fizeram isso a cada ano - através de trabalhos de pós-doutorado, a aceitação de uma posição de professor assistente na Georgetown de Charles, e a decisão do meu pai para fazer o seu doutorado e trabalhar para o governo, em vez de alguma universidade. Depois que eu vim, eles mantiveram a tradição, estabelecendo-se 20 minutos um do outro em Arlington e Alexandria - Tanto perto da Beltway.

Este ano era para ser o nosso ano de hospedar. Em vez disso, meu pai e eu fomos para a casa deles, cada um em silêncio, odiando as estúpidas e duradouras músicas natalinas no rádio. Nenhum de nós moveu-se para mudar a estação.

Minha mãe tinha amado feriados - todos eles. Para ela, nenhum era estragado por ser muito hype ou mercantilista. Ela fazia biscoitos em forma de coração em fevereiro, delirava sobre fogos de artifício em julho, e cantava canções de Natal ao longo do momento que começava a tocar, não importa quantas semanas fosse até 25 de dezembro. Eu nunca iria ouvir sua voz novamente. Meu estômago saltou e segurei meu queixo apertado, meu corpo lançando um protesto contra a refeição que iriamos ter. Sem ela.

Sentei-me no banco da frente com uma torta de abóbora comprada em uma loja no meu colo e uma lata de creme chantilly em um saco em meus pés. Nós tínhamos queimado nas bordas da crosta, e papai tinha raspado as partes escurecidas, deixando a torta parecendo como se os esquilos tinham arrombado a casa e comido. Tinha que ser a mais meia-boca contribuição dos Maxfields para o jantar de Ação de Graças.

Eu era inteligente o suficiente para manter esse pensamento para mim mesmo.

A refeição foi suportável, mas triste e bastante tranquila até que Caleb - que tinha quase quatro anos e ainda considerava talheres opcionais - enfiou o dedo através do chantilly e o recheio de abóbora e depois chupou-o.

— Caleb, *garfo*, — disse Cindy suavemente, pela quarta ou quinta vez desde que tinha começado a comer. Ela revirou os olhos quando Cole o copiou. — *Cole,* — ela disse menos suavemente. Não pude deixar de sorrir quando ambos os irmãos prenderam seus dedos revestidos de torat em suas bocas. Carlie bufou uma risada.

— Que? — Cole perguntou a sua mãe, fingindo inocência, assumidamente chupando o chantilly de seu dedo.

Rindo, Caleb copiou o seu irmão mais velho. — Yuh-que? — Então, por alguma razão inexplicável, ele olhou ao redor da mesa, bateu o dedo pegajoso da sua boca, e balbuciou: — Onde está Wose? — Todo mundo congelou, e seus olhos se encheram de lágrimas. — Onde está *Wose*? — Ele gemia, como se tivesse acabado de descobrir que, quando seus pais lhe dizem que alguém tenha ido para o céu, essa pessoa nunca estará voltando.

Toda a comida no meu estômago traidor subiu para cima de uma só vez. Pulei da cadeira e corri para o banheiro de hóspedes, a memória daquela noite me condenando. Os sons que eu nunca iria esquecer. Os gritos fúteis até que eu tinha gritado até que não podia fazer mais do que raspar seu nome, até que as lágrimas pararam porque eu literalmente não poderia produzi-las. O inútil que eu tinha sido quando ela precisava de mim.

Eu vomitei tudo o que eu tinha comido, engasgando em soluços quando nada foi deixado no meu estômago.

Um mês depois, o papai largou o emprego, vendeu nossa casa e nos mudamos para a Costa do Golfo - a casa do meu avô - o último lugar que ele já teve intenção de viver novamente.

LUCAS

Jantava com os Hellers uma vez por semana ou menos - quando Charles fazia churrasco ou Cindy fazia uma enorme panela de lasanha. Os Hellers

sempre tentaram me fazer sentir como se eu pertencia a eles, como se eu fosse um deles. Eu poderia fingir, pelo espaço de uma ou duas horas, que eu era seu filho mais velho, seu irmão mais velho.

Depois voltava para a realidade, onde eu não tinha qualquer ligação com ninguém, exceto um homem que vivia centenas de quilômetros de distância e não podia me olhar nos olhos, porque eu era uma lembrança da noite que ele perdeu a única pessoa que ele amou.

Eu sabia cozinhar, mas eu nunca tinha ido além de uma gama básica de refeições, a maioria das quais eu aprendi com meu avô. Ele tinha sido o homem simples com gostos simples, e por um tempo, eu não queria nada mais do que ser como ele.

Durante as refeições com os Hellers, eu me preparei para as consultas semi-veladas inevitáveis, especialmente de Cindy - linhas de interrogatório sutis que sua filha tinha tomado recentemente. Gostaria de saber se Carlie foi enviada no mês passado para saber se eu era secretamente gay ou apenas perpetuamente sem namorada. Ela era a filha de sua mãe - ela acreditava em interferir onde era necessário, e muitas vezes também desconfortavelmente perto de atingir o alvo.

Eu não podia ficar chateado com qualquer um deles por tentar, mas normalmente havia pouco, se alguma coisa, para contar. Eu ia para a escola e eu trabalhava. Às vezes, eu ia ao centro para ouvir uma banda local tocar. Eu assistia reuniões mensais da Tau Beta Pi. Estudava e trabalhava um pouco mais.

Eu com certeza não ia falar de Jackie Wallace, estudante de Charles - e minha - que tinha progredido na linha de captar a minha atenção durante a aula para roubar minhas fantasias conscientes e inconscientes.

Esta manhã, o meu estridente alarme começou no meio de um sonho com ela. Um sonho vívido, detalhado, solidamente antiético.

Ela não tinha ideia de quem eu era, mas esse fato não impediu a minha mente de imaginar que ela sabia. Não parou a decepção arrebatadora quando eu acordei completamente e me lembrei qual era a verdade – e o que não era.

Propositadamente chegando atrasado a economia, eu deslizei para o

meu lugar, tirei o meu texto de programação e me forcei a ler (e reler e reler) uma seção sobre funções de transferência, então eu não podia vê-la dobrar uma mecha de cabelo atrás da orelha ou bater os dedos em toda a coxa em um ritmo mensurável que progredia e me deixava louco.

Definitivamente nada acontecendo na minha vida que iria fazer uma conversa descente no jantar.

Cheguei para descobrir que eu não estava na agenda do dia, que estava tudo bem até que eu soube o por que. Carlie, que tinha sempre sido uma menina pequena, apesar de seu apetite, sentou-se cutucando sua comida com o garfo e comendo quase nada. Cindy sempre fez um pequeno prato separado sem carne de lasanha por causa da recusa de sua filha para comer “qualquer coisa com um rosto”. Era a refeição favorita de Carlie, mas ela não estava comendo.

Um olhar passou entre seus pais preocupados, e eu me perguntava o que diabos estava acontecendo.

— Como é que a prática de vôlei vai, Carlie? Qualquer conversa sobre subir ao time do colégio? — Heller perguntou em sua voz *tudo está normal*.

Os olhos de Carlie encheram de lágrimas. — Eu terminei, — disse ela, empurrando sem entusiasmo o jantar mal tocado e se afastando. A porta do quarto se fechou, a madeira era fina e não conseguiu bloquear o som de seus soluços.

— Eu gostaria de chutar o traseiro daquele punk, — seu pai rosnou.

Os olhos de Caleb se arregalaram. Ele era constantemente incentivado a não dizer *bunda*.

— Eu entendo o sentimento, acredite em mim, mas o que isso resolve? —Cindy colocou seu prato no balcão de granito e se virou em direção à escadaria que levava até o quarto de sua filha.

— Me faria sentir malditamente bem melhor, — murmurou Heller.

Gemidos lamentáveis da Carlie ficaram mais alto quando Cindy abriu a porta no andar de cima, e os três de nós fizemos uma careta.

— Um término? — Eu imaginei. Obviamente, isto não era sobre

vôlei. Eu nem sabia que ela estava namorando alguém. — O cara do homecoming[{2}]?

Ele balançou a cabeça. — A dispensou por uma de suas amigas, nada menos. Desgosto dois-por-um.

Aquele pequeno imbecil presunçoso. Eu só o vi uma vez - Quando ele chegou para buscar Carlie para o baile. Colocando uma orquídea para seu pulso e posando para as fotos, ele parecia arrogante ao lado dela com os olhos arregalados de ingenuidade, inevitavelmente lembrando-me de Kennedy Moore... o que me fez pensar em Jackie Wallace. *Droga.*

— Brutal, — observou Caleb, com a boca cheia de macarrão. — Eu vou te ajudar com a porradaria, pai. Nós podemos dar a ele um dois-para-um *baile* de ruptura.

Heller pigarreou. — Não deixe que sua mãe ouça você dizer isso, ou vamos ter ambos nossos traseiros chutados. — Suas palavras advertiram suavemente, mas ele ofereceu um punho fechado, em solidariedade, e Caleb riu e bateu nele.

Eu sempre defini o ciúme quando cobiçava o que alguém tem. Como eu, querendo a namorada de Kennedy Moore. Apenas havia uma dela. Se ela fosse minha, ela não seria sua.

Então eu não sei como chamar o que sentia ao assistir Charles com os seus filhos ou com Carlie. Uma forma de ciúme, eu acho. Mas todos eles o compartilhavam como um pai, e eles compartilharam sua mãe, também. Se eu tivesse nascido uma criança Heller, nenhum deles teria perdido um pai.

Eles nunca invejaram meu relacionamento com seus pais, e eu estava mais do que grato pelo que eu poderia expressar. No entanto, como muitas vezes quando todos nós fingíamos que eu era parte de sua família, Cindy não era minha mãe, e meu pai não era Charles. Nenhum deles poderia tomar o lugar do que eu já não tinha, mesmo que se esforçassem tanto para preencher os espaços vazios.

No andar de cima, o choro acalmou. Coriza quase inaudível era tudo o

que ouvia entre os murmúrios de empatia de Cindy e resposta abafada de sua filha. Caleb riu em outra das opiniões de Charles sobre o ex de Carlie - que seria sábio para nunca mostrar seu rosto perto dos homens Heller novamente se ele queria manter suas bolas intactas.

Levando meu prato para a pia, eu esmaguei a inveja que eu não tinha o direito de se sentir com a única arma na mão - a minha vergonha.

Você é o homem da casa enquanto eu estiver fora. Cuide de sua mãe.

Eu nunca critiquei ninguém por querer ser parte de um grupo. Só porque eu esquivei de fraternidades e outras organizações do campus - exceção: aqueles com potencial carreiras de redes geeks - não significa que outras pessoas sentiram o mesmo, e que foi bom.

Ainda assim, algumas pessoas neste campus não conseguiam se vestir de manhã sem a sua filiação grega costurada ou colada a alguma peça de roupa. Uma menina falando com Kennedy Moore antes da aula era uma dessas. Ela era uma linda boneca - mas cada vez que eu a tinha visto, ela usava uma T-shirt, calças de moletom, bermuda, casaco ou *sapatos* com as letras de sua irmandade visível. Com certeza, hoje era um boné de beisebol com letras, com um rabo de cavalo elegante puxado pela parte de trás.

Ela inclinou-se para dizer algo a ele, colocando a mão em seu antebraço, e ele lançou um olhar sobre a socialização dos colegas próximos. Seu olhar deslizou para a direita depois de mim - e todos os outros, então eu achava que ele estava à procura de Jackie. Avistou-a só depois que eu fiz. Voltando para ele, ela estava rindo com um amigo do outro lado do corredor, fora do alcance da voz.

Ele tirou a mão da garota ZTA de seu braço, mas segurou a um grau apropriado. Eu tinha visto essa garota antes falando com Jackie. Talvez elas não fossem amigas íntimas - mas ela tinha que saber o que ela estava fazendo isso estava fora de linha. Quando cheguei mais perto, as suas conversas tornaram-se audível.

— Vamos, Ivy, — disse Moore, olhando para Jackie de novo, — você

sabe que eu tenho uma namorada. — Havia uma nota de pesar em sua voz. *Pesar.* Filho da *puta.*

A menina lançou um olhar de soslaio para Jackie e para trás, também, antes de piscar os olhos para ele. — Eu queria que você não tivesse.

Tão pouco como pensei do cara e por mais que eu não acreditava que eu era digno da garota que não podia sair da minha cabeça, eu esperava que ele me surpreendesse e dissesse algo para explicitamente descartar o *desejo* mal-educado dessa menina.

Mas não. Os olhos dele pastaram por cima da cabeça aos pés dela, ele murmurou, — Você sabe que você é muito doce para mim. Eu posso ser uma espécie de porra.

Os olhos dela provocaram. — Mmm. Promete?

Eu me virei bruscamente na sala de aula e larguei a mochila no chão. *Não é da minha conta.* Eu apertei os punhos e os abri, eu queria bater nele. Como aquele bastardo sortudo pode ter uma garota como Jackie comprometida com ele e *ver* outra pessoa, e muito menos entreter esse tipo de sugestão?

Cinco minutos depois, ele e Jackie entraram na sala de aula juntos, sua mão na parte inferior das costas dela quando eles desceram os degraus para os seus lugares. Ivy deslizou em sua cadeira, com uma dúzia de bancos distante e uma fila para cima, seu olhar persistente em Moore. Quando Jackie torceu para pegar seu livro, ele se virou para sorrir por cima do ombro. A expressão de Ivy alterou para um rápido sorriso aguçado, quando seus olhos se encontraram.

Voltei o meu olhar para o caderno de desenho no ambiente de trabalho na minha frente, puxando o lápis de trás da minha orelha. Protegendo a ilustração de um cara que eu já tinha visto andando de skate que eu desenhei esta manhã, fiz todos os esforços para me convencer da coisa que eu sabia ser verdade: o coração de Jackie Wallace não era meu para defender ou proteger contra amigas desleais ou namorados traiçoeiros. Nada sobre ela, na verdade, era o meu negócio.

Folheei algumas páginas de volta para o segundo desenho que eu me permiti fazer dela durante o meu turno no arquivamento no dia chuvoso. Ouvi o seu macio *obrigada* na minha cabeça durante toda a manhã, lembrando seu sorriso, eu não tinha sido capaz de banir o rosto do meu cérebro até que eu a coloquei no papel. Mesmo assim, eu não podia esquecer o seu olhar azul brilhante, tão perto, ou a expressão amigável que eu raramente tenho de qualquer estudante quando estou vestindo aquele maldito uniforme.

Voltei-me para o skatista inacabado, mas minutos depois, cometi o erro de olhar para baixo na inclinação da mesa de trabalho de onde ela estava sentada três dias por semana, sem saber que eu a via. Sem saber da minha batalha interna contínua para não olhar. Sem saber de mim.

Seus dedos acariciaram metricamente em toda a lateral de sua perna - um-dois-três, um-dois-três - e eu imaginei que se eu fosse o único sentado ao lado dela, eu abriria a minha mão e a deixaria seguir a música que ela ouve sobre a minha pele.

Então Moore se aproximou e colocou a mão sobre a dela, acalmando-a. *Pare*, ele murmurou. *Desculpe*, ela murmurou de volta, autoconsciente e enrolando a mão dela em seu colo.

Meus dentes prenderam juntos e me concentrei em respirar lentamente pelo nariz. *estúpido, estúpido bastardo.* Era bom que eu tinha uma sessão de treinamento programada hoje à noite no Dojang. Eu precisava bater em alguma coisa. Forte.

5

Landon

O fato de que meu avô e meu pai não se entendiam era estranho, porque eram como a mesma pessoa que nasceu 30 anos separados. Que eu nunca tinha notado antes de morar com o avô. Talvez meu pai tenha feito tudo para poder escapar do que ele tinha sido, ou que ele poderia ter sido. Ele cresceu aqui, nesta casa, nesta praia, mas ele não tinha o sotaque do meu avô, ou qualquer sotaque em tudo, na verdade. Como se ele tivesse trabalhado em oblitera-lo.

Vovô deixou a escola aos quatorze anos para trabalhar no barco de pesca com o pai, mas meu pai concluiu o ensino médio, saiu de casa para a faculdade, aos dezoito anos, e não tinha parado até que ele tinha um PhD em economia. As pessoas da cidade pareciam conhecer o papai, mas eu não tinha vivido aqui há mais de vinte anos, e sempre que tinha visitado, eu não tinha saído com qualquer um deles. Essas pessoas mantiveram distância agora e ele mantinha a sua, gastando seus dias no barco com vovô. Imaginei-os lá fora, durante todo o dia, sem dizer nada um ao outro, e eu me perguntava se era assim que meu pai e eu seriamos. Se era como nós já estávamos.

Ele tinha doado seus ternos agradáveis antes de nos mudarmos - todos menos um. Deixamos nossos móveis e eletroeletrônicos, pratos, talheres e sua biblioteca de livros de finanças, economia e contabilidade. Trouxe a maioria das minhas roupas, meus jogos de vídeo, alguns livros e todos os meus cadernos - tudo o que eu queria, que era meu - mas apenas o que caberia dentro do carro. Cindy encaixotou todos os álbuns de recortes e fotos emolduradas e pinturas da mamãe, embrulhado com papel pardo e um monte de fita de embalagem. Ela e Charles levaram alguns deles para sua casa.

Sempre que visitávamos vovô antes, tinha sido verão. Eu tinha dormido em um saco de dormir na varanda, ou no sofá velho com cheiro gasto em sua sala de estar - que na verdade era o único cômodo da casa além da cozinha, dois quartos e um banheiro. Eu realmente não pensei onde eu iria dormir até chegamos lá, dois dias antes do Natal.

Uma árvore de Natal falsa de um metro de altura estava em uma mesa bamba em uma janela de canto, parecendo tão patético quanto possível e não festiva. Sem piscar lâmpadas multicoloridas que foram afixadas a ela. Os únicos ornamentos reais foram alguns bastões de doces, ainda em invólucros papel celofane e preso em galhos, uma dúzia de brilhantes sinos revestidos de prata, e oito fotos minhas, do jardim de infância através da sétima série.

Não havia nenhuma estrela. Sem anjo. Nada em cima. Sem presentes embaixo. Apenas o suporte de plástico, colocado na madeira nua.

Nossas árvores sempre foram altas e frescas, escolhidas em uma fazenda de árvore de Natal 20 milhas fora da cidade. Mamãe e papai sempre me deixaram escolher a árvore, e depois meu pai pagaria a árvore ao agricultor antes de cortá-la e prendê-la no teto do nosso carro, onde ela iria sair por cima do para-brisa na frente como um foguete montado no telhado. No ano passado, eu escolhi a árvore era tão alta que o pai teve que subir até o topo da escada para circular os galhos mais altos com luzes brancas cintilantes e adicionar a estrela.

A base da árvore que mãe costumava colocar era tapeçaria - aparado em trança de ouro e bordados com palavras de ouro, como *Noel* e *Feliz Natal* e *Ho Ho Ho.* Sempre havia muitos presentes em cima dela, e a maioria deles diziam *Landon.*

Eu tinha estado mimado, e mesmo eu tendo sido um pouco ciente do fato, não pareci importar, porque cada criança que eu conhecia tinha o mesmo.

Vovô agarrou uma mala da minha mão e se virou para ir para a cozinha. Esse foi o momento em que eu queria saber onde meu quarto seria.

Ele abriu a porta para a despensa. Apenas, não era a despensa mais. As prateleiras mais baixas tinham sido removidas, e um colchão de solteiro foi de

alguma forma impossivel, abarrotado de parede a parede. Do teto, uma luz estava pendurada em uma corrente - um tipo de três lâmpadas de luz normalmente encontrado sobre uma mesa de cozinha. Eu reconheci que havia, de fato, pairado sobre a mesa da cozinha a última vez que eu estive aqui, meses antes. O mais compacto e estreito baú do mundo ficou espremido em uma entrada de canto. Eu tive que fechar a porta da despensa para abrir qualquer uma das gavetas. Não havia nenhuma janela.

Eu tinha me tornado Harry Potter. Só que eu tinha treze anos e não tinha magia, e meu destino, fosse o que fosse, não tinha nenhum profundo propósito.

— Enfeite-o ou não - o que você quiser. É apenas para dormir e guardar sua coisas. Você não é obrigado a ficar aqui. — Pessoas mais velhas como Vovô esqueciam um monte de coisas, obviamente. Se ele tivesse se lembrado de eu ser um adolescente, ele teria sabido que vivemos em nossos quartos.

Vovô era de senso comum, mamãe sempre disse. — Ele é como seu pai. Eles veem o mundo em preto e branco.

— Por que eles estão sempre zangados um com o outro? — Eu perguntei.

— Eles não estão realmente chateados - apenas em um desacordo sobre o que é preto e o que é branco. O problema é que eles estão brigando por algo no meio.

Pai acreditava que vovô estava decepcionado com ele por sair, em vez de ficar e trabalhar no barco. Eu não tinha tanta certeza. Talvez vovô só queria ter a possibilidade de fazer o que ele queria fazer com *sua* vida, em vez de ser julgado como não educado o suficiente - não bom o suficiente.

— Então, eles estão brigando por coisas cinza?

— Sim, mas mais como - as cores. Tons de cinza em fotos em preto-e-branco são as coisas coloridas na vida real - a grama verde, um lenço rosa, uma rosa amarela. Eles às vezes acham que eu não entendo o quanto cai no meio. Quanto nunca será preto ou branco. — Ela sorriu. — Talvez eles sejam artisticamente desafiados. Como se eu fosse desafiada matematicamente. Você

entende?

Eu balancei a cabeça. Mas eu estava confortável com os dois, então eu realmente não entendia.

Deitado na minha cama nova, eu olhava para as chamas das três lâmpadas de faux da única luminária no meu quarto microscópico. A chave estava em uma corda que pendia na parede ao lado da porta. O equipamento e as armas eram uma espécie de bronze oxidado, mas tão corroído que eu não podia dizer o que era suposto aparecer. Talvez tinha sido um metal brilhante uma vez – como em 50 anos atrás. Provavelmente, o bronze não foi feito para estar perto do mar e nunca polido.

Eu estiquei meus braços para o lado e toquei ambas as paredes, em seguida, estiquei por trás de mim e toquei na terceira parede. A quarta parede foi principalmente a porta da despensa, com um pouco de gesso ao redor e acima dela.

Subindo de joelhos, eu tateava ao longo de uma das prateleiras rasas que Vovô tinha deixado ligado à parede e agarrei meu iPod de sua nova casa ao lado de uma pilha de meus cadernos. Há alguns meses atrás, estas prateleiras guardavam enlatados, conservas, caixas de cereais e macarrão com queijo. Houve uma cesta de batatas ao lado da porta que o vovô chamava de tubérculos, e uma cesta de cebolas ao lado dele que eu ainda podia sentir o cheiro apesar de ter sido movido para outro lugar - para uma gaveta na cozinha, eu imaginei.

Enfiei meus fones de ouvido e procurei uma lista de reprodução de uma nova banda que eu tinha descoberto pouco antes de sairmos de Alexandria. Eles eram locais, recebendo alguns toques com as estações de faculdade. Eu estava pensando se eu poderia ir vê-los, ao vivo. Agora, a menos que ficasse muito famoso e começasse a turnê, eu nunca os veria. Mesmo se eles começassem a turnê, nunca teriam vindo aqui. Ninguém vinha aqui.

Eu não tinha certeza do que aconteceu com as caixas de enfeites e decorações que mãe arrastava do armário do porão a cada ano - os cordões de

luzes, meias de veludo verde e do calendário com as suas pequenas janelas articuladas.

Eu não esperava nenhum presente, mas vovô me deu um canivete de cabo de madrepérola com uma lâmina mais longa do que o meu dedo do meio. Parecia antigo, mas bem conservado e afiado perversamente. Papai, não tendo conseguido se lembrar de me comprar um presente em um feriado importante, me deu algumas notas, e eu as coloquei em minha carteira sem olhar para elas. — Obrigado, — eu disse a cada um deles, e, em seguida, Vovô tirou um antigo ferro de waffle de um armário baixo, uma caixa de mistura de waffle e jarro plástico de xarope de bordo de um armário alto.

O primeiro Natal sem Mamãe, acabou.

Eu tinha crescido um pouco mais desde o verão, mas não havia saído para comprar roupas novas. Eu não tinha tido um corte de cabelo. Honestamente, eu meio que esqueci como eu me parecia até o primeiro dia eu tinha que ir para uma nova escola.

Nesta cidade, havia uma escola primária, uma secundária e um ensino médio, todos alojados no mesmo endereço. Mais ou menos como a minha escola particular lá em casa - ou o que costumava ser meu lar. A maioria das crianças aqui se conhecia, se não todas as suas vidas, assim como nós tivemos. Os recém-chegados eram misturados, até fazer amigos ou se tornavam perdedores. Eu sabia disso, mas mesmo assim, eu não pensei que isso seria aplicado a mim, até que fez.

Minha T-shirt ainda dava bem, mas meu jeans não. Meus sapatos apertaram meus dedos. Eu tinha superado minha jaqueta North Face, e as mangas dos meus agasalhos estavam todos muito curtos. Eu puxei-os para baixo dos meus braços até estar esticados para fora dos punhos de malha, como uma malha esgarçada.

Eu usava o meu relógio com pulseira grande e as minhas pulseiras de borracha todos os dias, aliviado que eles não foram proibidos aqui, porque meus professores rapidamente decidiram que eu era um delinquente. Eles não teriam

dobrado todas as regras para o novo garoto introvertido e possivelmente instável, com roupas mal ajustadas, cabelos muito longos, e nenhum desejo de participar na classe.

As outras crianças em sua maioria concordaram com os professores.

Na sala de aula, eu tomei qualquer assento que o professor apontou para mim e chamei a atenção tão pouco quanto possível. Nas salas, eu me mantive perto das paredes dos armários, olhos no chão, ignorando quaisquer insultos ou empurrões “acidentais”. Às vezes eu me imaginei reagindo. Lembrei-me das brigas e jogos de empurra que tínhamos no gelo - a pressa de colocar um inimigo de cara para a parede de acrílico quando ele feria um companheiro de equipe ou falava um pouco de lixo demais. Sem patins de gelo ou vítreo sob os meus pés, eu poderia ter esmagado o nariz e estalar as articulações dos ombros antes que a maioria desses caras sabiam o que os atingiu.

Mas então eles saberiam que eu dava uma porcaria de importância sobre o eles fizeram para mim. Então eu não me incomodei.

Na hora do almoço, eu estava condenado à mesa dos excluídos com um casal de rapazes da minha série, Rick Boyce, e uma menina da sétima série, Pearl, que afundou em sua cadeira e lia enquanto se escondia atrás de uma cabeça cheia de desgrenhado cabelo escuro e óculos. Nenhum deles estava inclinado a falar comigo, mas eles não atiravam pedaços de alimentos ou comentários de ódio também, então eu comi o meu almoço, eu estava tão silencioso como o resto de cada dia, e então eu peguei meu bloco de notas e debrucei sobre ele. Eu aprendi a manter minha mochila comigo o dia todo. Armários não eram seguros, mesmo que todo mundo fosse alertado para proteger suas combinações. Os códigos supostamente confidenciais desses bloqueios internos há muito já se espalharam pelo corpo discente.

No meu aniversário de quatorze anos, eu suportei duas semanas em uma nova escola, e eu tinha quatro meses para ir. No próximo outono, eu passaria para o ensino médio. Eu não tinha ilusões que seria uma melhoria. Às vezes eu ficava sobre ficava nas tábuas intemperizados da varanda de trás do vovô e

olhava para a água, imaginando quanto tempo levaria para se afogar, e qual seria a sensação.

No Natal, acordei certo de que não haveria presentes. Eu não tinha certeza se pai ou o vovô iriam se lembrar, e eu com certeza não estava indo para lembrá-los.

Puxando a porta do meu quarto/copa aberta, o cheiro de carne de porco frita e canela me cumprimentou. Quase todas as manhãs, o papai e o vovô já tinham ido embora quando eu me levantei. Eu saia do meu casulo, me preparava no banheiro que todos nós compartilhamos e caminhava até a escola. Janeiro era frio aqui, mas nada como o que eu estava acostumado. Vovô riu quando eu perguntei se nunca nevou. — Uma vez em uma lua azul, — ele disse. — Não segure a respiração ou pisque de olhos.

Eu perdi as mudanças sazonais e o branco cobrindo a janela, mas eu não perderia o caminhando quando a novidade se desgastasse ou a mordida cortante do vento através das minhas roupas e fazendo meus olhos encherem de água para evitar que congelassem.

Papai se foi, mas vovô estava na cozinha, deslizando salsicha e rabandas para duas frigideiras. Eu costumo comer cereal frio ou um pacote de aveia de microondas, para que eu não perca tempo murmurando um mal-acordado *obrigado* antes de pegar um garfo e cair dentro.

— Pensei em passarmos no Sense Thrifty hoje, — ele disse, e eu olhei para cima, a boca cheia de torrada e xarope. — Você está parecendo como um espantalho nessas calças curtas. A menos que alguma nova moda. Eu não sei exatamente sobre todas as tendências. — Ele arremessou o prato em frente ao meu e angulado uma sobrancelha, esperando.

Eu balancei a cabeça em resposta ao confirmar que dia era na minha mente. Quinta-feira. — Mas, a escola?

Ele acenou com a mão. — Bah. Eles podem conseguir sem você por um dia. — *Eles poderiam conseguir sem mim todos os dias.* — Eu vou ligar e dizer que está doente. Temos algumas compras de aniversário a fazer. — Nós tivemos

algumas mordidas em silêncio antes dele acrescentar: — Não suponho que você iria para um corte de cabelo de aniversário?

Eu balancei minha cabeça novamente, lutando contra o sorriso que puxou a beira da minha boca.

Ele bufou um longo suspiro de sofrimento. — Pensei tanto. — Acariciando a mão sobre as curtas cerdas prateadas, acrescentou: — Se eu tivesse isso, eu acho que eu o ostentaria, também.

Voltei para casa com vários pares de jeans desgastados e calças cargo, dois pares de tênis e botas ocidentais, e um capuz preto desbotado. Nada custou mais de cinco dólares. Tudo dava cinquenta.

O papai tinha ido e vindo, enquanto nós estávamos fora, deixando uma pequena caixa na minha cama contendo uma dúzia de lápis de carvão vegetal de boa qualidade, em diferentes graus de dureza, duas borrachas, um apontador e um bloco de lixar. Eu os reconheci; Tinha pertencido à mamãe. Sob estava um novo bloco de notas com páginas finamente perfuradas, o tipo que mamãe me daria para desenhos que eu queria remover e mostar.

Eu puxei meu caderno de desenho esfarrapado da minha mochila e abri-o em um desenho de uma gaivota sentada no casco do barco do avô. Passei o resto do meu aniversário testando os lápis, simplesmente recriando o esboço e sombreando até a gaivota parecer um pouco sinistra - mais como o corvo de Edgar Allan Poe de um poema que tinha lido em Inglês no outono passado, a minha primeira semana de volta.

O corvo tinha atormentado um cara que estava ficando louco com a morte de alguém que amava. Todo mundo deveria escrever um pequeno texto analisando o poema, mas o meu professor, olhando para um ponto certo entre meus olhos, me deu permissão para escolher outra coisa, embora eu não tivesse pedido para ser dispensado da atribuição.

Eu escolhi um poema de Emily Dickinson sobre equilíbrio que a vida mantém entre as coisas ruins e boas. Eu tive treze anos bons. Eu me perguntava se eu iria sobreviver aos treze maus, obrigados a pagar por aqueles.

LUCAS

Uma ou duas semanas em qualquer semestre, atendimento geral da classe cai, especialmente em grandes cursos de introdução, como história ou economia. Neste semestre não foi diferente. A menos que houvesse um teste agendado ou exame, a sala de aula apresentava um padrão constante de mudança de lugares vazios. Mas Jackie, e o namorado dela, eu admiti a contragosto, não faltavam a aula. Nem uma única vez nas primeiras oito semanas.

Que fez seu primeiro desaparecimento notável, e o segundo - o seguinte período de aula - significativo.

Durante uma pausa de lição de casa, eu verifiquei o status de mídia social, que agora o de Kennedy Moore declarava: *solteiro.* O perfil de Jackie já não existia - ou ela desativou temporariamente.

Puta merda. *Eles tinham terminado.*

Eu me senti como um idiota completo para o choque de imediato de alegria que tive, mas a culpa não me impedia de fazer mais hipóteses como : Ela parou de vir para a aula. Talvez ela esteja planejando dispensar economia... no ponto que ela deixará de ser uma aluna da classe que eu tutelava.

Por sua terceira ausência, Moore estava abertamente flertando com as meninas que estavam bajulando ele nas últimas semanas. Na semana seguinte, Jackie perdeu a prova. Eu esperei por um status atualizado para vir através do sistema, me dizendo que ela tinha deixado oficialmente o curso, mas nunca o fez. Se ela se esquecesse de oficialmente desistir até o final do mês, ela pegaria um F no final do semestre.

Eu sabia que ela não era minha responsabilidade ou a minha preocupação... mas eu não queria que ela não reprovasse uma matéria, além de tudo que o idiota tinha feito a ela por terminar seu relacionamento de três anos. Mas, depois de mais de uma semana de procura em toda garota no campus remotamente parecida com Jackie Wallace, eu comecei a acreditar que eu nunca

mais a veria.

Francis deu-me *Como isso chegou lá?* olhar quando eu levantei a bunda para o meu telefone zumbido.

Era Joseph, um dos técnicos de manutenção em tempo integral na universidade que me ligava em ocasionais bicos de renda extra no campus - Normalmente contrato de trabalho legítimo, às vezes dinheiro por baixo da mesa. Eu não era exigente; Eu pegaria qualquer um. — Ei, cara.

— Caaaaara... você está ocupado esta noite? — *Drogado.*

Eu balancei minha cabeça. Joseph gostava de seus produtos farmacêuticos de lazer, especialmente no final de uma semana de merda que tinha que lidar com alguns dos acadêmicos mais condescendentes, administradores atormentados ou patrões em viagens de poder próprio.

— Só estudando. O que foi?

Francis se aproveitou da minha distração, estatelando seu macio corpo de vinte quilos em cima do meu livro e metade das minhas notas de aula. Empurrei-o sem entusiasmo e eu roubei a minha caneta do sofá em retaliação.

— Em uma noite de sexta-feira? Cara, você tem que *parar* com essa merda. — Esta era uma afirmação frequente de Joseph. Eu sabia que não ia mudar. Eu me senti como se eu tivesse de reafirmar sua objeção ao longo do tempo. — Quando é que você vai *viver* um pouco?

— Assim que eu me formar, homem,— eu prometi. — Assim que eu me formar.

Suspirando pesadamente, ele se virou para o propósito da sua chamada. — ...Eu tenho uma pequena proposta para você.

Se eu tivesse um melhor amigo, provavelmente era Joseph. A coisa mais estranha sobre nossa amizade era o fato de que tínhamos apenas duas coisas em comum. Em primeiro lugar, os nossos gostos quase idênticos na música e, segundo, uma afinidade para compartimentar as nossas vidas, algo que faziamos com a mesma compulsão.

Depois de me ver sozinho em vários shows na primavera passada, ele aproximou-se e estendeu a mão. — Ei, cara. Joseph Dill. Você trabalha no campus?

— Sim. — Enquanto nós apertamos as mãos, tentei lembrar. Ele não era um colega de classe de engenharia, mas parecia um pouco jovem para ser um professor. Um dos alunos um pouco mais velhos de uma das aulas de Heller, talvez?

— Policial do campus, certo? — Seu tom não era de desprezo, mas não foi de cortesia, também.

Amaldiçoei esse trabalho pela milionésima vez, por todas aquelas dez horas por semana pagando o suficiente para cobrir quase metade da minha aula. — Oh, uh, não realmente, — disse eu. — Eu só escrevo multas de estacionamento. É uma posição de estudo e trabalho. Ainda tenho que usar o uniforme idiota, apesar de tudo.

— Ah, — Ele balançou a cabeça, me avaliando. — Então... você é um estudante.

Apesar de que habitamos o mesmo pequeno reino, o pessoal da manutenção e patrulhamento de área não interagiam normalmente com alunos. Ele fez um gesto para ele mesmo após a mera pausa, entrando pela fronteira invisível. — Manutenção predial. — Ele sorriu. — Pensei em comprar uma cerveja e perguntar o que uns caras quentes como nós estamos fazendo indo a concertos sozinhos?

Eu sorri, mas de repente me ocorreu que Joseph poderia estar interessado em mais de uma conversa, porque meu gaydar estava tocando.

— Você é legal, né? — Ele perguntou.

— Uh, sim... — Levantando meu pulso com pulseira vermelho, eu disse a mim mesmo este não seria diferente do que recusar uma garota quando eu não estava interessado ou no clima - algo que eu tinha feito o suficiente nos três anos anteriores.

— Legal. — Depois de pagar por duas cervejas, entregou-me uma e

tilintamos antes de tomar um longo gole.

Agradeci-lhe cautelosamente, não querendo matá-lo antes que ele fizesse uma pergunta.

Ele pegou no rótulo de sua garrafa, finalmente chegando a alguma conclusão. — Então, meu namorado é um cara de teatro musical. E foda-se se eu não preferia ser perseguido por zumbis com fome do que ser obrigado a suportar *Rent alguma vez* mais. Eu não tenho nenhum problema em conseguir uma amiga para ir a essa merda com ele, graças a Cristo. Eu não tenho a mesma sorte com os meus gostos musicais em nosso círculo de amigos, sabe? — E, então, me olhou, esperando a confirmação ou a qualquer resposta preconceituosa.

Aliviado, sorri com a ideia de um cara, que parecia como se ele ficaria mais à vontade em um bar de motoqueiros do que um show da Broadway. Na esteira desse pensamento, uma memória enterrada empurrou para a superfície - o meu pai, de pé desajeitadamente ao lado de mamãe em uma de suas apresentações na galeria, segurando uma taça de champanhe. Papai era um cara de assistir esportes/scotch com gelo, e não um entusiasta da arte. Mas ele amava e apoiava a minha mãe.

— Eu realmente não *sei*, mas posso *supor*, — eu disse.

A boca de Joseph puxou em um meio sorriso, e nós somos amigos desde então.

— Ok, — eu disse agora. — Faça a proposta.

— Você, uh, tem experiência em consertar sistemas AC[{3}], certo?

— Sim? — Eu já tinha trabalhado para AC Elétrica & Hendrickson no meu último ano do ensino médio, auxiliando velho Sr. H em centenas de chamadas de manutenção e reparos - mas eu nunca tinha sido encarregado de diagnosticar um transtorno. Após um ano de trabalho com ele, eu brinquei que eu tinha aprendido o suficiente para ser perigoso, o que resumiu perfeitamente o meu nível de especialização.

— Aqui está a coisa. Eu só tenho uma chamada depois do horário para

consertar o AC em uma das casas de fraternidade. E cara, eu esqueci completamente que eu estava de plantão neste fim de semana... e eu estou drogado.

Eu sorri. — Não diga.

— É... Não há nenhuma maneira que eu deveria estar operando máquinas pesadas. Tipo. Meu caminhão.

— Sem dúvida, isso é verdade.

— Então, eu estava pensando que *você* poderia ir fazer o trabalho, e eu lhe pagarei - Eu fico horas extras para esta merda. Dessa forma, eu não sou pego drogado no trabalho, você faz algum dinheiro extra, todo mundo está feliz.

Ir a uma casa de fraternidade para identificar e reparar um problema com um aparelho grande que eu não poderia saber o suficiente para corrigir não foi exatamente uma melhora do sentado sozinho no meu apartamento. — Er. Eu não tenho as ferramentas e equipamentos...

— Venha, tome o meu caminhão - que tem tudo que você precisa na caixa. Esses idiotas não irão pedir ID ou qualquer coisa. Eles só querem seus AC consertados. Por que a situação de emergência, eu não sei. Está como setenta e cinco graus fora. Provavelmente, uma festa ou algo assim.

Eu suspirei. Eu não queria que Joseph conduzisse drogado ou conseguisse sua bunda despedido por fazer um reparo no campus enquanto estava drogado e paranoico. Além disso, eu sempre poderia usar o dinheiro extra. — Tudo bem, cara. Quando?

— Uh. Agora?

O subterfúgio incluía vestir uma das camisas oficiais da equipe de manutenção de Joseph - seu nome costurado no roteiro azul marinho no retângulo branco no lado esquerdo do meu peito.

— Eles provavelmente precisarão de Freon ou reparar a fiação. — Ele bateu no meu ombro e deixou cair as chaves para o seu caminhão na minha mão. — Chame-me se você ficar perdido. Estou drogado, não em coma.

Ele estava certo sobre tudo - os caras estavam se preparando para uma

festa, e ninguém piscou um olho para mim, mostrando-se em uma de suas camisas. Um cara abriu a porta e me mostrou que o ajuste do termostato não alterava a temperatura na casa. Felizmente, Joseph também estava correto sobre ser um simples problema de fiação. A unidade estava perto de vinte anos e teria que ser substituído em breve - mas não ainda.

— Oh, cara, legal. — DJ, VP da fraternidade, jogou a cabeça para trás e fechou os olhos, exalando um suspiro de alívio. — Nós gastamos um maço nessa festa. É suposto ser bom amanhã, mas você nunca sabe por aqui.

— Verdade. — Carreguei as ferramentas na caixa.

— Obrigado por ter vindo, Joseph. — Levei mais tempo do que deveria para perceber que eu estava falando para *mim.*

— Oh, beleza.

Na porta, ele ofereceu vinte dobrado.

Acenei-o. — Não tem problema, cara. Tudo faz parte do trabalho. — O verdadeiro Joseph estava me pagando cinquenta dólares para fazer uma hora de trabalho, e eu estava apreensivo suficiente fazendo isso afinal.

As sobrancelhas de DJ se reuniram brevemente, provavelmente não acostumado que um operário recuse uma gorjeta oferecida. — Ok, bem, se você estiver livre amanhã à noite, nós estamos tendo esta festa de Halloween.

Sem brincadeira, eu pensei. Toda a casa foi decorado com teias de aranha e falsas luzes pretas, todos os móveis haviam sido empurrados para as paredes, liberando espaço para dançar ou socializar-se no centro da sala principal.

— É tecnicamente para os alunos, mas obviamente você não é idoso, e esta não é exclusivamente grega, assim passe aqui se puder.

Com esforço, eu me mantive de sorrir. — Sim, claro. Obrigado... — *Mas não, obrigado.*

Então eu olhei para cima e vi Kennedy Moore do outro lado da sala, conversando com outro cara. Foi quando me bateu, esta era a sua fraternidade. Jackie pode estar nesta festa, mesmo que tenham terminado.

Bem, droga. Acho que eu estava indo para uma festa da fraternidade.

Eu tinha visto Jackie no momento em que ela caminhava através da porta. Mesmo com a escuridão e o balanço dos corpos, nunca a perdi de vista no meio da multidão por muito tempo. Ela estava vestida de vermelho. Brilhante, reluzente vermelho. Empoleirado no topo de sua cabeça estavam um dois chifres pontudos vermelhos em uma tiara esportiva. A cauda fina, bifurcada foi afixada na parte de trás de sua saia, e ele balançava atrás dela enquanto ela caminhava ou dançava.

Suas pernas estavam suaves e nuas, e mostravam mais do que o habitual. A geometria sugeria que esta impossivelmente saia curta e salto alto vermelho foram responsáveis pelo efeito, mas nenhuma quantidade de matemática poderia diminuir a minha reação visceral ao vê-la novamente, especialmente em tal fantasia explosivamente quente. Essa roupa sobre esta garota era fascinante para mais caras do que apenas eu, embora, como comprovado pelo número de convites para dançar. Ou ela não sabia ou não se importava, porque nove em cada dez vezes, ela balançou a cabeça em um *não.*

Ela e seu ex, e eu tinha certeza, agora, que esse era o caso – se mantiveram à parte, como se fossem polarizado. Ele reinava de um lado da sala, e ela fez esforços notáveis para ignorá-lo do outro.

Eu criei e descartei duas dezenas de linhas de abertura.

Ei, eu estive observando você na aula de economia, a qual - eu não poderia deixar de notar - que você parou de assistir a um par de semanas atrás. Eu espero que você esteja planejando desistir, porque então eu não vou estar violando ética do campus para não falar a minha própria quando eu te convidar para sair. Brilhante. E não é de todo estranho.

Eu só acho que vermelho se tornou a minha cor favorita. Besta.

Posso dizer-lhe a raiz quadrada de qualquer número em dez segundos. Então, qual é o seu número? Ugh.

Eu nunca quis ir para o inferno tão desesperadamente. Não.

Está muito quente aqui ou é só você? Jesus Cristo, *não.*

Um casal na pista de dança estava com uma divertida demonstração de twerkers, exagerado e bêbado - a única vez que eu vi Jackie sorrir em uma hora ou mais que eu estive olhando para ela. Minha visão dela estava bloqueada, quando uma menina em orelhas de gato e bigodes feitos de lápis parou bem na minha frente, espiando por cima da borda do copo. Quando eu levantei uma sobrancelha, ela disse: — Você não é da minha turma economia?

Uma das twerkers esbarrou nela, derrubando sua bebida para o rosto dela. Ela caiu para frente e eu agarrei o braço dela para impedi-la de ir direto para o chão. Virando-se, ela gritou: — Afaste-se, *prostituta*, — a menina do twerking, embora era o cara que tinha colidido nela.

Quando ela se virou para mim, o sorriso de escárnio feio dissipou. Ela sorriu lindamente, como se os últimos dez segundos não haviam acontecido. Assustador.

— O que eu acabei de dizer? — Ela aproximou mais perto e eu deixei cair o braço dela. — Oh, sim. Economia. Com não-sei-o-nome... — Ela estalou os dedos um par de vezes, tentando lembrar, enquanto eu olhava por cima da cabeça dela para Jackie, dançando com um cara vestindo uma longa capa escura. Ele riu de algo que ela disse, mostrando suas presas de plástico branco. Havia pelo menos uma dúzia de vampiros presentes esta noite.

— Sr Keller? — menina da economia disse.

— Dr. Heller, — Eu forneci.

Ela sorriu novamente. — Sim, é ele. — Ela me cutucou no peito com uma unha metálica prata. — Você se senta na última fileira. Não presta atenção. Tsk, tsk.

Uau. Eu tenho que me livrar desta conversa. — Na verdade eu sou o instrutor suplementar desta classe.

— De quem-de-que?

Eu olhei para baixo, franzindo os lábios. *Cristo.* — O tutor.

— Ohhhh... — Então ela me disse o nome dela, o qual eu imediatamente esqueci, e se lançou em um monólogo de inimizade quanto a

garota que tinha colidido nela. Eu não conhecia qualquer um deles, e eu não poderia ter me importado menos sobre sua vingança sanguinária, que era por causa de qualquer cara ou um par de sapatos - eu não poderia determinar no meu estado de *eu não dou a mínima.*

Quando eu visivelmente localizei Jackie novamente, ela puxou a bolsa no ombro e estava saindo pela porta dos fundos para o estacionamento de concreto compartilhado por várias das casas gregas. Eu vim para a festa com a esperança de vê-la, mas eu não tinha nenhuma razão para perseguir assim. Foi tão bem que eu não havia a pedido dançar ou falado com ela. Eu poderia sair agora, nenhum dano feito. Apenas segui-la para fora da porta e ir para casa.

Exceto a minha moto que eu tinha espremido em um pequeno espaço entre dois carros na frente. Não há razão para eu ir para fora da porta *traseira*.

O rapaz vampiro estava assistindo a porta de trás, também. Tendo a capa pendurada sobre uma cadeira e cuspiu as presas de plástico, empurrando-os no bolso da frente. Saindo atrás de Jackie, ele não parecia apressado, mas ele não estava vadiando, também - como se ele tivesse um lugar para estar. Ou alguém para atender.

6

Landon

O bloco de madeira sobre a mesa lia-se *Sra. Sally Ingram* – em letras negras em uma placa de metal polido. Soou como um nome bastante agradável, e ela parecia legal durante a assembleia de orientação obrigatória na semana passada. *Agradável* foi a primeira coisa que minha diretora do ensino médio parecia ser e não era.

Eu debrucei em uma cadeira de assento de vinil duro na frente de sua enorme mesa. A parte de cima era uma mesa sólida de madeira que parecia construída com o propósito específico de prevenir que alguém se lance através dela facilmente. Eu não conseguia imaginar como eles colocaram uma mesa deste tamanho neste escritório. Deve ter vindo para a sala em pedaços, porque com certeza não poderia ter passado pela porta.

Sra. Ingram folheou um arquivo aberto, passando pedaços de papel como se eu não estivesse sentado lá, esperando descobrir por que eu tinha sido chamado para a sala da diretora no meu primeiro dia de colégio. Seus óculos estavam no final do seu nariz, a forma como o papai usava quando estava lendo ou atualizando os livros - a única concessão à sua carreira anterior que eu tinha visto desde que nos mudamos para cá há oito meses.

No início, tinha havido argumentos e acusações - meu pai cuspindo críticas sobre a falta de sentido para os negócios, planejamento ou registro para a empresa de pesca de Vovô, que havia o apoiado por décadas... o que era a linha de raciocínio do avô. Finalmente, eles chegaram a algum tipo de acordo, e meu pai assumiu os aspectos financeiros do negócio. Ao digitar números em livros ou transferi-los para o seu computador portátil, papai ainda murmurava um palavrão

ocasional ou arrancava os óculos e beliscou a ponte de seu nariz como se sua frustração pudesse desencadear uma hemorragia nasal. Mas ele nomeou um “escritório” - que consistia em um armário que ficava no corredor entre a sala de estar e cozinha (que continha diários de bordo em vez de pratos), e a mesa de cozinha embutida... Que pendia sobre uma única lâmpada em uma cabo. O espaço de trabalho era um longo caminho do escritório do pai, em Washington ou ao seu escritório em casa em Alexandria.

Sra. Ingram limpou a garganta e tirou os óculos, olhando para mim. Seus olhos estavam sombrios e fechados. Gostaria de esboça-la como um dragão - olhos reptilianos redondos avaliando sua presa e colocando-o no chão, insultando-o sem palavras. Este foi o primeiro dia de escola. Eu não poderia ter feito nada para irritá-la já. Não que eu já tentei irritar alguém. Eu só queria ser deixado em paz, e em sua maior parte, eu consegui fazer isso.

— Landon *Maxfield.* — Ela disse meu sobrenome como algo viscoso, e eu não poderia evitar o desafio que forçou os meus olhos a estreitar. Maxfield era o nome do meu avô, e eu não gostava de ninguém o insultando. Inclinando-se sobre os cotovelos, ela uniu seus dedos. — Eu ouvi sobre você, e eu pensei que deveríamos nos familiarizar, uma vez que você está na *minha* casa agora.

Eu pisquei. Ela tinha *ouvido falar sobre* mim - de quem? E o que eles disseram?

— Seu auspicioso inicio exemplar nesta escola acadêmica precede você, você vê. — Seus dedos tocaram nas pontas, como se nós estávamos simplesmente tendo um construtivo primeiro dia de bate-papo. — E eu tenho o hábito, como diretora desta escola, de tomar conhecimento de todas as potenciais... deficiências, antes destes defeitos transmitir para o resto do corpo discente. Um pouco de controle de danos antecipado, se você quiser. Você entende? — Ela me deu um sorriso zombeteiro, os lábios apertados que mal virou nas extremidades.

Eu duvidava que ela esperasse que eu seguisse uma única coisa que tinha dito. Mas seu vocabulário paternalista não era páreo para a minha

formação anterior ou os pais bem educados que tinham me criado. Eu desejei que não tivesse seguido a linha do que ela disse. Eu desejei que eu não soubesse o que ela pensava. Meu batimento cardíaco bateu em meus ouvidos, e eu cravei minhas unhas nas palmas das minhas mãos para parar lágrimas de raiva antes mesmo de se reunirem. Olhos vidrados me fariam parecer fraco.

— Você acha que... Eu vou contaminar os outros alunos. — Minha voz raspou seu caminho para fora da minha garganta, eu trai a intenção de suprimir a emoção, mas ela não pareceu notar. Ela estava muito assustada.

Ela arregalou os olhos, mas de alguma forma, isso não opôs os olhos. Ela era a mulher mais assustadora que eu já conheci. Suas mãos achatadas na mesa. — Bem, não vamos chegar à frente de nós mesmos. Simplesmente estou tendo certeza que você entende a noção de *tolerância zero,* Sr. Maxfield. — Meus dentes de trás raspam uns contra os outros. Ela ficou de pé, então eu fiz o mesmo. Eu não queria ela olhando por cima. — Basta seguir as minhas regras, enquanto você está na minha casa... ou você estará fora senhor.

Meu primeiro dia de escola, e eu estou sendo ameaçado de expulsão?

Eu decidi não lhe dar mais alguma informação sobre o que eu poderia ou não poderia seguir. Ela era do tipo que atira primeiro e pergunta mais tarde. Se alguma vez.

Eu balancei a cabeça uma vez, com um balanço da sua cabeça, e ela me dispensou.

Tinha sido 339 dias desde que minha mãe morreu.

Parecia anos. Parecia horas.

LUCAS

Fiquei imóvel, os olhos na porta traseira, enquanto a minha consciência e uma obsessão que eu não conseguia controlar começou uma batalha na minha cabeça.

Esta poderia ser a minha única chance de alguma vez falar com Jackie Wallace. Eu não a tinha visto - no campus ou fora - uma única vez desde que ela deixou de vir para a aula.

Mas o que diabos eu diria a ela?

E então houve o cara que tinha a seguido para fora. Claramente ela o conhecia. Talvez eles decidiram reunir-se, longe de olhares indiscretos. Ou ele estava esperando por uma chance com ela, também, e ao contrário de mim, ele estava tomando - em vez de perder tempo com inúteis argumentos internos.

Talvez ela só decidiu sair mais cedo, e ele também, sem nenhuma relação entre suas ações.

Ou talvez eu estivesse desperdiçando valiosos segundos sem fazer nada.

Meu adolescente interior estava crescendo enfurecido com a minha reticência. *Coloque esse copo de lixo rançoso para baixo, siga-a para fora e* diga alguma coisa - *qualquer coisa, caramba.*

Primeiro pensamento - Que eu poderia dizer a ela que eu era o tutor da classe, e eu notei que ela tinha perdido um número de dias de aula, incluindo a prova, mas desisti. *Logo depois de persegui-la em um estacionamento escuro.* Eu ficaria feliz se ela não acertasse o joelho nas minhas bolas primeiro e perguntar depois.

A data da última entrega *era* há três dias, no entanto. Eu poderia salvá-la de um F em sua transcrição, se nada mais. Impulsionando a minha bunda fora da parede, eu abandonei a suposta conversa que estava tendo com a garota chorona no meio de seu discurso.

Andando em linha reta para a porta de trás e para fora, eu disse a mim mesmo que, se Jackie Wallace e o vampiro cabeça de merda estavam ficando tagarela - ou pior - eu voltaria para frente, pegaria a minha moto, e esqueceria que ela já existiu.

Claro que você vai. Todos esses detalhes minuciosos que você passou as últimas nove semanas analisando e queimando em seu cérebro só vai se dissolver. Não é grande coisa.

Cale a boca.

Por alguns segundos, eu estava com medo que eu sentiria falta dela. Havia uma ameaça de tempestades durante a noite, e o vento soprava as nuvens, aprofundando as sombras e fazendo áreas ficarem iluminadas sem frequência e por pouco tempo. Vi-a pelo brilho de seu telefone celular. Ela estava mandando mensagens de texto para alguém, serpenteando através dos carros e caminhonetes na extremidade distante do estacionamento. Seu amigo vampiro estava entre nós dois, e ele com certeza parecia que estava a acompanhando. Ele não a chamou para avisá-la, porém, o idiota. Ele estava indo assustar a merda fora dela, se ele só aparecesse do nada.

Eu respirei fundo, voltei a descer os degraus e comecei lentamente em sua direção, pronto para virar em um segundo.

A probabilidade de que eu estaria lamentando tudo sobre esta noite inteira? Noventa e cinco por cento.

Na fila muito para trás, ela abriu a porta de uma pick-up escura e brilhante. Interessante. Eu não teria imaginado ela dirigindo uma pick-up. Talvez um pequeno carro esporte ou um hatchback compacto. Seu amigo veio por trás dela e se mudou para ambos o espaço do outro lado da porta aberta. Eu não podia ver qualquer um deles claramente, e eu tinha *zero* desejo de testemunhá-los se esfregando.

Tempo para virar. Exceto - o fato de que ele nunca a chamou me irritou. Na melhor das hipóteses, ele pensou que assustar mulheres em estacionamentos desertos era engraçado. Na pior das hipóteses...

Ela gritou. Uma vez e parou abruptamente.

Eu parei. E então eu corri.

Eu raramente permitia que meu temperamento tivesse livre curso nos últimos três ou quatro anos, porque eu sei muito bem as potenciais consequências de fazê-lo. Mas quando eu vi o corpo dele em cima dela pelo banco do seu caminhão e ouvi-la chorando, implorando para ele parar, eu perdi. Nenhuma quantidade de autocontenção teria impedido o desfecho -

Supondo que eu estivesse inclinado a me acalmar.

Eu não estava.

Agarrando dois punhados de sua camisa, eu puxei-o da pick-up. Ele estava meio bêbado. O grau de bêbado que faz com que os idiotas pensarem, *eu estou legal. Eu posso dirigir - não há problema.* Apenas o suficiente para enrolar uma palavra aqui ou ali. Apenas o suficiente para torná-lo ineficaz em uma luta contra qualquer um que sabia o que ele estava fazendo.

Eu sabia o que eu estava fazendo.

Eu estava indo matá-lo e depois me preocupar com as consequências. Esta não era uma esperança ou uma opinião. Isto era um fato. Ele era um homem morto.

Meus dois primeiros socos foram, de alguma forma, com total surpresa para ele. Sua cabeça para trás, enquanto ele estava lá, perplexo com a forma como o predador havia se tornado a presa, no espaço de dois batimentos cardíacos.

Lute comigo, idiota. Vá em frente. Lute comigo porra.

Ele balançou um punho, finalmente, mas perdeu a cabeça por um bom pé, perdeu o equilíbrio, como resultado. Eu bati nele duas vezes mais, meus braços aquecidos a partir da adrenalina circulando na minha corrente sanguínea. Um raio de luar iluminou a cena em preto e branco por um segundo. O sangue jorrava de seu nariz, escuro e gratificantemente abundante. *Sangre, idiota.*

Ele limpou a boca com o antebraço, olhando para o resultado. Com um curto rugido, ele abaixou a cabeça e saiu correndo para frente.

Com o uppercut de direita, logo abaixo do queixo. Cotovelo para a cabeça com a esquerda. De boca aberta, ele colidiu contra o caminhão - o álcool tornando-o muito estúpido para cair ou correr. Ele agitava para mim e eu agarrei seus ombros e bati o joelho no crânio à mandíbula.

Ele teve sorte. Eu poderia ter esmagado sua traqueia ao invés. Ele foi para baixo, braços abertos sobre a sua cabeça, puxando os joelhos contra o peito.

Levante-se. Levante-se. Levante-se. Eu comecei a me inclinar para baixo para empurrar ele de volta para cima e acertá-lo novamente, mas um som suave quebrou através da névoa de raiva.

Olhei para cima e olhei direto para a pick-up, onde Jackie se encolhia contra a porta distante, o peito subindo e descendo com respirações curtas e superficiais.

Ela era uma coisa selvagem e apavorada, recuando dele. De mim, talvez. Eu sabia que não era possível sentir o ritmo de seus batimentos cardíacos, cheirar o pânico, mas eu juro que eu fiz as duas coisas. Meus punhos estavam cobertos de sangue de seu atacante. Limpei a parte de trás das minhas mãos no meu jeans, lentamente, pisando com cuidado até a porta - sem movimentos bruscos.

Seus olhos alargaram, mas ela não se moveu um músculo.

— Você está bem? — Estas foram as primeiras palavras que eu já proferi a essa garota que eu tinha visto, esboçado, cobiçado e sonhado. Ela não respondeu ou acenou. Choque, ela estava entrando em choque.

Muito lentamente, eu tirei meu celular do meu bolso. — Eu vou chamar nove e um-um. — Ainda sem resposta. Antes de discar, eu perguntei se ela precisava de assistência médica ou apenas a polícia. Eu não sabia o que ele tinha feito com ela nos segundos que me levou a atravessar o estacionamento. Sua calça jeans ainda estavam para cima, embora com o zíper aberto - mas ele tinha mãos. Outra névoa vermelha ameaçou descer. Eu queria ele *morto,* e não apenas lamentando e sangrando em meus pés.

— Não chame, — disse ela. Sua voz era tão suave e baixa que eu mal podia ouvir as palavras.

Eu pensei que ela não queria uma ambulância. Mas não, ela esclareceu que ela não queria que eu chamasse a *polícia.*

Incrédulo, perguntei: — Estou errado, ou esse cara só tentou *estuprar* você, e você está me dizendo para não chamar a polícia? — Ela se encolheu, e eu queria tirá-la daquela pick-up e sacudi-la. — Ou eu interrompi

algo que eu não deveria ter?

A porra do meu temperamento. Droga para o inferno. POR QUE eu disse isso?

Seus olhos envidraçaram com lágrimas, e eu queria me dar um soco na boca. Eu forcei minha respiração a abrandar. Eu tinha que me acalmar. Para ela. *Para ela.*

Balançando a cabeça, ela me disse que só queria ir para casa. Meu cérebro assinalou uma centena de razões pelas quais eu deveria discutir com ela, mas eu estive no campus tempo suficiente para saber como iria. A fraternidade cerraria fileiras em torno dele. Alguém seria capaz de jurar que ela foi por vontade própria. Ela era uma mulher desprezada, tentando machucar a fraternidade de seu ex. Ela era uma mentirosa, uma provocação, uma vadia. Administração não iria querer isso no campus. Ele não tinha conseguido, então seria ele-disse-ela-disse. Tapinha nas costas para ele. Exílio Social para ela.

Eu testemunharia... mas eu tinha um registro de menores por assalto, e eu tinha acabado de bater a merda fora do cara. Um advogado esperto teria me preso por agredir *ele*, desacreditando qualquer coisa que eu possa contribuir.

O pedaço de merda no chão virou-se e xingou, e eu revirei os ombros e tomei respirações lentas - dentro, fora, dentro, fora - tentando convencer-me a não bater na cabeça sob o calcanhar da minha bota muito sólida. Ele não tinha sangrado o suficiente para satisfazer o monstro dentro de mim.

Estava muito perto disso.

Ela respirou junto comigo, e me concentrei em suas respirações suaves. Ela estava tremendo, mas ela não estava chorando, ainda. Se ela começasse, eu não sabia o que eu faria.

— Tudo bem. Eu vou levá-la, — eu disse.

Sem uma batida entre as minhas palavras e as dela, ela disse não, ela ia de carro sozinha.

Como é que eu poderia lidar com muitos choques em uma noite? Parecia que eu estava prestes descobrir.

Como se eu fosse deixá-la ir de carro. *Certo.* Abaixei-me e peguei as chaves nos itens espalhados pelo piso. Sua bolsa estava de lado - derrubada lá, sem dúvida, quando essa merda empurrou o rosto dela para baixo em sua pick-up.

Santa. MERDA. Eu nunca quis tanto que alguém saltasse para cima e me desse um soco. Eu queria uma desculpa - qualquer tipo de desculpa - para acabar com ele.

Deslizando mais perto, ela estendeu a mão para as chaves. Olhei para seus dedos finos. Os dedos que eu observava a distância por semanas. Eles tremiam.

— Eu não posso deixá-la dirigir, — eu disse.

Estas palavras a confundiram. Eu passei minhas justificativas: o fato visível que ela estava tremendo - razão suficiente por si só. Eu não tinha certeza se ela não se machucou. Ela provavelmente estava bebendo, embora eu não tinha realmente observado um copo ou garrafa na mão.

— Eu não bebi, — disse ela, franzindo as sobrancelhas e seu tom indignado. — Eu sou a motorista designada.

Eu não deveria ter olhado por cima do meu ombro e costas, perguntando-lhe, exatamente, *para* que ela foi designada. Eu não deveria ter a repreendido por andar no estacionamento sozinha, sem prestar atenção ao seu redor - mesmo que essas coisas fossem verdadeiras. Eu definitivamente não deveria ter implicado que ela agiu de forma irresponsável, que era o mesmo que dizer que ela foi responsável pelo ataque.

Eu sabia quem era o responsável. Ele estava deitado em uma pilha sangrenta aos meus pés, gemendo como se qualquer um de nós devesse ligar uma merda.

— Então a culpa é minha que ele me atacou? — ela suspirou, furiosa. — É minha culpa que eu não posso andar de uma casa para o meu carro sem um de vocês tentando me *estuprar*?

Um de vocês.

— *‘Um de vocês’?* Você vai me comparar com aquele pedaço de merda? — Faço um gesto para o cara que eu coloquei no chão, indignação borbulhando para a superfície como uma reação química, instantânea e inflexível. — Eu sou *nada* como ele. — Ouvi minhas palavras empurrar para o espaço entre nós, hostil e defensiva. Quando eu as cuspi para fora, seus olhos deslizaram sobre a minha boca – e o anel em meu lábio. Eu vi o medo, ela tentou engolir antes que eu pudesse vê-lo.

Minha raiva não era para ela. Seu medo não deve ser para mim. Mas eu estava fazendo isso.

Ela pediu as chaves de novo, mãos para fora, sua voz quebrando no meio da frase - mas ela me olhou nos olhos, determinada. Fiquei espantado com a coragem dela em face desta noite. E aqui estava eu, um outro homem que tenta intimida-la a fazer algo que ela não quer fazer.

Um de vocês.

Ela estava errada, mas não inteiramente. A sensação que tomou conta de mim nesta realização não foi agradável.

— Você vive no campus? — Eu perguntei, permitindo a delicadeza que ela merecia de volta para a minha voz. Esta era a escolha dela, não minha. Salvando-a não me dava o direito de ditar algo a ela. Ela poderia dirigir pelo campus sem mim, mas eu preferiria que ela não fizesse. — Deixe-me levá-la, — Eu persuadi. — Eu posso andar de volta até aqui e buscar minha moto depois.

Alívio tomou conta de mim quando ela deu um aceno. Ela juntou suas coisas pessoais a partir do piso do caminhão, eu a ajudei, retornando os itens de para dentro de sua bolsa, enfrentando uma pontada de ciúme injustificado quando eu lhe entreguei um pacote de preservativos.

Como se eu tivesse oferecido a ela um escorpião em vez de um quadrado de papel celofane inofensivo, ela retratou a mão dela e disse que não era a dela.

Então ele pensou sobre isso o suficiente para tentar manter-se “seguro”

de provas?

Não vire. Não olhe para ele.

Ignorando o aviso do minha mente, eu olhei para trás para ter certeza que ele ainda estava no chão. Ele estava. Eu posso ter murmurou algo sobre sua intenção de ocultar provas, o que me fez desejar que ela me deixasse chamar a polícia, porque uma intenção como essa poderia apontar para uma trama plenamente consciente. Eu não tenho certeza se eu disse isso em voz alta. Ela não respondeu, se eu fiz. Enfiei o preservativo no bolso, imaginando se um preservativo poderia ir através de uma máquina trituradora, porque eu estaria tentando essa pequena experiência quando eu chegasse em casa.

Na minha imaginação, ele estaria usando no momento.

Subi na sua pick-up, fechei a porta e girei a chave na ignição. — Você tem certeza que você não quer que eu chame a polícia? — Resolvido como eu estava para que esta seja a sua decisão, eu tive que perguntar uma última vez.

Ela olhou para a parte de trás da casa e da festa pelo para-brisa, em silêncio por um minuto inteiro. — Tenho certeza, — disse ela.

Eu balancei a cabeça e dei a ré, farol mostrando o dano que eu tinha feito para seu agressor. Ele não estava perto o suficiente. Obriguei-me a manter a pick-up em sentido inverso. Eu teria preferido colocá-lo para frente e os pneus o achatasse embaixo.

Fazia anos desde que eu tinha sentido este nível de violência agitando através do meu sangue.

Olhando fixamente para a estrada, eu fingi uma compostura artificial e me esforçava a ficar calmo, sabendo que iria funcionar, embora lentamente. No cruzamento, perguntei o nome do seu dormitório e virei à direita quando ela deu-lhe, com a voz mais fraca e tremendo, agora que o perigo havia passado.

Dei-lhe tanta privacidade quanto pude, vigiando perifericamente enquanto ela tencionava para se reagrupar. Ela se abraçou como se estivesse congelando, embora a noite era a mais perfeita de outubro. Um pouco quente. Ela estremeceu em ondas, seu corpo brincando com a necessidade de se

defender, enquanto sua mente não conseguia escapar da degradação que ela tinha acabado de experimentar.

Eu queria chegar do outro lado da cabine e tocá-la. Eu não fiz.

Poderia ter sido muito pior.

Mas eu nunca, nunca iria dizer isso a ela.

No estacionamento de seu dormitório, eu estacionei e tranquei a pickup, entregando-lhe as chaves e andei com ela para a entrada lateral. Eu lutei para manter minhas mãos para mim. Eu queria confortá-la, mas o toque de um estranho era a última coisa que ela precisava. Embora ela me era familiar - única e fascinante - eu era desconhecido para ela.

Ela nem sabia o meu nome.

Eu pedi para ela o ID na porta, imaginando que ela teria um tempo difícil para passar o cartão, da forma como o seu corpo tremia. Eu me perguntei se eu deveria levá-la por todo o caminho para o seu quarto, ou se isso iria se sentir como uma ameaça. Foi um milagre que ela permitiu-se confiar em mim até aqui.

Em seguida, ela engasgou quando entregou o cartão, seus olhos nos meus dedos. — Oh, meu Deus. Você está sangrando.

— Não. Na sua maioria sangue dele, — eu disse. *Como se isso fosse reconfortante.* Jesus.

Eu passei o cartão e entreguei-o de volta, olhando para o rosto dela, agora totalmente visível sob a luz do teto da entrada. Meus olhos tocavam o que os meus dedos não podiam, traçando as trilhas de suas lágrimas visíveis, as manchas de rímel sob seus olhos. Eu queria suavizar as angustiadas rugas da testa com meus polegares, puxá-la para dentro do círculo de meus braços e pressionar o rosto dela contra o meu peito, deixar meu coração acalmá-la.

— Você tem certeza que está bem? — Eu perguntei, e seus olhos se encheram instantaneamente. Minhas mãos se fecharam em punhos ao meu lado. *Não toque nela.*

— Sim. Tudo bem, — ela disse, o olhar caindo do meu. Que horrível

pequena mentirosa ela era.

Ela iria dizer a um amigo o que aconteceu. A colega de quarto, talvez. Alguém conhecido e confiável. Eu não poderia ser seu confidente e eu sabia disso. Eu servi o meu objetivo, e eu só queria ter servido melhor. Mais rápido. Eu ficarei chateado comigo mesmo para sempre por minha hesitação inicial em segui-la esta noite.

Eu perguntei se eu poderia chamar alguém para ela, e ela balançou a cabeça negativamente, contornando em volta de mim, com cuidado para evitar qualquer contato físico - mesmo uma escova de tecido. Mais uma prova do meu estado anônimo.

Vi-a caminhar até as escadas, os saltos de seus sapatos batendo contra o chão de ladrilhos, a brilhante cauda bifurcada balançando absurdamente atrás dela, não importa o quanto ela se movia com dificuldade agora. Os chifres de seu traje foram perdidos.

— Jackie? — Eu disse, com cuidado, não querendo assustá-la. Ela girou, com a mão no corrimão, esperando. — Não foi culpa sua.

Ela mordeu o lábio, mantendo-se juntos, acenando uma vez antes de apertar o corrimão e subir as escadas. Virei-me e sai, certo que essas quatro palavras seriam a última coisa que eu diria a Jackie Wallace.

Foi uma boa última coisa a dizer.

7

Landon

Boyce Wynn, anterior companheiro ocupante da mesa dos perdedores do ensino médio, tornou-se meu inimigo. Se eu alguma vez teria o chamado disso, ele não tinha ideia do que eu queria dizer e teria me chamado de maricas e/ou ameaçado chutar a minha bunda. Em outras palavras, o mesmo que aconteceu quando eu não disse nada a ele.

Ao contrário do que algumas coisas que os adultos gostam de dizer, respondendo a valentões - se você não pode vencê-los – os dá o poder, porque então eles sabem que você se importa. Eu não tinha a intenção de fazer isso. Diretora Ingram tinha me ameaçado com sua *tolerância zero,* e Wynn provavelmente *poderia* chutar a minha bunda, além de me fazer ser expulso. Ele era grande e mau, andando ao redor como um dos veteranos, porque foi espalhado boatos dele ter acesso a drogas, álcool e peças de carros roubados. Além disso, ele não *os* ameaçava. Ele só ferrava com aqueles que ele achava menor ou mais fraco.

O que referia a mim.

Não havia uma mesa de perdedores no refeitório do colégio, para escolher onde sentar necessitava de uma decisão improvisada, dois segundos após o pagamento. Um movimento errado pode ser fatal.

Em dias de merda, os leprosos sociais comiam no pátio, mas quando era bom ficávamos dentro, abrindo mão das mesas e bancos ao sol no patío para caras como Clark Richards, o filho mais novo de um construtor que meu avô odiava, e as meninas como Melody Dover namorada loira e popular de Clark.

Não havia muitos dias porcaria aqui pelo tempo-sábio - chuva ou ventos fortes, granizo e ameaça ocasional furacão. Caso contrário, era quente e ensolarado, mesmo no inverno... o que significava que eu passei o maior períodos de almoço dentro. Foram os pontos mais seguros em extremidades de

mesas vazias onde ninguém semi-popular ou tipos como Wynn sentavam.

Mas isso não os impede de encontrá-lo quando eles estão à procura de entretenimento.

Exemplo 1: É muito fácil para alguém impulsionar uma bandeja de almoço em uma mesa do café - enviá-lo no chão e lançar comida em todas as direções - sem abrandar o passo ou agir como se eu tivesse alguma coisa a ver com isso.

Comecei a pegar um embrulhado em papel alumínio, o suspeitoso sanduíche e uma garrafa de água na fila em vez de uma bandeja de comida quente.

Exemplo 2: Quem inventou vestiários - onde várias filas de metal sólido e bloco de concreto bloqueava tudo o que acontece na parte de trás da vista do treinador - era um idiota. Graças a uma emboscada, eu perdi um par de Chucks de segunda mão e as minhas calças cargos vintage. Porque eu não fui mentalmente suficiente para identificação dos idiotas, o treinador consertou me deixando escolher algo para vestir do barril de perdidos e achados - que exalava um odor sugerindo que algo havia morrido na parte inferior e atualmente estava em decomposição.

Eu literalmente cheirava a merda durante o último período, os narizes de cada menina nas proximidades franzia e realizavam manobras em suas mesas tão longe de mim quanto possível, enquanto caras fizeram observações brilhantes como, “Você *fede,* Maxfield. Tente dizer para seu cuidador para banhá-lo de vez em quando.” Etcetera.

Eu tirei tudo isso, logo que eu cheguei em casa e joguei tudo em uma pilha para queimar depois de tomar um banho escaldante.

Peguei emprestado cinco dólares do papai e pedi o vovô para me levar de volta para o Sense Thrifty, onde desenterrei um par de Vans como novo, do meu tamanho. Eles estavam marcados por sete dólares.

— Eu sei onde você vive, — disse vovô, passando-me os dois dólares adicionais.

Eu parei de trocar de roupa para o treino, que me ganhou deméritos até o dia que o treinador Peterson percebeu que me penalizar não estava tendo qualquer efeito.

Mas eu tinha três Classes com Wynn – Treino, geografia mundial, e oficina de automóveis.

— Lavem-se! — Sr. Silva chamou, sua voz crescendo acima do barulho ensurdecedor dos motores operacionais, máquinas-ferramentas, música country e conversas sobre carros e peças de automóveis, meninas e partes de menina.

A maioria dos caras disse que material era inofensivo. Mesmo se toda a cidade cheia de mães ameaçando lavar a boca com sabão abrasivo fosse utilizado para obter as estrias pegajosas de óleo e gordura fora de nossas mãos e braços, normalmente era só conversa.

Às vezes essas palavras não pareciam apenas frases ou expressões, no entanto. Sentiam-se como memórias e pesadelos, enquanto eu estava fazendo o meu melhor para evitar a ambos. Minhas mãos fechadas em punhos gorduroso quando eu fiquei na fila para as pias, cativo na conversa acontecendo atrás de mim, na qual Boyce Wynn desempenhava um importante papel.

— Cara, seus seios são como duas suculentas *melancias.* — Seu sotaque rastejou até a volta do meu pescoço e eu imaginei os gestos que eu sabia que ele estava fazendo.

— Sim, eu a pegaria, — disse o amigo, e ambos riram. — Ela não coloca para fora, no entanto.

— *Ainda,* Thompson. *ainda.* Eu vou ensiná-la a colocar para fora.

Olhando para frente, a minha visão nublou nas bordas.

— Ceeerto. Deseje, idiota. Ela não daria a seu rabo de lixo branco a hora do dia.

— Quem precisa da hora do dia? Tempo de noite, cara. Sob o manto da escuridão, ela vai estar implorando por mais.

O amigo riu. — Cara, sério, Ela é toda "*Não*". Além disso, ela não é *tão* gostosa.

— Não, cara, você está louco? Eu a estupraria tão rápido...

Antes que eu soubesse o que eu tinha feito, eu tinha girado, apertado minha mão e plantando-a à direita na borda da boca de Boyce Wynn. Sua cabeça recuou um pouco com o impacto, e seus olhos se arregalaram com o choque. Por instinto, eu sabia que não devia parar por aí, mas de repente havia um círculo de caras cantando, — Briga! Briga! — e meus membros congelaram enquanto todo seu corpo rolou para frente, preparando-se para me bater no chão de cimento.

Antes que qualquer um de nós pudesse se mover, Silva agarrou-nos pela parte superior dos braços, separando e imobilizando-nos. — O que no *inferno* vocês idiotas estão fazendo? Tentando ser *expulso?*

Eu não tirei meus olhos de Wynn, e ele olhou de volta com olhos assassinos. Um fio de sangue brilhava no canto de seu lábio inferior.

— O que você fez, Wynn? — Silva rosnou, sacudindo-o. Nosso *puto* professor mecânica de 113 kg.

Os olhos de Wynn se estreitaram, ainda olhando para mim, e ele parecia chegar a algum tipo de conclusão vingativa. Ele deu de ombros livre, como se indiferente. — Nada, Sr. Silva. Tudo está legal.

Silva chicoteou seu olhar para mim, e Wynn levantou lentamente a mão livre para tirar a gota de sangue de seu rosto com uma junta. A adrenalina produzida enviou um tremor através de mim.

— E você - Maxfield? Essa é sua história, também? O que aconteceu aqui?

Eu balancei minha cabeça e ecoava Wynn. — Nada. Tudo está legal.

Silva rangeu os dentes e revirou os olhos para o teto ondulado, como se Deus pudesse aparecer e dizer-lhe o que fazer com a gente.

Empurrando nossos braços mais uma vez, mais duro, ele quase bateu-os de suas órbitas. — Não haverá *nenhuma luta*. Em. Minha. Garagem. Entenderam, homens? — Ele cuspiu a palavra *homens* como se nós não fossemos nada.

Nós balançamos a cabeça, mas ele não deixou cair qualquer um de

nossos braços. — Preciso falar com Bud sobre causar problemas? — Ele perguntou a Wynn, que balançou a cabeça, os olhos arregalados. Quem *Bud* era, seu nome inspirava medo no cara que inspirava medo na maior parte do corpo discente.

A campainha tocou, e nosso público mexeu tardiamente para os dissipadores de alumínio de grandes dimensões. Silva soltou-nos, mas não se mexeu, braços musculosos cruzando sobre o peito musculoso e fazendo buracos com olhar nas costas de nossas cabeças enquanto nos esfregava. Peguei minha mochila de seu cubículo e fui para o lado da porta quando Wynn saiu na frente com dois amigos.

Minha fuga era temporária. Isso eu sabia.

Em um esforço para torturar seus alunos, meu professor de geografia geral anunciou uma equipe de projeto, logo que voltamos de férias de inverno - durante o qual todos os que tinham ficado na cidade para o Natal tinha desfrutado de um meio pé de neve sem precedentes que cobria a praia, palmeiras, hotéis Resort e barcos de pesca.

Em Alexandria, o inverno começava antes do Natal e continuava em março - ataques surpresa de chuva, granizo e neve ocasionalmente - pilhas dele se chocava com cantos em estacionamentos, passando do branco ao cinza quando deixada derreter em vez de colocada em caminhões e levada embora. Em fevereiro, todo mundo estava cansado de raspar o gelo do para-brisas, cansados de limpar calçadas e entrada de garagens, cansados de acordar com o ronco dos caminhões de cascalho ou limpa-neves, cansados do frio úmido constante.

Aqui, a neve era um pouquinho, se pudesse considerar isso. Qualquer quantidade mensurável que inspirava admiração. Seis polegadas era considerado um *milagre.* As pessoas caminhavam ao redor *oohing* e *aahing,* balançando a cabeça. Os pais enviaram crianças para construir bonecos de neve e fazer anjos de neve com meias em suas mãos, Porque ninguém possuía luvas ou mitenes[{4}].

— À luz de nosso “Milagre de Natal”, vamos *milagrosamente nos* juntar para examinar o efeito das mudanças climáticas sobre os ambientes e

pessoas. — O tom da Sra. Dumont era muito alegre para o segundo período do primeiro dia de volta. Ninguém queria estar lá, e nenhuma quantidade de entusiasmo mudaria nossas mentes depois de duas semanas sólidas de dormir e não fazer nada. — No interesse de mostrar como as pessoas se adaptam à mudança inesperada, estamos todos indo escolher um papel do chapéu e fazer par. Ela sorriu, como se o conhecimento de que o destino estava escolhendo nossos parceiros melhoraria a atribuição.

Como um, todos nós gememos. Imperturbável, ela entregou um boné de beisebol tendo o mascote da escola de cabeça para baixo - surpresa, era um peixe - a Melody Dover, que puxou um pedaço de papel e passou para a menina atrás dela. A partir do assento da última fila de Melody, eu assisti o boné vir mais perto. Eu puxei um F. Adequado.

Quando o boné chegou à última fileira, Dumont chamou sobre o barulho de vozes, — Agora, encontrem o seu parceiro, e mudem os bancos! Você vai estar sentado com o parceiro para as três primeiras semanas de aula neste semestre, no final do qual nós estaremos apresentando nossos projetos para toda a classe!

Você tem que estar brincando comigo. Eu apenas tinha sido designado uma apresentação de classe, na primavera passada - em que eu levei a zero. As apresentações orais eram dolorosas para se fazer, e dolorosas para testemunhar os outros fazendo.

Eu considerava me levantar e sair pela porta. Então eu ouvi, — Ok, qual adorável senhora tem um F? — do lado oposto da sala, e eu não podia me mover.

Boyce. Wynn.

Oh. *Droga.*

Ele se levantou e começou a arrancar pedaços de papel dos alunos para descobrir quem era seu parceiro. — Você tem F? Quem diabos tem um F?

— *Wynn*, — disse a Sra. Dumont, carrancuda, sombria.

Deu de ombros. — Eu não posso encontrar meu parceiro, Sra. Dumont. Seus olhos iluminaram em Melody, que zombou um pouco. — É você?

— Ele pegou o papel da mão dela enquanto ela se opôs.

— *Não.* — Ela pegou o papel de volta, levantando o queixo. — Eu tenho *Clark.*

O namorado dela estava sentado ao lado dela já. Eles nem sequer tiveram que se deslocar de assentos na primeira fila para trabalhar juntos. Então, eu fiquei preso com Boyce-porra-Wynn, enquanto o privilegiado Clark Richards ficava preso com sua *namorada gostosa.* Naturalmente.

— Oh, *não, não* - Isso não vai funcionar. — Sra. Dumont correu, com os olhos em Melody. — Você não pode ser emparelhado com o seu... er, amigo. Eu quero que todos nós experimentemos uma mudança na cultura e meio ambiente! Difusão de relocação em ação! — Como os três estavam tentando descobrir o que ela queria dizer, ela agarrou os pedaços de papel de Boyce e Melody e os trocou. — Ponto. Agora Clark, fica junto com Boyce. Eu vou estar distribuindo atribuições do projeto em um momento! — Ela parecia pensar que isso iria acalmar Clark de ter que substituir uma namorada quente como parceira por um parceiro valentão desmedido.

— O que a... — Ele fez uma careta, apertando sua mandíbula. — Por que Mel e eu não podemos trabalhar juntos?

Sra. Dumont sorriu com benevolência e deu um tapinha no ombro. — Agora quem tem F? — ela chamou, ignorando sua pergunta inteiramente.

Eu levantei minha mão a poucos centímetros da minha mesa, sem dizer uma palavra. Quatro pares de olhos me encontraram. Só Sra. Dumont sorriu. — Venha até a frente, Landon. Você pode tomar o lugar de Clark para as próximas três semanas.

A partir do olhar no rosto de Clark, ela poderia muito bem ter dito: — Você pode foder a namorada de Clark pelas próximas três semanas.

— Porra, pura sorte, Richards, — disse Boyce, prendendo-me para o canto com um olhar fixo. De alguma forma, sendo involuntariamente emparelhado com a namorada de outro cara era mais um ataque contra mim.

Eu coloquei minha mochila no ombro e caminhei pelo corredor,

sentindo como se eu tivesse sido condenado à injeção letal em vez de forçado a concluir um projeto com uma menina que eu tinha fantasiado pelo menos uma vez. Quando Dumont distribuiu os nossos temas, Melody tirou um caderno espiral e começou a dividir as nossas responsabilidades - *Melody* à esquerda, *Landon* à direita, ambos sublinhado. Ela desenhou uma linha grossa no meio, usando a borda de seu livro para mantê-lo em linha reta.

— Eu vou fazer os mapas, — eu me ofereci, minha voz baixa.

Ela apertou os lábios e manteve-se ereta, claramente irritada. Ótimo.

Ela começou a escrever *mapas* em meu nome e parou no meio do caminho, voltando-se para nivelar grandes olhos verde-claros para mim. — Você desenha? Porque eu posso fazê-los, se não.

Fixei-a com um olhar próprio. — Sim.

Quando eu não entrei em detalhes, ela revirou os olhos e murmurou: — Tudo bem. É melhor eu tirar uma nota decente sobre isso.

Trocamos números de telefone e endereços, mas ela deixou claro que ela não tinha a intenção de pôr o pé fora do prédio da escola ou a casa de seus pais comigo. A Dover McMansion era apenas no final da praia, do lugar do avô. — Oh, sim. *Maxfield.* Clark diss... — Ela ficou em silêncio, provavelmente a minha expressão negra.

Clark era filho de John Richards, dono da maior construtora de nossa cidade de monstruosidades residenciais e condomínios de férias. Ele tinha estado perseguindo meu avô para vender sua propriedade privilegiada para sempre. As coisas chegaram a um ponto, há alguns anos, que meu avô disse: Quando Richards tentou entrar na cidade com um domínio eminente, alegando que o “barco” do vovô era uma monstruosidade e seu negócio de pesca era uma fachada. Vovô disse-lhe onde poderia ir ali mesmo, no meio da reunião do conselho da cidade. A tentativa de intimidação tinha abrandado desde que papai assumiu as finanças da Maxfield Pesca, mas a hostilidade era potente como sempre.

Melody delicadamente limpou um pouco a garganta. — Uh. Assim,

chame-me hoje à noite, depois que eu estiver em casa a partir de aula de dança.

Aula de dança. O que as meninas usam para dançar nas aulas Melody? Imagens espontâneas abriram caminho para a minha imaginação. Torci uma das faixas de borracha no meu pulso. — OK.

— Como, oito horas?

— OK, — eu repeti.

Ela revirou os olhos. Mais uma vez. A campainha tocou e ela atirou-se para sair da sala de aula com Clark, que estreitou seu olhar em mim, quando ele passou um braço sobre os ombros. Boyce chegou logo atrás dele e me empurrou de volta para a mesa. — Anormal, — ele disse. — Richards provavelmente o matará, se você tocá-la.

Eu não tinha qualquer intenção de tocá-la. Engraçado como a ameaça me fez querer.

LUCAS

Acho que o meu cérebro reiniciou durante os quatro horas de sono que eu finalmente consegui, porque eu me lembrei da coisa irritante que eu não tinha sido capaz de recordar desde sábado à noite.

Se Jackie não trancasse a classe, ela ia falhar, e ela tinha exatamente um dia para fazê-lo - Porque a última data para trancar a graduação era de amanhã.

A probabilidade de que eu poderia encontrá-la de novo, *hoje,* era baixa. Eu só tinha uma escolha – Eu poderia mandar um e-mail como o tutor de classe - com um lembrete cortês e informativo da data de trancamento. *Caro aluno: Você pode querer cuidar dessa coisa importante - dica, dica.*

Não importa que ninguém mais no campus recebia individualizado este tipo de terrível aviso. Administração não acreditava no envio de muitos alertas específicos, especialmente sobre trancar matérias. Eles preferiram incluí-los em páginas web de requisitos de departamento, ou aninhado em algum lugar na

documentação de registro que todos percorre sem leitura, cantes de clicar no botão que diz *eu concordo.*

A crença geral de realização: os alunos são responsáveis por manobras de programação própria. Porque eles são adultos. Tecnicamente.

Srta. Wallace,

Sou o tutor para o curso de introdução à economia do Dr. Heller, a qual parece que você parou de assistir. De acordo com registros de atendimento e o fato de que você não estava presente para a prova bimestral, na semana passada. Como tal, eu queria lembrá-la que os alunos não são descartados por não comparecimento automaticamente, mas deve iniciar o processo de retirada de curso. Formulários e instruções para trancamento estão disponíveis on-line; Eu os incluí nos links abaixo.

Favor notar que a ultima data para trancar é AMANHÃ.

L. Maxfield

Eu bati *salvar* e fechei meu laptop, planejando para enviá-la mais tarde, depois de adicionar os links. Eu tive que passar pela Starbucks antes da aula para entregar uma cópia do meu cartão de alimentação renovado, ou eu não teria permissão para trabalhar o meu turno da tarde. Ela provavelmente tinha outras classes esta manhã. Eu tinha tempo.

— Ei, Lucas, — disse Gwen, limpando um pequeno derramamento de café da bancada de granito. Gwen tinha um sorriso de segunda de manhã que ninguém que eu conhecia poderia replicar, certamente não a nossa colega de trabalho, Eva, que praticamente nunca sorria. — Você ainda está trabalhando para mim esta tarde, certo?

Eu balancei a cabeça, pegando uma xícara de café. — Assim que eu sair da minha sessão de tutoria. Ela termina as duas.

— Você é tão doce! — ela sorriu, seguindo-me para trás. — Eu estarei de volta a tempo para você chegar ao seu laboratório.

Eu não pude deixar de sorrir em resposta quando eu coloquei o xerox no meu arquivo e deixei um bilhete que eu tinha feito para o meu gerente.

— Precisamos encontrar uma menina para você, — disse Gwen, do nada. Engasguei com o gole de café que eu tinha acabado de tomar, e Gwen bateu minhas costas.

— Uh... — Eu gaguejei uma vez que podia falar. — Obrigado, mas eu estou bem.

Uma de suas sobrancelhas pálidas levantou, me dizendo o que pensava sem palavras nessa declaração. — Você é um bom rapaz, Lucas. — Devo ter feito alguma expressão de descrença, porque ela balançou a cabeça. — Confie em mim. Eu sou uma especialista, honesta-a-Deus, em encontrar idiotas, e você não é um.

Kennedy Moore estava em sua posição habitual de centro das atenções, rindo e ignorante sobre o que sua ex-namorada de *três anos* havia passado há dois dias atrás. Eu me perguntava se ele era mesmo amigo do cara, eu não podia imaginar sem ter que fazer as técnicas de taekwondo na minha cabeça para se acalmar.

Eu deslizei para o meu banco na fila de trás e tirei um livro, me preparando para estudar para um teste na minha aula das onze horas. À espera de Heller chegar assim Moore e seus amigos se sentariam e calariam a boca, eu esbocei algo violento na margem do meu texto. Muitas vezes eu me perguntei o que as pessoas que acabavam com os meus livros usados pensavam quando eles viravam a página de um dos meus rabiscos. Normalmente, eles eram apenas desenhos - o produto de um devaneio momentâneo. Às vezes, eles eram ilustrações pessoais no material impresso. Raramente - muito raramente - eles incluíram rostos ou partes do corpo.

Heller entrou pela porta da frente da sala de aula, tirando minha atenção do meu devaneio inútil. Desde que Jackie tinha parado de vir, a aula tinha crescido incrivelmente chata. Eu conhecia todos os item de dentro para fora. Eu sabia tudo das piadas de Heller e anedotas engraçadas. Os toques pessoais

incorporados as suas palestras o fez um instrutor maravilhoso, mas mesmo assim - três vezes era muito para maioria deles, e quatro ao lado da tortura.

— Se todo mundo se sentar, vamos começar, — ele disse. Do meu ponto de vista sobre a fileira de trás, todo mundo estava sentado, mas ele estava claramente se dirigindo a alguém com essa afirmação...

Oh, Deus. Eu olhei. Eu não podia fazer nada além de olhar.

Jackie - as faces coradas, os olhos arregalados e fixos em Heller – estava a metros de distância de mim, perto da porta de trás da sala de aula. De repente, como se cutucada por trás, ela correu três linhas para baixo, deslizando para o único lugar vazio... exceto para o meu lado. Que teria sido mais perto.

Talvez ela não tinha visto. Ou eu.

Talvez ela tinha.

O que ela estava fazendo aqui?

Ainda bem que eu tinha passado por esta palestra três vezes e confortavelmente poderia regurgitá-la mais tarde para a minha sessão, porque eu não conseguia me concentrar em uma única palavra que Heller disse por toda a palestra de cinquenta minutos. Era tudo *blá blá blá* e palavras no quadro branco. Jackie não pareceu estar se saindo melhor, embora eu estivesse assumido que a razão de sua desatenção era completamente diferente do choque que eu tinha recebido ao vê-la. Ela não parecia olhar para cima sem olhar para a parte de trás da cabeça de seu ex, o que a deixou olhando para o quadro – caso Heller estivesse escrevendo ou não, ou fazendo diagramação de gráficos, ou na página vazia em seu caderno espiral - que permaneceu sem preencher por toda a palestra.

Ela estava lá para trancar, pensei, finalmente, relaxando. Isso é o que ela estava fazendo - trancando a classe. Ela chegou muito tarde para falar com Heller antes que a aula começasse, por isso ela iria ficar por aqui para pegar a sua assinatura no comprovante de trancamento depois que tivesse terminado. Reforçando a minha conclusão, ela desceu para a frente no final da aula (uma vez que seu ex tinha passado no corredor central - mesmo sem a

perceber). Depois de uma troca tranquila com Heller, ela esperou que ele conversasse com outros dois alunos, e depois seguiu para fora da porta.

Eu deveria estar aliviado. Não há necessidade de assumir qualquer outra responsabilidade por ela. Não há necessidade de enviar o e-mail que tinha escrito esta manhã.

Não há necessidade de nunca vê-la novamente.

Então, por que dessa convicção de que eu iria entregar algo insubstituível se eu deixá-la desaparecer da minha vida?

A resposta foi apenas uma outra questão. Que outra escolha eu tinha?

Assim como a festa de Halloween, eu a vi no momento em que ela entrou, tomando seu lugar na parte de trás da minha fila. Ela era uma força invisível, arrastando algo igualmente escondido de dentro de mim. Eu me perguntava no campo magnético que tinha conseguido criar entre nós, e se ela sentiria a força dele quando ela se moveu mais perto. Talvez tenha sido só eu que senti.

Ela estava com uma ruiva bonita que eu vagamente reconheci a partir da festa, quando elas chegaram juntos - Jackie em seu traje vermelho de diabinha-sexy e sua amiga vestida como um gatinho - orelhas peludas e cauda espessa, collant apertado ao corpo como um requisito... e óculos da vovó sobre a ponta do nariz. O que eu não tinha entendido, até que, um cara alto sem camisa em jeans e uma capa com capuz vermelho correu, pegou-a - literalmente - e levou-a para a pista de dança.

Sempre que chovia, as pessoas elegiam não sair do campus entre as aulas, e os alunos estavam sitiados na Starbucks. Serpenteando ao redor de dois monitores e ultrapassando a minúscula área de propriedade onde cada assento estava tomado, o fim da fila arrastou pelo corredor. A correria não mostrou nenhum sinal de diminuir. Eu não tinha tempo para me distrair, mas eu estava, observando Jackie e a amiga metros mais perto, um passo de cada vez.

Sua amiga se inclinou para fora da fila para verificar o tempo de espera e decidiu que não iria esperar. Eu pensei que elas ambas iam sair, mas ela

envolveu Jackie em um abraço e correu sozinha.

Jackie não tinha me notado, não que ela tivesse totalmente focado em alguma coisa. Seu olhar vazio vagou sobre os outros clientes ou olhou para fora da janela agora. Sua boca era uma linha reta, com uma expressão pensativa em contraste com o sorriso de dia chuvoso em meu caderno de esboços. Ao observá-la fez meu coração doer, como o órgão tivesse se conectado com seu estado emocional, ao invés de centrar na sua tarefa principal - manter-me vivo. Ela olhou para o telefone e olhou através de algumas mensagens ou página da web por um minuto ou dois, antes de retomar sua contemplação sem rumo, arrastando para frente, atrás de um cara alto que bloqueou sua visão de mim, o qual eu estava grato. Eu sabia que se ela instintivamente olhasse para cima e me visse agora, ela voltaria e iria para a saída.

Por fim, o cara na frente dela fez o pedido, pagou e moveu-se para a área de retirada.

— Próximo, — eu disse suavemente, despertando-a de seu devaneio.

Seus lábios se separaram, mas o que ela ia dizer acabou dissolvido. Um rubor inflamou sob a pele. Eu segurei seus olhos, que eu notei, agora que eu estava olhando diretamente para eles de perto, estavam um pouco vermelhos, como se tivesse chorado recentemente. Certamente Heller não a fez chorar? Por mais osso duro de roer como eu sabia que ele poderia ser quando necessário, eu não poderia supor que ele faria essa garota chorar porque queria trancar uma classe.

Meu coração apertou de novo, em sintonia com ela. Eu ficaria para sempre associado a essa noite em sua mente. Nada poderia eliminar esse fato. Eu a assustava ou a lembrava - de qualquer forma, do que ela queria escapar. Como eu poderia culpá-la?

A menina atrás dela na fila pigarreou, impaciente.

— Você está pronta para pedir? — Eu falei com ela, puxando-a de volta para onde estávamos. *Acabou.* Desejando que ela pudesse ler meus pensamentos. *Ele não está aqui. Nós não estamos lá.*

Ela, então, me deu o pedido, sua voz um distorcido murmurar que eu de alguma forma entendi. Eu o anotei em seu copo, juntamente com o seu nome, e me virei para ela. No ultimo sábado à noite, ocorreu-me que eu tinha a chamado *Jackie,* quando eu não tinha nenhum motivo para saber o nome dela, mas não havia nenhuma razão para fingir ignorância disso agora.

Quando olhei para cima, ela estava olhando para a minha mão direita - ainda envolta em uma leve camada de gaze. A maior parte do sangue de sábado à noite tinha sido dele, como eu disse a ela - mas não todo. Uma vez que eu cheguei em casa e limpei, eu poderia dizer o quão duro eu tinha batido nele pelos cortes, pele esfolada nos dois conjuntos de dedos. As lesões foram gratificante. A prova de que eu não tinha me segurado. Não é de admirar que ele tinha ido para o chão e lá ficou.

Anunciei a bebida e ela entregou seu cartão - o que eu tinha usado para entrar no dormitório. A menina sorridente sob o muro de proteção era incoerente com as expressões que eu a tinha visto usar ao longo dos últimos dias.

— Indo bem hoje? — Eu perguntei, não reconhecendo o significado enigmático até que as palavras estavam entre nós. *Droga.*

— Eu estou bem, — disse ela, com a voz ainda suave.

Quando ela pegou o cartão e recibo, meus dedos roçaram nos dela por sua própria vontade. Ela puxou a mão para trás como se eu tivesse a queimado, e me recordei como na noite de sábado, ela se certificou de que não me tocasse quando se moveu para entrar no dormitório.

Ela temia que eu a tocasse agora, ou cada indivíduo?

Eu queria ser o único a relaxá-la e desvendá-la, mostrar-lhe a gentileza e o respeito que ela não tinha recebido das mãos do pretensioso estuprador ou, francamente, seu ex.

Eu nunca seria este homem para ela, e eu era todos os tipos de idiota por esperar por isso.

— Obrigada, — ela disse, com os olhos confusos e desconfiados.

A menina atrás dela inclinou-se muito perto, iniciando sua ordem sobre

o ombro de Jackie, o que eu não tinha pedido ainda. Jackie se esquivou do contato físico. Reprimindo uma réplica para a menina impaciente e tomando o recibo, eu me lembrei que eu estava no trabalho, que estávamos ocupado como o inferno, e por mais que eu queria fazer todas essas pessoas desaparecem, não havia como fazê-lo.

Nossos olhos se encontraram mais uma vez antes que ela fosse engolida pela multidão do outro lado do balcão do barista, onde Eva trabalhava sua mágica com velocidade maníaca e olhos estreitos com ira para quem resmungasse sobre o tempo de espera. Quando Jackie pegou sua bebida, ela saiu sem olhar para trás, e comecei a me perguntar quantas vezes eu iria a perder de vista, certo que seria a última vez.

8

Landon

O dia começou uma merda e foi por água abaixo. Eu estava no meio do caminho para a escola quando a manhã úmida transformou-se em um temporal não previsto. Um minuto, minhas roupas pareciam como panos quentes e molhados no ar úmido, e no minuto seguinte, uma massa de nuvens rolavam, abriram e jogaram chuva na minha estúpida bunda o resto do caminho para a escola.

Quando eu empurrei pelas portas duplas, eu me amaldiçoei por não ter me virado e ido para casa no momento em que começou a chover. Eu não poderia ter estado mais encharcado se eu saltasse para o oceano, sapatos e tudo mais. As pontas do meu cabelo pingando em pontos fixos, como uma torneira que não iria desligar. Os pingos tornaram-se correntes que derramam da barra do meu capuz encharcado e de meu jeans para meus all-star. Eles guincharam e silenciavam quanto eu me arrastei pelo corredor.

Eu culpava o meu mau julgamento e sim, *o desejo* de ir à escola - uma primeira vez no ano passado e meio - em Melody Dover.

As duas primeiras semanas do nosso projeto, que tínhamos trabalhado em conjunto na sala de aula. E, juntos, quero dizer que nos sentávamos ao lado um do outro. Nós mal falávamos, não que eu poderia culpá-la sobre ela.

Eu tinha um telefone celular, mas não um computador, então ela escreveu *PowerPoint* embaixo de seu nome. Enquanto líamos sobre padrões climáticos e distribuição geográfica individualmente, comecei desenhando mapas e ela vasculhou a Internet para imagens. Finalmente, precisávamos nos reunir para começar a combinar nossas seções individuais, trabalhar na parte escrita e praticar a apresentação.

Ontem à noite, ela a contragosto me convidou para sua casa. Tomei banho e troquei de roupa antes de sair pela praia. O vento chicoteando o Golfo estava frio e seco, girando meu cabelo ainda úmido e transformando o topete em emaranhados. Ele folheou as páginas do bloco de notas que eu tinha usado para esboços topográficos, ameaçando rasgá-lo em pedaços e jogar meu trabalho dentro da água. Eu puxei meu capuz, braço travada ao longo do bloco de notas e as mãos nos bolsos, odiando Sra. Dumont e Melody Dover e qualquer imbecil que decidiu que geografia devia fazer parte do currículo da nona série.

Melody atendeu a porta de moletom rosa e meias brancas.

— Hey. Quer uma Coca-Cola ou algo assim? — Sem esperar por uma resposta, ela fechou a porta atrás de mim e entrou na casa.

Eu segui, pensando na palavra *ROSA* explicitada através de sua bunda. Eu arqueei uma sobrancelha ante o rótulo redundante enquanto encarei seus quadris finos, balançando suavemente, puxando-me junto até que eu percebi que tinha entrado em uma cozinha brilhante do tamanho da casa inteira do meu avô. Ela se inclinou para puxar dois refrigerantes frios de uma prateleira inferior de uma enorme geladeira e eu parei, olhando. *PINK* era minha nova palavra favorita.

Levando-me para a bancada de granito, ela me entregou uma lata e estatelou sua bunda perfeita em uma banqueta de bar com tampo de couro. Voltando-se para mim em seu laptop, ela indicou para o banco ao lado e sentei-me, lutando para mudar de marcha. Geografia possuía ainda menos fascínio do que tinha antes. Eu não tinha pensado que era possível.

Ela dizia as palavras, e eu não as compreendia. O vento deve ter mexido com meu cérebro. O vento, ou a palavra *rosa*. — Landon?

— Huh?

— Vamos ver os seus mapas. — O tom dela disse que não estava nada animada com a perspectiva. Abri o bloco de desenho para o primeiro mapa. Sua boca abriu. — Oh, meu Deus.

— O quê?

Seus cílios varreram para cima e depois de volta para baixo quando ela virou a página. — Uau. Você é... você é um artista?

Dei de ombros, lançando um suspiro de alívio.

Ela virou outra página. — Oh, meu Deus, — ela repetiu. — Estes são *incrível*. Estas imagens são pessoas minúsculas? E as árvores? Uau. — Ela lentamente folheou o resto deles, até que ela virou para uma página em branco. Então ela fez algo que eu não esperava que ela fizesse. Ela voltou para frente do notebook e abriu-o de novo.

Estendi a mão para ele, não querendo arrebatá-lo rudemente dela, mas apreensivo com sua avaliação dos meus esboços, que eu nunca tinha compartilhado com mais ninguém. — Uh, esses são todos os mapas...

Sua boca tinha caído ligeiramente aberta de novo, e ela balançou a cabeça um pouco, como se não pudesse acreditar no que estava vendo. Senti meu rosto esquentar quando o dedo atropelou um esboço detalhado de uma gaivota limpando suas penas, e, em seguida, um de vovô, dormindo em sua cadeira favorita.

Voltando a minha mão para o meu colo, eu esperei enquanto ela examinava cada desenho, até que ela voltasse para o primeiro mapa.

— Você devia me fazer.

Eu pisquei e limpei minha garganta, e ela corou ligeiramente.

— Uh. Claro.

— Quem é este? — uma voz de mulher então disse, surpreendendo a nós dois. Nós saltamos e eu quase caí da banqueta.

A mandíbula de Melody ficou apertada, mas sua voz era toda passividade. — Este é Landon, mamãe, ele é o meu parceiro nesse projeto geografia?

O olhar de sua mãe tomou conta de mim, e eu estava muito consciente das minhas roupas recicladas, meu cabelo desgrenhado, a faixas de couro do relógio barato em um pulso e a bandana cinza desbotada envolvida em volta do outro. — Oh? — Uma sobrancelha arqueou enquanto seus olhos, o mesmo verde

pálido de sua filha, virou-se para Melody. — Eu pensei que Clark estava em sua aula de geografia.

— Sra. Dumont atribuiu parceiros. — Um pequeno desafio. Além de claro, uma desculpa, *não é minha culpa ou escolha que ele é meu parceiro.*

— Hmm, — disse a mãe. — Bem. Deixe-me saber se você precisar de alguma coisa. Eu estarei em meu escritório outro lado do corredor. — Girando, ela desapareceu por uma porta que poderíamos ver a partir do balcão.

Melody revirou os olhos, mas desta vez, não para mim. — Eu juro por Deus, ela é *tal* uma dor na bunda. Pais enchem.

Eu sorri, ela sorriu de volta e meu coração gaguejou. *Droga.* Tão bonita. Tão fora do meu alcance. Tão namorada de outro cara.

Nós trabalhamos no projeto por duas horas, durante o qual ela mandou mensagem para Clark cinco vezes e foi chamada por duas amigas. Também fomos espionados por sua mãe a cada quinze ou vinte minutos. Finalmente, ela me acompanhou até a porta e olhou por cima do ombro enquanto eu puxei meu capuz. — Então, talvez... Eu vou caminhar até seu lugar na próxima vez? — Sua voz era suave. *Este* desafio era para ser um segredo entre nós. — Mamãe não pode andar sobre nós a cada cinco minutos lá. A menos que sua mãe seja pior? O que eu duvido ser possível.

Eu engoli em seco e balançou a cabeça. — Não. Quero dizer, *sim,* você pode vir.

Eu tinha apenas convidado Melody Dover para a minha casa - onde eu não tinha um quarto real? Eu era um idiota completo? Sim e *sim.* Mas eu não podia recuar. E eu não poderia ter a ideia dela no meu quarto, o que era realmente uma cama e nada mais - fora da minha cabeça.

Saltei da cama esta manhã, pela primeira vez meu telefone soou um alarme. A tempestade repentina acelerou o ritmo já corrido que eu coloquei quando eu saí pela porta, assim eu cheguei meio cedo - dez minutos antes do primeiro sino. Os alunos geralmente não eram permitidos dentro do prédio até o primeiro sino, mas estava chovendo. Eles pareceriam como completos idiotas

fazendo-nos estar do lado de fora.

Meus sapatos chiaram contra o linóleo, ecoando nos corredores quase vazios, e sem olhar para trás, eu sabia que eu estava, provavelmente, deixando um rastro de pegadas lacrimejantes. Meus passos eram estridentemente altas o suficiente, que eu não ouvi ninguém vir atrás de mim, e eu estava tão distraído sobre o pensamento do segundo período de geografia que meus instintos de auto-preservação habituais foram silenciados.

— Deu um mergulho no oceano, Maxfield, ou apenas se mijou?

Eu não parei ou virei, mas eu também não corri. Algo sobre animais raivosos e idiotas sedentos por poder que os fazia perseguir o que corre.

Ele pegou minha mochila e eu quase soltei e continuei, mas algo não me deixava ajoelhar tão longe. Eu empurrei para encará-lo e, claro, ele estava acompanhado por dois amigos. Ele estava quase tão molhado como eu estava.

— O que você quer, Wynn? — Eu parecia mais tranquilo do que eu sentia. Meu coração estava batendo, mas eu não estava tremendo visivelmente.

— O que eu quero? — Ele se aproximou, a alça da minha mochila ainda presa em seu punho, os músculos do pescoço salientes e suas narinas queimando como um touro prestes a correr. — Eu quero fazer você pagar pelo pequeno ato na aula de mecânica de carros. Eu quero trazer a dor e fazer você sangrar e chorar como a putinha que você é.

Apertei os olhos. *Ao inferno.* — Você pode ser capaz de me fazer sangrar, mas você nunca vai me fazer chorar. Chorar é para os covardes que não podem lutar sem a ajuda de suas *cadelas.* — Eu indiquei seus companheiros com um empurrão do meu queixo, e eles eriçaram. Um deles rosnou.

Em seguida, uma professora virou a esquina. Ela diminuiu um pouco, como se estivesse avaliando os detalhes da cena a partir de uma distância antes de julgar o que estava ocorrendo.

Wynn soltou minha alça e zombou. — Eu vou estar observando você, cara de cu. Não haverá sempre alguém para salvá-lo da surra que você merece. — Ele bateu em meu ombro enquanto ele passava.

LUCAS

Eu chequei meu e-mail, sem esperar nada importante. Principalmente, eu planejava me desfazer do email sobre Jackie trancando a matéria, isso deixou de ter importância. Eu apaguei mensagem, mas não pelo motivo esperado.

Dois e-mails se destacavam entre as dezenas de outros meio, como se tivessem sido destacados. Um era de Heller - linha de assunto: Jacqueline Wallace. O outro... era de JWallace.

Abri o de Heller do primeiro.

Landon,

A estudante acima referenciada está inscrita na aula de economia que você é tutor. Ela perdeu um par de semanas de aula, infelizmente incluindo a prova. Ela pretende salvar seu grau, e para esse fim, eu estou permitindo que ela substitua a nota da prova com um projeto de pesquisa (informações em anexo). Dei-lhe o seu endereço de e-mail e disse que ela deve contatá-lo para começar. Antes de seu senso de justiça te ultrapassar, o projeto vai requerer um pouco mais de trabalho do que o exame que perdeu, então ela não está escapando facilmente. (Nem eu, já que eu vou ter que corrigir a maldita coisa quando ela terminar. Ela aparentemente sofreu algo comparável ao recente problema de Carlie, porém, e depois de ver a minha filha se auto-destruir um pouco antes de finalmente lutar de volta à superfície, eu tenho uma simpatia renovada para os alunos emocionalmente perturbados.) Acho que ela vai precisar de tutoria individual para acompanhar o novo item antes do terceiro exame. Se ela não conseguir fazer o que eu pedi a ela, ela vai simplesmente receber qualquer nota que ela ganhar no final do semestre. Estou solicitando que você a ajude na medida em que seus deveres de tutoria se estende, mas ela deve

completar o trabalho sozinho. Esperemos que ela vá dar precedência à carreira acadêmica independente de algum garoto idiota no seu futuro.

CH

Re-li o email de Heller. Duas vezes.

Ela e Moore *tinham* terminado, mas ela *não tinha* trancado a matéria.

Ela já não era a namorada de Moore, mas ela era *ainda* minha aluna.

Ela quase jogou o material quando ela me viu do outro lado do balcão da Starbucks esta tarde, o que não exatamente indicava ter consciência de que o cara que espancou o atacante dela na noite de sábado era o tutor em sua aula de economia. O meu endereço de e-mail era um ambíguo LMaxfield.

— *Filho da puta*, — eu disse a Francis, ganhando um bocejar combinado com um miado.

Eu não deveria me importar. *Eu não deveria me importar.*

Mas eu fiz.

Caro Sr. Maxfield,

Dr.Heller me disse para entrar em contato com você sobre um projeto de pesquisa para a macroeconomia que ele quer eu conclua. Eu perdi duas semanas de aula depois de um rompimento inesperado, o que significa que eu também perdi a prova. Sei que não é desculpa para matar aulas, no entanto. Eu vou fazer o meu melhor para concluir o projeto e pegar o novo capitulo o mais rápido possível. Por favor, deixe-me saber quando você está disponível e as informações adicionais que você precisa de mim.

Obrigada,

Jacqueline Wallace

Eu atirei de volta uma resposta imediatamente, informando-lhe que eu não precisava saber as razões que ela tinha matada aula, e sugerindo quando e

onde nos poderíamos nos encontrar.

As coisas que minha resposta não deveriam insinuar, mas fizeram: (1) Fez-me soar como um idiota. Insensível, idiota superior. (2) Que eu não me importava que seu coração havia sido quebrado por um imbecil. (3) Estava assinado *LM*. (4) Me fez soar como um idiota.

Fechei meu laptop e caminhei ao redor do apartamento, ganhando um olhar feio do meu gato, que provavelmente nunca teve problemas com garotas, porque ele acreditava que era um idiota auto-suficiente que se recusava a tornar-se emocionalmente apegado. Eu aspirava isso desde que eu tinha dezesseis anos, e achava que eu era uma espécie de especialista.

Pulling to a halt, I realized I'd slid halfway down the rabbit hole before I knew I was falling. I didn't just want this girl. I *cared* about her. I'd wanted to destroy that guy Saturday night – I wanted to hit him until he'd never get up, and if she hadn't made a noise in the truck, I might have done just that.

Parando de repente, eu percebi que tinha deslizado no meio do buraco do coelho antes que eu soubesse que eu estava caindo. Eu não apenas queria essa garota. Eu me *importava* com ela. Eu queria destruir aquele cara na noite de sábado, eu queria bater nele até que ele nunca fosse se levantar, e se ela não tivesse feito um ruído no caminhão, eu poderia ter feito isso.

Puta que pariu.

Sentei-me de volta e reabri o laptop. Minutos depois, minha caixa de entrada soou um alerta.

Eu a tinha irritado. Isso estava claro. Ela me disse que ensinava no ensino fundamental, mas não disse o que ela ensinava. Em seguida, ela escreveu: Eu tenho certeza que posso recuperar o atraso no curso regular por conta própria. Ela assinou como *Jacqueline*, não *Jackie.*

Colocando short e uma T-shirt, eu avaliei e reavaliei cada nuance de sua mensagem, procurando uma abertura, um lugar para mudar de rumo. Meus pensamentos em uma confusão, eu amarrei meus tênis de corrida e corri escada abaixo. Gostaria de martelar o pavimento debaixo dos meus pés até que eu ou a

eliminasse de minha mente ou viesse com uma solução.

Eu não podia dizer a ela através de e-mail que eu era o cara da noite de sábado. Ela estava com medo desse cara, mas ela precisava de mim para passar em economia. Ela saberia assim que nós nos encontramos, é claro. Minha única esperança era convencê-la, como o tutor das aulas, que podia confiar em mim.

Mudei para *Jacqueline em* vez de *Srta Wallace,* sugeri um horário de reunião e acrescentei um pós-escrito: O que você ensina?

Seu próximo email chutou a minha bunda, por que iniciou com *Landon.* Ela deve ter conseguido isso a partir de Heller. Ninguém mais no campus me chamava pelo nome que eu tinha descartado quando saí de casa aos dezoito anos. *Merda.*

Concentrei-me no resto da sua mensagem, eu descobri que ela tocava um violoncelo. O pensamento de seus dedos mágicos persuadindo música de um instrumento que era mais ou menos da minha altura fez meu corpo apertar.

Eu precisava de outra corrida e um banho muito mais frio do que o que eu tinha acabado de tomar.

Depois de descobrir que coordenar facilmente os nossos horários não aconteceria, e no interesse de não assustá-la por completo, pelo menos, é o que eu disse a mim mesmo, eu me ofereci para lhe enviar as informações por e-mail e conduzir nossas sessões de tutoria on-line por agora.

Eu não lhe disse que eu usava Lucas, não Landon. Eu não disse a ela que eu estava observando-a, cautelosamente, por mais de dois meses. Eu não lhe disse que eu era o cara que tinha testemunhado o ataque que ela logo se esqueceria, e também o único que tinha parado. Eu não lhe disse que eu era o cara cujo toque a fez estremecer, mesmo através de um balcão no Starbucks, dois dias depois.

Conversamos por e-mail durante o próximo par de dias. Enviei-lhe o pacote de Heller, esclarecendo algumas coisas onde ele usava uma linguagem muito econômico para um estudante do primeiro semestre. Nós brincamos sobre sistemas de barganha universitárias onde a cerveja é a moeda para ajudar amigos

a se mover. Comecei a esperar seu nome na minha caixa de entrada: JWallace - e então veio quarta-feira de manhã, e a realidade desabou ao meu redor, com firmeza, e bem no alvo.

9

Landon

Eu estaria sozinho quando Melody viesse, porque o papai e o vovô tinham um compromisso na cidade para ver o contador do vovô, que papai se referia como um trapaceiro e um vigarista. Quando ele não estava chamando-o de algo muito mais ofensivo.

— Eu estive vendo Bob desde que você usava fraldas! — Vovô rosnou esta manhã.

— Então, ele teve várias décadas para pegar a sua parte de seus lucros, — Pai revidou. — É hora de cortá-lo.

— Eu não vou fazer nada disso! Talvez se você ficasse ao redor, você saberia que a maioria das pessoas não são criminosos, como o tipo que você encontra em *Washington*. — Quanto vovô estava preocupado, Washington era uma "fossa repleta de acordos escuros" e o fato que seu filho escolheu viver e trabalhar lá tinha o marcado. Não fiquei para ouvir a resposta do meu pai. Eu tinha certeza que eu já testemunhei este argumento. Várias vezes.

Peguei uma barra de cereais após beber algum OJ[{5}] do papelão, enquanto eles estavam ocupados demais um brigando com o outro para perceber e sai para a escola. Prestando atenção para Wynn ou seus amigos bandidos quando cheguei mais perto, eu abrandei quase a uma parada enquanto eu atravessava em frente à escola primária. A criança estava pulando fora da pick-up de sua mãe, mas ele julgou mal o meio-fio e tropeçou para a frente, inteiramente sobre o seu rosto. Sua cabeça bateu no chão, sua mãe gritou seu nome. Eu corri e fui direto para meus joelhos, levantando-o enquanto ele chupava no ar. Seu nariz estava jorrando sangue e a ponta estava arranhada, mas ele parecia bastante intacto, considerando. Sem corte na testa. Não há dentes no

chão.

— Oh meu Deus, Tyler, ohmeuDeus! — sua mãe disse, correndo para cima e puxando os tecidos de sua bolsa, os olhos arregalados. Ela bateu o tecido contra seu nariz, que lançou o gemido atrasado que estava segurando. Pulmões do garoto estavam certamente trabalhando bem.

— Tanto sangue! Oh, Deus! Eu deveria ter parado mais perto! — disse ela, tremendo e chorando, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Uh, eu acho que o nariz pode estar quebrado, você pode não querer apertar tão forte na ponte.

Ela arrebatou o maço de tecidos, com as mãos tremendo. — M... mas o sangue...

Peguei um par de tecidos dela e apertei-os debaixo do nariz do garoto. — Segure isso aí, cara. — Ele olhou para mim, mas obedeceu, afundando lentamente em soluços. — Você vai ficar bem. Eu quebrei meu nariz há alguns anos atrás, jogando hóquei. Aquilo foi uma sangrenta *bagunça* e eu quase dei a minha mãe um ataque cardíaco, mas eu estava bem. Não é grande coisa.

O garoto chegou mais perto de sua mãe, que o puxou para perto.

— Obrigada, — disse ela. — Sua mãe deve estar muito orgulhosa de você. Não são muitos garotos da sua idade teriam feito isso.

Eu balancei a cabeça e me levantei, murmurando: — Não tem problema.

No resto do dia me senti bastante tranquilo por me esquivar de Boyce Wynn e propositadamente não olhar para Melody Dover na sala de aula, mas ela sussurrou que andaria depois da escola. Hesitante sobre o sussurro e o sigilo, éramos parceiros do projeto, depois de tudo, eu deslizei um olhar para o seu namorado. Ele olhava do outro lado da sala, e Wynn sorriu como se ele soubesse que algo que eu não sabia. Não é uma expressão que eu queria ver nele.

Pouco antes das quatro horas, Melody bateu na minha porta da frente.

Deixei-a entrar, tenso a partir da consciência de como ela deveria ver o

lugar que o pai de seu namorado chamava de um barraco, uma monstruosidade e pior. Seus pais provavelmente se sentiam da mesma maneira. E seus amigos.

Eu estendi os meus materiais do projeto sobre a mesa da cozinha, na esperança de que ela não fosse perguntar sobre o meu quarto, mas esse plano fracassou. — Então, onde está o seu quarto? — perguntou ela, logo depois que eu ofereci um refrigerante para e ela me seguiu até a cozinha para pegá-lo. *Foda-se*, pensei, abrindo a porta da despensa e me preparando para o ridículo.

— Uau! — Os olhos dela se arregalaram. — Isso é tão *pequeno* ! E... aconchegante...

Ela pulou para a beira da minha cama, e meu coração bateu. *Melody Dover está sentada na minha cama*. Seus olhos percorreram sobre meus livros e romances, empilhados nas prateleiras. Ela virou-se para estudar a parede oposta, metade coberto de desenhos como os que ela folheou algumas noites antes, mas melhor.

— Esta é a coisa mais legal do mundo. É como esta... caverna do artista. — Ela sorriu. — Podemos trabalhar aqui? — Sem esperar pela minha resposta, ela pendurou a bolsa do laptop sobre a cabeça e se arrastou em direção à cabeceira da cama.

— Uh, claro...

Quando o papai e o vovô chegaram em casa, nós estávamos sentados lado a lado contra um monte de travesseiros, trabalhando na página de citações. Eles estavam discutindo, como se estivessem começado exatamente onde eu deixei esta manhã, como um filme em pausa. Meu rosto ardia quando cada um deles parou bem na minha porta e olharam com expressões espelhadas de choque. Pelo que pareceu uma eternidade, não disseram uma palavra.

— Farei o jantar, — Vovô eventualmente disse, virando-se. Pai resmungou e virou-se na direção oposta.

O olhar pálido de Melody deslocou-se da porta vazia para mim. — Então... sua mãe?

Eu balancei minha cabeça. — Ela... ela morreu.

— Oh. Isso é horrível. Foi recente? Foi por isso que se mudou para cá?

Eu balancei a cabeça, sem vontade de elaborar ou fazer contato visual ou falar. Minhas mãos estavam em punhos no meu colo. *Favor, não pergunte.*

Eu quase pulei para fora da minha pele quando ela colocou a mão no meu braço, exatamente sobre as pulseiras que eu estava usando hoje. Seus dedos roçaram o topo da minha mão. — Sinto muito.

Ela estava se desculpando pelo fato de que eu perdi a minha mãe, como todo mundo fez. Eu não poderia dizer, *Está tudo bem.* Porque não estava, e nunca estaria.

Mas eu não podia me lamentar sobre a perda da minha mãe com a mão suave da Melody na minha, suas unhas pintadas de um azul elétrico, metálico, como um carro esportivo. Eu não conseguia pensar em nada, exceto onde a mão descansava, e sua proximidade com outras partes, bem acordadas de mim. Dobrando os dedos, ela raspou as unhas ao longo das costas da minha mão e alguns centímetros de distância, o meu corpo respondeu, endurecendo ferozmente. Orei para que ela não pudesse ver. Eu estava com medo de me mover.

— Ela está ficando para o jantar? — Vovô disse a partir da porta, e ambos saltamos, separando as mãos. O laptop saltou em seu colo.

— Oh, não, obrigada. Eu tenho que chegar em casa em breve. — Seu rosto estava tão vermelho quanto o meu.

Então o namorado mandou uma mensagem a ela para perguntar onde ela estava, e ela mentiu e disse que estava em casa.

— Sinto muito sobre sua mãe, Landon. — Ela beijou meu rosto e inclinou-se, e todo o meu corpo pegou fogo. Era desconfortável e incrível, me paralisando como um dardo com ponta de veneno e me enchendo de chamas e brasas. Eu não conseguia pensar direito. Correndo para o final da minha cama, ela enfiou o laptop em sua mochila. Segui-a até a porta da frente, em silêncio, o beijo dela marcando no lado do meu rosto.

A luta, quando chegou, foi rápida e suja e sem ser testemunhada por

qualquer professor. Estava chovendo novamente durante o almoço, e eu não estava com vontade de ser banido do lado de fora, então eu tive a ideia fantástica de ir no laboratório de informática da biblioteca e conferir o PowerPoint que Melody tinha estado trabalhando. Nossa apresentação estava a dois dias de distância.

Dobrei a esquina e lá estava ele , com uma legião, um dos quais era Clark Richards. Líder idiota, Wynn e Rick Thompson, estava agindo como vigia.

— Ei, Maxfield. Hora de pagar suas dívidas, — disse Wynn, sem emoção, como se tivesse acabado de entregar um boletim meteorológico. Em seguida, o punho voou para o meu rosto, o movimento quase lento, mas assim eram os meus movimentos. Eu não poderia desviar de volta rápido o suficiente para evitar o golpe, e ele me pegou na mandíbula. Meus dentes bateram e fogos de artifícios explodiram atrás dos meus olhos.

Eu cambaleei para trás e ele seguiu. — Você me deu um soco na mecânica, filho da puta. Essa merda foi *não legal.* Apenas *tente* me bater, agora que eu estou prestando atenção.

Tive sorte e bloqueei o próximo soco, mas quando ele jogou um braço em volta do meu pescoço e me puxou para baixo em uma prisão, eu sabia que ele ia compensar. Torcendo de suas garras, eu me virei para a direita e bati o punho direito em seu queixo e no rim esquerdo, determinado a não fazer essa revanche fácil. Outro movimento de luta dele e eu estava de volta na merda. Ele algemou minha cabeça de lado e depois me deu um soco no estômago.

— Qual o problema, filhinho da mamãe? Inútil pedaço de merda esquisito. — Meus ouvidos zumbiam e suas provocações cresceram quase ininteligível, mas eu continuei dispensando-os como se estivesse à procura de um botão de pânico. — Papai nunca te ensinou a lutar, não é? Ele é tão marica como você? — Eu não poderia girar na posição correta para obter um controle sobre ele ou dar um soco, e eu perdi a conta de quantos ele desembarcou. — Talvez sua mãe precise de um homem real. Talvez eu devesse pagar-lhe uma pequena visita.

E lá estava.

Com um rugido, eu joguei ambos os braços abertos, quebrando seu aperto, e então eu liguei um pé atrás de seu tornozelo e o mandei espalhado para o chão. Saltando em cima dele, eu não me preocupei em segurá-lo imóvel antes de começar a usar as duas mãos para acertá-lo mais e mais. Eu não podia ver. Sons eram silenciados. Eu só podia sentir a raiva, e isso afogou todo o resto. Batendo em seu rosto e ao lado de sua cabeça repetidamente, os punhos ficaram dormentes. Eu queria bater até ele desmaiar, mas o crânio duro me impediu. Eu agarrei-o pelos cabelos e bati a parte de trás de sua cabeça no chão.

Ele resistiu com um rugido de sua autoria, balançando descontroladamente, um olho meio fechados e roxo já. Eu rolei e me levantei, respirando com dificuldade, mas antes que eu pudesse me lançar para ele de novo, Thompson sussurrou, — *Professores!*

Nossa briga ganhou uma audiência, eu notei então. Companheiros estudantes nos cercaram, inadvertidamente, nos escondendo de vista. Nós dois de pé, olhando um para o outro, lentamente endireitando, mas as mãos tensas nos nossos lados.

— Que inferno está acontecendo aqui?— Sra. Powell disse, empurrando completamente. — Lutar é uma ofensa para expulsão!

Sr. Zamora separou os espectadores e veio para ficar atrás dela quando Wynn, seu rosto golpeado como o meu, brincou: — Nós não estávamos brigando.

Estreitando os olhos, Zamora apontou para o corredor. — O escritório da Diretora. *Agora.*

Tentei me importar que eu estava prestes a ser expulso, mas não consegui. Verdade seja dita, levou todos os fragmentos de auto-monitoramento que eu tinha para caminhar calmamente em direção ao escritório, em vez de saltar para Wynn e reduzi-lo em pó.

Minutos mais tarde, todo o meu corpo estava começando a doer. Meu rosto machucado. Meus ouvidos estavam zumbindo. Meu estômago parecia que

eu tinha feito flexões durante quatro horas seguidas. Minha visão estava turva devido ao sangue no meu olho, que começou a clarear quando eu pisquei. Eu lutei com as náuseas quando Ingram olhou para nós do outro lado sua enorme mesa, onde nem um único arquivo ou mensagens da recepcionista ousava estar fora de ordem. Na superfície, o garoto ao meu lado parecia indiferente à ameaça sentada a metros de distância de nós, exceto que enfiou as mãos nos braços da cadeira.

— Há tolerância zero para lutas nesta escola. — Ela fez uma pausa, deixando afundar. Minhas úmidas mãos manchadas de sangue pressionado em minhas coxas e apertando forte, lembrando-me de ficar calado. — Eu suponho que vocês dois estão cientes desta política?

Eu balancei a cabeça. O idiota do meu lado deu de ombros.

— Wynn? Você acabou de dar de ombros em resposta à minha pergunta dita educadamente? Talvez você precise que seja dita em... termos mais compreensíveis?

— Não, obrigado. — Oh, cara. Esse cara era um idiota ainda maior do que eu imaginava.

Os olhos de Ingram estreitaram ainda mais, o que eu não tinha pensado que era possível. — Desculpe-*me?*

— Não, *senhora,* — ele murmurou.

— *Não, senhora,* eu não apenas observei você encolher os ombros, ou *Não, minha senhora,* você não está ciente da política? — perguntou ela, sabendo exatamente o que ele quis dizer, tentando levá-lo a dizer ou fazer algo com consequências de expulsão.

— *Não, senhora,* eu não preciso que isso seja dito em termos mais compreensíveis. *Sim, senhora,* eu entendo a sua política. Mas eu não estava lutando.

Levou tudo que eu tinha para manter meu queixo de cair. Se ele pensou que eu ia levar a culpa por essa merda sozinho, ele poderia pensar outra vez. Eu queria transformar esse olho roxo em um conjunto combinado, embora a

intuição chutou o suficiente para me avisar que essa reação com certeza iria me levar a ser expulso, algo que esta cadela queria por todo o ano.

A boca dela contraiu-se no tipo de ruga que alguém tem depois de chupar um limão. — Você não estava... lutando. — Seu tom de desprezo continha uma advertência clara. De alguma forma, eu sabia que Wynn não estaria dando-lhe atenção. — Então, por que todo o sangue e hematomas? — Ela se inclinou para frente, os lábios dela se estendendo até o início de um sorriso irônico.

— Eu caí da escada.

Seu olhar deve ter gelado por cima dele. — Você vive em um *trailer.*

— Eu não disse que eu estava em casa.

Seu olhar chicoteou para mim. — E você?

— Eu caí da escada, também. — *Graças a Deus,* como vovô diria, Wynn estava respondendo por nós dois. Eu estava tão ferrado. — Nós dois fizemos. Foi épico. Tenho certeza que está no YouTube agora.

Seus olhos não se moveram de mim. — Sr Maxfield? Se importa em dizer a *verdade?*

Não importa o que eu achava de Wynn, Ingram não estava do meu lado e eu sabia disso. Eu respirei. — Eu acho que nós fomos empurrados.

Seus olhos queimaram. — Por *quem?*

— Eu não sei. Eles estavam atrás de nós.

Houve um longo silêncio enquanto ela descobriu que nenhum de nós estava disposto a dar-se o outro para *ela* se beneficiar. — Vocês dois... — ela fez uma pausa para endurecer sua já afiada mandíbula -— devem seguir *as minhas regras* enquanto estiverem na *minha casa.* Se eu encontrar um professor que diga que eles testemunharam um único soco que estava sendo executado por qualquer um de vocês, eu vou atirar ambos, os vossos, cadáveres mal-educados de volta para as ruas, sem um momento de apreensão! Vocês. Me. Sentiram?

Mordi o interior da minha bochecha para não rir, porque um, eu não tinha dúvida de que ela não queria nada mais do que livrar-se de nós dois, o que

não era nada engraçado, e dois, meu lábio foi dividido em dois lugares e doía como um filho da puta, se eu sequer sorrisse. Mas uma mulher de meia-idade nos perguntando *Vocês me sentiram?* Mas que diabos?

Wynn, passando a mão em seu peitoral, falou 'Isso me parece familiar... você pensou em dar uns amassos?

Eu tossi-ri em meu punho, estremecendo com a dor. *Filho da puta.* Meu coração batia tão difícil quanto tinha quando eu balancei meu punho em seu rosto.

Seu rosto manchado, e tudo que eu conseguia pensar era que o dragão estava prestes a cuspir fogo. — *Saia.* Vou ligar para seus pais. Ambos vocês estão suspenso por uma semana inteira. Sentem-se na ante-sala até ser chamado. *Não. Conversem.*

Sob sua respiração, Wynn murmurou, — Merda.

Felizmente, ela não o ouviu sobre o meu — Sim, senhora.

Nós pulamos e saímos do escritório dela, cadeiras de lobby curvadas em disco que não fez nada para a minha dor nas costas. Eu esperava que Wynn estivesse doendo ainda pior do que eu estava. De frente para o balcão da recepção do escritório da diretoria, deixou uma cadeira vazia entre nós.

Eu não sabia o que papai iria fazer ou dizer. Ele mal falava comigo antes disso.

— Maxfield?

Surpresa, surpresa, o Wynn desafiou o comando *não fale* antes do primeiro minuto passar. Eu o ignorei.

— Sinto muito pelo que eu disse. Você sabe, sobre sua mãe. — Como se precisasse de explicação.

Coçando uma mancha de sangue seco na minha calça jeans, eu me perguntava se era meu ou dele.

— Foi uma coisa idiota de se dizer.

Olhei para ele, confuso. — Yeah. Foi.

LUCAS

Eu quase comecei a pensar em mim como duas pessoas diferentes, pelo menos quando Jacqueline estava em causa. Eu era o cara que tinha estado hipnotizado por ela durante semanas e havia lamentavelmente ganhado seu medo em salvá-la de um atacante, e eu era o cara que era o oposto de uma ameaça, gracejos e histórias por e-mail ao mesmo tempo a ajudando acompanhar as aulas.

Por um lado, eu queria que ela soubesse que eu era ambos o tutor da classe e o cara da noite de sábado. Principalmente, porém, eu gostaria de ser outra pessoa completamente. Alguém irrestrito por qualquer sensata linha ética e alguém desvencilhado da possivelmente pior noite de sua vida.

Em vez de entrar na sala de aula, quando eu cheguei, eu me inclinei na parede do outro lado da sala e esperei que ela aparecesse. Sem a pretensão de ser, eu era uma testemunha de algumas relutantes brincadeiras entre Kennedy Moore e Ivy. Apoiando-se na parede do lado de fora da porta, eles trocaram números de telefone e fotos de contato. O tempo todo ela riu. *Este* era o tipo de garota que este cara poderia pensar que substituiria *Jacqueline?* Havia muitas mulheres inteligentes neste campus, incluindo meninas do grêmio, se isso fosse a coisa dele, mas essa garota?

Não.

Eu virei meus olhos, e foi aí que eu notei Jacqueline, de pé no meio do corredor, observando-os. De sua postura tranquila parada e a dor em seu rosto, suas motivações para pular duas semanas de aula estavam muito claras. Não só ele tinha terminado o seu relacionamento sem aviso, ele não perdeu tempo seguindo em frente. Só um masoquista iria querer assistir isso em ação.

Algum idiota desajeitado esbarrou nela, e eu empurrei para fora da parede, quando a mochila dela deslizou por seu braço e bateu no chão. Ela se endireitou, torcendo para baixo quando eu peguei. Seus olhos brilharam para os

meus e eu não queria nada mais do que protegê-la de todas as lesões ou desconforto que ela chegaria a encontrar.

Tão não possível. Isso eu sabia.

— Cavalheirismo não está realmente morto, você sabe, — eu disse, deslizando a mochila de volta para o ombro dela.

— Oh? — Seu rosto tingiu-se de rosa. Estava fresco esta manhã, mas eu imaginei que esse rubor foi devido a sua vergonha, e não o frio leve de novembro.

— Nah. Esse cara é apenas um idiota. — Levantando o queixo em direção ao idiota que bateu nela, mesmo sem um pedido de desculpas adequado, eu não poderia deixar de olhar o idiota do ex na minha mira, também, antes de retornar a ela. — Você está bem?

Em seus olhos, eu li seu reconhecimento desta recorrente pergunta, e eu me odiava por constantemente lembrando-a daquela noite, mesmo que a última coisa que eu queria fazer.

Talvez ela não podia deixar de ser lembrada, não importa o que eu dissesse ou fizesse. Eu não precisava de algo para provocar meus pesadelos pessoais, afinal. Eles vieram de forma indiscriminada, independentemente do que eu fazia para evitá-los.

— Sim, tudo bem. — Sua voz era um sussurro quando ela olhou para a porta. Moore e sua candidata à próxima conquista tinha ido lá dentro, e ela moveu-se para seguir os seus colegas de classe. — Obrigada.

Seu *obrigada* me lembrou do dia chuvoso que eu segurava a porta para ela. A primeira vez que a tinha visto de perto, olhei em seus olhos, e admiti que eu a queria.

Droga.

Ela não olhou para trás ou percebeu que eu entrei na sala de aula atrás dela. A partir da última fila, inclinei-me para trás na cadeira e observei-a quando ela tomou notas do quadro branco coberto com novo material de Heller com a sobrancelha franzida, sua linguagem corporal gritava e, geralmente, *não*

entendia isto. Eu não deveria querer que ela precisasse de Landon Maxfield, mas eu sabia que ela estaria enviando-me um email mais tarde, e eu já estava antecipando as perguntas que eu queria perguntar a ela.

Então, inclinando-se para alcançar em sua mochila, ela diretamente olhou para mim.

Então, ela sabia que eu estava na classe, e onde eu sentava. Ela deve ter me notado na segunda-feira antes deu a ver de pé lá. Ela deve ter optado por não se sentar ao meu lado. Ela preferiu tomar um assento que lhe exigia pular sobre as pernas estendidas de um cara que dormia na sala de aula, pelo menos uma vez por semana.

Mas ela sabia onde eu estava, e ela estava curiosa o suficiente para olhar para trás. Eu tentei manter o meu nível de expressão, mas a borda da minha boca puxou em um sorriso, mesmo quando eu lutei. Ela chicoteou o rosto para frente, e não olhou para trás novamente.

Quando Heller encerrou o dia, eu andei para parte de trás, enquanto Jacqueline pegou suas coisas e virou-o para o cara ao lado dela.

Antes que eu pudesse escapar do prédio, um estudante me parou. Ela tinha estado dentro da classe de Heller na primavera passada, mas desistiu. Ela se inscreveu para tentar novamente, mas não estava fazendo nada melhor neste semestre. Ela nunca foi para as sessões de tutoria, e a única vez que ela pediu pela tutoria pessoal, ela queria se encontrar fora do campus. Eu disse *não* para isso, como tinha sido treinado para fazer.

— Portanto, não podemos nos encontrar no meu apartamento? — ela perguntou, como se não tivéssemos tido esta *conversa exata* alguns meses antes.

Eu suspirei. — Não... Desculpe. Tutoria somente no campus - Regras da Universidade.

Pegando uma mecha de seu cabelo longo e sinuoso em volta de seu dedo, ela fez beicinho, o lábio inferior para fora. Esse ato deve funcionar em alguns caras, ou seus pais, mas com certeza teve o efeito oposto em mim. Meu telefone tocou no bolso da frente da minha calça jeans. Jacqueline ainda não

tinha deixado à sala de aula, e eu queria sair do prédio antes que ela saísse. Isso não iria, provavelmente, acontecer, agora.

— Então, é uma coisa de tutoria de grupo? E isso dura uma hora?

Aquele cabelo enrolado apertado rodando em seu dedo, a garota na minha frente balançava de um pé para o outro, somando-se ao meu aborrecimento. Eu queria agarrar seus ombros e deixá-la parada de pé por trinta segundos enquanto eu ia embora. — Yeah. Dê uma as duas.

Ela perguntou o que eu estaria fazendo após a sessão de tutoria. Como se soubesse que eu não iria *tutorá-la* fora do campus... mas talvez eu estaria disposto para o jogo. *Jesus. Cristo.*

— Trabalho.

— Você está sempre trabalhando, Lucas.

Eu não conseguia lembrar da ultima vez que eu tive a sensação real de que alguém estava me observando antes, então eu não tinha certeza se isso é o que era. Talvez fosse apenas o fato de que eu sabia que ela poderia estar lá. Mas eu juro que minha pele e meus músculos contraíram aquecidos e minha respiração parou. Eu não conseguia manter meus olhos de levantar e parar em Jacqueline Wallace no meio da multidão de pessoas em zigue-zague pelo corredor, como se eu sabia onde exatamente ela estaria. Como se ela fosse a única pessoa naquele corredor.

Ela estava perto o suficiente que eu poderia ter levado quatro passos para alcançá-la. Eu sabia que ela tinha ouvido o meu nome. Agora, ela pensou que eu era *Lucas,* enquanto ela estava trocando email com *Landon.* Não havia nenhuma razão para ela conciliar os dois. Naquela fração de segundo, eu estava aliviado e, em seguida, totalmente revoltado comigo mesmo e, em seguida, rasgado bem no meio. Mais uma vez.

Antes que eu pudesse me mover, ela virou-se e desapareceu no fluxo de pessoas, e eu juro que a senti sair.

10

Landon

Eu caminhei até a casa de Melody para dar-lhe os mapas que eu tinha desenhado e as páginas de citações acabadas. Eu não levei em consideração como o meu rosto parecia antes de eu ir. Mesmo que eu tivesse tomado banho e limpado o sangue e o vovô tinha me remendado com um par de ataduras, meu lábio estava inchado e dividido. As contusões estariam lá por um tempo.

Seu irmão mais velho abriu a porta. Reconheci-o da escola. Ele estava no último ano, no conselho estudantil. Popular.

— Quem diabos é você?

— *Evan*, — uma voz de mulher disse, e o rosto de sua mãe apareceu atrás dele, franzindo o cenho.

— Ah... meu. Landon, não é? O que... o que você quer?

Evan não se mexeu. Ele estava olhando para mim enquanto sua mãe moveu-se para o seu lado, como se os dois estivessem me impedindo de entrar. O que eles estavam fazendo.

— Eu, uh, vim trazer isso para Melody. Para a apresentação. — Eu não tinha pensado nisso também. Eu não tinha mandado uma mensagem a ela para dizer que eu estava vindo. Eu queria explicar pessoalmente que eu não queria decepcioná-la. Que a única razão para esta consequência - a suspensão - me incomodava em todos os fatos.

A testa da Sra. Dover arqueou. — E você não pode simplesmente levá-lo para a aula si mesmo?

Eu balancei a cabeça, os olhos deslizando para o ombro. —... Eu não vou estar na escola sexta-feira.

— Eu entendo. — Ela suspirou como se esperaria nada diferente de

alguém como eu. Ela estendeu a mão. — Eu vou certificar que ela os receba.

Engoli em seco e olhei nos olhos dela. — Talvez eu pudesse vê-la? Ela vai ter que fazer a minha parte da apresentação, também. Devemos discutir o assunto.

Os braços dele estão cruzados sobre o peito dele, enquanto a mão dela permaneceu estendida, à espera deu entregar o que eu trouxe. — Eu não penso assim. — Seu sorriso era cheio de bondade mais falsa que eu já vi. Sua voz era de gelo. Ela não disse mais nada.

Entreguei-lhe a pasta e sai.

Quando eu voltei para a escola, uma semana depois, todos tinham voltado para seus lugares de costume em geografia mundial. Clark Richards sorriu para mim de sua cadeira ao lado de uma recuperada Melody. Melody não olhou para mim. As apresentações foram todas feitas, e Boyce Wynn e eu tínhamos recebido zeros. Sra. Dumont deu a nós dois um questionário para "compensar" a nota perdida, mas sem o conhecimento da matéria e nenhuma chance de estudar, eu falharia. Ela nos prendeu no corredor, sentado no chão, em lados opostos da porta, para fazê-lo.

Nós não deveríamos falar. Claro, Wynn quebrou esse comando como se fosse uma sugestão que eu poderia optar por seguir, ou não.

— Ei, Maxfield. Estamos fazendo uma coisa de fogueira esta noite, ao longo da entrada. O irmão mais velho de Rick - nós o chamamos Thompson sênior - arrumou alguma erva exta de um negócio, e ele está pagando Rick para fazer suas tarefas. Em *erva.* — Ele riu.

Olhei para ele e franzi a testa, como *E?*

— Estamos nos encontrando tipo as onze. Uma vez que o resto desta cidade perdedora é desligada, ninguém vai ver-nos para denunciar. — Os hematomas em seu rosto parecem como o meu. Amarelando. Quase se foram. Seu olho estava ainda um pouco fudido, e assim estava o meu lábio. Gostaria de saber se o convite era uma espécie de truque.

— Nós somos amigos agora ou algo assim? — Eu perguntei, olhando

para ele com ceticismo.

Ele deu de ombros. — Sim, por que não. Você, uh, sabe que Richards me pagou para fazer isso, certo?

Um milhão de pensamentos desordenados balançaram pela minha cabeça. — Não.

Ele sorriu. — Sim, ele descobriu que você tinha o seu pequeno pedaço de bunda em sua casa, e quando mandou uma mensagem para ela, ela disse que estava em casa. Imaginou que estavam para se pegar ou prestes.

— Então, ele *pagou* para me bate...

— O cara é um idiota rico, né? Fiquei feliz de ter o seu dinheiro. Verdade, porém, você meio que me irritou. Isso eu tenho que confessar, cara. — Eu inclinei a cabeça, pensando. — Então naquele dia na aula. Aquela coisa que eu disse sobre Brittney Loper antes que você me dar um soco direito, você gosta dela ou algo assim?

Eu olhava para o chão, com a cabeça. — Não. Realmente não a conheço. — Eu realmente não conheço ninguém. Eu pensei que eu estava começando a conhecer Melody, mas tinha sido uma ilusão patética.

— Então o quê? Porque *cara.*

Meu coração batia forte. Eu tinha que dizer isso. Estava preso na minha garganta, mas eu forcei para fora, um murmúrio irregular no corredor vazio. — Você disse que iria *estuprá*-la.

— O quê? — Ele franziu o cenho, confusa. — Isso é apenas uma expressão, eu não quero dizer nada com isso...

— *Significava algo.* — Olhei para ele. — É uma... uma espécie de palavra... gatilho para mim.

— Não me diga, — ele disse, e eu olhava para o chão entre os joelhos. — Ok, bem. Desculpe? Vou me lembrar que isso é a sua palavra gatilho, cara.

Ele não tinha ideia.

Saí de casa em torno de meia-noite, depois de papai e o vovô estava

solidamente dormindo, o que eliminou a necessidade de explicar para onde eu estava indo. O ar estava frio o suficiente que eu podia ver minha respiração, subindo na minha frente e curvando cima do meu ombro com cada passo que eu dava na praia. A entrada não era muito longe, e era impossível chegar sem passar através de praias particulares. Mais uma razão para que o pai de Clark Richardson queria a propriedade à beira da praia do vovô.

Eu ouvi, — Maxfiiiieeeeld, — quando eu dobrava uma saliência de rocha e deparei com a fogueira, que era mais como uma fogueira de acampamento, provavelmente no interesse de esquivar a atenção das autoridades locais. Havia menos de uma dúzia de pessoas em torno dela, porém, assim o seu tamanho era adequado. Surgindo a partir da areia, Wynn bateu na minha mão e bateu em meus punhos fechados como se nós fossemos amigos ao longo da vida, e eu deixei escapar um suspiro. *Não era emboscada.* Eu não tinha percebido que eu estava esperando por isso até que não aconteceu.

Havia uma lua do primeiro trimestre e o céu estava claro, e meus olhos se adaptaram completamente a semi-escuridão. Durante a caminhada. Reconheci algumas das pessoas lá - como Thompson, que estava rindo como uma hiena e batendo na coxa sobre algo um dos outros caras tinha dito.

Havia também meninas, e alguns delas estavam me olhando com curiosidade. Ou talvez elas estavam tão chapadas que eu poderia ser alguém ou alguma coisa.

Wynn jogou um braço sobre meu ombro. — Todo mundo conhece Maxfield?

Thompson projetou o queixo em minha direção. — Hey. — Como se não tivesse encorajado Wynn Boyce para bater a *maldita* merda fora de mim em um pouco mais de uma semana atrás.

— Vem sentar-se conosco, — disse uma das meninas. Ela e sua amiga, Brittney Loper, ela tinha os peitos do tamanho de melancia, estavam amontoados dentro de um grande cobertor que mais parecia um cachecol arrancado de uma de suas camas. Era floral, aveludado e cheirava a maconha, mas que era

provavelmente porque tudo cheirava a maconha. O cheiro doce, potente flutuava sobre toda a cena, uma nuvem pairava e dispersava, pairando e dispersando. Eu me perguntava seu eu teria que fumar um baseado para ficar chapado.

As meninas mudaram para o lado, convidando-me para sentar entre elas. Quando eu fiz, elas amontoados perto de cada lado, suspirando de contentamento e puxando para trás o cobertor sobre nós três. De repente, meu capuz estava um forno. Eu abri o zíper, e a moça à minha direita me ajudou a tirá-lo fora. — Oh, você está *tão quente*. — Suas mãos acariciaram meu antebraço e deslizou por dentro da manga da minha camiseta. Ela agarrou meu bíceps e eu fiz uma nota mental para começar a fazer flexões até à exaustão todos os dias, e não apenas três ou quatro vezes por semana.

— Eu sou Holly, por sinal. — Ela chegou mais perto e ofereceu o baseado, que eu tomei.

— Landon, — eu disse.

— Mmmm, — disse Brittney, como se o meu nome por si só era algo apetitoso. Ela pressionou seu peito contra o meu braço e meu corpo respondeu, como se soubesse, por experiência o que fazer a seguir. Ele não sabia.

Eu assisti Thompson tomar uma tragada de seu baseado, e eu repeti seus movimentos, depois eu tossi como se eu estivesse sufocando um pulmão. Ou morrendo.

— Devagar, Landon, — disse Holly. — Você não tem que puxar tudo para dentro de uma só vez.

— Isso é o que eu disse, — o cara perto de nós brincou, e o sangue no meu corpo não sabia se aquecia meu rosto ou continuava o endurecimento do meu pau.

— Você queria, — Holly disse a ele, soando mais divertida do que insultado, e o cara deu um tapinha em seu colo como um convite. Ela balançou a cabeça. — Eu estou bem aqui. — Quando ela olhou para mim, seus tufos de cabelos escuros subiam de uma ligeira rajada de vento, uma mecha solta em movimento em toda a minha boca e prendendo lá. Ela correu os dedos ao longo

do meu lábio inferior, puxando-o livre.

Isso é difícil.

Eu coloquei o baseado para meus lábios e puxei com mais cuidado, olhando para ela.

— Aqui vamos nós, — ela incentivou, levando-o de volta, colocando a boca onde a minha tinha acabado de sugar e um pouco mais profundo do que eu tinha antes de passá-lo para Brittney.

Pela próxima meia hora, nós três nos revezamos lentamente, com as mãos delas vagando sobre meus braços, peito e costas. Pressionando ocasionalmente em uma coxa. A menos que eu estava segurando o baseado, meus dedos escavavam na areia atrás de mim, porque eu não confiava no que eu queria fazer com as mãos.

Durante algum lugar dessa meia hora, Holly se inclinou e apertou a boca com a minha, só quando eu comecei a sentir que o chão debaixo de mim era um grande travesseiro macio, e tudo tinha silenciado, a conversa e risos ao redor de nós, as estrelas em torno de o céu, o som, nas proximidades das ondas na areia. Com sorte, eu a beijei de volta, esperando que eu estava fazendo um trabalho credível do mesmo. Ela lambeu meu lábio inferior e eu abri minha boca e minha língua tocou a dela. Agarrando meus ombros, ela deitou-se e puxou-me em cima dela. Brittney suspirou e abandonou o cobertor para nós, jogando-o sobre as nossas cabeças quando as nossas pernas entrelaçaram sob ele, e eu não tinha conhecimento ou cuidados de onde eu estava depois disso.

Algumas horas depois, eu tropecei em casa, comi todas as sobras na geladeira, cai na cama, e tive estranhos sonhos sujos borrados sobre as mãos e a boca de Holly em mim. Eu desliguei o alarme do meu telefone quando ele me alertou que era um dia da semana e hora de levantar. Tendo nunca faltado à escola, senti uma pontada de culpa. Mas eu estava muito cansado para ligar, e eu disse a mim mesmo que era apenas uma vez.

Forjando uma nota do Papai, eu apareci para terceiro período. Eu não queria perder a aula de mecânica, a única aula que eu gostava. Antes do almoço,

Wynn e Thompson me pegaram no corredor. — Ei, Maxfield, vamos. Thompson sênior disse que podemos nos empilhar na parte traseira de sua pick-up. Hambúrguer para o almoço, baby.

Após as últimas doze horas, indo para fora do campus para o almoço, que apenas veteranos eram autorizados a fazer, seria a menor das minhas transgressões. O Irmão mais velho de Thompson e dois de seus amigos sênior de Randy estavam na cabine do caminhão, ombro ao lado de ombro, enquanto Boyce, Rick e eu seguramos nossa preciosa vida na parte de trás, tentando parecer legal e fingindo que não seriamos jogados vinte pés para nossas mortes se Randy tivesse que pisar no freio, por qualquer motivo.

— Cara, eu ainda estou morrendo de fome, — disse Rick, devorando seu hambúrguer e batatas fritas grandes minutos depois.

— Aposto que Maxfield está precisando de algum combustível depois que Holly acabar com ele, — disse Boyce. Eles riram da minha expressão de boca fechada. — Cara, Holly gosta de iniciar novos caras. É como se fosse sua *coisa*. Nós todos estivemos lá, se você me entende.

Ah.

— Sim, legal de Holly, apenas *não* se apaixone por ela. — Rick colocou um punhado de batatas fritas na boca e continuou falando. — Ela odeia isso. Se você não for amolecer em cima dela, ela vai ser a sua pequena encantadora de serpentes por um tempo, cara.

Ambos gargalharam enquanto eu reagrupei. — Essa foi boa, cara, — disse Boyce para Rick.

As festas da fogueira eram a cada fim de semana e, às vezes, durante a semana, com um grupo de frequentadores mudando e pessoas de fora da cidade. Os fins de semana eram selvagens, mas nada louco bateu as férias de primavera. Sem se importar com o que os caras tinham dito, eu fiquei mais do que um pouco ligado em Holly, embora na escola, ela agisse como se fossemos apenas amigos e nada mais.

Na praia, no entanto, e chapada, ela se tornou minha primeira em tudo.

Depois vieram as férias de primavera. Era tudo sobre caras novos, sobre a praia, e Holly. Sua deserção machucou, por tudo o que eu tinha sido avisado de que o que tínhamos não era nenhuma relação.

— Holly recebeu um fora de Thompson sênior, ela é como... uma armadilha para turistas, — explicou Boyce.

Meu queixo endureceu, mas Rick riu. — Cara, a sério. Dissemos a você. Holly é a sua própria garota. Ela não faz essa merda sentimental de compromisso. Se você quiser uma firme, que tal *olhar em volta.* — Obedeci, olhando para as dezenas de meninas em biquínis, dançando ao redor do fogo, todo mundo bêbado ou drogado ou chegando lá. Mais do que uma delas mandaram olhares promissores no meu caminho. — Coloque suas novas habilidades em uso, homem.

Então vi Melody, em cima de uma rocha alta. Sozinha. Clark estava a 60 centímetros dela, cigarro em uma mão e lata de cerveja na outra. Conversando com um monte de caras, de costas era para ela.

— Oh, cara, não *ali.* — Boyce gemeu, mas já era tarde demais. Eu já estava me movendo em direção a ela.

Quando subi para a rocha, seus lábios se desfizeram. Ela olhou para o namorado, que não estava prestando atenção, e eu fiz um rápido e discreto exame dela. Pernas suave e pálida ao luar, elas esticaram para fora de seus shorts azuis bebê, e ela estava usando um pequeno top de biquíni acanhado debaixo de uma blusa branca fina. Seu cabelo loiro caía de costas em uma trança pesada, cachos soltos flutuando em volta de seu rosto. Como poderia Clark Richards ignorá-la era um mistério para mim.

Sentei-me ao lado dela, e nós vimos e ouvimos os acontecimentos logo abaixo.

— Você parecia meio entediada aqui em cima, — eu disse finalmente. — Quer ir para uma caminhada?

Seus olhos varreram para Clark, que estava de costas para ela. Ela assentiu com a cabeça. — Ok.

Eu peguei a mão dela para ajudá-la a descer, e ela soltou uma vez que atingiu a areia. Eu chequei atrás do meu ombro, mas ninguém nos seguiu. Caminhamos pela praia, e não demorou muito antes de nós já não conseguirmos ouvir a festa. Passeando pela minha casa, acabamos na frente da dela. Ela caminhou para o pátio lateral, onde havia uma estrutura de madeira que eu nunca tinha notado.

— Forte legal.

Ela virou-se para trancar e puxou a alça da corda na ponte levadiça, e fomos para dentro. Havia uma escada para uma plataforma que estava no topo, na minha cabeça, mas sem teto. — Evan e eu costumávamos jogar cowboys e índios com as crianças dos vizinhos, ou lutador/herói/dragão e princesa aprisionada. — Ela subiu, e eu segui.

— Quem era o dragão?

Ela sorriu e sentou-se, colocando tufos de cabelo atrás das orelhas e puxando os joelhos contra o peito. — O dragão era imaginário. Às vezes eu queria ser o dragão, apesar de tudo. Ou o herói. Mas Evan não me deixava.

Eu me abaixei perto dela e me deitei, com as mãos atrás da minha cabeça. — Isso parece mal. Eu não tenho uma irmã, então eu não sei como isso funciona. Mas se você quiser ser um dragão, você deve ser um dragão. — Pensei em Carlie Heller, que aos dez faria um dragão matador, e quem teria atirado seus irmão de doze anos de idade, - literalmente, em uma parede do castelo, se ele fosse sugerir que ela brincasse de princesa. A menos que a princesa empunhasse uma espada.

Melody olhou para as estrelas. — Sim, bem. Evan sempre foi basicamente um clone de Papai, mesmo quando éramos pequenos. Eles conseguem o que querem. Toda vez. — Ela fez uma pausa, suspirando, e eu queria colocar os dedos pelos cabelos e soltar a trança. Guiar a boca para a minha, beijá-la e fazê-la esquecer o cara condescendente que a tratou como lixo. — Minha mãe é realmente uma mulher forte para tudo, menos para o papai, — disse ela então. — Ela diz que é o que o casamento é suposto ser. É dar e

receber, mas se há desacordo real, o marido toma a decisão.

Pensei nos meus pais e em seu relacionamento. Meu pai nunca foi expressivo, mas ele estava completamente dedicado à minha mãe. Ela poderia ter pedido qualquer coisa e ele teria dado a ela, ou tentado. *O que você quiser, Rose.* Quantas vezes nos treze anos e meio tinha ouvido isso?

Ele sabe que eu nunca vou pedir-lhe qualquer coisa que pudesse machucá-lo, porque eu o amo, mamãe me disse uma vez. *Confio nele da mesma forma, porque eu sei que me ama também.*

— Ou o seu irmão mais velho? — Perguntei a Melody, que se deitou ao meu lado.

— Ou o meu irmão mais velho, — ela admitiu. — Ou o pai.

Eu podia ver como Clark Richards entrava nesse quadro mais claramente do que eu tinha antes. — Em outras palavras, homens.

Ela encolheu os ombros, me observando. — Eu acho.

Eu fiz uma careta e olhei para ela. Minha mãe era a pessoa mais bondosa que eu cheguei a conhecer, mas ela não teria tolerado que alguém tomasse decisões por ela, só porque eu era seu marido. Ou namorado. — Isso não parece certo para mim.

Ela sorriu. — Talvez não. Mas isso não importa agora. Eu não tenho que ser a princesa de ninguém se eu não quiser. Você pode perguntar a minha mãe, eu sou definitivamente um dragão cuspidor de fogo, se eu não consigo algo que eu quero.

Ela nem sequer via isso. Ela era a princesa prisioneira de seu namorado. Ela nunca mais seria o dragão ou o herói em sua história. Aqueles papéis já tinham sido pegos.

LUCAS

Como esperado, Jacqueline mandou email e pediu ajuda extra para acompanhar. Ela me agradeceu por traduzir as instruções do Dr. Heller, que poderia ser ininteligível. Seus alunos de pós-graduação poderiam segui-lo, mas muitas vezes eu perdia alguns dos graduandos. É por isso que ele me tinha.

Eu corrigi sua suposição de que eu era um major da economia, ligada as várias das planilhas que eu tinha criado para as sessões que ela não pôde comparecer, e terminei perguntando como seus alunos da orquestra tinha ido nas regionais. Depois acrescentei: por sinal, seu ex é, obviamente, um idiota, e apertei *send.*

O que no *inferno* eu quis dizer fazendo isso? Foi além da linha para dizer a qualquer aluno, em um *e-mail*, não menos, *a um outro estudante.* Independentemente se era verdade.

Eu respirei um suspiro de alívio quando ela não se referiu a isso com impróprio em sua resposta, apesar dela parecer acreditar que ajuda-la era um incômodo para mim. Eu queria convencê-la da injustiça dessa impressão. Tinha sido um longo tempo desde que eu senti o tipo de respiração de antecipação que vivia esperando por seu nome aparecer na minha caixa de entrada ou a visão dela na sala de aula. Ela era o oposto de um incômodo, infiltrando meus sonhos e roubando os meus desejos em vigília.

Ela me contou sobre seus dois estudantes calouros, cada um tinha encurralado em particular e perguntado qual era o seu favorito. Eu ri alto com sua resposta a ambos - Você é, é claro - e ela pergunta para mim - Isso foi errado??

Quando voltei as planilhas, apontando seus menores erros, eu confessei que uma menina da faculdade tocando violoncelo teria me tornado sem palavras aos quatorze anos. Fechei os olhos e imaginei como ela era, agora, ao lado do desastre que eu tinha sido aos quatorze anos, precisando de alguém para apenas *me ver.* Eu teria me apaixonado por ela imediatamente, e forte.

E caso você esteja se perguntando - sim, você é a minha favorita, eu adicionei ao final da mensagem.

Paquera totalmente inapropriada, mas eu não me importei. Eu queria que Landon a conquistasse, de modo que, quando ela descobrisse quem eu era, ela iria me perdoar por fazer parte daquela noite.

Isto estava condenado. Mas eu não podia parar agora mesmo se eu tentasse.

Turnos da tarde de sexta-feira eram muitas vezes monótono como o inferno, tinha sido dez minutos desde que tínhamos tido um cliente. Havia apenas dois de nós trabalhando no balcão. Se Gwen estivesse lá, eu teria acolhido anedotas auditivas sobre a dentição de seu filho ou cólicas pela centésima vez apenas para quebrar o tédio. Eu estava trabalhando com Eva, no entanto, que estava mandando mensagens de texto sem parar, criando planos de fim de semana e deixando-me por demasiado tempo ruminando sobre o meu dilema de Jacqueline Wallace.

Absorvidas na conversa, duas meninas caminhavam até o balcão vazio. Eu reconheci uma delas como a ruiva que tomaria café com Jacqueline na segunda-feira e, em seguida abraçou-a e correu para longe antes que elas tivessem chegado à frente da linha.

De suas camisetas com letras gregas, deduzi que eram essas meninas de irmandade. Apesar de sua presença na festa da fraternidade e de seu namorado, eu não tinha pensado que Jacqueline poderia pertencer também – mas era totalmente possível que ela estava em uma irmandade. Não que eu saia com essa multidão o suficiente para saber quem fazia ou não parte dela. Ou me importava.

Até agora.

Eva se aproximou do balcão, enquanto eu limpava a vasilha de descafeinado, inadvertidamente, escutando e incapaz de parar uma vez que ouvi o assunto de sua conversa.

—... Se Kennedy não fosse tão imbecil.

— O seu pedido? — Eva entoou, sem um pingo de afabilidade.

— Ele não é totalmente horrível, quero dizer, pelo menos ele terminou com ela em primeiro lugar, — a menina de cabelos escuros respondeu antes de

responder para Eva. — Dois venti magros de limonadas de chá verde gelado.

Minha colega de trabalho deu um soco nos botões de registrar e deu o seu total. Com alargadores em suas orelhas e mais piercings e tatuagens do que eu tinha visto em uma menina em anos, Eva não era um fã de irmandade. Eu não tinha certeza se ela tinha uma razão. Se assim for, ela não tinha compartilhado comigo. Imaginei que a gente fosse legal, porque ela assumiu, como a maioria das pessoas faz, que o meu próprio piercing visível e tatuagens significava que eu era igualmente anti-social. Suponho que isso era verdade... Eu só passei a ter uma fraqueza por uma particular garota socialmente ativa.

Eu me perguntava o que Eva poderia fazer se algum bonitão garoto de fraternidade se afeiçoasse por ela e ficasse a perseguindo.

Ela provavelmente iria esfaqueá-lo primeiro e perguntar depois.

— Eu discordo, — disse a ruiva. — Ele é uma porra de um completo idiota. Muitas vezes eu vi isso, mesmo que ela não o fez. Ele tomou a *estrada melhor* em sua mente porque terminar com ela antes dele foder por ai desculpou-o de toda a responsabilidade por quebrar seu *coração.* Eles estavam juntos há quase três anos, Maggie. Eu não posso sequer compreender estar com alguém por tanto tempo.

Maggie suspirou. — Sério. Eu estive há três semanas com Will, e se ele não estava pairando como um...

— Seu *cartão,* — Eve interrompeu com repulsa, e eu escapei daquela foto mental demasiada clara de *Will,* quem quer que ele fosse. Obrigado Cristo.

— Eu ficaria entediada. Quero dizer, Ele é mais doce do que o chocolate, mas ugh, quando ele começa a falar. Zzzz.

A amiga de Jacqueline riu. — Deus, você é uma vadia.

Eu puxei a limonada da geladeira enquanto Eva bombeava xarope em uma coqueteleira.

— Sim, sim. Meninas agradáveis *nunca finalizam.* Falando nisso, o que vamos fazer sobre Jacqueline?

Sua amiga suspirou. — Hmm. Bem, ela deixou cedo a festa na semana

passada, de modo que foi um grande fracasso, mas foi provavelmente porque Kennedy foi imbecil ficando com Harper diretamente na frente dela. Harper tem estado atrás dele desde a primavera passada, tenho certeza que ela armou para pegá-lo. Deus. Eu nunca deveria ter levado J para aquela porra de festa...

Eve deslizou suas bebidas por cima do balcão, revirando os olhos, que passou despercebido. Pegando o canudo através das tampas, se viraram para ir, continuando a conversa.

— Devemos nos vestir como *sobremesa* e levá-la em algum lugar que Kennedy não estará, de modo que ela possa levantar seu humor.

Quando a ruiva sugeriu um conhecido clube por tocar musica ruim, tocavam todos os top 40 existente, eu sabia que tinha atingido um novo nível de idiotice pessoal, porque eu estava indo. Eu tinha que vê-la em terreno neutro, e eu estava disposto a suportar quase qualquer coisa para fazer isso acontecer. Mesmo a música pop.

Eu mal olhei para ela na aula de hoje, tentando lutar contra a atração que eu estava sentindo semanas antes deu me tornar o cara que a impediu de ser estuprada em um estacionamento. Eu tinha sido o seu salvador naquela noite, sim, mas eu testemunhei também a humilhação que ela ainda devia sentir. Eu estava eternamente ligado à noite, um lembrete inevitável disso.

Estava claro como ela pensava de mim agora, evidenciado pelo choque nos olhos arregalados no rosto corado quando eu perguntei se ela estava pronta para pedir na segunda-feira. Evidenciado em seu rápido: — Eu estou bem, — quando eu perguntei se ela estava bem. Evidenciado na forma como ela puxou a mão de volta quando eu lhe entreguei o cartão e meu dedo roçou no dela.

Mas então ela olhou para mim na sala de aula na quarta-feira, e a esperança que eu sabia que deveria desencorajar reacendeu. Era um brilho opaco no fundo do meu coração, que de alguma forma essa garota era para ser minha. Que eu estava destinada a ser dela.

Evitar teria sido a coisa certa, mas onde ela estava envolvida, todo o pensamento lógico era inútil. Eu estava cheio de desejos irracionais de ser o que

eu nunca poderia ser novamente, para ter o que eu nunca poderia ter.

Eu queria ser inteiro.

Observando de longe, enquanto suas amigas pressionavam bebidas em sua mão e a encorajavam a dançar com qualquer cara que perguntava, eu suspeitava que ela não tinha contado sobre aquela noite a elas. Trouxeram-na aqui e elas a empurraram para os braços de caras novos para superar seu rompimento, e não para se recuperar de um ataque. Sorrindo e fazendo movimentos bobos de dança, eles persuadiram sorrisos dela, e eu estava contente de ver a felicidade em seu rosto, não importando quem o colocou lá.

Eu sabia que deveria deixá-la sozinha. Ela era uma isca que eu não podia resistir, embora ela não tenha como saber. Não há nenhuma forma de saber que eu assisti a sua relação desmoronar de uma distância segura. Não há forma de saber que eu estava tão atraído pelo senso de humor e inteligência que ela revelou em nossas trocas de e-mail, que eu estava tão cativado por esses movimentos que fazia com seus dedos quando sua mente estava na música e não o que estava acontecendo ao seu redor.

Seu ex a tinha repreendido por sua falta de atenção para alguns rabiscos que ele estava fazendo, e eu queria socá-lo na garganta. Que idiota ele era, para tê-la por tanto tempo e de alguma forma nunca ter a *visto*.

Eu terminei minha cerveja e desocupei meu assento no bar, dividido. Eu não queria trair a fé de Charles em mim. Esta não era a minha cena, por isso não havia como negar o conhecimento de que eu estava lá para *ela*, em desrespeito deliberado pelo fato de que ela era minha aluna. Gostaria de me manter nos cantos do clube e ir direto para a porta. Ou apenas dizer Olá e sair.

Eu andei por trás dela, notando que ela estava em suas botas de salto alto. Mesmo assim, me elevei sobre ela. Acariciando um dedo sobre a pele macia de seu braço, eu sabia que toda a pretensão de lutar contra esta atração era inútil, pelo menos nestes momentos. Eu vagamente notei suas amigas, ambas de frente para mim, mas não conseguia tirar os olhos de seu ombro nu o tempo suficiente para reconhecê-las.

Jacqueline virou, e meus olhos foram atraídos direto para o decote de sua blusa. Santo. Inferno. Eu bati o meu olhar de volta para seu rosto.

Sobrancelhas levantadas pela minha rápida, mas flagrante inspeção do seu peito, ela parecia prender a respiração, e eu me deixei ser pego pelo seu olhar hipnótico. Eu queria que ela confiasse. Eu não merecia isso, mas eu queria. Esta não era hora de ser desviado pela *sobremesa.*

Ela ainda não soltou a ingestão de ar, enquanto eu recordava as nossas trocas de e-mail, a admissão cômica que seus amigos trocavam o uso de sua pick-up por cerveja, e o jeito que ela falou sobre seus alunos, meninos que deveriam estar apaixonados a cada aula de música. Eu não conseguia parar o sorriso estúpido de ocupar toda a minha cara, mas eu não era o que que tinha compartilhado com ela essas trocas.

Maneira de não ser assustador, idiota.

Inclinei-me, com a intenção de ter um momento para me recompor, bem como evitar de gritar o *Olá* que eu queria dizer antes de sair. Ao invés de expressar uma saudação inocente, eu encontrei-me afogando em seu perfume - a sutil madressilva que se tinha gravado em meus sensores olfativos semanas atrás naquele dia chuvoso. *Tão doce.* Meu corpo se esticou e, com enorme esforço, murmurei em seu ouvido: — Dance comigo?

Eu me afastei, olhando para ela. Ela não se moveu até que sua amiga enfiou um dedo em suas costas e deu-lhe um empurrão firme em minha direção. Ela estendeu a mão quando cheguei para frente para levá-la, e eu acompanhei-a até a pista de dança, dizendo a mim mesmo, *apenas uma dança. Apenas uma.*

É. Isso não aconteceu, tão pouco.

A música era alta, mas lenta. Enquanto eu estava a observando, ela recusou convites para dançar todas as músicas lentas. Ela se encolheu do toque de cada indivíduo, quase imperceptivelmente, mas nenhum deles parecia notar. Talvez o álcool havia nublado os sentidos deles. Mais provavelmente, eles simplesmente não sentiram sua ansiedade afinal, e não saberiam de seus

motivos. Eles não tinham o meu conhecimento do que ela tinha experimentado. Além disso, anos de artes marciais tinha me treinado para discernir as mais básicas das reações físicas. As dela eram claras para mim, assim como as suas origens.

Eu odiava o medo que o idiota tinha instilado nela, e eu queria dissipá-lo.

Quando nós dançamos, levei as duas mãos, delicadamente, e as reuniu nas costas. Seus seios roçavam meu peito e levou cada pedaço de força de vontade para não esmagá-la mais perto. Ela moveu-se perfeitamente comigo, fechando os olhos. Ganhar esse fragmento de confiança dela só me fez querer mais.

Ela balançou, provavelmente mais afetada pela tequila barata da meia dúzia de margaritas que suas amigas tinham fornecido a ela do que estar no círculo de meus braços. Quando eu soltei as mãos para manter seu corpo mais firme, ela agarrou a meus braços como se estivesse caindo. Avançando para cima, aquelas mãos rastreado um caminho lento para de fixarem por trás do meu pescoço, e eu esperei os olhos a piscarem abertos. Ela ergueu o queixo, mas seu olhos permaneceram fechados até que ela estava totalmente pressionada contra mim - e então eles se abriram, e ela olhou para mim.

Ela engoliu em seco como se estivesse convocando coragem e estendeu mais perto, a curiosidade em seus olhos desprotegidos e a testa levemente enrugada. Ela não me conhece, fato evidenciado pela pergunta: — E-Então, qual é o seu curso?

Ah, porra.

Eu não estava pronto para essa fantasia terminar - e que iria acabar, assim que eu dissesse a ela que eu era o cara que ela estava enviando e-mail toda a semana - o seu tutor, que não deveria tocá-la assim, imaginar maneiras que eu realmente queria tocá-la.

— Você realmente quer falar sobre isso? — Eu perguntei, sabendo que ela não queria. Era apenas uma abertura para mais. Mais do que eu poderia dar.

— Relutante a falar sobre o que?

Isso era o que você tem, quando você se tornava muito arrogante sobre quão principiante você era, andando em linha reta e estreita. Você bateu direito em uma coisa que você não poderia ter, só porque isso cruzou o seu caminho enquanto você estava focado em sua integridade toda poderosa. Jacqueline Wallace não era minha para tomar, e suas necessidades não eram minhas para descobrir e cumprir.

— Relutante em *não* falar, — eu disse, querendo uma fatia de tempo com ela, intocada pelos segredos entre nós.

— Eu não sei o que dizer, — disse ela, com um leve rubor em suas bochechas. Mas ela não soltou. E ela não se afastou.

Eu puxei para mais perto ainda e me inclinei para inalar o cheiro dela novamente, mais profundo para gravá-lo na memória. — Sim, você sabe, — eu respirei, meu lábio apenas passando a pele macia atrás da orelha. Ela engasgou gratificantemente, e eu não poderia decidir se essa reação era encantadora ou a coisa mais injusta que eu já tinha ouvido. — Vamos apenas dançar, — eu disse, prendendo a respiração, à espera de sua resposta.

Ela balançou a cabeça uma vez quando uma outra canção começou.

11

Landon

Quando eu comecei a acumular detenções por atrasos por estar dormindo e minhas notas começaram a escorregar, as consequências que eu tinha esperado não aconteceram. Eu pensei que papai ira tentar me castigar ou gritar comigo. Eu pensei que ele definiria uma reunião de pais com a Ingram ou tiraria a minha mesada. Mas nada mudou.

Às vezes, vovô resmungava para mim, mas a maioria de suas queixas acontecia quando eu não executava em dia as tarefas, assim que eu descobri como mexer na máquina de lavar e ajudar a cozinhar, e eu mantive a maior parte da minha porcaria enfurnado no meu quarto.

Durante o jantar uma noite, meu avô disse: — Você precisa aprender uma vocação, filho. Poderia muito bem ser pescar, o que com o Golfo é tão útil e tudo mais.

Quando ele colocou uma colher de batatas para o prato, papai fez uma careta, mas não o contradisse, o que era estranho. Assim, quando o verão chegou, eu estava convocado para trabalhar no *Ramona* - nomeado para a minha avó. Acordar cedo era uma droga, porque a maioria das noites eu festejava na praia com os caras e cambaleava em casa tarde, não mais me preocupando em entrar e sair escondido. Eu só tinha três ou quatro horas de sono antes de vovô me acordar, o que ele tinha começado a fazer com uma panela e colher de servir quando o meu alarme não fazia a mágica. Nada ecoa como uma panela de metal em um quarto minúsculo, sem janelas.

Meu pai nunca teve um dia de folga. Ele foi gradualmente transformando o negócio comercial de pesca do vovô em apenas excursões de pesca e de turismo fretado, criando um site débil com fotos de turistas ricos em

frente à *Ramona,* mostrando as suas capturas - caras dispostos a pagar milhares de dólares para passar um dia bebendo e apontando para uma vara ligado ao navio sempre que balançava um pobre peixe mordendo a isca. Durante todo o verão e no outono nós transportamos pescadores qualificados ou não para os melhores lugares para jogar suas linhas na baía ou na costa kingfish - pais e filhos ou casais que se casaram ou que passaram o dia preso e chateado um com o outro, executivos de elite que vieram sozinhos ou trazidos por clientes VIP, rapazes de fraternidade que faziam mais beber, xingar e reclamar que pescar.

Eu colocava iscas nos ganchos, enchia os tanques de suprimentos, limpava e eviscerava, limpava o convés, e tirava fotos. Até o final do verão, eu estava mais moreno, mais forte, e pelo menos dois centímetro mais alto do que o meu avô, menos o cabelo branco fino flutuando acima de sua cabeça como neblina contado como altura. (Vovô alegou que contava.)

Vovô quase ficou desequilibrado quando papai acrescentou cruzeiro para casais no pôr do sol, passeios para visualizar golfinhos para famílias e excursões para ver pássaros grou-americano para grupos de velhinhas. O dinheiro aumentou, e a carga de trabalho era mais fácil - especialmente comigo para o trabalho livre, então não havia muito que ele pudesse protestar.

— Eu estava pensando.

Eu temia Boyce prestes a se transformar em filosófico, e eu estava muito cansado para essa merda. Eu só tive uma cerveja antes de quase cair no sono enquanto saia com uma garota sexy que iria embora amanhã, então eu decidi parar de beber antes deu acabar de cara na areia. Boyce parou em solidariedade ao fato de que nós fomos os únicos em nosso grupo que trabalhamos nossas bundas durante o dia. Eu no barco, ele na garagem de seu pai. Carregamos cadeiras de praia surradas para o surf, para escapar dos outros, que poderiam ser idiotas irritantes, especialmente quando eles estavam drogados e nós não estávamos.

— Perigoso, Wynn.

— Ha Ha

Eu me concentrei nas ondas frias que dobravam sobre os meus pés, o incessante zumbido e a quebra da água. A maré ainda estava aumentando. Se permanecermos neste local, estaríamos na cintura por meia-noite.

— *Eu estava pensando* que eu nunca te vi sem seus pulsos cobertos.

Eu tentei não reagir, mas as minhas mãos apertaram nos braços da cadeira de alumínio. Tão bronzeado como eu estava, meus pulsos eram brancos como a minha bunda - eles nunca viram o sol. Nunca. Enrolei-os em bandanas e pulseiras ou o relógio que eu raramente usava mais. Ninguém aqui nunca tinha notado o fato de que tudo isso estava mascarando algo mais. Pelo menos, eu tinha assumido que eles não tinham.

Virei a cabeça para olhar para ele. — E?

Ele mastigou um pouco de pele seca em seu lábio. — Eu estava pensando que você poderia provavelmente começar tatuagens para cobrir - você sabe - o que você está... escondendo. — Ele deu de ombros, fechando os olhos.

Eu olhava refletindo sobre a ondulação da lua sobre a água e senti minha insignificância no meu núcleo. Nada era importante o suficiente para lutar - nada mais que a necessidade de manter o meu passado empurrado longe demais para sentir. Não havia mais nada a ser feito com isso. Não existe nenhuma outra maneira de evitá-lo.

Eu nunca tinha considerado sua ideia, que parecia anormalmente genial para Boyce. — Eu não tenho que ter dezoito anos?

Ele riu, baixo. — Não, homem, você não me conhece? Eu conheço uma menina que vai fazê-lo.

— Eu não sei. Talvez.

Ele deu de ombros. — Deixe-me saber. Vou arrumar isso.

O nome dela era Arianna, e ela estava em seus vinte e poucos anos. Um braço tinha tinta colorida, e o outro tinha apenas duas linhas de uma frase em seu antebraço interior que dizia: *Novos começos chegam muitas vezes disfarçados de finais dolorosos ~ Lao Tzu.* Nós viemos uma hora depois do estúdio fechado, já que eu não tinha idade suficiente para fazer uma tatuagem sem a aprovação dos

pais.

— Se você quer a tatuagem com intenção de cobrir as cicatrizes, como uma cortina de fumaça, em seguida, o tecido cicatrizado é coberto. Mas você também pode incorporar as cicatrizes no projeto - deixá-los dentro dos espaços negativos. Elas estariam escondidas à vista de todos - como camuflagem. Ela examinou meus pulsos, virando-os para lá e para cá e escovando os dedos em todo o tecido rosa desfigurado. Eu me sentia enjoado e exposto, mas eu não podia me mover. Boyce estava estranhamente silencioso. — Nós também poderia tatuar toda a volta. Fazer parecer pulseiras.

Eu balancei a cabeça, gostando da ideia. Nós verificamos alguns projetos de um álbum antes de eu puxar uma folha de papel do meu bolso de trás. — Um. Esbocei um par de pensamentos... Eu não sei se você pode usá-los.

Ela desdobrou o esboço e sorriu. — Eu posso absolutamente fazer isso, se é o que você quer.

Eu balancei a cabeça.

Ela desenhou e transferiu os dois projetos sobre a meus pulsos - um para a direita, um para a esquerda, e depois preparou o equipamento e tirou as luvas de látex. Doeu demais, mas era uma dor suportável. Boyce estava tão assustado - eu assumi a partir do sangue, embora o fato que meu sangue estava por todo os punhos dele há alguns meses não preocupou - ela ordenou-lhe que fosse se sentar na sala de espera até que nós terminássemos.

— Então por que você está fazendo isso? — Eu cerrei os dentes enquanto ela trabalhava sobre o osso ao lado do meu pulso, e tentei não pensar sobre a agulha me esfaqueando repetidamente. — Para mim, o que quero dizer. — Sabia que Boyce tinha contado. Ela não tinha piscado um olho quando eu removi as bandanas.

Seus olhos não vacilaram de seu trabalho. — Porque ter a capacidade de fazer a minha pele minha própria novamente salvou minha vida. — Ela limpou o sangue e examinou a ligação que ela tinha acabado de preencher. Seus olhos encontraram os meus. — Alguns de nós podem começar a curar o dano que

pessoas fizeram para nós por escapar da situação, mas alguns de nós precisamos de mais do que isso. Tatuagens que fazem declarações precisam ser feitas. Ou escondem as coisas que não são da conta de ninguém. Suas cicatrizes são feridas de batalha, mas você não as vê dessa forma. Ainda. — Ela bombeou a máquina de volta à vida com o pé.

Eu senti a picada da agulha queimando quando ela começou um outro elo. — Essa tinta fará com que sua pele seja sua novamente. Talvez algum dia, você vai ver sua pele não é você. É apenas o que abriga, enquanto você está aqui. — Ela fez uma pausa, quando um rolo de arrepios correu sobre mim. — Você é uma alma velha, Landon. Idade suficiente para tomar essa decisão. Assim como eu tinha.

Fui para casa com curativos redondos em ambos os pulsos e instruções de cuidados rigorosos. — Isto é como uma própria ferida, — ela me avisou. — Não, *não*, obtenha uma queimadura solar em cima dela.

Para o resto do mês, eu as guardava escondido, como sempre. Quando o sol tocou a pele nua de meus pulsos, pela primeira vez em quase dois anos, eu me senti nu. As reações da maioria das pessoas que eu conhecia era alguma variação de *Tatoos legais, homem.* Algumas pessoas assumiram que eu estava escondendo-as sob as bandanas durante todo o tempo, o que me fez rir. *É. As tatuagens são o que eu tenho escondido.*

As meninas pensavam que eram sexy. Às vezes elas perguntaram: — Doeu?

Eu dou de ombros. — Um pouco.

Papai e Vovô tiveram reações semelhantes - um flash rápido dos olhos para a tinta quando foi notado. Um grunhido de desaprovação. Não houve palavras faladas.

Minha próxima tatoo não cobria uma cicatriz - não um visível. Arianna colocou uma rosa diretamente sobre o meu coração. Eu não precisei adicionar o nome dela, *Rosemary Lucas Maxfield,* para dizer quem ela imortalizava. Papai não precisava do nome dela, também. Seu rosto manchou de roxo a primeira vez

que entrou na cozinha e me viu em meus shorts e sem camisa. Ele olhou para a tatuagem, ainda nova e brilhante com a medicação, e os punhos dele cerraram. Batendo a porta de trás, ele não tinha dito uma palavra sobre isso até um par de semanas mais tarde, quando estávamos fora, no barco.

Eu tinha acabado de ajudar um garoto a colocar um miúdo no anzol. Ele tinha dez anos ou assim e parecia que iria desmaiar se ele tivesse que fazer isso sozinho. Pobre garoto. Ele provavelmente preferia estar construindo castelos de areia ou chupando um cone de neve do que na pesca de praia com seu pai e tio. Em vez disso, ele estaria preso neste barco durante todo o dia. Eu sabia como ele se sentia.

Quando me virei para abrir um outro balde de isca, meu pai disse, baixinho: — É ilegal para você obter isso sem o consentimento dos pais. Eu verifiquei. — Ele olhou onde uma pétala vermelha escura espiava para fora do decote da minha blusa branca.

Eu esperei, em silêncio, até que seus olhos, prata fantasmagórico na luz do sol brilhante encontrassem os meus. — É *a minha* pele, pai. Você vai me dizer que eu sou muito jovem para marcá-lo *de propósito?*

Ele vacilou e se afastou. — Droga, Landon, — ele murmurou, mas não disse mais nada. Todos os meses, eu adicionei algo novo. Chamas negras lambendo meus ombros, seguindo as linhas nítidas de meu bíceps. A cruz gótica entre meus ombros para a minha ascendência católica materna, com o Salmo 23 rodada roteirizando-o. Mamãe não tinha sido cheia de devoção religiosa, mas possuía uma espiritualidade inata eu tinha invejava agora, e nós íamos à missa muitas vezes o suficiente para eu ter uma noção sobre o que era. Eu me perguntei se isso iria me trazer a paz, pensar nela no céu, em vez de no chão.

Provavelmente não.

No segundo aniversário do dia em que a enterramos, eu tive a minha sobrancelha perfurada. Pai protestou de forma satisfatória, enquanto o meu avô parecia perplexo que alguém deliberadamente furaria uma parte do corpo. — Eu coloquei anzóis suficientes através de várias partes da minha anatomia para não

querer colocar um buraco em mim de propósito! — Ele já tinha uma cicatriz perto do olho onde um anzol no final da vara de um pescador inexperiente tinha quase lhe deixado meio cego. — Metade de uma polegada mais e ele teria arrancado meu olho fora! — Ele gostava de contar a história, e eu ouvi isso vezes suficientes para *quase* manter o rosto nauseado com a imagem.

Vindo o outono, os Hellers estavam subitamente muito mais perto, porque Charles aceitou uma posição de professor no topo universidade estadual - 250 milhas para o interior. O seu novo local não era há 20 minutos do que tínhamos estado acostumados quando morávamos na Virgínia, que não era uma distância impossível para uma viagem de fim de semana. Exceto para o papai, que se recusou a fazer um passeio de quatro horas para ver seus melhores amigos do mundo. Sua desculpa foi o trabalho, como sempre.

Eu percebi que as pessoas nunca mudam. Papai poderia ter largado o emprego de bancário, mas ele tinha trazido a sua personalidade viciada em trabalho com ele quando deixou Washington.

Mesmo que o cargo de professor fosse um passo para cima na carreira de Heller, Cindy teve de procurar um novo emprego, e Cole e Carlie tiveram que ir para uma nova escola e amigos da vizinhança. Eu sabia que eles tinham feito isso com a gente em mente, mas o pai fechou os olhos para o sacrifício que todos eles tinham feito. Para ele. Para mim.

Seu silêncio parecia culpá-los pelo que tinha acontecido, embora talvez apenas estar em torno deles o lembrava. Talvez a minha presença – a qual ele não podia abandonar facilmente - lembrava-lhe, também.

Eu não precisava de um lembrete. Eu sabia quem culpar por perder a mamãe. Eu mesmo, e mais ninguém.

Pai desistiu da Ação de Graças na casa dos Heller - grande surpresa. Desde que eu tinha quinze anos e sem preocupação, eu me dirigia para a estação de ônibus de madrugada. Eu poderia ter me recusado a ir de ônibus, sozinho, apenas por ser um idiota, mas isso teria sido uma rebelião inútil. Eu queria ir, mesmo que eu tivesse que embarcar em um ônibus com uma coleção

de degenerados que deram uma olhada para mim e concluíram que eu era o cara mais ameaçador a bordo. Recado entendido: ninguém sentou ao meu lado.

O ônibus parou em quatro pedaço de merda de cidades para pegar mais perdedores com dificuldades de transporte antes de chegar a San Antonio, onde eu transferi para uma porcaria de um ônibus idêntico com um conjunto combinado de perdedores. Toda a viagem teria sido menos de quatro horas de carro - direto, sem escalas. Em vez disso, depois de seis horas, cheguei a uma estação que cheirava como a combinação de casa de repouso mal dirigida e áreas de Washington, DC, que os meus amigos e eu tínhamos sido proibidos de se aventurar por conta própria. Charles estava esperando para me pegar.

— Feliz dia do Peru, filho, — disse Charles, me envolvendo em um abraço fácil que beliscou o meu coração com um único pensamento - meu pai não tinha me tocado desde o funeral. Mesmo assim, lembro-me de agarrar a ele, desencadeando a minha dor em seu peito sólido, mas não me lembro dele me alcançar de propósito.

Ele nunca disse uma palavra de culpa, mas não houve palavras de perdão também.

Permanecendo no abraço de Charles uma batida a mais do que o confortável para limpar a umidade dos meus olhos, eu empurrei a culpa sem fim na minha mente e queria que caísse em silêncio, só por hoje. Durante uma hora, pelo mesmo. Por alguns minutos.

— Você vai estar na altura de Ray, eu acho, — disse Charles, então, recuando para levar os meus ombros com as mãos e me inspecionar. Eu tinha crescido desde que eu o vira pela última vez; ficamos olho a olho. — Você parece com ele um pouco, também, mas você tem o cabelo escuro de Rose. — Eu levanto uma sobrancelha. — E muito.

Charles tinha sido um cara militar antes de ir para a faculdade. Eu nunca tinha visto um fio de cabelo na cabeça mais do que uma polegada. Se ele ainda chegasse perto disso, ele brincava que parecia um maldito hippie e ia para cortar o cabelo. Divertia a merda dele que ele assediava a Cole e eu sobre o nosso

comprimento do cabelo sempre que ele tinha a chance.

— Você está com ciúmes que *temos* cabelo, — Cole respondeu última vez que o pai dele tinha resmungado que ele não poderia diferencia-lo de Carlie. Eu cuspi leite pelo nariz.

Meus pais conheceram os Hellers em Duke. Papai e Charles estavam no curso para PhD em economia - mundos diferentes de Cindy, e minha mãe, que eram graduandas e melhores amigas. Nenhum deles teria conhecido seus futuros cônjuges se não fosse pela decisão da minha mãe em passear com um estudante de doutorado na confraternização realizada por seu pai - um professor de economia distinto e um membro do comitê de dissertação de pai e Charles.

Eu tinha oito ou nove, a primeira vez que ouvi a história, mas a narração que me lembro foi quando eu tive a minha primeira e verdadeira paixão - Yesenia, na oitava série. O amor e o destino de repente se tornou coisas essenciais para compreender.

— Eu vi o seu pai da janela do meu quarto e pensei que ele era tão bonito. — Mamãe riu do meu rolar de olhos. Eu não podia imaginar meu pai sendo *bonito.*

— Eu estava cansada dos artistas pretensiosos que eu costumava namorar, e eu pensei que alguém como o meu pai poderia me atender melhor. Ele sempre ouvia minhas opiniões e falava comigo como se eu tivesse um cérebro de minha autoria, e ele me mimava também. Mas os seus alunos eram todos tão nerds e desajeitados - até mais que seu pai. Eu pensei que se eu pudesse chamar a atenção dele, eu poderia levá-lo a falar comigo. Claro que depois que ele se apaixonar por mim e me convidar para sair. — Seus olhos plissaram nos cantos, lembrando.

— Eu devo ter tentado uma dúzia de roupas antes de escolher uma. Então eu me movi descendo as escadas e passei através da sala de estar indiferentemente no meu caminho para a cozinha. Meu pequeno plano inteligente funcionou, é claro, porque eu era muito bonita na época.

Desta vez, eu era o único que ri, porque minha mãe era bonita. Houve

vezes que eu pegava o meu pai olhando para ela como se ele não pudesse acreditar que ela estava de pé em sua cozinha ou vivendo em sua casa. Como se ela não fosse real, mas era, e de alguma forma lhe pertencia.

— Ele me seguiu até a cozinha para encher seu copo chá gelado. — Ela assentiu com a cabeça para a minha expressão confusa. Você não podia fazer papai beber chá gelado, nem se pagasse. — Eu não consegui descobrir até mais tarde que ele *odiava* chá gelado. Ele encostou-se no balcão, olhando-me fazer um sanduíche. — Então você é filha do Dr. Lucas? — Ele perguntou, e com um rosto perfeitamente sereno, eu disse: — Não. Eu apenas apareci da rua para fazer um sanduíche. — E virei-me para olhar nos seus olhos e lhe dar um sorriso, e eu quase parei de respirar, porque ele tinha os olhos mais bonitos que eu já vi.

Eu tinha os olhos de meu pai - claro e cinza em forma de chuva, por isso este elogio era para mim. Eu ainda não sabia que eu também herdei sua altura, suas habilidades analíticas e a maneira que eu poderia desaparecer dentro de mim mesmo.

— Então, Charles entrou na cozinha. Seu pai olhou para ele, mas eu sorri e disse: 'Você deve ser a filha do Dr. Lucas! Eu sou Charles Heller - um de seus muitos acólitos' — Um deles me perguntou o que eu fazia, e eu disse que eu era estudante na Universidade Duke. — O curso? — Seu pai perguntou, e eu disse-lhe, Arte. E depois, Landon, ele quase o impediu de nascer.

Eu esperei, atordoado. Eu não tinha ouvido *essa* parte da história antes.

— Ele gaguejava, '*Arte?*' e me perguntou o que eu ia faria com tal profissão sem valor.

Fiquei de boca aberta.

— Certo? Eu queria dar um soco bem no seu rosto bonito e arrogante. Em vez disso, eu disse a ele que eu estava indo tornar o mundo mais bonito - *duh* ! Eu deixei-o saber como eu estava impressionada que tudo que *ele* ia fazer era "fazer dinheiro". Eu voei de volta para cima, cuspindo unhas e determinada a nunca olhar para um dos alunos do meu pai de novo, não importa o quão bonito ele era. Eu até me esqueci de levar meu sanduíche comigo.

O resto da história era familiar: um convite impulsivo – passado através de Charles em um encontro casual - a sua primeira amostra em galeria. Sua melhor amiga, Cindy, estava lá para suporte, no caso de Raymond Maxfield ser insuportável. Mas o meu pai foi o oposto do insuportável. Apreciando o trabalho dela, ele estava impressionado. Minha mãe sempre fez beicinho que não era, na verdade, suas pinturas e seu charme, sua beleza ou seu atrevimento que o fez se apaixonar por ela.

Ele sempre insistiu que era definitivamente o seu atrevimento.

Eu sabia a verdade. Ele se apaixonou por todas essas coisas, e quando ela morreu, foi como se alguém tivesse extinguido o sol, e ele não tinha mais nada para orbitar.

LUCAS

Horas depois eu cheguei em casa do clube de sábado à noite, eu ainda não conseguia parar de pensar sobre segurar Jacqueline - como ela tinha se apoiado contra mim, delimitada por meus braços. Seus olhos azuis escuros na fumaça espessa do clube. Seu nervosismo. Sua gaguejante pergunta. Como se todo mundo tivesse desaparecido no momento em que a puxei para perto, eu não sentia o cheiro de suor e colônia por causa do aperto dos corpos ao nosso redor - apenas seu perfume doce. Eu não podia mais ouvir a música, gritos ou gargalhadas. Eu só estava ciente da batida, martelando vigorosamente, como o sangue rasgando um ciclo infinito pelo meu corpo.

Uma vez em casa, deitei na cama e olhei para o teto sem ver, enquanto minha imaginação corria solta. Imaginei-a estendida em cima de mim, montada sobre os joelhos, seu corpo encontrando meus impulsos medidos, a boca aberta para o curso de minha língua. Minhas mãos amassando minhas coxas e cada nervo do meu corpo ardia. Senti sua pele macia, nua. Seu cabelo sedoso escovando os lados do meu rosto. Sua completa confiança.

Puxei um travesseiro sobre o rosto e gemi, sabendo que qualquer coisa que eu fizesse agora para diminuir a construção da pressão seria malditamente mais baixo do que eu realmente queria. Eu não poderia tê-la, por muitos motivos. Ela estava fora dos limites, como uma aluna da minha turma - o que ela não sabia. Ela estava saindo do termino de um relacionamento depois d*e três anos de duração*. Eu era a testemunha de uma humilhação que ninguém deveria suportar, e ela tinha medo de mim.

Mas talvez um pouco menos, agora, a minha mente murmurou.

Eu não conseguia conter a emoção que passou por mim, assim eu deixei-a correr o seu curso.

Então eu levantei e me dei uma libertação de segunda categoria para que eu pudesse dormir um pouco.

Domingo à noite, Joseph e eu nos encontramos em um bar no distrito dos armazém para ver uma banda alternativa de Dallas que nós dois gostamos. Embora eu mal dormi na noite anterior e tinha colocado duas horas de treinamento no dojang{6} naquela tarde, eu estava estranhamente calmo e contemplativo - geralmente duas coisas que eu usualmente dispensava em uma boa sessão de treinamento.

Mestre Leu havia concordado em treinar comigo, já que não havia mais ninguém lá, e tinha chutado minha bunda. Para um cara pequeno, ele era o maior fodão que eu já conheci. Em uma exposição de treinamento, eu o assisti - em duas jogadas - colocar um adversário maior, mas equivalentemente treinado em um estrangulamento que poderia causar um desmaio na vida real. Ou poderia esmagar sua traqueia.

O atacante de Jacqueline não tinha ideia de como ele teve sorte que eu ainda estava a alguns níveis longe de estar autorizado a aprender este movimento.

— Cara, você não está mais no Kansas. — A voz de Joseph rompeu meu devaneio.

Eu sorri. — Eu nunca estive no Kansas, na verdade.

Eu balancei a cabeça. — O que, ou *quem*, você está pensando? Nunca vi você tão distraído. Perguntei-lhe três vezes, se você está indo para casa na Ação de Graças e você não tão propositadamente ignorou. Você simplesmente não está *ouvindo* nada.

Balançando a cabeça, eu suspirei. — Desculpe, cara. Sim, eu estou indo para casa. Você?

Ele balançou a cabeça e jogou para trás o resto da dose de tequila que ele estava segurando. — Indo para casa com Elliott. Sua mãe me ama. — Seus lábios se torceram quando ele inclinou um cotovelo no balcão e olhou para mim. — A minha... não.

Joseph havia jogado dicas antes sobre a rejeição de sua família, mas ele nunca tinha dito sem rodeios. Eu não sabia o que dizer.

— Então... você não é bem-vindo para trazer Elliott para casa com você?

— Não, cara. Eu não sou bem-vindo em casa, ponto. É uma zona *sem permissão para bichas*.

— Jesus. Isso é péssimo.

Ele deu de ombros. — É o que é. A família de Elliott está mais do que bem com a gente sendo um casal, a mãe dele faz um quarto de hóspedes para nós que rivaliza com qualquer hotel, mas eles tiveram que lidar com ele trazer um cara colarinho azul[{7}] para casa. Eles são todos educados e merda - toda a família. Sua irmã mais nova está na porra da escola de medicina. A primeira vez que me encontrei com eles, tudo que ele tinha dito a eles era que eu trabalhava. Imagine a surpresa quando descobriram que eu mantenho o encanamento do campus em ordem, em vez de ensinar história, matemática ou, você sabe, os estudos das mulheres. — Ele riu. — Eu não posso dar um tempo, cara. Sou muito gay para ser caipira e muito caipira para ser gay.

O que quer que meu pai pensava sobre mim, o que eu fiz para irritá-lo - até mesmo propositalmente, ele nunca me disse que eu não era bem vindo para

voltar para casa. Eu sabia, sem pensar nisso, que eu poderia me mudar para casa agora mesmo se eu quisesse. Eu não faria isso. Mas eu podia.

A banda subiu ao palco, e Joseph e eu apreciamos o som que não era nem pop ou teatro musical, algumas bebidas, e mais do que alguns olhares de meninas atentas.

— Sim, — ele disse, inclinando a testa para um trio barulhento de alunas que não parava de olhar o nosso caminho. Mãos atrás do pescoço, ele mostrou suas armas{8} para fora das mangas de sua camiseta branca. — Eu ainda tenho isso, mesmo que eu não quero isso.

Rindo, eu balancei a cabeça e sinalizei para o bartender para mais uma rodada. Eu nunca peguei uma garota quando eu estava com Joseph, mas eu sabia que o terreno tinha mudado sob os meus pés quando eu me encontrei nem mesmo um pouco curioso de saber se qualquer uma dessas meninas eram bonitas. Havia apenas uma possível razão para o desinteresse.

Eu não conseguia parar de pensar em como obter Jacqueline Wallace de volta para o círculo de meus braços, através do inferno ou tempestade. Eu estava muito familiarizado com ambos.

Segunda-feira de manhã, eu estava cuidando de uma ligeira ressaca e uma perspectiva umedecida. Toda vez que eu via Charles, me sentia culpado. Toda vez que eu pensava em Jacqueline, eu me senti mais. Ela não tinha me enviado e-mail no fim de semana. Eu tinha o que parecia ser uma premonição sobre ela descobrindo que eu era Landon, e eu me disse, *mais uma vez*, que eu tinha que colocar um fim a isso. Agora.

Ela caiu sobre a borda do assento ao meu lado.

Eu estava tão paralisado por isso que eu não disse nada. Apenas olhei.

— Ei,— ela disse, batendo-me do meu estupor. Temendo que minha intuição de mais cedo estava para acontecer, me concentrei no sorriso sutil provocando a borda de sua boca.

— Ei, — eu falei de voltei, abrindo o meu livro para proteger o esboço

que eu estava trabalhando.

— Então, apenas me ocorreu que eu não me lembro do seu nome da outra noite. — Ela estava nervosa. Não com raiva. Nervosa. — Muitas margaritas, eu acho.

Aqui está a sua chance. Sentado na aula de economia - que lugar melhor para esclarecer a confusão... Sobre seu nome.

Olhei em seus grandes olhos azuis e disse: — É Lucas. E eu não acho que eu não lhe disse.

Droga.

Heller veio batendo a porta e xingando baixo pelo pódio, e o sorriso de Jacqueline cresceu um pouco mais. — Então... você, hum, me chamou de Jackie, antes? — ela disse. — Eu realmente vou por Jacqueline. Agora.

Chamei-a por Jackie? Quando... Oh. Aquela *noite.* — Tudo bem, — respondi.

— Prazer em conhecê-lo, Lucas. — Ela sorriu de novo antes de correr para o seu lugar enquanto Heller estava organizando suas anotações.

Ela não se virou para olhar para mim por toda a palestra, embora ela parecesse distraída - dada a forma como ela se contorcia na cadeira, a menos que ela estava falando com o cara ao lado dela. Os dois riram baixinho um par de vezes, e eu não podia deixar de sorrir em resposta. Não era a primeira vez que eu a ouvir rir - mas eu estava ligado a ela agora. Eu senti o som de sua risada todo o caminho para as minhas botas e de volta. Eu queria fazê-la rir - algo que, sem dúvida Landon tinha feito.

Por mais absurdo que era estar com inveja de *mim,* eu estava. Ela estava respondendo as brincadeiras de Landon por e-mails com provocações dela própria. Quando ele disse a ela que ele era um estudante de engenharia, ela respondeu: Não é à toa que você parece tão inteligente. Palavras de paquera para dirigir a um tutor. Cuidadosas palavras, possivelmente inócuos... mas paquera no contexto.

Droga. Eu estava com ciúmes de *Landon.* De todas as reações estúpidas

que eu poderia ter, agora, essa era a mais ridícula.

No final da aula, ela disparou de sua cadeira e correu para fora da porta antes que eu pudesse pegar minha mochila. Algum primitivo impulso predatório me exortou a saltar para cima e persegui-la para fora da porta, como se isso fosse à resposta mais sensível à sua saída. Eu conscientemente retardei o processo de deslizar os meus textos e cadernos para a mochila, atordoado.

Ela estava me deixando louco. E eu estava adorando. Porra, eu estava em apuros.

Concordando em pegar um par de horas do turno de Rony para que eu pudesse me encontrar com um professor de arquitetura que tinha o horário de expediente apenas uma vez na semana. Eu também tinha um turno no estacionamento esta tarde - após a sessão de tutoria de grupo e depois do meu curso de projeto de equipe de duas horas. Eu não teria tempo para estudar até depois das dez horas. Este dia, com a singular exceção de Jacqueline iniciar aqueles minutos de conversa nesta manhã, ia ser uma droga.

Olhei para o meu telefone, entre os trabalhos. Meia hora para ir, e nós estávamos ocupados. Ambas as vasilhas estavam acabando. Assim que houve uma parada na fila, eu fechei o meu caixa. Apenas a tempo, também - porque um grupo de estudantes se materializou e se juntou a fila de Eve.

— Eve, eu estou indo no fundo para pegar um café. Está acabando.

— Agarre-me uma garrafa de vodka, enquanto você está nisso, — respondeu ela. Eva era rabugenta quando estávamos ocupados. O que era noventa por cento do tempo.

— Pegue um para mim, também, Lucas! — A administradora de engenharia mecânica era a próxima na fila. De pele escura e de cabelos brancos, Vickie Payton era uma assistente organizacional para os professores, uma valiosa fonte de informação para os estudantes do campus, e um ombro para todos chorar.

— Um pouco cedo no dia, não é, Sra. Payton? — Eu ri, apoiando através da porta.

— Inscrição de Primavera, — ela respondeu com um sorriso. — *hey, sorte minha*.

— Ah. — Eu pisquei para ela. — Duas vodkas e um saco de café, vindo.

— Quem me dera, — Eve murmurou, tomando o pedido da Sra. Payton.

Eu trouxe o saco para fora e cortei-o aberto. A fila tinha crescido, mas Eve – cuja apatia com as pessoas em geral de proficiência não a impediu, felizmente - tinha tudo sob controle. Sem pensar, eu fiz a varredura da fila, em busca de Jacqueline. Durante as duas semanas que ela perdeu aula, procurar por ela no campus tinha se tornado comum - algo que eu fazia quando entrava em uma sala onde poderia ter a menor possibilidade dela estar.

A probabilidade dela aparecer aqui era melhor do que a maioria. Apesar disso, eu ainda estava intrigado com a visão dela. Meus olhos tomou conta dela, lentamente, devorando cada detalhe como se fosse uma última refeição que eu queria simultaneamente consumir totalmente e saborear.

Ela estava com sua amiga, mais uma vez, e essa amiga estava me observando. Jacqueline estava decisivamente *não* me observando. Mas elas estavam conversando, animadamente, e Jacqueline estava corando tão forte que eu podia ver o rosa de manchando suas faces de uma dezena de metros de distância. Com esforço, virei-me para fazer o café, mas os cabelos do meu braço se levantaram. Meu corpo inteiro estava ciente de seus olhos em mim.

Meus braços estavam totalmente visíveis, e ela não tinha visto minhas tatuagens antes. Naquela noite, em sua pick-up, ela olhou para o meu piercing do lábio e eu sabia que ela era uma daquelas garotas que fugiam de caras como eu no princípio. Eu parecia um garoto-propaganda para uma má escolha de vida. Do seu modo de vestir, eu sabia que ela era uma espécie de menina formal, como seus amigos eram. E o seu ex. Inferno, se alguém me colocasse ao lado daquele idiota que a atacou e perguntasse a população em geral, quem era o estuprador, eu ia ter muitíssimo mais votos.

Mesmo assim, ela estava me olhando agora. Na pista de dança na noite

de sábado, ela veio para os meus braços, como se ela se sentisse segura, contra todo o seu melhor juízo. Ela estava confusa, mas curiosa. Interessada. Aquela verdade se instalou na boca do estômago, e era emocionante e enervante. Eu queria sua atenção. Sua atenção completa. E eu estava para obtê-la.

Eu apertei o *start* no café e me virei para o caixa junto a Eve sem olhar para cima. Assim que Eve tomou o pedido do cara na frente de Jacqueline, eu mudei meus olhos para encontrar os dela. — Próximo? — Ela piscou como se eu tivesse a pego por mal comportamento, mas chegou mais perto. — Jacqueline, — eu disse, como se eu tivesse acabado de notar. — Americano hoje, ou algo mais?

Ela ficou surpresa que eu me lembrava do que ela tinha encomendado há uma semana. Eu ficaria feliz em catalogar seus gostos e desgostos. Cada um deles. De como ela tomava seu café, a forma como ela gostava de ser beijada, qual caricia usar que a faria tremer da cabeça aos pés.

Ela assentiu com a cabeça. Peguei um copo e uma caneta Sharpie, mas eu puxei o expresso e a escrevi meu nome para ela me beber.

Eve levantou uma sobrancelha duplamente perfurada para mim, porque ela sabia o que eu tinha acabado de fazer. — No hábito de distribuir seu telefone para garotas de irmandade? — ela murmurou. — *Fraco.*

— Há uma primeira vez para tudo.

Balançando a cabeça, ela enxugou as válvulas e despejou duas doses de café expresso em um copo grande. — Não, na verdade não é.

Dei de ombros. — Verdade o suficiente. É aceitável se ela não fosse uma garota de irmandade?

Seus lábios se torceram, e eu tenho a sensação de que ela estava fazendo um esforço para não sorrir. — Não. Mas menos *não* aceitável.

Enquanto Eve e eu recebíamos pedidos e começamos a passar para o final da fila, eu não me permite assistir Jacqueline atravessar para a mesa de condimento para obter seus três saquinhos de açúcar e respingos de leite. Eu sabia exatamente onde ela estava, a cada segundo, mas eu ignorei até que ela

passou pela porta, nesse ponto eu não podia observar qualquer outra coisa.

— Oh, meu Deus. Alguém está mal. — Eve riu, o que fez o cara do outro lado do balcão sorrir para ela.

Ele estava usando um Pike T-shirt.

— O quê?— ela gritou, olhando para ele.

Seu sorriso desapareceu e ele ergueu as mãos. — Nada. Só... boa risada. Isso é tudo.

Ela revirou os olhos e virou-se para pegar uma nova embalagem de leite de soja, ignorando-o.

Quando ele olhou para mim, as sobrancelhas loiras arqueado, eu dei de ombros. Eu não sabia qual a história da menina, mas não havia nada que me fizesse cruzar essa barreira de explosivo. Ela mal era cortês comigo metade do tempo, e ela *gostava de* mim.

12

Landon

Quando o semestre da primavera começou, eu me encontrei no quarto período de biologia com Melody Dover e Pearl Frank - que tinha sido Pearl Torres, companheira ocupante da mesa perdedora de almoço no ensino médio, quando eu estava na oitava série e ela estava na sétima. Em seguida, sua mãe se casou com o Dr. Thomas Frank, cirurgião proeminente local e um dos mais teimosos playboy da cidade - até que encontrou sua parceira em Esmeralda Torres, que queria um grande diamante no dedo dela e sua filha arrumada para a vida.

Ela teve as duas coisas.

Perl, que era uma desajeitada garota nerd quando a conheci, fez alguns cursos de verão na escolar para pular o nono ano todo, teve uma transformação e uma porrada de roupas de marca, e chegou no décimo grau mais gostosa e mais rica do que ela jamais tinha sido.

Melody não perdeu tempo em fazer Pearl sua nova melhor amiga.

Elas trocaram olhares menos eufóricos quando foram designadas para a única mesa meio vazia do laboratório - Boyce e a minha.

— Então, por que vocês todas estão em bio nesse período agora? Foram expulsas por serem sexy demais em sala de aula? — Ele perguntou.

Ambas rolaram os olhos para ele e eu balancei a cabeça e olhei para a mesa preta, tentando não abrir um sorriso. Ele tinha sido mandando à merda pela Pearl o minuto em que ele tinha notado ela no corredor em setembro passado. Pena que ele não tinha dado nenhuma atenção a ela no ensino médio, quando ela não tinha amigos. Ela agora estava retornando a favor.

— Não, *idiota,* — Melody disse, inclinando a cabeça para ele. — Nós

duas fazemos parte da equipe de dança, que se reúne no último período. Isso é quando tivemos bio semestre passado, então tivemos que mudar. Sorte nossa.

O olhar dela desviou por cima, para mim, então, fezr um inventário rápido das tatuagens espreitando das mangas da minha camiseta, o metal através da minha sobrancelha e o pino na minha orelha. Para o espaço de um segundo, nossos olhos se encontraram antes dos dela deslizarem para longe.

— Jesus, Dover, não há necessidade de ser hostil, — Boyce riu.

Ela olhou, opondo-se a ser chamada pelo seu sobrenome, eu acho que, especialmente por Boyce, que tinha admitido para mim que tinha a chamado de Rover Dover durante todo o ensino fundamental. Tendo praticamente queimado toda ponte que atravessou, nossa amizade era como um mau funcionamento de suas deficientes habilidades com pessoas.

Nossa mesa estava na parte de trás da sala de aula. Boyce e eu nos inclinamos contra a parede, banco tombando em duas pernas em desafio à política de sala de aula. Ou o Sr. Quinn não percebeu a infração ou não se importava de nos confrontar. Melody e Pearl tinham se virado, para encarar a frente da sala de aula, deixando seus cardernos e bolsas em cima da mesa, vulnerável à inspeção de Boyce.

As meninas tinham estado conversando no caderno de Melody, e quando elas viraram as costas, Boyce deslizou o caderno para o nosso lado da mesa para ler.

— Pare com isso, o homem, — eu sussurrei. — Que porra é essa. — Mudei-me para empurrá-lo de volta, mas ele levantou um cotovelo, me bloqueando.

Com os olhos arregalados, apontou para o rabisco feminino que eu reconheci como Melody. Eu balancei a cabeça e as sobrancelhas elevadas. — *Olha*, cara. *Sério.*

Eu fiz a varredura da página e li, *É só eu, ou Landon Maxfield está OMFG gostoso este ano? Santo. INFERNO.*

Mas você tem CLARK, Pearl tinha escrito abaixo deste pronunciamento.

Melody respondeu, *eu posso olhar, não posso? Mude de cadeira comigo. Eu quero sentar em frente a ele.*

Olhei para a parte de trás da cabeça de Melody, com o cabelo loiro sedoso pendurado para baixo de suas costas e terminando na mesa. Ele tapou os ouvidos hoje, escondendo o lado do rosto de vista. Ela permaneceu na diagonal da mesa a partir de mim. Perl tinha sacudido a cabeça, franzindo a testa, em algum momento nessa conversa por escrito - provavelmente aqui. Não houve resposta dela no caderno.

Droga, Pearl. Que tipo de companheira é você? Melody escreveu.

O tipo que não vai deixá-la cometer um grande erro. Duh. Pearl respondeu.

Girei o caderno e empurrei-o de volta para onde tinha estado, meus pensamentos girando, enquanto Boyce fingiu agarrar o pau dele e bater, com expressões faciais de êxtase. Eu dei um soco no braço dele e seu próprio banco desequilibrou e deslizou para fora de debaixo dele, caindo no chão e fazendo-nos o centro das atenções. Pousando em seus pés, ele tentou me dar um soco de volta, mas eu trouxe o meu banquinho inclinado para frente e para fora de seu alcance.

— Sr. Wynn decidiu demonstrar o que acontece quando alguém viola a regra da classe em relação ao domínio de todas as quatro pernas de nossos bancos de laboratório com firmeza e com *segurança* no chão. — Sr. Quinn suspirou alto. O resto da classe riu enquanto Boyce corrigiu seu banquinho e sentou-se, carrancudo.

— Palhaço — Melody murmurou.

— Você precisa de assistência *médica*, Sr. Wynn? — Sr. Quinn pressionou, desfrutando o momento de seu interesse e popularidade que suas palestras nunca geraram.

— Não, senhor, Sr. Quinn. Minha bunda - e outras partes importantes - estão todos em condições de funcionamento. OMFG está quente aqui. Santo *inferno.* — A classe caiu na gargalhada e o Sr. Quinn tentou restaurar

a ordem.

Os olhos claros de Melody se estreitaram para ele, e um segundo mais tarde eles arregalaram em entendimento. Seu olhar estalou para mim e os lábios se abriram com o rosto inflamado e vermelho. Eu olhei para os lábios cor de rosa brilhante e, em seguida, de volta para os olhos. Agarrando seu caderno, ela bateu a capa fechada e virou-se com ele em suas mãos.

Eu soquei Boyce novamente, ele caiu de seu banco novamente, e Quinn nos enviou para o escritório com bilhetes amarelos que resultaria em detenção.

— Jesus, Wynn. — Eu tirei o cabelo dos meus olhos quando saímos da sala de aula.

— O quê? Você não quer saber o que seu pequeno pedaço favorito de bunda acha que você é...

Virei-me e bati-o em um armário e ele jogou as mãos para cima. — Foda-me. Cara, não vá perdendo sua merda sobre uma garota como ela...

— E Pearl Frank é diferente? — Eu atirei de volta, voltando-se para marchar para o escritório - e Ingram, que estaria cagando emocionado para ver nós dois, sem dúvida.

Ele suspirou e seguimos, nossas botas ecoando no corredor vazio. — Eu sou realista, cara. Eu só quero pegá-la. Eu sei que não posso ter mais do que isso.

Revirei os olhos. — Ah, mas *pegá-la* é completamente possível.

Ele sorriu. — Claro que sim. Eu sou Boyce fodido Wynn. Tudo é possível.

Eu não pude deixar de rir, puxando a porta do escritório aberto. Ele nem sequer ouviu o que tinha acabado de dizer. Em um só fôlego, ele insistiu que tudo que nós éramos para as meninas como Melody e Pearl era uma boa foda, e no próximo, tudo era possível.

Eu estava lá fora mais tarde.

— Você não está prestes a fazer dezesseis? — Vovô me disse na noite antes do meu aniversário.

— Sim, vovô. — Esperei o final da piada. Com vovô, havia quase sempre uma piada com estes tipos de procedimentos.

— Eu não sei se você estava querendo um vestido de babados rosa ou algo para ir com esse brinco. — Ele riu de si mesmo e eu sorri.

— Rosa não é realmente a minha cor. Mas obrigado.

Ele estava me mostrando sua arma secreta para os chewy brownies - adicionando um ovo a menos.

— Sua avó nunca conseguiu descobrir como meus brownies saíam melhores do que o dela, — ele disse, e eu ri.

— Você manteve o seu segredo a salvo da vovó? — A mãe do meu pai tinha morrido quando meu pai estava na escola, então eu nunca a conheci.

— Claro que sim, eu fiz! Ela tentou adular isso fora de mim, Deus a amava. — Seus olhos vidraram, relembrando. Olhei para a tigela e bati os ingredientes juntos, dando-lhe o seu momento particular. Quando eu acabei, ele se inclinou mais perto. — As mulheres adoram chocolate. Nunca se esqueça disso, rapaz. Se você puder fornecer chocolate *caseiro*, muito melhor. Este segredo vai te salvar da casinha de cachorro, garantido. Guarde minhas palavras.

— Vovô... isto não é realmente caseiro.

Ele pigarreou. — Perto o suficiente. — Eu mergulhei a mistura cremosa para a panela que ele me fez untar com manteiga com as minhas próprias mãos - o que era uma espécie de nojento. — Essa manteiga irá aquecer. Coloque-a em todos os cantos, — ele tinha dito.

Uma vez que estavam assando, ele perguntou, — o que nós estavamos falando? Oh, sim. Sua idade sempre avançando. — Ele riu e eu revirei os olhos quando ele não estava olhando. *Ainda esperando pela piada.*

— Eu estava pensando que amanhã, devemos começar a ensiná-lo a

dirigir. — Fiquei de boca aberta. Quando eu não respondi, ele disse: — A menos que você não queira.

— Eu quero! — Eu respondi, empurrando para fora do meu estupor. — Eu só... Eu não pensei que você e o pai iriam...

— Não fique muito animado. Não é nenhum carro por trás dessa proposta. Só o meu velho caminhão Ford, quando eu não estiver usando. Imaginei que talvez você queira ir a um encontro ou algo assim - desde que não seja com Boyce Wynn. Você pode fazer melhor que ele. — Ele riu para si mesmo novamente, e desta vez, entrei, balançando a cabeça.

— Obrigado, vovô. Isso seria incrível.

Ele se abaixou para baixo do balcão e tirou um manual de motorista da gaveta ao lado dos talheres, cheio de segredos esta noite. — Comece aprendendo as regras, e eu vou alertar a população para desocupar as estradas vicinais neste fim de semana. — Ele sorriu e bateu no meu ombro, deixando a cozinha, e eu entrei no meu quarto/despensa, cai sobre a cama, e abri o livro, ouvindo o temporizador do brownie.

Sr. Quinn andou de mesa em mesa, atribuindo doenças. — Cada equipe irá identificar como esta doença em particular é causada - genéticas, virais, bacterianas, químicas, etcetera. Eu quero saber se existem métodos de prevenção, se há tratamentos conhecidos ou debatidos, e se é ou não é contagiosa.

A mesa próxima a nós foi atribuída antraz. Pegamos intolerância à lactose.

— Que inferno de tipo de idiota...

— Sr. Wynn, eu vou agradecer-lhe se manter suas deficiências de linguagem para si mesmo.

— Mas, Sr. Quinn... *intolerância à lactose?* Que tipo de *doença* é essa? Pessoas que peidam quando bebem leite? — A classe explodiu em gritos enquanto Melody olhou para Boyce com intenção homicida e Pearl cobriu os olhos, cotovelos sobre a mesa, suspirando. O rosto de nosso professor torceu em

exasperação. Previsivelmente, ninguém persuadiu meu amigo. — Pare de beber leite, problema resolvido! Será que não podemos ter algo parecido, eu não sei, Ebola?

Sr. Quinn voltou para frente quando o sinal tocou. — Comece sua noite de pesquisa, e esteja pronto para discutir suas descobertas dentro de sua equipe amanhã! — Ele chamou por cima de todo o barulho quando todos fomos para o almoço.

— *Como* você pode ser amigo daquele idiota? — Melody perguntou quando nós pressionamos para a saída.

Eu levantei um ombro e sorri para ela, pegando a borda da porta e mantendo-a aberta. — Ele é divertido?

Ela admitiu com uma inclinação de cabeça. — Se você está se divertindo com a idiotice completa. — Ela começou a devolver o meu sorriso, mas desapareceu quando o namorado deixou cair o braço sobre os ombros no momento em que entrou para o corredor. Normalmente ele estava esperando por ela depois da aula.

— Ei, baby. — Ele me encarou com um olhar. — Ei, emo aberração. Já perfurou o pau?

— *Clark,* — Melody engasgou quando entramos no fluxo dos estudantes, a maioria de nós ansiosos para escapar do campus durante meia hora.

— Por que você está tão fascinado pelo meu pau, Richards? — Eu perguntei.

Ele se virou e, em seguida, olhou por cima do meu ombro, onde eu sabia que Boyce estava. — Foda-se, anormal, — ele disse, levando Melody para o corredor leste, em direção ao estacionamento.

— Eu acho que Richards precisa de um novo repertório. — Eu assisti o balanço dos quadris de Melody, o braço de seu namorado em volta do pescoço como um colar.

— Huh? — Boyce arqueou uma sobrancelha. — Você sabe que ele está pagando de Thompson agora, certo?

Eu ri. — Perfeito. Então ele é um hipócrita, bem como um idiota.

— Cara. Poderia ter te dito isso anos atrás. — Ele bateu as mãos com um amigo sobre as cabeças de um casal de meninas enquanto eu assisti Melody e Clark desaparecer através da porta distante. — Eu te disse que ele tentou me pagar para foder com você de novo?

Parei completamente e um calouro bateu em mim, ricocheteou e esparramou em sua bunda. Descendo, peguei sua mão e puxei-o de pé, eu estava adivinhando que ele tinha todos os livros que eram atribuídos para o ano nessa mochila. Ele pesava o dobro do que ele deveria.

— O que você disse a ele? — Perguntei a Boyce quando o calouro balbuciou um agradecimento e correu para longe.

Boyce sorriu, uma sobrancelha se arqueou. — Disse a ele para se foder, é claro.

LUCAS

Jacqueline não mandou texto ou ligou para mim, assim cheguei à conclusão de que (a) ela não tinha visto seu copo com o meu número ou (b) que ela viu e não estava interessada em falar comigo.

Considerando que ela voluntariamente disse o seu nome e perguntou o meu, eu não achava que ela era indiferente.

Ela enviou um e-mail a Landon, mas sua mensagem foi relacionada com a economia só. Ou assim parecia no primeiro momento. Ela mencionou sair com os amigos sábado. Quando eu respondi, me referi a esse comentário: Espero que tenham gostado de sua noite fora. Uma noite que eu sabia tudo sobre. Ela não contaria a *Landon* mais nada sobre ela no sábado à noite, é claro... mas eu queria que ela contasse. A cada troca, eu mesmo cavava um buraco maior, mas eu não conseguia parar de cavar.

Então eu aludi seu rompimento, e o fato de que eu nunca tive a intenção

de ser rude, agindo como se eu não quisesse saber os detalhes. Entre as linhas escritas, pedia, *diga-me,* mas eu não esperava que ela respondesse a essa diretiva não escrita - revelar uma parte tão desprotegida de si mesma.

Com um parágrafo, ela deixou tudo aos meus pés - a quantidade de tempo que eles estavam juntos. O fato de que ela o seguiu até aqui para a faculdade, em vez de uma audição para um prestigiado programa de música muito longe. O jeito que ela se culpava, completamente, por ser estúpida. Por acreditar nele.

Ela pensava que estava presa em algum lugar que ela não estava destinada a estar, em consequência dessa decisão.

Eu não era um crente no destino ou poderes superiores, tanto quanto eu queria ser. Eu tinha fé em assumir a responsabilidade, e claro, assim como essa garota. Mas eu não podia culpá-la por seguir alguém que ela tinha amado por três anos, apontava uma lealdade que ela não estava se dando crédito. Se ela acreditava na responsabilidade, então a melhor coisa para fazer seria pegar o controle de novo. Assumir a decisão que ela tinha tomado, não importa qual ela tinha feito. Fazer o melhor disso.

Então foi isso que eu disse a ela.

Quarta-feira, ela chegou cedo na sala de aula, e eu fiz uma decisão impulsiva, tudo o que eu parecia ser capaz onde Jacqueline Wallace estava em jogo. Eu deslizei para o assento ao lado dela e disse seu nome. Ela assustou um pouco quando olhou para cima, esperando o cara que geralmente estava sentado lá, provavelmente. Mas ela não se inclinou para longe de mim.

— Eu acho que você não notou o número de telefone em seu copo de café, — eu disse.

— Eu notei. — Sua voz era suave para tal réplica espertinha, uma curiosidade sincera em seu olhar firme.

Eu pedi o número dela em troca, e ela perguntou se eu precisava de ajuda em economia. Eu quase engasguei, viciado naquela agora familiar culpa. *Você precisa de ajuda em economia?* Eu me perguntei por que ela achava

isso, pensando, por dois batimentos cardíacos, se ela sabia e estava brincando comigo.

Se assim for, eu merecia-o completamente.

— Porque eu acho que não é o meu negócio, — disse ela, irritada.

Eu precisava mover a conversa longe desta linha de pensamento. Inclinando-me, disse-lhe a verdade honesta - Que a minha vontade de ter seu número não tinha nada a ver com a economia.

Ela pegou o telefone e me enviou um texto: Oi.

Seu colega se aproximou, querendo o seu lugar. (Benjamin Teague, de acordo com a planilha, eu tinha verificado o seu endereço do campus, agenda, notas e eventuais notas disciplinares – não havia nenhuma. Ele parecia inofensivo, apesar de seu gosto por camisetas, e ele a fazia rir - tanto um ponto a seu favor e uma razão que eu meio que queria derrubá-lo no chão.)

Eu entreguei o assento, segurando um sorriso de nível imbecil. Ela não tinha me ligado... mas ela tinha guardado o meu número em seu telefone.

E agora ela me deu o dela.

No final da aula, eu olhei para cima para encontrá-la me observando - em primeiro lugar. Eu não tinha prestado atenção suficiente na aula, porque eu tinha estado imerso na elaboração e esboçando projetos de tecidos alternativos de engenharia para o projeto de pesquisa do Dr. Aziz no próximo semestre. Nada além dos pensamentos sobre Jacqueline poderia romper a minha emoção depois de receber o e-mail dele ontem, dizendo que eu tinha sido aceito. Eu estaria trabalhando com dois dos principais membros da faculdade de engenharia da universidade, e meu último semestre do curso seria pago pela concessão do projeto. Eu ainda seria tutor para Heller e trabalharia no turno ocasional no estacionamento, mas eu poderia sair do café, que atualmente sugava 15 horas da minha semana.

Pelos segundos que Jacqueline e eu olhamos um para o outro, a voz de Heller recuou e todos os outros na sala desapareceram. Eu não podia voltar para o projeto de Aziz, ou recordar os pensamentos que rodava no meu cérebro um

minuto atrás. Meu passado evaporou. Meus planos para o futuro turvaram. Cada célula do meu corpo estava ciente dela, e só ela.

Eu sabia que teria que ter cuidado com ela. Sua confiança seria duramente conquistada, porque tinha medo de ser ferida novamente, mas eu poderia ganhar. Eu sabia, por esses poucos segundos nos olhando e daquela vez que eu a tinha segurado que ela iria responder a mim. Que eu poderia persuardir seu corpo a níveis de prazer que ela não poderia ter recebido de seu ex narcisista, independente de quanto tempo eles ficaram juntos.

E então eu não poderia oferecer-lhe mais nada. No final deste ano - apenas meses de distância - eu pretendia ter um emprego em algum lugar distante. Escapar desse estado, e meu pai. Construir uma carreira e uma vida para mim, sem envolvimentos emocionais. Não por muito tempo, se alguma vez.

Eu queria essa garota, mas eu não ia me apaixonar por ela.

Ela merecia todo o coração de alguém. Ela merecia alguém honesto e leal.

E eu não era esse homem, não importa o quanto eu queria ser.

Landon,

Estamos fazendo bife fajitas amanhã à noite - vem se estiver livre. Além disso, eu estarei dando um quiz sobre CPI na manhã de sexta, no caso de você querer trabalhar quinta-feira na planilha. O questionário deve levar quinze ou 20 minutos de aula, então sinta-se livre para pegar uma xícara de café antes e chegar depois.

CH

Jacqueline e eu não tínhamos ido ao longo do CPI, então como eu criei a planilha, eu enviei um e-mail para ela. Eu também questionei sua interpretação do significado de era para ser, relacionado a sua decisão de seguir Kennedy Moore para a faculdade: você pode provar que você estaria melhor em outro lugar?

Perguntei qual seria seu curso, imaginando se ela tinha desistido da música por completo, esperando que ela não tivesse.

Sua resposta, educação musical, foi um alívio, mas ela lamentou o pensamento de ensinar, como se isso fosse impedi-la de tocar. Eu não podia ver a correlação. Ai de quem tentasse dizer a Heller que ele não estaria *fazendo* economia porque ele estava ensinando. Eles obteriam uma bronca sobre como ele realizou uma pesquisa para um par de revistas de respeito, ficou atualizado sobre os eventos econômicos globais, e participou de conferências econômicas influentes.

Eu adicionei um severo posfácio *ordenando*-lhe fazer a planilha antes de sexta-feira.

Ela me mandou um e-mail de volta e me chamou de traficante de escravos.

Fechei meu laptop e fui para uma corrida, mas não diminuiu o efeito de suas pequenas respostas impertinentes. Andei pelo apartamento durante meia hora antes de pegar meu telefone e procurar o número dela. Empurrando todas as dúvidas de lado, eu lhe enviei um texto: Oi. :)

Ela respondeu na mesma moeda. Eu perguntei o que ela estava fazendo, e comentei sobre seu rápido desaparecimento no final da aula. Eu disse a ela para vir à tarde no Starbucks sexta-feira, quando estava normalmente calmo, acrescentei, Americano, por conta da casa?

Ela concordou em vir, e eu tive um momento de alegria, seguido pelo desejo de me bater até uma polpa sangrenta.

— Por que você apenas não se senta lá e deixe-me fazer isso? — Perguntei a Francis.

Ele forneceu o constante olhar felino.

— Você poderia pelo menos *tentar* me impedir.

Ele lambia a pata, correu sobre o rosto, e olhou novamente.

— É assim que começa a esquizofrenia? Em primeiro lugar, conversando com uma garota como dois caras diferentes, e depois falando com o meu gato. Isto é um novo nível.

— Meee-ow, — ele respondeu, colocando-se em um círculo.

Sempre que Charles e Cindy estavam fazendo churrasco ou fajitas, eu não tenho que perguntar que horas era o jantar - eu esperava apenas pelo cheiro de carne grelhada permeando o meu apartamento.

Dinner conversation concerned Cole, who would arrive in a couple of weeks for his first visit home from Duke, only to be stuffed into a car with the rest of us and driven to the coast. If Raymond Maxfield wouldn't come to Thanksgiving, Thanksgiving would go to him.

'Cole will be a cranky, stinky a-hole – three hours on a flight and then four hours in the car? Ugh!' Carlie protested.

Peguei a panela de brownies que eu tinha feito e me dirigi para lá.

A conversa de jantar era dirigida a Cole, que chegaria em um par de semanas para sua primeira volta para casa a partir de Duke, apenas para ser colocado em um carro com o resto de nós e levados para a costa. Se Raymond Maxfield não viria para a Ação de Graças, a Ação de Graças iria para ele.

— Cole estará rabugento, fedido por três horas em um vôo e depois quatro horas no carro? Ugh! — Carlie protestou.

— Ele tem dezoito anos, — disse Charles. — Ele vai dormir.

— Boa ideia. Drogue-o, — disse Carlie, pegando um chip de milho com uma polegada de guacamole. — *Por favor.* — Seu apetite tinha voltado e mais um pouco depois que ela conseguiu superar seu rompimento. Durante a sobremesa, seus pais trocaram um sorriso quando ela pegou um quadrado de brownie. — Mmmm. Estes são como sexo em uma nuvem, — ela comentou, lambendo o dedo, e o rosto de seu pai transformou-se em granito.

— *Carlie Heller,* — disse Cindy. — Você vai matar seu pai com

declarações como essa.

— O quê? Pai, eu estou *indo rápido* para a idade adulta. — Ela falou durante a mastigação. — Você está ao redor de estudantes universitários todo o dia. Isso é menos de dois anos de distância para mim! Caia na real. Eu não posso ser uma criança para sempre.

Os olhos de Caleb balançaram para frente e para trás entre sua irmã e os pais. Ele não tinha sido o centro das conversas uma vez durante a refeição. Como o bebê da família, isso era equivalente a invisibilidade. — Stephen Stafford beijou uma cobra, — ele disse.

— Espero que isso não seja um eufemismo, porque *eww,* — disse Carlie.

— O que é um eufe...

— A cobra na sua aula de ciências? — Cindy perguntou, concentrando-se em seu filho mais novo. Caleb assentiu. — E como isso aconteceu?

— Dale Gallagher desafiou-o.

— Ah. — Ela olhou para Charles sobre a mesa. — Bem, eu me sinto muito triste pelos pais de Stephen Stafford.

Caleb fez uma careta. — Por quê? Ele provavelmente não lhes disse que ele beijou uma cobra.

— Ainda recebendo fotos mentais e tentando comer, *muito obrigada*, — Carlie murmurou, franzindo o nariz.

— Dale Gallagher também teve que pagar-lhe cinco dólares para fazê-lo.

— Então suponho que podemos sentir pena dos pais de Dale Gallagher também, — disse Charles, arqueando uma sobrancelha preocupada para Carlie. — Se ele é burro o suficiente para *pagar* alguém para beijar um réptil.

Quando me mudei para o apartamento em cima da garagem dos Heller, eu não sabia o que esperar - Quanta interação com eles eu teria, até como o apartamento parecia. Ninguém tinha vivido lá desde que eles se mudaram. Eles só tinham usado o espaço para armazenamento adicional. Mas eu percebi que o

que quer que fosse, iria bater o dormir em uma despensa.

Carlie correu até o SUV quando Charles e eu chegamos. Ela tinha sido um bebê prematuro, então ela tinha sido pequena para a idade dela a vida toda. Ao lado de meu corpo de dezoito anos de idade, ela nunca tinha parecido mais minúscula. Ainda assim, ela quase me derrubou quando se lançou para mim, como com os olhos arregalados como uma criança na manhã de Natal.

— Landon, você *tem* que vir ver! — Ela pegou minha mão e me puxou ao longo da rodovia. Após o passeio de quatro horas, eu estava pronto para um banheiro, uma refeição e um cochilo, mais eu tinha um carro cheio de merda para descarregar, mas não havia como parar a totalmente energizada Carlie.

Seus irmãos e pais seguiram nossos passos, onde Carlie apresentou um chaveiro com uma única chave anexa. O logotipo do chaveiro era da universidade onde eu iria, inacreditavelmente, sendo um aluno oficial no prazo de uma semana. Quando ela saltou na ponta dos pés, eu abri a porta e encontrei um apartamento pouco mobiliado. Eu não esperava mobiliário. Ou paredes, cortinas recém-instaladas, pratos recém-pintados como os armários, toalhas no banheiro. Toda uma parede do quarto estava coberto de cortiça, pronto para os desenhos que eu poderia querer fixar a ele. Lençóis estavam empilhados ao pé de uma cama.

Com esforço, eu me esforçava para engolir. Eu não podia virar e olhar para qualquer um deles. Eu não podia falar. Era demais.

Fui até a janela e torci a haste, abrindo as cortinas e inundando a sala com a luz. Meu quarto tinha vista das copas das árvores - carvalhos grossos com folhas, e do céu. A vista da sala de estar seria do quintal, piscina e da casa dos Heller. Eles estariam a metros de distância. Passos de distância.

Charles e todas as três crianças desapareceram sem meu conhecimento, e Cindy moveu-se para ficar ao meu lado enquanto eu olhava pela janela sem ver. — Estou tão feliz que você está aqui, Landon, — disse ela, com a mão que veio descansar nas minhas costas. — Charles e eu estamos orgulhosos do que você fez para que isso acontecesse para você.

Os Heller eram como uma família para mim. Eles sempre tinham sido. Eles sempre seriam. Mas eram apenas isso - *como* família. Eles não eram realmente meus.

13

Landon

— O sapo está morto. Ele não pode feri-la.

Melody bateu os cílios por trás de um enorme par de óculos de proteção. — Essa coisa é nojenta. Eu não vou tocá-la. — O avental de laboratório tamanho único caiu até seus joelhos e envolveu toda a volta, e ela levantou seus braços, cotovelos dobrados, para manter as luvas de cair de suas pequenas mãos. Ela parecia uma criança brincando de enfermeira na sala de operação.

Não pense sobre suas mãos agora.

Eu levantei uma sobrancelha para ela - aquele com o piercing, que ela estava olhando na semana passada quando Pearl estalou os dedos na frente do rosto de Melody para chamar sua atenção. — Será que você teria dito isso a Pearl? — Eu perguntei.

Ela encolheu os ombros, os olhos na minha sobrancelha. Seu suéter verde escuro parecia tão suave como o cabelo dela. A cor escurecida à beira de suas íris e contrastavam fortemente com os fios claros bifurcados por cima do ombro. — Sim, — disse ela.

Não pense sobre seus olhos. Ou seu cabelo.

Eu suspirei. — Tudo bem. Eu vou dissecar. Você fixa e etiqueta.

Ela empurrou o lábio inferior em um bico que deveria ter parecido ridículo em uma menina de dezesseis anos de idade. *Deus. Droga.*

Eu era grato pelo avental pesado que eu estava usando. E a mesa alta entre nós. — Tudo bem. Eu vou *dissecar* e *fixar...* e você rotula?

Ela pegou uma caneta e sorriu - reforçando positivamente meu trabalho

de dissecar. — Qual é o primeiro?

Como um rato de laboratório, eu coçava para descobrir onde ela escondia essa alavanca. Eu a empurrava isso mais e mais para ter esse sorriso dirigido a mim.

— Uh... bem, vamos ver... — Eu verifiquei a página de instruções. — Um. Primeiro é suposto determinar o sexo.

Melody pegou o lábio inferior brilhante com seus dentes brancos e perfeitamente retos, e eu senti a mordida - como se eu fosse feito de uma única terminação nervosa - Concentrado em um só lugar.. Meu pau se contorceu como uma bandeira pega em uma súbita rajada de vento. Jesus, quantos anos eu tenho - onze?

Maldito Boyce e sua mononucleose estúpida. Maldita Pearl e o dela também. Tinham ambos estado fora por uma semana. Sem a presença de Pearl para amortecer ou Boyce aqui para irritar Melody a cada cinco segundos, nós tínhamos começado a falar todos os dias como se não tivesse feito há mais de um ano. Desde o condenado projeto de geografia. Desde seu namorado pagar Boyce para chutar a minha bunda.

Melody se inclinou sobre o painel de dissecção e olhou para o pobre sapo morto, que parecia que tinha morrido dançando – nariz no ar e mãos de jazz. — Eu não vejo uma coisinha. Então, é uma menina?

Eu ri. — As rãs não têm *coisas* externas.

Ela fez uma careta, a parte traseira de sua mão enluvada cobrindo o nariz para bloquear o odor do fluido de embalsamamento. — Então, como diabos é que vamos dizer?

Eu olhei para a folha de novo. — Diz aqui que o macho tem uma almofada alargada.

Cabeças juntas, nós dois olhamos para o sapo por um longo momento.

— Qual é, ele não estou fazendo isso com o seu polegar! — ela disse.

Oh. Meu. *Deus.* Olhei para ela. Ela corou e riu, e então nós dois estávamos rindo e Sr. Quinn estava carrancudo em nossa

direção. Aparentemente, dissecção não era para ser divertida.

— Vamos pular essa parte por agora, — eu disse.

Não pense sobre o seu próprio maldito polegar, também, pelo amor de Deus.

Melody escreveu minúsculas etiquetas e enfiou os pinos através delas enquanto eu cortava costela por costela do sapo e apontava órgãos internos. Nós acostumamos com o formaldeído e ela fez cada vez menos protestos de nojo. Ela começou a colocar os pinos através das partes que eu removi, mesmo que ela se recusasse a pegar o bisturi ou a pinça, a não ser que o Sr. Quinn estivesse fazendo rondas para confirmar que todos estavam participando.

— Ahhh, tudo é tão pequeno, — disse Melody completamente seria. Como se as partes dentro de um anfíbio de quinze centímetros de comprimento poderia ser qualquer outra coisa. Ela olhou para o diagrama e de volta para o sapo. — Ooh, essas são as pequenas bolas dele? — Ela pegou o pino com a etiqueta de *testículos*.

Eu ri. — Yeah. Isso são as bolas dele. Parabéns, temos um garoto.

Ela franziu o cenho. — Então ele não tem... — Ela parou, enquanto o meu cérebro preenchia o espaço em branco: *pau, pênis,* pinto, pica, *besta.* Essa última era a designação de Boyce.

— Er. Não. — Travado entre arrependimento e intenso alivio que Boyce não estava aqui para isso, eu li o papel, parafraseando. — O macho fertiliza os ovos por... — *Filho da puta.* — Uh... subindo no sexo feminino, envolvendo as patas dianteiras em volta dela, e esguichando esperma sobre os ovos, depois que a fêmea os põem.

Olhamos um para o outro por trás de dois conjuntos de óculos de proteção. Fiquei surpreso que o meu não tinha cozinhado ainda.

— Meio que é ruim para ele, não é? — ela disse.

Não pense sobre colocar os seus braços em volta de Melody Dover. Por Atrás.

Jesus H. Cristo.

Com Boyce doente, eu estava de volta a pé para a escola. Sua reconstruída Trans Am poderia ter sido uma potencialmente alta armadilha de morte - mas eram rodas. Eu estava a quatro meses e algumas horas de distância da minha carta de condução. Vovô e eu localizamos estradas minimamente pavimentas, vazias e sujas todo domingo à tarde ou à noite, para que eu pudesse praticar, pegávamos a balsa para chegar lá. Ele estava perto de afirmar que eu estava pronto para dirigir em uma estrada real.

Eu tinha escondido meu rosto para rolar meus olhos, e eu definitivamente não lhe disse que Boyce me deixava dirigir o Trans Am sempre que ele tinha tido uma cerveja demais ou tomava muitos hits de um cachimbo ou baseado e eu estava relativamente sóbrio. Ele teria, provavelmente, rasgado a minha autorização exatamente naquele momento e aí, e eu nunca ficaria atrás do volante daquele velho Ford.

Havia apenas uma razão pela qual eu queria o caminhão.

Como se Melody gostaria de montar em um POS enferrujado em vez do Jeep branco neve de Clark Richards - o que ele ganhou no seu décimo sexto aniversário, há um ano. Eu ouvi ele se gabar sobre o que Melody fez a ele no banco de trás do jipe, e suas palavras me deixarma furioso e mais duro do que o inferno. Furioso porque ele não deveria compartilhar essa merda com um bando de idiotas em torno de uma fogueira na praia. Duro, porque eu queria que ela fizesse comigo essas coisas.

Chutando o braço de um cacto fora quando eu sai da estrada para o quintal me rendeu um espinho diretamente através do dedo do pé do meu tênis preto. — Ow! Porra!

Foi quando eu notei o caminhão do vovô estacionado ao lado da casa. Junto com o a SUV do pai.

A porta da frente estava aberta, embora isso só poderia ser vovô esquecendo-se de trancá-la. Meu pai e eu tínhamos falado sobre segurança e deixar a casa destrancada várias vezes - Vovô insistindo que ele nunca tinha trancado a *maldita casa* em todos os seus *malditos anos* de vida lá, e meu pai

insistindo que não estávamos mais em de 1950.

Quando alguns forasteiros invadiram a garagem de Wynn e roubaram uma porrada de ferramentas, o vovô admitiu, mal-humorado. Às vezes, eu esquecia de trancar, no entanto.

— Vovô? — Chamei, fechando a porta atrás de mim.

O interior da casa estava escuro depois da brilhante e sem nuvens, tarde do lado de fora, mesmo quando eu tirei meus óculos de sol. No início, eu não registrei que o pai estava sentado na beira do sofá, com as mãos entre os joelhos. Ele estava olhando para o tapete surrado debaixo de seus pés.

Ele quase nunca estava em casa no início da tarde, e se ele estava, ele estava trabalhando em cima da mesa, não sentado no sofá. Eu fiz uma careta.— Pai?

Ele não moveu um músculo. Não olhou para mim. — Vem sentar-se, Landon.

Meu coração bateu, o ritmo crescendo lentamente como um motor se aquecendo. — Onde está o vovô? — Deixei minha mochila no chão, mas não me sentei. — Pai?

Ele olhou para mim, então. Seus olhos estavam secos, mas vermelhos. — Seu avô teve um ataque cardíaco no barco esta manhã...

— O quê? Onde ele está? Ele está no hospital? Ele está bem?

Papai balançou a cabeça. — Não, filho. — Sua voz era suave e silenciosa. Eu me senti como se tivesse sido atingido com as palavras inflexíveis, afiadas e irrevogáveis. — Foi um ataque forte. Ele foi rapidamente...

— Não. — Eu me afastei dele, engolindo lágrimas grossas. — Maldição, *NÃO.* — Recuando para o meu quarto, eu bati a porta e não sai até depois que meu pai foi para a cama.

Descalço, eu entrei no quarto do vovô - iluminado com a luz da lua entrando pelas cortinas entreabertas. Meus dedos se arrastaram sobre os itens que descansavam em sua mesa de cabeceira: óculos de leitura dobrados em cima de uma Bíblia de capa de couro e uma cópia de *Leaves of Grass,* um copo meio

cheio de água, um relógio Timex com o vidro arranhado. Em sua cômoda havia uma pilha de camisas dobradas e uma foto desbotada de minha avó, segurando um bebê - o meu pai. O quadro era velho, manchado e dobrado em um canto.

Na cozinha, tomei um recipiente tapado com macarrão e queijo frio da geladeira e comi-o sem aquecer primeiro.

O funeral foi curto e pouco frequentado - Papai, eu, um grupo de veteranos e alguns outros pescadores que vovô conhecia, amigos e vizinhos. Paai usava o terno que ele tinha mantido - ainda afiado e perfeitamente adaptado, embora pendurado um pouco mais solto sobre ele do que tinha a última vez que ele tinha o usado, no funeral da mamãe. Ele tinha perdido peso. Ele estava mais musculoso, mas também desolado. Eu não tinha um terno e não tive tempo para arrumar, então eu usava uma henley preta e jeans preto para o funeral.

Ele foi enterrado ao lado da esposa, que morreu 30 anos antes dele *Ramona Delilah Maxfield - Esposa Amada e Mãe,* lia em sua lápide. Eu me perguntava o que o papai tinha ordenado esculpido para meu avô, mas eu não perguntei.

No dia seguinte, meu pai me deu duas coisas de meu avô: um pingente pesado de bronze, com um símbolo celta Maxfield que supostamente representava o nome anterior ao século XII, e a chave para o velho caminhão Ford.

Eu transferi o símbolo, ampliado, para um esboço. Eu teria Arianna tatuando do meu lado, na borda da minha caixa torácica. Enfiei a chave Ford no chaveiro de minha chave de casa e uma bússola.

Tinha o caminhão que eu queria, um símbolo de mil anos da minha herança, uma receita secreta para brownies, um canivete e memórias do meu avô que eu nunca teria sem a perda da minha mãe.

Eu não poderia dar sentido a essas coisas ou o seu valor para mim, quando cada uma delas estavam ligadas à perda de algo que eu não queria perder.

LUCAS

Eu cheguei quando Heller estava recolhendo os questionários. Quando eu deslizei para o meu lugar, ele pediu para me ver depois da aula.

— Sim, senhor, — respondi, trabalhando para evitar que o meu olhar deslizasse para Jacqueline, que estava escutando muito sutilmente, a cabeça inclinada, o queixo em seu ombro. Minha respiração era superficial, sabendo que ele poderia dizer uma frase - o inferno, uma palavra - *Landon* - Isso iria dizer a ela quem eu era.

Eu queria que ela soubesse.

E eu não queria.

Ela não olhou para o meu caminho novamente até o final da aula, quando eu me movi para frente. Quando Heller respondeu à pergunta de um estudante, eu aproveitei a oportunidade para encontrar Jacqueline na massa de estudantes saindo, mas ela ainda estava em seu assento. Olhando para mim.

Seus olhos eram escuros, devido à distância entre nós e as sombras de luzes do teto. Eu não conseguia distinguir o azul perfeito que eu sabia que eles eram. Eu não podia cheirar seu perfume doce. Ela não estava rindo ou mesmo sorrindo. Ela era apenas uma menina bonita.

Mas eu não podia ver ninguém.

— Pronto? — Heller perguntou, recheando notas de aula em seu portfólio.

Eu torci minha atenção de Jacqueline. — Yeah. Claro. Pronto.

Ele arqueou uma sobrancelha para mim, e eu o segui da sala. — Certeza que você não está trabalhando demais, não é? Você parece um pouco preocupado ultimamente.

Ele não sabia da missa a metade.

Este não era o meu dia.

Primeiro, Gwen chegou no primeiro mau humor que eu já a testemunhei

ter. Ela era como uma pessoa completamente diferente. Ela era como Eve.

Quem eu estava trabalhando no turno da tarde também.

Eu não tinha ideia quando Jacqueline iria aparecer, se ela iria chegar a se mostrar, mas eu sabia - como Landon – finais de tardes de sexta era quando ela programava suas aulas de música para o secundário. Ou ela estaria aqui a qualquer momento ou não. Quando Heller apareceu, pediu um latte venti, e sentou em uma cadeira no canto, eu egoisticamente orei que ele tomasse sua bebida e fosse para casa.

Ele retirou o *Wall Street Journal* e começou a primeira página.

Nem cinco minutos depois, ouvi a familiar saudação de Eve: — Posso ajudá-la? — com uma dose dupla de atitude. Olhei para cima para ver Jacqueline, mordendo o lábio como se estivesse reconsiderando sua decisão de parar.

— Eu fico com essa, Eve, — eu disse, dando um passo até o balcão.

Quando eu dei-lhe o café e me recusei a deixá-la pagar, meus colegas de trabalho continuaram com uma carranca para ela, que eu não poderia imaginar uma única razão do *por que.* Escolhendo uma das mesas bistrô no lado oposto de Heller, ela tirou seu laptop.

— Que diabos? — Eu finalmente perguntei a Gwen, entrando em seu campo de visão. — Por que você está olhando para ela como se estivesse tentando reduzi-la a cinzas?

Ela cruzou os braços e olhou para mim. — Por favor, me diga que você realmente não *gosta d*aquela garota, Lucas.

Eu dei uma olhada em Heller, que não se moveu, exceto para virar a página do seu papel. — O que quer dizer? Onde você escutou isso?

Ela prendeu os lábios, fazendo uma careta. — Você é mais transparente do que você pensa. E também, achamos que ela está brincando com você.

— *O quê?* — Graças a Deus havia clientes no caixa e Jacqueline estava longe demais para ouvir essa conversa.

— É verdade,— Eve assobiou, aparecendo ao lado de Gwen. — Seus

amigos vieram aqui de novo no outro dia - você sabe as duas eu quero dizer? As garotas da irmandade? — Suas palavras diziam *garotas de irmandade.* Seu tom dizia *prostitutas infestada de doenças.* Meu Deus. Eu estava dando a ela cinco segundos para chegar a um argumento que eu poderia esmagar.

Eu balancei a cabeça uma vez.

— Bem, eu não pude ouvir tudo que disseram sobre o maldito vapor, mas eu ouvi o seu nome e o nome dela e o fato de que ela está usando você para ser sua... ugh...— Ela fez aspas no ar. — *fase Bad boy.* Nunca ouvi nada tão fodidamente *estupido.*

Minhas sobrancelhas se levantaram. Fase Bad boy. Certo. — Vocês ambas são loucas.

Eva cruzou os braços. — Hum, não. Nós não somos. Elas estão tramando a coisa toda e ela está apenas seguindo adiante. Você deveria ser assim - um garanhão estepe para ajudá-la a superar algum outro cara. Assim - por um milhão de dólares e uma chance de avançar para a próxima rodada: você *gosta* dela ou você só quer transar com ela?

Elas ficaram ali ombro a ombro como loucas.

Estepe.

— Isto não é do interesse de vocês.

— O inferno que não é. — Eve me cutucou no peito com uma unha preta lacada. — Você é nosso amigo, e nós não estamos deixando alguma cadela metida brincar com você.

Minha mandíbula se apertou. — Não. Falem. Sobre ela assim.

Eles olharam uma para a outra.

— Merda, — Gwen disse, quando Eve disse, — Bem, foda-se.

Depois de uma hora, Jacqueline e Heller se foram, poucos minutos de diferença. Antes de sair, ele parou em sua mesa, dizendo-lhe o quão satisfeito ele estava de que ela estava acompanhando - o que eu só sabia porque esse era o assunto que ele queria discutir comigo depois da aula hoje de manhã.

Então ele passou pelo balcão para falar *comigo* sobre *ela* - enquanto ela

observava - e lembrei-me de um velho ditado que meu avô tinha gostado de citar: *Oh, teia emaranhada que nós tecemos quando primeiro praticamos o enganar.* Eu estava ficando com um gostinho do que aquele *emaranhado* significava.

O resto da tarde estava tão morta que nosso gerente perguntou se alguém queria ir para casa, e eu me ofereci. Eva e Gwen compartilharam mais um olhar aguçado. Eu nunca pedi para ir embora antes.

Gwen me seguiu até a parte de trás e me parou quando eu estava colocando minha jaqueta. — Lucas?

Virando-se, eu suspirei. — Sim?

Os lábios franzidos, ela colocou a mão no meu braço. — Eu sei que Eve pode ser um pouco difícil...

Eu sorri. — Sério? Eu não tinha notado.

Seus olhos plissavam nos cantos quando ela sorria, e a Gwen que eu conhecia reapareceu. — Mas nós duas nos preocupamos com você. Não queremos vê-lo ferido.

Eu fechei a jaqueta até o meio do peito – uma jaqueta macia e cor de chocolate que eu não fui capaz pagar sozinho. Charles e Cindy me deram no meu aniversário no meu ano de calouro. Ele tinha estado um pouco superdimensionado então. Ele encaixava perfeitamente agora. — Eu sou um menino grande, Gwen. Eu posso cuidar de mim mesmo. Eu tenho há muito tempo.

— Sim, eu sei. Apenas... tenha cuidado. Algumas coisas não valem a dor, mesmo que você possa sobreviver a ela ou não.

Ela nunca disse muito sobre o pai de seu bebê, mas eu sabia que ela estava falando por experiência própria. Eu dificilmente poderia comparar Jacqueline Wallace com um cara que era muito de um canalha egoísta para ser homem e ser pai. Mas o que eu sabia sobre Jacqueline não era meu para contar.

— Obrigado, Gwen. Serei cuidadoso, — eu disse a ela.

Mentira total.

Fiz um sanduíche quando cheguei em casa, compartilhando fatias de peru com Francis, como no dia que ele tinha surgindo pela primeira vez há três anos. Eu só tinha estado no apartamento por um mês quando Francis se mudou, sem ser convidado. Mesmo com os Hellers vivendo do outro lado do quintal, eu tinha uma sensação inesperada de isolamento. Meu pai e eu não tínhamos nos falado muitas vezes, quando eu morava com ele, mas ele estava lá, na casa. Não era a conversa que eu sentia falta, eu sentia falta da presença de outra pessoa.

— O que você acha? — Perguntei-lhe agora, jogando uma última fatia de peru em sua tigela. — Eu deveria me tornar seu *bad boy?* Certamente eu estou qualificado para o papel. — Eu peguei meu telefone e puxei sua informação de contato. — Fale agora ou cale-se para sempre.

Ele terminou seu peru e iniciou um banho.

— Isso é um acordo tácito, — eu disse, mandando uma mensagem de texto com um pedido de desculpas a Jacqueline por não se despedir esta tarde.

Foi estranho com o Dr. Heller lá eu acho, ela respondeu.

Ela não tinha ideia do eufemismo que isso era.

Eu disse a ela que queria desenhá-la. Aguardando sua resposta, eu observei a tela. *Você quer um bad boy, Jacqueline?* pensei. *Vamos lá, então. Me desafie.*

Ok, ela disse.

Eu disse a ela que eu poderia estar lá em um par de horas e peguei o número do quarto dela.

Ela tinha enviado um email a Landon - ironicamente, *durante* a hora que ela estava sentada na Starbucks – agradecendo por ter insistindo que ela fizesse a planilha. Noventa e nove por cento de certeza que ela arrasou no quiz que Heller deu esta manhã, eu queria enviar um e-mail de volta, mas não o fiz. Ela não iria ouvir sobre Landon esta noite.

Seu prédio era muito fácil de entrar. Um simples, — Ei, cara, segura a porta, — a um de seus colegas residentes que estava distraído demais. Peguei a escada dos fundos, todo o meu corpo queimava.

Eu não tinha mentido. Eu queria desenha-la. Possivelmente, isso é tudo o que eu faria. Hoje à noite.

Bati suavemente, ignorando os outros alunos pendurado para fora no corredor. Ela não respondeu, e eu não podia ouvir qualquer movimento dentro de seu quarto. Mas quando eu bati de novo, ela abriu a porta, como se tivesse estado de pé sobre o outro lado, debatendo se devia ou não me deixar entrar.

Seu suéter era de um azul mais claro do que os olhos, acentuando-os ainda mais. Mergulhando cautelosamente para um V no centro e seguindo suas curvas sem aderir a eles, a malha suave implorava para ser acariciada. Eu prometi responder a essa súplica.

Entrando no quarto dela - o estalar da porta atrás de mim - era como fechar uma porta na minha consciência. Isso não impediu de tocar dentro do meu crânio, embora um lembrete abafado, mas constante que esta menina era uma estudante na classe de Heller, fora dos limites. Além disso, ela estava superando um rompimento, que *a* deixava vulnerável de uma maneira... e eu de outra.

Pior ainda, ela não tinha ideia do meu conflito. Joguei o meu bloco de desenho em sua cama.

Mãos nos bolsos, fingi fascínio com a decoração do quarto e senti seu olhar traçar em cima de mim – dos gastos shitkickers sobre os meus pés para o capuz e o piercing em meu lábio. Parte vagabundo de praia, parte caipira, parte aperfeiçoada *não brinque comigo na* frente - eu não era nada como o ex dela, por tudo o que eu poderia ter sido, uma vez atrás. Eu não pensei em nada do que eu usava, ou quanto custava. Os rótulos que Kennedy Moore e seus *amigos* de classe média alta não teria impressionado meus camaradas ostentadores do ensino médio, cujos pais eram influentes lobistas, senadores e presidentes de associações de vários milhões de dólares.

Eu nunca me deixei intimidar por um menino que ostentava o dinheiro dos seus pais; Eu sabia quão rápido tudo poderia desaparecer, especialmente quando não era seu, para começar. Esta era uma verdade que eu aprendi, e aprendi da forma mais difícil: se você queria alguma coisa da vida, você tinha

que depender de si mesmo para obtê-lo. E para mantê-lo.

Enquanto o olhar de Jacqueline percorria meu rosto, eu continuei minha falsa inspeção de seu quarto no dormitório enquanto na minha cabeça, eu visualizei a expressão distraída que às vezes ela usava durante as aulas de Heller: olhos desfocados e imóveis, os dedos batendo contra sua perna ou sua mesa, dedilhando cordas invisíveis.

Eu tinha estado atraído por ela há semanas, mas mantive minha distância até a noite em que me tornei seu protetor. Como aquele provérbio chinês diz que se você salva uma vida, você é responsável por essa pessoa para sempre - eu não conseguia deixá-la livre e ir em frente. Não quando eu não acreditava por um segundo que ela tinha as ferramentas para proteger a si mesma. Talvez eu não tivesse salvado a *vida* de Jacqueline naquela noite - mas eu tinha a salvado de algo que teria roubado um pedaço de sua alma. Eu era consumido para protegê-la, e para fazer isso de forma eficaz, eu precisava conhecê-la melhor.

Pelo menos essa é a história inventada que eu disse a mim mesma.

Eu peguei seus olhos nos meus quando me virei, e deixei o meu olhar pular para os pequenos alto-falantes em sua mesa. Ela estava ouvindo uma banda que eu tinha visto no mês passado. Perguntei-lhe se ela tinha ido ao show, e, surpreendentemente, ela balançou a cabeça. Eu não a tinha visto lá - mas então, eu não sabia que tinha que procurar por ela. Dei-lhe alguma desculpa sobre álcool e como estava escuro. Se eu soubesse que ela estava ali, nenhuma quantidade de cerveja ou escuridão teria me impedido de encontrá-la.

Melhor não divulgar isso.

Tirei meu boné e capuz, jogando-os em sua cama e tentei compor minha expressão antes de voltar para ela. Ela provavelmente tinha estado lá com o namorado, de qualquer maneira, enquanto eu tinha ido com Joseph.

— Onde é que você me quer? — perguntou ela, e minha mente apagou momentaneamente e, em seguida, encheu de imagens que eu não poderia dizer. Ela corou como se ela as ouvisse de qualquer maneira, os lábios se

abrindo, incapaz de tomar de volta a questão coquete, ela obviamente, não quis dizer isso como uma tática de sedução.

Limpei a garganta e sugeri a cama, combinando com seu involuntário vamos lá com um dos meus próprios. Empurrando meu capuz e boné enquanto ela se sentava, eu me lembrei aos meus ressuscitados hormônios que havia um milhão de razões de que Jacqueline Wallace não era para mim, começando com o fato de que eu estava basicamente mentindo para ela sobre quem eu realmente era, e terminando com esse conhecimento de que meninas como ela não se apaixonavam por indivíduos que se pareciam comigo.

Mas ela não tem que se *apaixonar,* tinha? Para eu ser o menino que ela passaria algum tempo? Sua fase de bad boy. Seu estepe. Deus me ajude, eu estava muito disposto.

Ela olhou para mim com olhos arregalados e apreensivos, e eu queria acalmá-la, a suaviza-la com minhas mãos. Em vez disso, encontrei-me dizendo-lhe que não tinha que fazer isso se ela não quisesse. Eu esperei que ela liberasse a respiração reprimida que ela estava segurando e me dizer que isso era um erro. Parte de mim esperava por essas palavras, porque eu poderia, em seguida, recuar antes que eu cometesse o erro monumental de comprometer minha integridade em muitas maneiras para contar.

Mas eu não iria a menos que ela me dissesse. Não enquanto minha cabeça estava cheia de nada além de querer me aproximar dela.

— Eu quero, — ela disse suavemente, seu corpo ainda rígido, como um dos meus modelos de madeira - articulações dobráveis, mas de outra forma inflexível. Sua declaração não correspondia com sua postura, mas eu não sabia o que era válido - o seu corpo ou suas palavras.

— Qual seria a posição mais confortável para você? — Eu perguntei, e ela corou novamente, mais forte do que ela fez um momento antes..

Mordi o lábio e me virei, abaixei a minha bunda no chão alguns metros dela, minhas costas contra a única seção em branco da parede de seu quarto.

Abrindo meu caderno contra os meus joelhos, eu respirei lento através do meu nariz e me amaldiçoei por enviar aquela mensagem de texto. Mesmo que meu pedido não fosse para esboça-la, mas essa proximidade privada não era nada perto do inferno. Em um momento de deslize, eu percebi que eu a queria mais do que eu alguma vez quis alguém antes. Esse desejo vinha crescendo há semanas, e eu tinha deixado isso sem controle, porque ela tinha um namorado, porque ela era uma estudante em uma classe que eu tutorava, porque ela era impossível, inatingível, uma fantasia e nada mais.

Em seguida, houve aquela noite - uma noite que deve aterrorizá-la ainda - mas eu mantive de ser muito pior. Minha mão agarrou o lápis. Eu não poderia me creditar por salvá-la e, em seguida, tomá-*la* como o prêmio, e não sob falsos pretextos, quando ela nunca podia ser minha.

Mas, em seguida, ela teve falsos pretextos, não foi? Será que eu poderia dar a ela o que ela queria.

Eu disse a ela para deitar em seu estômago e olhar para mim e ela obedeceu.

— Assim?

Eu balancei a cabeça, e minha cabeça nublou. *Maldição* - o que eu tinha feito a mim mesmo? Eu tinha que tocá-la.

Imóvel, ela viu quando eu joguei o bloco e lápis para o lado, chegando em meus joelhos e fechando a distância entre nós. Ela fechou os olhos quando eu puxei meus dedos pelos cabelos, organizando-os para revelar a curva de sua mandíbula. Uma pequena e solitária sarda tornou-se visível imediatamente sob o queixo, e eu forcei minha mão para evitar acariciar um dedo sobre ela. Ela abriu os olhos, e me perguntei se ela podia ver a batalha feroz dentro do meu crânio e abaixo da superfície da minha pele.

Ficamos em silêncio enquanto eu a esbocei. Eu sabia que ela estava me observando, embora não pudesse ver o que eu estava desenhando. Eu senti seu olhar, mas não devolvi. Minutos mais tarde, com os olhos fechados, ela ficou muito quieta. Eu terminei o desenho e não tinha certeza do que fazer. De joelhos

novamente, eu me aproximei da cama, me sentei sobre os calcanhares, e observei-a por alguns minutos. Sua respiração era profunda e regular. Eu coloquei o bloco e lápis de lado e lutei para não tocá-la.

— Adormeceu? — Eu finalmente sussurrei, e seus olhos se abriram.

— Não, — disse ela, apesar de que eu sabia que ela estava mentindo.

Eu não a corrigi. Ela perguntou se eu terminei e ouvi-me dizer-lhe que eu queria fazer outro. Quando ela concordou, pedi-lhe para deitar de costas. Ela obedeceu. Eu lhe disse que queria arrumar, e ela consentiu. Meu coração surgiu a vida em minhas veias como se estivesse acordando de um ano longo de coma. Tudo estava claro e detalhado. Cru e sensível. Eu a queria tanto que doía.

No início, eu pensei em organiza-la como se tivesse caído do céu e aterrissado de costas - um anjo arrastado para terra pelo seu coração partido. Mas quando eu elevei-lhe o pulso e angulei seu braço sobre sua cabeça, eu a imaginei na minha cama. Com o coração acelerado, me mudei para o braço oposto - primeiro para o estômago, e depois acima da cabeça, com o outro. Eu cruzei os pulsos e imaginei-a rindo e me desafiando a amarrá-la, claro como uma memória. *Maldição.*

Eu tive que parar de tocá-la ou eu ia perder minha mente, então eu esbocei como ela estava, concentrando-me em linhas e ângulos, sombras e reflexos. Meu pulso diminuiu a um ritmo constante. Minha respiração voltou ao normal.

O meu olhar mudou-se para o rosto dela. Para os olhos. Que estavam abertos, me observando.

Suas pequenas mãos, ainda obedientemente cruzadas nos pulsos acima de sua cabeça, cerraram os punhos e depois relaxaram. O pulso zumbia em sua garganta. Seu peito subia e descia rapidamente. Eu estava perdido no infinito azul dos seus olhos. Ela parecia quase com medo, o que me deixou com raiva - mas não para ela.

— Jacqueline?

— Sim?

— Na noite em que nos conhecemos... — *Eu não sou ele. Eu não sou ele.* — Eu não sou como aquele cara.

— Eu sei dis...

Eu coloquei meu dedo em sua boca macia, cheia, acalmando suas palavras. — Eu não quero que você se sinta pressionada. Ou dominada. — Mesmo no meio da minha duplicidade, eu quis dizer as palavras, necessitando que ela confiasse em mim. Eu também queria beijá-la mais do que eu queria respirar.

— Eu, com certeza, quero te beijar agora. Muito.

Eu era o único com mais medo, porque eu sabia que ela ia dizer não. Eu iria provar a ela que eu poderia ser de confiança. Eu trilhei um dedo de seus lábios à garganta, até o centro do peito, e esperei pelo *não* dela.

Mas ela não disse isso.

Sua voz era pouco mais que um suspiro. — Ok.

14

Landon

A primeira vez que eu dirigi sozinho não foi como eu sempre sonhei que seria. Eu imaginava passear com Boyce em um sábado à noite. Pegando uma garota sem rosto para ver um filme ou obter um hambúrguer. Vovô me mandando para o supermercado para obter leite.

Em vez disso, eu dirigi até o cais e peguei a balsa que funcionava 24/7[9], como vovô e eu tínhamos feito muitas vezes - mas eu nunca tinha sido aquele a dirigir o caminhão pela rampa. Eu dirigi até o cemitério, levando flores e percebendo que eu só tinha uma vaga noção de onde, exatamente, ele estava enterrado. Setenta e duas horas atrás. Aquele dia tinha sido um borrão. Não parecia real.

Encontrei a lápide da minha avó e do monte de sujeira nova ao lado dela.

Uma semana atrás, eu estava dirigindo em uma estrada de volta não muito longe daqui, com o vovô no banco do passageiro. Ele estava me dizendo como ele aprendeu a dirigir aos quatorze anos, quando ele saiu da escola para trabalhar com o pai e o irmão mais velho. — Eu quase tirei as engrenagens daquele velho Dodge antes de aprender a controlá-lo, — ele disse, rindo com a lembrança.

Eu tentei lembrar a última coisa que dissemos um ao outro, mas eu não podia. Provavelmente algo a ver com o jantar, ou tarefas, ou o tempo.

Agora que eu estava parado ao pé daquele monte de terra, eu não sabia o que fazer. Eu deveria falar com ele? Chorar? Ele não estava lá. Ele não iria me ouvir. Essas coisas pareciam inúteis, a menos que eu quisesse me ouvir falar - e

eu não queria.

O cemitério estava pontilhado com alguns visitantes solitários, como eu, e um grande serviço funeral acontecendo. Sob uma grande tenda existia uma carga de enormes arranjos florais, as pessoas amontoadas, prestando suas homenagens enquanto estavam sentados em cadeiras dobráveis e estofadas. Quem morreu tinha tido dinheiro. Eu olhei para os carros ao longo da estrada, reconhecendo as marcas - Cadillac, Mercedes, Audi, Jag... e o mesmo jipe branco brilhante de Clark Richards.

Que diabos.

Digitalizando as pessoas, encontrei-o facilmente - na linha da frente. Seu cabelo loiro escuro estava penteado para trás e ele usava um terno preto, camisa branca e uma gravata vermelha escura. Melody sentava à sua esquerda, vestindo preto e inclinando-se para ele. O braço dele estava rodeando o ombro, com o rosto impassível. Mesmo com a distância, a miserável postura de Melody era óbvia. Seus ombros vibravam, e embora eu não pudesse ver seu rosto ou suas lágrimas, eu me senti sua dor como um soco no estômago.

Seu irmão mais velho, Evan, estava do seu lado direito. Eu reconheci a sua mãe, ao lado de Evan. O homem ao lado da Sra. Dover era, provavelmente, seu marido. Família contabilizada, mas todos eles estavam na linha da frente. Eles haviam perdido alguém intimamente relacionado.

Eu considerei a sujeira em meus pés. *Poeira à poeira.* Minha garganta apertou. — Adeus, vovô. Obrigado pelo caminhão.

Mais tarde naquela noite, deitado na cama, eu mandei uma mensagem para Melody: Você está bem? Eu estava no cemitério e a vi hoje.

Ela mandou uma mensagem de volta: Minha avó morreu sexta-feira. Seu funeral foi hoje. Eu odeio a minha família. Tudo que eles se preocupam é o dinheiro dela.

Isso é péssimo, eu disse.

Trinta minutos se passaram antes que ela mandou uma mensagem de volta: Estou no forte. Eu precisava ir para fora e olhar para as estrelas. Você pode

vir se quiser.

OK. Eu empurrei *enviar* e agarrei meu casaco do gancho na parte de trás da minha porta.

Papai olhou da mesa onde ele espalhou os livros de negócios e pilhas de arquivos, observando as botas nos meus pés e eu puxei o capuz sobre a minha cabeça. Eu não disse nada, mas eu reconheci a decepção em sua mandíbula tensa antes de me virar e sair pela porta da frente. Se ele tinha assumido que a morte do meu avô ia me transformar em um cidadão modelo, ele não me conhecia.

Quase não havia vento - estranho para março. Mais quente do que estava mais cedo, também. Quando me abaixei para o forte, eu puxei o capuz para baixo, subi a escada e perdi o fôlego com a visão de Melody, sentada contra a parede, sua metade inferior enrolado em um cobertor, sua metade superior em uma blusinha de alças finas de amarrar.

— Ei, — eu disse.

— Hey. — Sua voz era áspera, como uma gravação antiga. Ela chorou muito, e recentemente.

Sentei-me ao lado dela, perto o suficiente para tocar, mas não se tocando. Eu sabia por experiência própria para não dizer - *Sinto muito*. Não porque havia algo de errado ou até mesmo hipócrita sobre a frase, mas porque não havia nenhuma boa resposta para isso.

— Como era a sua avó? — Eu perguntei em seu lugar.

Sua boca levantou-se nos cantos, apenas um pouco. Ela descansou o lado de seu rosto sobre os joelhos e olhou para mim. — Ela era mal-humorada. Teimosa. Meus pais odiavam isso. Eles não achavam que ela era *prudente* - que é o que costumava dizer um ao outro. Ela não era delicada, discreta e facilmente abafada. Eles só queriam que ela se calasse, mas ninguém poderia ditar isso a ela porque ela segurava as cordas.

Isso não soa como uma mulher que teria dito para Melody deixar o irmão mais velho ou namorado ser seu chefe.

— Ela tinha uma tonelada de netos, mas eu era a sua favorita, — disse

ela. — Ela me disse isso.

Eu espelhei seu leve sorriso. — Eu era o único neto do meu avô, então eu acho que eu era o seu favorito por padrão.

— Tenho certeza de que teria sido o seu favorito, mesmo que ele tivesse uma dúzia de netos, — disse ela.

Meu coração apertou. — Por que você acha isso?

Estávamos sentados no escuro, um pé de distância. Cada parte de mim queria estar mais perto dela fisicamente, e agora ela estava puxando o meu coração. — Bem... você é inteligente e determinado, e você se preocupa com as pessoas.

Meus lábios se abriram. — Você acha que eu sou inteligente?

Ela assentiu com a cabeça uma vez, o rosto ainda pressionado contra seu joelho. — Eu sei que você é. Você esconde, no entanto. Por causa de pessoas como Boyce?

Eu levantei um ombro, um joelho para cima e a outra perna esparramada. A parte de baixo da minha bota estava a meio caminho para a parede oposta. Este forte foi feito para crianças de seis anos. — Não. Boyce não zomba sobre coisas assim. — *Boyce só me zomba sobre querer uma menina que eu não posso ter*. — Eu não vejo o ponto - escola, notas, tudo isso. Meu avô deixou a escola quando ele era dois anos mais novo do que eu, e meu pai tem um PhD em economia - mas que diferença isso faz? Ambos acabaram trabalhando em um barco.

Ela piscou. — Seu pai tem um *PhD?* Então, por que ele é - quero dizer, por que ele não iria fazer algo mais...

Apertando os lábios, eu virei minha cabeça para vê-la tropeçar sobre este conhecimento - algo que eu não tinha compartilhado com ninguém, mesmo com Boyce. — Mais de prestígio? Ou algo que faz mais dinheiro?

Ela encolheu os ombros, embaraçada com sua pergunta indelicada, mas ainda curiosa.

— Ele fazia. Então... minha mãe morreu. — Olhei para o céu. — E nos

mudamos para cá. E tudo o que eu aprendi ou fiz antes foi apenas um grande porra de perda de tempo.

— Então, você não quer ir para a faculdade?

— Eu não sei. Quero dizer, eu não sei como pagar por isso, se eu fosse.

Senti meu rosto queimar e estava feliz com a escuridão. Esta era Melody Dover, pelo amor de Deus, e a falta de dinheiro era uma fraqueza para pessoas como ela. *Fraco era* a última coisa que eu queria parecer para Melody.

— Você pode obter uma bolsa de estudos, talvez.

Eu não queria dizer a ela que eu verdadeiramente mandei isso para o inferno. Meu GPA não iria inspirar admiração em instituições de ensino superior. Eu provavelmente não seria admitido, muito menos de graça.

Enfiei minha mão no meu cabelo para empurrá-lo do meu rosto, e ela estendeu a mão para traçar a tatuagem nas costas do meu pulso com um dedo. Eu trouxe a minha mão para baixo, devagar, e descansei-a entre nós. — Eu gosto disso, — disse ela, movendo-se para a chama lambendo sobre os meus tríceps, seguindo-o ao longo do corte dos meus bíceps e sob a manga da minha T-shirt. — E isso.

— Obrigado. — Minhas cordas vocais me falharam, e a palavra era um sussurro. Nossos olhos se encontraram, iluminados somente por estrelas e o luar.

Ela puxou a mão de volta em seu colo. — Obrigado por me mandar mensagem esta noite, Landon. E por ter vindo. Eu não quero ficar sozinha, depois deste dia de merda. Pearl tem um toque de recolher às dez horas, e eu acho que Clark está dormindo - ele nunca me respondeu.

Eu sabia de fato que Clark Richards estava fechando uma compra com Thompson hoje à noite e estava atualmente ficando alto no outro lado da cidade. — Não tem problema.

LUCAS

Ela disse ok.

Deixei cair o caderno para andar para Jacqueline e pressionei-a para o colchão, com cuidado, mas sem hesitação, as pontas dos meus dedos traçando as veias pálidas em seus pulsos. Seu coração vibrou sob meus dedos, correndo quase o dobro do número de segundos em um minuto. Meus dedos seguiram essas trilhas azuis até desaparecer na curva de seus cotovelos, sua pele suave e frágil demais para ser real.

— Você é tão bonita. — Talvez eu tenha falado as palavras em voz alta ou dentro da minha cabeça. Eu não tinha certeza de qual.

Meus lábios se fecharam sobre os dela, mais cuidadosamente do que eu já beijei alguém. Eu estava apavorado que fosse assustá-la. Com medo de que ela iria recuar e nunca confiar em mim novamente com esta oportunidade. Com medo de que ela me equiparia com aquele idiota que a machucou - que teria a machucado muito mais.

Eu empurrei-o de minha mente como se eu tivesse empurrado-o de um penhasco. Ele não era uma parte disso. Eu não iria deixá-lo entrar.

Toquei minha língua ao longo da costura de seus lábios – uma pergunta tranquila e uma promessa de se retirar, se necessário. Mas ela abriu a boca, e meu sangue inflamou, rolando abaixo das minhas tatuagens, como pequenas faixas de fogo. Sua língua tocou a minha - uma conexão que eu não tinha imaginado que seria permitido, e que incitou uma dor a mais. Eu varri a minha língua na dela e ela suspirou e tremeu embaixo de mim.

Coloquei uma mão sobre seus pulsos e uma em sua cintura, como se eu pudesse gravá-la para este momento. Explorá-la de repente era tudo que eu estava destinado a fazer nesta vida. Quando eu chupava cheio lábio inferior, tão insuportavelmente doce, sua respiração ficou presa. Minha língua entrou em sua boca, com mais força, buscando mais dela, e suas mãos se viraram para debaixo da minha mão. Soltei-a instantaneamente, temendo que eu a assustasse com a intensidade do que eu sentia, rezando para que eu não tivesse - mas seus olhos se abriram, e eu li nada lá, exceto.

Coloquei as mãos em volta de meu pescoço e me sentei, puxando-a em meu colo enquanto suas mãos seguravam meu cabelo e *Deus Todo-Poderoso* ela poderia ter pedido qualquer coisa de mim naquele momento e eu teria lhe dado.

Sua cabeça descansando na minha mão quando eu inclinei-a para trás, inclinando o queixo para beijar aquela sarda que eu tinha notado durante o esboço. Meus lábios se moviam mais baixo, tão lentamente, todo o meu corpo em alerta para qualquer sinal de ir *muito longe*. Seu peito subia e descia, a puxada suave de cada respiração ecoando no quarto acima do meu e misturando com a música de seu laptop que havia desaparecido com o fundo. Eu conhecia as músicas, mas não poderia ter dito ou me importado quais eram quando a minha mão livre vagou sob o suéter.

Eu passei os dedos gananciosos sobre suas costelas e até sobre o tecido de seda de seu sutiã, empurrando o suéter para cima. Sua respiração acelerando se espalhando sobre o meu rosto e meu cabelo enquanto eu corri minha língua ao longo da curva de sua pele nua, um pouco acima da borda do sutiã.

O pequeno fecho era na frente. Uma pressa entre o polegar e o dedo indicador, seguido por um deslizamento de meia polegada o abriria, mas meu cérebro venceu. Isso seria demais. Minha consciência sussurrou do outro lado da porta que eu estava me iludindo mentalmente com este pretexto de bravura. Esta *noite inteira* foi muito longe, e eu muito bem sabia.

Eu deveria ir, pensei.

E então ela riu. Nem mesmo uma risada, na verdade - mais parecido com uma risada estrangulada, ricocheteando pela sala no momento mais estranho possível.

— Cócegas? — Eu perguntei, porque eu não poderia supor uma outra razão para ela rir a tal ponto. Ela mordeu o lábio, muito muito forte. Eu queria argumentar que ela estava machucando uma parte de si mesma que eu estava preparado para passar a próxima hora adorando. Eu tinha sonhado sobre seus lábios, a boca, a língua - eu não queria que ela colocasse qualquer um deles fora de jogo. Ela balançou a cabeça, *não,* e eu olhava para sua boca exuberante e

perguntei: — Você tem certeza? Porque é Ou isso... ou você acha minhas técnicas de sedução... bem-humorada.

Ela riu *novamente,* tardiamente cobrindo a boca.

Eu não estava a deixá-la fugir, escondendo aqueles lábios de mim. Em voz alta, eu refletia sobre o pensamento de fazer cócegas nela, só para descartar sua histeria, e seus olhos se arregalaram.

— Por favor, não, — ela implorou, como se eu o faria. Quaisquer dedos que acariciassem o corpo dela seria um tipo totalmente diferente de toque, e eu estaria ferrado se ela fosse rir de novo, tão linda e estranha como era.

Tirando a mão dela de seus lábios, coloquei-a sobre o meu coração e capturei sua boca com a minha - dando-lhe tempo para ficar ansiosa, não me dando tempo para deliberar. Ela gemeu baixinho, chutando-me para fora da minha mente.

Puxei o suéter dela de volta para baixo, mas eu não precisava vê-la para senti-la, e minha imaginação preenchia cada vazio visual. Acariciando a pele macia de seu abdômen, movendo-se para o norte, preguiçosamente - dois centímetros para cima e um para trás, minha mão finalmente segurou um peito, pleno e perfeita. Ela engasgou quando rocei o polegar sobre o mamilo e eu senti ele endurecer instantaneamente através do fino tecido do sutiã. Eu agarrei-o suavemente, me deleitando com sua capacidade de resposta, antes de prestar a mesma atenção para o outro seio.

Eu poderia desenhá-la baseado somente com esses toque, sem nunca ver seu corpo nu. Ela teria auréolas do tamanho pequeno, eu acho - mamilos rosados tensionados em direção a minha boca se eu arqueasse o meu braço mais sobre ela e lambesse cada um deles, uma vez, soprando suavemente em toda a superfície de sua pele.

Deus. Droga.

Como se ela lesse minha mente, ela gemeu de novo, maior abertura, e a minha língua mergulhou fundo, sondando cada centímetro de sua pequena boca quente, acariciando a língua ritmicamente. Rosnando meu prazer quando ela

chupava o meu, eu apertei o meu braço em volta dela, exercendo cada grama de força de vontade que eu tinha para não puxá-la montada em meu colo, puxando seu suéter sobre a cabeça, deslizando seu sutiã, e chupando-o em minha boca enquanto ela moldava seu núcleo aquecido contra a minha ereção dura como pedra, e mais do que disposta. Isso seria tortura requintada.

Ela cantarolou em meus braços, entregando-se para eu beijar, não tendo nenhum pensamento, tenho certeza, de que eu estava imaginando muito mais do que estes beijos aquecidos e tão poderosos como eles eram. Eu acariciava sua garganta com os dedos, como colocar a minha mão para um trilho de trem e sentir o estrondo de um trem que eu não podia ver, no entanto, vindo rápido. Abandonando seus lábios momentaneamente, eu chupava pequenos beijos suaves ao longo da frente de seu pescoço - não forte o suficiente para deixar marcas, mas forte o suficiente para deixá-la tonta. Forte o suficiente para lhe dar uma amostra de como eu poderia fazê-la se sentir.

Deslizando minha mão e voltando para a base de sua espinha e puxando-a para mais perto, eu brincava com os dedos na parte de trás de sua calça jeans, enquanto eu voltei a minha boca na dela, beijando-a lentamente e gentilmente para lento e profundo, lento e profundo para rápido e delicado, rápido e delicado para forte e profundo - fisgando-a, pouco a pouco.

A mão dela massageado e pressionado. Minha pele queimava e meus músculos saltavam sob a palma da mão como se preparando para fazer seu lance, fosse o que fosse. Eu só estava no comando, porque ela me permitiu estar. O meu comando era ilusório. Se ela dissesse para parar, eu pararia. Se ela se inclinasse para o meu ouvido e dissesse: *Tome-me agora,* eu iria, sabendo que era muito cedo e seria um erro. Eu faria o que ela pedisse, no entanto, se ela perguntasse. Eu seria seu bad boy, se é isso o que ela queria. Se isso é o que ela precisava.

Eu queria fazer algo de bom para ela. *Tão bom.* Mas não desta vez. Ainda não. Estendido no colchão estreito, sem remover um único item de sua roupa, eu tinha nos levado ambos à beira da loucura. Um movimento e íamos

ao longo da borda. Sua postura lânguida e olhos fortemente pesados me disseram que ela estava bêbada com o beijo e flexível. Ela iria seguir minha liderança.

— Devo ir, — eu sussurrei.

Sua testa franzida. — Você quer ir?

Não, menina bonita. Eu quero prendê-la neste colchão e agradá-la de todas as malditas maneiras possíveis para o resto da noite.

— Eu disse que eu *deveria* ir. — Eu dei um beijo no canto da boca. Seus lábios estavam inchados e molhados, e se eu não parasse de olhar para eles eu não estaria saindo daqui. Movendo-se para acariciar seu ouvido, eu disse, — *Deveria* é diferente de *querer.*

Ela suspirou em resposta. — Posso ver os esboços, então?

— Mmm, com certeza. — O meu corpo protestou quando eu me levantei separando-me dela para me sentar, tomando-lhe a mão e puxando-a para cima também. Se ela tivesse permanecido ali, com os cabelos todos ao redor do rosto, suas roupas tortas, meu desfiado de controle seria jogado para fora da janela. Com força.

Agarrei o bloco de notas e eu me sentei ao lado dela na borda da cama.

Mostrei-lhe os dois esboços - cada um subdesenvolvidos, com necessidade de um acabamento mais fino. Apesar disso, ela parecia impressionada. Eu lhe disse que provavelmente iria refazê-los em carvão e alinha-los na parede do meu quarto. Sua resposta foi surpresa cômica, especialmente quando eu acrescentei: — Quem não gostaria de acordar com isso? — Mordi o interior da minha bochecha para manter minha expressão vazia.

Tarde demais, eu percebi que não tinha lavado as mãos depois de esboça-la, antes de tocá-la. Se eu removesse esse suéter, sem dúvida ela estaria coberta com manchas cinzas, como se eu a tivesse marcado como minha. Meu corpo se apertou em resposta a esse pensamento. Encostei-me na porta e puxei-a contra mim, quando eu a beijei uma última vez. Quando ela veio para os dedos dos pés e empurrou-se para dentro de mim, eu sabia que ela estava à cinco segundos de estar deitada de costas no meio da cama.

— Eu tenho que ir agora, ou eu não vou. — Eu gemi.

Ela não disse nada - nem *sim, vá,* mas também não se opôs a minha saída. Eu dispensei o que eu vi em seus olhos - um momento de hesitação, que me disse que eu poderia ser mais do que o estepe que suas amigas falavam que eu era. Imaginando, sem dúvida. Eu beijei a testa e a ponta do nariz, mas não sua tentadora, boca deliciosa, e murmurei: — Mais tarde, — e sai do quarto, meu corpo e meus pensamentos desordenados.

15

Landon

Tendo crescido em uma escola pequena, privada, eu sabia algo sobre pequenas cidades. A forma como nada permanecia um segredo. Os segredos espalhavam como rastilho de pólvora. A maneira que o fogo não morria até que um incêndio maior consumisse.

Durante as férias de primavera, quatro meninas da faculdade alugaram uma casa na praia – uma propriedade dos Richards. O pai de Clark enviou-o para entregar as chaves quando elas chegaram. A fofoca era, ele parou com um par de seus caras da equipe de beisebol do time do colégio, e eles não tinham saído por uma hora. Isso pode não ter sido um grande negócio - mas voltaram naquela noite com outro cara. E ninguém foi embora até a manhã seguinte.

Pelo menos um desses caras não pode resistir de comentar sobre a alegada orgia - não foi possível que qualquer pessoa o culpasse por falar. Strip Poker com doses de Cuervo e meninas da faculdade, dois rapazes e duas meninas participando para cada quarto e várias trocas de parceiros? A maioria dos caras vai falar. E falar. E falar.

Alguns não se contentam em parar por aí. Alguns querem tirar fotos e clips de vídeo como prova e enviá-los para amigos, geralmente quando eles estão muito bêbados ou drogados para não perceber que um amigo com uma namorada de longa data estava dentro de um daqueles vídeos. Aquela em que uma garota quase nua amarrando-o em uma cadeira, movendo-se e gemendo de uma forma que a imaginação não é obrigada a saber o que está acontecendo.

Boyce e eu vimos o vídeo mais cedo no dia seguinte.

Melody tinha visto isso no momento em que Clark foi para sua casa na

noite seguinte. Houve uma briga enorme, e sua mãe ameaçou chamar seu pai se Clark não se acalmasse e saísse. Ele quase capotou seu jipe no final da sua garagem, tirando um pedaço da parede e deixando um conjunto paralelo de listras de borracha.

Eu queria bater nele quando ele apareceu em uma das fogueiras que pontilham as longas extensões de areia, três horas depois, agindo como se perder Melody era pouco mais que um pequeno aborrecimento. Boyce me disse que Clark tinha fodido turistas antes - ele simplesmente não tinha sido pego. — Alguns caras acham que não conta se é com uma garota que é de curto prazo. É uma porra de idiotice. — Como para ilustrar a afirmação de Boyce, Clark emparelhou-se com uma menina desconhecida cinco minutos depois. Esta parecia ter treze anos e com os olhos arregalados como um cervo bebê.

— Uau, cara, olha, — disse Boyce, gesticulando com o cigarro.

Melody marchou através da areia, ladeada por Pearl, que estava carregando uma caixa de papelão. Marchando até Clark à luz do fogo bruxuleante, Melody mergulhou as mãos na caixa nos braços de sua amiga e choveu fotos rasgadas e o que parecia ser pedaços de urso de pelúcia sobre a sua cabeça.

— Que porra é essa, Melody? — Clark disse, levantando e deixando a menina assustada de volta para a areia. Ela se arrastou para longe como um caranguejo.

— Seu. Traidor. *Bastardo!* — Melody puxou uma pulseira de ouro da caixa e atirou-a em seus pés. Ela bateu-lhe no tornozelo e deu uma guinada em direção à água, rolando.

— Esses são *os diamantes,* sua puta psicopata! — Ele gritou, pulando para agarrá-la.

— Você não pode me comprar! — Ela voltou.

— Quem iria querer? — Ele rosnou, e ela começou a chorar, tropeçando para longe. Pearl jogou a caixa vazia em sua cabeça - Ele abaixou e passou por cima de seu ombro - e seguiu a sua amiga.

Eu puxei o cabo da porta do forte, ouvindo atentamente. Eu pensei ter ouvido uma fungada quase inaudível, mas que poderia ter sido uma rajada de vento. — Melody? — Eu sussurrei.

Seu rosto apareceu de cima, seu cabelo brilhante ao luar, como um halo em volta de sua cabeça inteira. Ela apertou os olhos e então disse, — Oh - Landon. O que você está fazendo aqui? — Ela soluçou. Tinha sido mais de duas horas desde a cena na praia, mas ela ainda estava chorando.

— Só vim ver como você está. Posso subir?

Ela assentiu com a cabeça. — Claro.

Ficamos em silêncio, até que ela se aproximou e encostou a cabeça no meu ombro. — Metade dos meus amigos está dizendo que eu exagerei e metade quer me ajudar a esconder o corpo. Eu não sei em que acreditar.

Eu balancei minha cabeça. — Exagerou? Porque ele te traiu?

Ela puxou os joelhos contra o peito, curvando em mim, e eu coloquei meu braço em volta dela. — Ele veio e pediu desculpas, — disse ela. — Ele disse que só tinha ido lá por causa de seus amigos - os outros caras são todos solteiros. Ele disse que esse tipo de coisa não era para meninas como eu alguma vez saber. Ele disse que estava bêbado, e que foi um erro.

— E você acredita nele?

— Obviamente que não, ou eu não teria rasgado o Beauregard.

Eu bufei. — *Beauregard?*

Ela riu, soluçando novamente quando ambos começamos a rir. Em algum momento, porém, os seus risos viraram soluços, e ela caiu no meu peito. — Por que ele iria fazer sexo com alguma puta quando tem de mim? Por quê?

Eu percebi que ela não queria que eu tentasse uma resposta para isso. Eu também não suspeitei de nada e ninguém jamais seria suficiente para um cara como Clark Richards. Como seu pai, ele nunca ia se contentar com o que tinha. Ele só via o que ele não tinha. E sentia direito a ter isso.

Ela aquietou depois de alguns minutos, um par de respirações profundas e estremecimento. — Como sabia que eu estaria aqui?

— Quando eu mandei uma mensagem e você não respondeu, eu imaginei.

Ela inclinou a cabeça para trás e olhou para mim. — Você é um cara bom, Landon.

Eu não sou, veio o pensamento automático.

Ela se inclinou para mais perto, os olhos abertos, e pressionou seus lábios nos meus. Apenas um escovar - experimentando e testando. Ela afastou apenas alguns centímetros, e nossa respiração se misturavam. Eu me inclinei para frente, um centímetro de cada vez, e ela não recuou. Beijei-a quando ela me beijou, com cautela, lentamente, só os lábios, nenhum de nós fechou os olhos.

— Melody? — Nós pulamos separados - a voz da mãe estava perto, direitamente fora dos muros do forte.

Eu estava de costas, enquanto ela se pôs de joelhos, com a mão pressionada até o meio do meu peito, sentindo meu coração batendo. — Sim, mamãe?

Sua mãe suspirou, exasperada. — Vem para dentro, agora. Você não pode estar aqui sozinha. Não é seguro. — Melody olhou para mim quando sua mãe continuou: — Além disso, Clark agora está ligando no telefone fixo, uma vez que você não está respondendo seu celular.

Seu queixo veio à tona. — Disse-lhe para *comer merda?*

— Melody Ann...

— Você *sabe* o que ele *fez,* mamãe? Quão humilhada eu estou?

Outro suspiro. — Vem para dentro, Melody.

— Sim, senhora. — Ela virou-se para trás para baixo da escada, sussurrando-me: — Espere cinco minutos antes de sair. E obrigada.

Eu estava trabalhando com o papai no dia seguinte - ele tinha reservado para uma família de quatro para uma excursão de dia inteiro de pesca e passeios. Eles estavam na boca da doca quando meu pai e eu chegamos. Uma menina, a minha idade, estava carrancuda, os braços cruzados sobre o peito. Um outro, em torno da idade de Carlie, estava saltando de um pé para o outro, o

rosto corando de emoção.

— Puta merda, — eu disse baixinho, já sentindo ranzinza.

— Faça isso, — meu pai disse, dirigindo um olhar cortês para os quatro. Ele nunca era cortes, então não era como se uma transformação de noite e dia, mas a sua maneira no barco foi educado e paciente, explicando e demonstrando, mesmo quando eram as mesmas coisas um milhão de vezes.

Eu não tinha ouvido falar do Melody – mas isso não foi nenhuma surpresa. Foram apenas oito horas desde que eu pulei de sua plataforma do forte e caminhei para casa, tão bêbado de seu beijo que eu mal podia dormir.

Mas eu não teria nenhum serviço de celular até que atracasse hoje à noite, além de uma adolescente mal humorada e um pirralho excitado para lidar. Eu previ um dia longo e miserável.

Eu estava certo, mas não necessariamente pelas razões que eu tinha assumido. O garoto realmente ouviu as minhas instruções e fez a maior captura que tivemos durante todo o ano - porém, pegar algo tão grande é principalmente sorte e colocá-lo no barco não, requer habilidades do cara com a vara. Ninguém mencionou essa merda para ela. Papai lema: — É o nosso trabalho garantir que o cliente pense que é tudo dele. Ele ajudou-o a puxá-lo enquanto seus pais aplaudiram.

A garota mais velha havia se endireitado para fora do carro de seus pais quando eu saí do SUV, puxando seus brincos, brincando com as cordas de seu short, brincando com seu cabelo – levantando-o e colocando-o para baixo. Essa merda continuou *durante todo o dia*. Ela estava colada a mim, também, fazendo perguntas idiotas sobre minhas tatuagens - que eu não tenho o hábito de explicar a ninguém, especialmente para estranhos aleatórios - e usando como desculpa esses inquéritos para tocá-las. Ela se perguntava o que as crianças que viviam aqui faziam para se divertir, me olhando quando ela esperava que eu a convidasse para fazer o que quer que fosse - e eu quero dizer *o que quer que* isso fosse. Mais sem jeito: ela tirou fotos de mim com seu telefone. Eu suspeitava que ela estava mandando mensagens de texto ou publicando-as e me senti

estranhamente violado.

Aquele barco parecia mais confinante do que já esteve, e eu pensei sobre as pessoas em botes salva-vidas de emergência, preso no mar durante dias. Eu iria abandonar o navio depois de seriamente pensar em empurrá-la ao mar.

Assim que ancoramos e meus pés tocaram terra, liguei meu celular. Eu tinha uma mensagem de Melody, perguntando se eu estava ocupado hoje. Ela enviou horas atrás.

Batendo punhos com o menino e dando um gelo na menina do assédio sexual, falei, — Grande pesca, pessoal! — para os pais, e então eu subi no banco da frente do SUV.

Eu: Hey. Fora no barco durante todo o dia. Trabalhando. Nenhum serviço até agora. Apenas ancorando.

Melody: Eu estava com medo que você estava chateado por causa do que eu fiz.

Eu: O que?

Melody: O beijo.

Me: Eu estou o oposto de chateado, ou o que for. Forte hoje à noite?

Melody: Não posso. Ficando com Pearl hoje. Trabalhando amanhã?

Eu: Não. Papai sairá o dia todo. Venha.

Melody: OK

Assim que meu papai saiu na manhã seguinte, eu limpei o banheiro, a cozinha e endireitei as pilhas de roupas que estavam normalmente empurradas para o lado da minha cama ou dobradas ao acaso nas prateleiras. Eu fiz a minha cama.

A batida de Melody estava insegura. Silenciosa. Eu esfreguei as palmas das mãos nervosas pelo meu Board short desbotado pelo sol e respirei antes de abrir a porta.

— Oi, — eu disse, deixando-a entrar e fechando a porta atrás dela. Bloqueando-a.

— Oi, — ela disse, colocando uma longa mecha de cabelo atrás da orelha.

Ela me seguiu até a cozinha, onde bebemos refrigerantes e fizemos sanduíches os quais nós mordiscamos, mas não comemos. Nós mal falávamos.

Finalmente, ela limpou sua garganta. — Você disse uma vez que ia me desenhar. Quer fazer isso?

Eu balancei a cabeça. — Claro. Sim. — Enfiamos os pratos na pia e abri a porta da despensa e cliquei a lâmpada acesa. — Onde você quer...?

— Lá é bom, — disse ela. — Se isso é bom para você.

Espero que ela não esperasse uma resposta para essa pergunta, porque cada-maldita-coisa sobre este dia era bom para mim.

Ela tirou os chinelos e subimos para a cama. Peguei meu bloco e lápis e ela recostou-se nos cotovelos. — Então você me arruma, ou faço uma pose, como esta, ou o quê?

De jeito nenhum eu poderia tocá-la e, em seguida, desenhar. — Só se sente confortável. Vou levar algum tempo. Você não quer manter uma situação constrangedora. — Como a que ela e encontrava, seus seios perfeitos lutando contra sua blusa justa, criando espaços entre os botões e puxando a barra superior para exibir a faixa de pele bronzeada acima de seus calções.

Ela virou-se para organizar travesseiros na cabeceira da cama, enquanto eu estava sentado contra a parede. Ela estava deitada de lado, meio sentada, meio deitada no monte de almofadas, seu cabelo ondulado em toda a superfície como uma cascata dourada. Puxando uma perna em um ângulo, ela endireitou o outro até que nossos pés se tocassem. Eu esperei que ela ficasse parada. Seus olhos nos meus, ela desabotoou os dois primeiros botões de sua camisa, mostrando o sutiã branco.

— Isso está bom? — Ela perguntou, sua voz trêmula e suave.

Minhas mãos tremiam. *Porra.* Eu puxei uma respiração lenta, e depois outra, recuperando algum autocontrole. — Perfeito, — eu disse, e ela sorriu.

Nenhum de nós falou. Não houve sons, exceto um pigarro ocasional e o

barulho do meu lápis. Seu pé varreu o topo do meu quando ela se mexeu, e eu pressionei de volta reflexivamente. Finalmente, eu olhava para o esboço, e então entreguei a ela.

— Oh, meu Deus. — Ela olhou da almofada para mim e de volta para o desenho. — Eu sabia que você era bom... mas isso... é incrível. — Examinando ela mesma, esticando as pernas e avaliando ambas as deficiências. — Eu não me pareço com isso na vida real, no entanto. Isso é lindo.

Tomei o caderno da mão dela e coloquei-o na prateleira mais baixa, apenas sobre nossas cabeças. — Confie em mim. Você parece melhor. — Movi-me para o lado dela.

Não encontrando meus olhos, ela estendeu a mão para traçar minhas tatuagens – seu toque não era nada como os toques da menina ontem, que parecia pensar que me tocar era parte do pacote que seu pai pagou.

— Você quer me beijar de novo? — Perguntou Melody. Ainda sem olhar para mim.

Debrucei-me sobre ela, uma mão apenas sob sua camisa em sua cintura nua e esperando até que ela erguesse os olhos para mim. Repetindo o cuidadoso beijo experimental que tínhamos compartilhado, há dois dias, mantivemos nossos olhos abertos, o toque dos lábios aparentemente indiferente. E então sua mão torceu na minha t-shirt e ela me puxou para baixo. Meu joelho deslizaram entre suas pernas e não havia como esconder o comprimento duro em sua coxa. Ela fechou os olhos e abriu a boca, e eu não queria perder tempo com causas variáveis, porque eu não conseguia pensar. Dirigindo minha língua em sua boca, os olhos fechados e as minhas mãos vagaram por cima de tudo que eu poderia alcançar.

Eu afrouxei os três últimos botões de sua blusa e nos sentamos, tentando manter nossas bocas fundidas, enquanto ela encolheu os ombros para fora. Minha camisa se juntou ao dela ao pé da cama. Quando ela alcançou suas costas para desenganchar o sutiã, eu assisti, com os olhos avidamente consumindo. Alcancei para deslizar as alças para baixo dos braços, e ela tremeu

quando meus dedos traçaram suas curvas. Seus membros de dançarina, ágil e atlética, em contraste com a plenitude suave de seus seios. Jogando o sutiã para o final da cama, me deitei e puxei-a em cima de mim, alto o suficiente para passar a língua nos mamilos enquanto pegava sua bunda para mantê-la perto. Braços esticados, ela manteve-se acima de mim.

Quando os gemidos de Melody viraram choromingos atordoados, eu chupei um mamilo em minha boca, e ela gritou e se esfregou contra mim. Rolando até meu quadril bater na parede, eu arrastei-a sob mim no colchão estreito, uma coxa cutucou entre suas pernas e pressionou. Ela agarrou meus braços e me beijou loucamente.

Em seguida, sua mão escorregou em minha bermuda, e eu levantei apenas o suficiente para dar acesso, não perdendo o aperto suave e quente da sua palma e dedos. Pegando um cotovelo, eu puxei-a comigo e coloquei a mão na frente de seu short. — Jesus Cristo, Melody, — Engoli em seco, os dedos deslizando nela tão facilmente. Ela gozou segundos depois, tremendo contra mim, e eu a segui.

À deriva de volta à realidade, lentamente puxado nossas mãos de dentro das roupas um do outro. Peguei minha camiseta e usei para limpar a mão dela e depois a minha. Eu queria chupar os dedos que empurrei para dentro dela, queria saber qual seu gosto, mas eu estava estranhamente tímido naquele momento. Enrolando-nos dentro do meu lençol, eu puxei-a para perto e ficamos olhando um para o outro, até que adormecemos.

Quando acordei, ela tinha ido embora. Ela tinha tomado o desenho com ela.

LUCAS

Eu não mandei e-mail para Jacqueline até domingo à noite - quatro frases curtas, todas com instrução, sem flertar. Ela respondeu na mesma moeda, mas se referiu ao meu fim de semana. Eu não pude deixar de dizer-lhe que o meu fim de semana foi bom - *Especialmente sexta-feira*. Como foi o seu? Eu perguntei.

Três palavras destacavam de sua curta resposta - *bom, solitário* e *produtivo.*

Todos nós precisamos de nossos momentos de solidão, mas essa menina não deve nunca estar solitária.

Eu tirei uma folha de papel pesado e meu lápis de carvão, escolhi a pose totalmente reclinada - de costas, braços acima da cabeça. Quando eu re-fiz o esboço de seus membros, cada curso através do papel evocava os beijos e carícias que deixaram meu corpo com o desejo de mais dela. Eu manchava as sombras sob os seios com o meu dedo, lembrando sua pele macia e a maneira que ela permitiu que eu a tocasse. Apesar da minha necessidade de manter um muro entre mim e ela, estava desmoronando mais rápido do que eu poderia reconstruí-lo.

No meu quarto, eu preguei o desenho na parede, em frente ao meu travesseiro.

Até o final de economia na quarta-feira, meu desejo de contar a Jacqueline a verdade sobre quem eu era guerreava ferozmente com o meu desejo de continuar o jogo que tinha começado - aquela em que eu era o mercenário que sexualmente a ajudou a obter sua confiança de volta. Parecia o cenário perfeito - Eu tenho que estar com a primeira garota a reter minha atenção nos últimos anos, e ela tem que abrir suas asas, esquecer o seu auto-importante ex e recuperar a posse de seu próprio corpo.

Eu silenciei a voz na minha cabeça me dizendo que nada disso era suficiente.

Jacqueline parecia estar tendo dúvidas, também - ela não enviou e-mail para Landon ou texto para mim toda a semana. Ela não comeu no Starbucks, e

ela só olhou para mim durante a aula um par de vezes. Na sexta-feira, o ex aproximou-se dela, no final da aula. Ele sorriu para ela, com uma mão no bolso, confiante em seu charme.

Eu não podia ver o rosto dela quando eles falavam, apesar de sua postura parecer tensa. Querendo tirar esse sorriso de seu rosto presunçoso, deixei a sala de aula antes que eu fizesse ou dissesse algo estúpido.

Sexta-feira, eu recebi um email de Ralph Watts, assistente-chefe da polícia do campus. Watts era responsável por aulas de autodefesa patrocinadas pela universidade que o departamento oferecia um par de vezes a cada semestre. Depois que eu tinha visto o panfleto em nosso quadro de avisos no ano passado e perguntei a ele sobre isso, ele me enviou a um programa de treinamento e certificação. Eu ofereci para ajudar duas vezes agora - vestindo estofamento e consentindo receber socos e chutes de alunas, professores e funcionários que sacrificam três manhãs de sábado para aprender autoproteção básica.

Lucas,

Sgt Netterson deveria ajudar a próxima classe de autodefesa, mas ela estalou a clavícula em algum acidente de escala de parede na noite passada. Eu sei que é curto o prazo, mas se você pode fazê-lo - eu preciso de você, a partir de amanhã de manhã. Além disso, mais duas sessões após a pausa de Ação de Graças, se você pode fazê-los. Se você só puder fazer amanhã, isso ainda seria uma grande ajuda. Deixe-me saber o mais cedo possível.

Obrigado,

R. Watts

Pela primeira vez, eu não tinha um turno de dez a três horas programado para sábado no Starbucks. Eu escrevi de volta à Watts e disse-lhe que sim, para todos os três sábados.

Eu também recebi um email de Jacqueline. Nada de paquera - só para o seu trabalho de pesquisa para Heller, o qual eu prometi conferir antes que ela enviasse.

Eu não poderia estar descontente quando eu não *quiz* ela flertando com *Landon...* Certo? Mandei um email de volta, dizendo que eu iria conferir e devolver a ela no domingo.

Minutos depois, *Lucas* recebeu um texto dela: Eu fiz algo errado?

Andei pelo apartamento antes de responder que eu tinha estado ocupado e acrescentei um casual, o que se passa? Tão indiferente, quanto sentia nada, exceto menos que indiferença onde esta menina estava envolvida. Em vez de parecer desprezada, ela respondeu com curiosidade sobre os carvões que eu disse que eu ia fazer de seus esboços. Disse a ela que eu tinha feito um e queria que ela o visse. Ela respondeu que gostaria disso.

Então eu disse a ela que estava fora e iria falar com ela mais tarde.

— Maldição, — murmurei, jogando o meu telefone no balcão e andando para o sofá. Apertei os punhos das minhas mãos nos meus olhos, mas não houve como apagar a memória de sua bela rendição em meus braços há uma semana. *Ela confia em mim.* Não houve triunfo nesse conhecimento, porque eu estava dando a ela a personificação de sinais mistos - para não mencionar dando-os como duas pessoas diferentes.

— Eu sou um idiota mentiroso, — eu disse a Francis, que bocejou.

De pé no prédio de atividades, na sala de aula fria às nove horas da manhã de um sábado de manhã, a última coisa que eu esperava era ver Jacqueline Wallace. Enquanto o sargento Don Ellsworth instruía nossas doze participantes para se inscreverem e Watts distribuía pacotes, eu estava atando os meus sapatos de taekwondo e preparando as esteiras. Eu diminuí quando reconheci a amiga ruiva de Jacqueline entrar pela porta e parei quando vi Jacqueline entrando diretamente atrás dela.

Eu considerei sugerir o curso para ela, mas não achei que ela estava pronta ainda - especialmente se ela não tinha contado a ninguém o que aconteceu

naquela noite. Se ela participasse muito cedo e se sentisse intimidada ou oprimida, ela poderia não voltar.

Mas ela deve ter dito a sua amiga, que não se moveu mais do que um pé longe dela, acariciando uma mão reconfortante sobre seu ombro ou guiando-a pelo braço com firmeza quando ela parecia pronta para fugir para fora da porta. Jacqueline estava absolutamente pronta para correr, quando ela olhou para cima e *me* viu ladeando Tenente Watts. Com os olhos lacrimejando de mim para o pacote que ela segurava em suas mãos, apertando tanto que os nós dos dedos estavam brancos, ela disse algo baixinho para sua amiga. Uma mão na perna dela, sua amiga murmurou algo em troca.

Watts dissipou a ansiedade começando seu discurso de abertura, onde se apresentou, e depois Ellsworth e eu à sua maneira habitual: — Esse cara débil na minha esquerda é o sargento Don, e o feio é Lucas, um dos nossos seguranças. — Quando todo mundo riu, ele elogiou-as por dar-se uma manhã de sábado para participar da sessão e, em seguida, deu um esboço do programa de três semanas.

Depois que os princípios básicos foram discutidos, nos mudamos para demonstrações coreografadas de ataques e defesas, de modo que as mulheres pudessem ter uma ideia dos movimentos que estaríamos lhe ensinando. Em câmera lenta, Ellsworth realizava os ataques e eu defendia enquanto Watts detalhava os pontos fracos do atacante - alguns óbvios, como a virilha, outros não, como o meio do antebraço. Ele destacou a meta do atacado: *fuga.*

Todos se dividiram em pares para praticar movimentos individuais, enquanto os três de nós circulavam para certificar que elas estavam executando corretamente. Não querendo estressá-la ainda mais, deixei Ellsworth do lado da sala de Jacqueline, mas suas calças marinhas de yoga e camiseta branca estavam sempre na minha visão periférica. Eu vi os sinais de sofrimento muito comum nos participantes sobreviventes. Eu sabia que o cenário provocaria lembranças de seu ataque, e eu temia a sua abordagem.

Graças a sua amiga, cujo nome era Erin, ela fez bem com as batidas de mão, gritando: *Não*! Com cada um, conforme as instruções, e sorrindo quando

ela acertou o alvo com um ataque de martelo.

Nós finalmente chegamos ao último movimento de defesa do dia. Eu não poderia avaliar a reação dela enquanto nós demonstramos isso, mas uma vez que o grupo dividiu-se em pares novamente, sua postura estava rígida, os olhos arregalados e a ascensão rasa e a queda de seu peito eram claros indicadores suficientes de pânico. Erin segurou a mão dela e falou em voz baixa, cabeças juntas. Jacqueline abanou a cabeça, mas não soltou o aperto de morte na mão da amiga. Mais murmuração se seguiram, e então moveram-se para o tapete.

Erin estava em seu estômago, e Jacqueline se ajoelhou sobre ela. Suas mãos tremiam ao realizar o ataque. Em vez de trocar de lugar, elas mantiveram suas posições e fizeram o movimento mais duas vezes. Incapaz de tirar os olhos delas, eu mal observei o par que eu deveria estar monitorando. Quando elas trocaram de lugar, eu senti o pânico do outro lado do quarto e tive medo dela hiperventilar e desmaiar.

Vamos lá, Jacqueline, minha mente insistiu. *Você pode fazer isso.*

Uma onda de orgulho fluiu através de mim quando ela atravessou os movimentos, empurrando-se para realizá-las com precisão, apesar de sua aflição. Elas ficaram de joelhos depois, Erin elogiou e abraçou-a, e eu dei um suspiro de alívio, mesmo que Jacqueline não olhou na minha direção nos últimos minutos de aula ou quando ela saiu pela porta.

Eu não a queria com medo, ou que a minha presença a mante-se de volta. Eu queria ter certeza de que isso não aconteceria.

Naquela noite, antes que eu pudesse me convencer do contrário, eu mandei uma mensagem para ela, perguntando se ela ainda queria ver o desenho em carvão. Ela respondeu que sim, então eu disse a ela para prender o cabelo para trás e usar algo quente, e então eu pulei na minha Harley e fui buscá-la.

Fora de seu quarto, eu me inclinei sobre a moto e olhei para porta. As pessoas estavam indo e vindo em volta de mim, mas eu não conseguia prestar atenção em nenhum deles. Quando ela saiu, fiquei impressionado novamente com às nossas diferenças. Eu fiz bastante dinheiro agora para comprar coisas de

segunda mão, mas meu estilo não mudou muito. Esta menina era uma mistura de roupas clássicas e modernas, mas roupas caras - eles eram uma segunda pele que usava confortavelmente. Ela diminuiu a velocidade, procurando por mim e abotoando o pequeno casaco preto que poderia ter vindo diretamente fora de um filme definitivamente de 1960, o tipo que minha mãe teria amado.

Não demorou muito tempo para me localizar.

Seu passo vacilou e eu me perguntava o por que. Eu queria pegá-la e beijá-la como se não tivesse havido nenhuma interrupção desde a última vez que eu a segurei. Eu queria apagar a designação de seus amigos para mim - sua *fase bad-boy* - um segmento insignificante de tempo entre duas sensatas, etapas válidas: Kennedy Moore e quem viria em seguida.

— Eu acho que essa é a razão para as diretrizes sobre o cabelo, — disse ela, inspecionando o capacete que entreguei-lhe como se fosse uma complexa coisa estranha. Ela nunca tinha estado em uma motocicleta antes, um fato que tipo me excitava. Como se eu precisasse de ajuda com *isso.*

Ela olhou para mim quando eu coloquei o capacete na sua cabeça, ajustei e fixei as correias. Demorei-me sobre o processo, devorando mentalmente os doces lábios que eu ainda podia sentir o gosto e olhando em seus olhos, profundos e azuis como o oceano aberto.

O cuidado que eu tomei na condução ao longo do caminho escapou dela, eu percebi, já que ela escondeu o rosto no meio das minhas costas e segurou-me ao redor, como se ela fosse ser arremessada para Oklahoma caso contrário - não que eu jamais fosse reclamar.

No momento em que chegamos, suas mãos estavam congelando, então eu peguei uma e depois a outra entre as minhas, gradativamente esfregando o calor de volta para elas. Eu me perguntava como ela tocava um instrumento do tamanho de um violoncelo com mãos tão pequenas, mas eu mordi meu lábio um pouco antes de expressar isso em voz alta.

Ela só falou com Landon sobre o instrumento que ela tocava.

Prolongando o meu sentimento de culpa, ela perguntou se meus pais

moravam na casa do outro lado do quintal. — Não. Eu alugo o apartamento, — eu disse a ela enquanto subíamos os degraus e abri a porta.

Francis não pareceu impressionado ou preocupado que eu tinha trazido alguém para casa comigo. Ele simplesmente saiu do sofá para a porta e saiu, como se me desse alguns momentos de privacidade. Jacqueline riu de como eu tinha o chamado, meditando que ele parecia mais como um Max ou um King. Expliquei que o meu gato tinha o suficiente de um complexo de superioridade, sem dar-lhe um nome masculino.

— Nomes são importantes, — disse ela, desabotoando lentamente o casaco.

Um arrepio percorreu minha espinha com suas palavras e o possível duplo significado por trás delas, mas desapareceu com o movimento hipnótico de seus pequenos dedos, deslizando botões através das casas em um ritmo que misericordiamente levou tudo da minha mente e deixou minha frequência cardíaca diretamente afetada. Quando ela finalmente liberou o último botão, minha paciência estava em chamas. Eu deslizei meus dedos dentro e ao longo de seus ombros, puxando suavemente o revestimento para baixo dos braços.

— Suave, — eu sussurrei.

— É cashmere, — ela sussurrou de volta, como se eu tivesse perguntado.

Eu queria puxá-la para perto, passar minhas mãos sobre seu suéter e a beijar até ficar sem fôlego. Eu queria passar minha língua ao longo do arco cônico de sua orelha, enquadrar seu lindo rosto com as mãos e saborear sua boca de ameixa madura. Seus olhos dilataram um pouco na sala mal iluminada, e ela olhou para mim, esperando. Todos os músculos do meu corpo se esticaram em direção a ela, querendo-a. Mas eu tinha algo mais importante para dizer a ela, e eu soltei-o antes que eu perdesse a cabeça e, pegasse-a em vez disso, as nobres intenções que se danem.

— Eu tenho um motivo oculto para trazê-la aqui.

16

Landon

Aqueles de nós que não gostavam de multidões foram muito bem tratados após os últimos meses de inverno ameno e menos turistas. Mas, durante as férias de primavera, não há tal coisa como uma praia deserta aqui.

Após mal graduar-se no ano passado, sênior Thompson começou a entrar em mais merda - vendendo e usando - enquanto Rick assumia lentamente as erva, capsulas de gel e pequenas pílulas roxas, um braço da empresa seu irmão mais velho. Seus meios de subsistência dependem de compradores, então as multidões eram boas.

— O idiota fuma metade de seus lucros, no entanto, homem, — disse Boyce. De uma das rochas com vista para a praia, nós vimos Rick circulando através dos corpos. Ele estava tendo um bom tempo vendendo saquinhos, e o negócio estava prosperando.

— Ou dando-os. — Como que para ilustrar o meu ponto, Brittney Loper circulou seus braços em volta dele por trás, pressionando seu peito em suas costas e falando em seu ouvido. Sem parar sua conversa com um casal de clientes em potencial, ele a trouxe para frente passando um braço nela e transferido um pequeno saquinho do bolso do capuz para o bolso da frente da calça jeans dela.

Ela se inclinou para ele e beijou-o, enquanto os dois homens se entreolhavam. Um deles disse algo, Rick balançou a cabeça e virou Brittney, serpenteando um braço em volta de sua caixa torácica. Os caras olharam para seu amplo decote. Ela enfiou a mão e apertou cada um deles. Dinheiro e saquinhos trocados de mão em mão, e Brittney saiu pela praia entre os dois

turistas.

— Cara, essa menina vive perigosamente, — afirmou Boyce, tendo uma última tragada no cigarro.

— Sério. — Joguei para trás o resto da minha cerveja e mastiguei o canto do meu lábio. Depois de um minuto, acrescentei: — Estou pensando sobre ter minha língua perfurada.

Ele fez uma careta de dor. — Droga, Maxfield, por que diabos você faria isso?

Boyce não tinha piercings e apenas uma tatuagem - *Semper Fi* acima do emblema de uma Águia, Globo e ancora em seu ombro, em memória de seu único irmão, um fuzileiro naval que tinha morrido no Iraque. — Eu não sabia o quanto eu odiava agulhas até então. Queima como um filho da puta, — ele me disse uma vez. — Se eu não tivesse feito isso por Brent, eu teria dito a Arianna para desistir com a maldita cabeça da ave.

— Ouvi que um piercing na língua torna melhor para a menina quando você desce, — eu respondi.

Ele levantou uma sobrancelha, sua cerveja no meio do caminho para sua boca. — É mesmo? — Tomou um gole. — Mesmo assim. Talvez se fizesse melhor para *mim*...

Dei de ombros, sorrindo. — Se for melhor para ela, é melhor para mim.

Ele olhou para mim. — Isso parece muito com você fodendo alguém que você gosta, Maxfield. — Eu não disse nada, e depois de alguns segundos, ele gemia, a cabeça caindo para trás. — Oh, cara, de verdade? Merda. Por que você nunca ouve a razão do Boyceo? — Eu grunhi em seu trocadilho e balancei minha cabeça enquanto ele suspirava. — Você sabe quando *sou eu a* fazer sentido, você está na merda. — Ele olhou para a multidão. — Então, onde ela está?

— Houston por algumas noites. Ela e sua mãe vão às compras todos os anos durante as férias de primavera.

Boyce largou o cigarro em sua garrafa vazia. — Cuidado com as

costas. Você sabe que Richards é um imbecil classe A.

— Eu não acho que ele dá a mínima.

— Sobre ela? Provavelmente não. Mas dá uma merda sobre aparências, e ele não gosta de perder.

— Nem eu. — Meu celular vibrou e eu puxei um texto de Melody, junto com dois selfies de lingerie provadoras e rendadas - um preto, e um vermelho. Deitei-me sobre a rocha, olhando. — Jesus, puta merda.

Melody: Compras de lingerie. Esta? Ou esta?

Me: AMBOS. TANTO FAZ. Isso é uma pegadinha?

Melody: Eu vou estar vestindo um deles sexta-feira, se você ainda quiser sair.

Me: A. É claro que eu quero sair. B. Você não pode sair nisso, a menos que você queira que eu mate o primeiro cara que tocar você.

Melody: Sob as minhas roupas, seu bobo. Você vai saber, mas ninguém mais o fará. ;)

Me: Eu nunca vou sobreviver durante o jantar.

— O quê? Ela está falando sacanagem com você? — Boyce perguntou, pegando meu celular. — Deixe-me ver.

Enfiei-o no bolso. — Não. Isso é tudo meu.

— Sortudo.

Eu balancei minha cabeça, sentando-se. — Eu pensei que vocês não conseguiam se suportar?

Abrindo os braços, ele perguntou: — Quem tem que suportá-la para apreciá-la nua?

Apertei os olhos. — É melhor você esperar que nunca aconteça.

Ele colocou as mãos para cima. — Tudo bem, tudo bem - mantenha seus shorts.

Eu respirei fundo, a mão no meu celular dentro do meu bolso. Meus dedos coçaram para puxar essas fotos e estudar cada detalhe. Meticulosamente. — Eu preciso de uma cerveja ou cinco.

Boyce pulou para a areia. — Isso, mano. Vamos.

Os pais de Melody estavam menos do que excitado em me ver na sua porta sexta-feira para buscá-la, ou o velho azul-e-branco Ford F-100, no final de sua curva de cascalho. Eu tinha botas gastas, jeans e uma camisa aberta na frente que eu tinha tirado das coisas do vovô antes de papai dar o resto. A camisa era azul desbotada, suave como o inferno, e muito mais velha do que eu. Tinha um rasgo no punho, então eu rolei as mangas e os empurrei até meus cotovelos. Eu esqueci as minhas tatuagens, até a mãe dela focar nelas dois segundos depois de abrir a porta - uma vez que seus olhos saíram do meu caminhão.

Mexendo no colar em seu pescoço como se eu pudesse roubá-lo e correr para a porta, ela falou com os dentes cerrados. — Landon. Olá. Melody estará em baixo em um minuto.

Seu pai foi menos sutil. Um olhar para mim, e ele se virou para a mulher. — Barb, eu posso vê-la na cozinha?

— Espere aqui, por favor, — ela me disse. Eu balancei a cabeça.

Melody desceu as escadas, um momento depois usando um vestido vermelho curto com botas, e minha boca ficou seca, imediatamente imaginando a renda vermelha que ela prometeu vestir por baixo. Eu conhecia cada detalhe delas, exceto como se sentiria ao toque, porque eu olhei para as fotos durante tantas horas que elas estavam todas queimando em minhas retinas.

— Ooh, legal a camisa vintage, — Melody disse, passando a mão pelo meu peito. Todo o meu corpo respondeu ao toque dela, comprimindo tudo ao mesmo tempo. Eu estava na merda com essa garota.

Podíamos ouvir os pais discutindo na cozinha. — Você aprovou ela saindo com aquele menino Maxfield? — seu pai disse.

— Claro que não...

— O que diabos você estava pensando? O que aconteceu com Clark?

A resposta de Sua mãe era inaudível.

Melody revirou os olhos. — *Deus.* Vamos sair daqui.

Ela não teve nenhuma resistência de mim.

Pegamos a balsa e fomos para um lugar de frutos do mar peruano para comer ceviche e tacos de peixe.

— Então você gosta de trabalhar em carros? — Melody perguntou, tomando seu chá gelado.

Eu ficava com Boyce algumas vezes quando ele estava trabalhando na garagem de seu pai. Eu gostei da graxa debaixo das unhas, o cheiro dos gases de escape, e sujar as mãos ao mergulhar nas entranhas da máquina sob um capuz. Isso não era eu. — Meio, mas não realmente. Pode ser legal para *projetar* carros. Quer dizer, eu gosto de descobrir como as coisas mecânicas funcionam, mas apenas para que eu possa usar o conhecimento para construir outra coisa. Uma vez que eu sei como tudo se conecta, não é tão fascinante mais. Quando eu era criança, eu abria coisas o tempo todo - rádios, relógios, torradeiras, um carrilhão de campainha...

Ela riu. — A campainha?

— Yeah. Fiz minha mãe louca com esse. Eu coloquei junto de novo, mas ela disse que sempre soou como um alce ferido depois disso.

Ela sorriu. — Então é isso que alguns desses desenhos em sua parede eram. Material mecânico. Eu pensei que talvez você gostasse de, ficção cientifica ou algo assim.

— Isso é legal, ficção. — Dei de ombros. — Mas eu estou mais para esboçar novas tecnologias.

Ela pegou minha mão e traçou a tatuagem em meu pulso direito. — E sobre suas tatuagens? O que elas significam? — Quando ela começou a virar a mão, eu juntei os dedos com os dela em vez disso. Eu não estava pronto para ela descobrir as cicatrizes camufladas.

— Chega de perguntas sobre mim. E você? O que você gostaria de fazer? — Eu arqueei uma sobrancelha e me inclinei mais perto. — Além de me enviar fotos que me deixa louco por dois dias seguidos.

Lábios apertados, ela sorriu e, em seguida, olhou para a mesa, encolhendo um ombro quase nu. — Eu não sei. Eu gosto de moda. Eu gosto de

ser uma parte do elenco de dança. — Ela olhou para mim e mordeu o lábio inferior. — Eu meio que gosto de história? Como, história da arte?

Eu balancei a cabeça. — Isso é legal.

Ela olhou duvidosa. — Você acha?

— Sim, mas não deve importar o que eu penso. — Eu apertei a mão eu segurava. — Se você gosta, você gosta. É isso que você quer se formar quando for para a faculdade?

Ela suspirou. — Talvez. Mas meus pais esperam que eu faça algo como ser uma médica ou uma contadora. Eles ficaram todos animados quando Pearl e eu nos tornamos melhores amigas, porque Pearl quer ir para a faculdade de medicina. Mas eu não sou como ela.

Eu não pude evitar o sorriso que roubou toda a minha cara.

— O quê? — Ela franziu a testa e começou a retirar sua mão.

Eu apertei meus dedos e sorri. — Nada! Eu só estava me lembrando de como você ficou super-animada para fazer a autópsia do sapo. *Não.* Estou pensando que escola médica não pode estar em seu futuro.

Ela revirou os olhos e suspirou. — Sério. Eu não poderia ter dado a mínima de cortar algo aberto, e Pearl estava chateada que ela estava doente naquele dia, porque ela perdeu. Você fez tudo, no entanto.

Dei de ombros. — Eu só estava interessado como o material dentro funcionava.

— Como a campainha e o rádio?

Balançando a cabeça, eu disse, — Por falar em rádios, você quer ir parar em algum lugar e ouvir música?

Deixando as janelas abertas para que pudéssemos ouvir o rádio, peguei dois sacos de dormir, uma colcha e um travesseiro e forrei o caminhão.

— O cemitério, hein? — Melody olhou em torno quando os nossos olhos se ajustaram à luz escassa lançada pela lua e um céu cheio de estrelas. — É meio assustador aqui. Como se talvez todos os fantasmas estivessem nos espionando.

Eu assisti-a através da franja do meu cabelo. — As praias estão cheias de turistas bêbados. Ninguém aqui vai nos incomodar. A menos que você se importa desses fantasmas assistindo eu beijar você.

Ela torceu os lábios e sorriu. — Acho que eu não me importo tanto. — Ela tirou suas botas e subiu na cama feita no caminhão, e eu segui o exemplo.

Cinco minutos mais tarde, sentei-me para trás em meus calcanhares, lamentando o fato de que eu não testei isso em casa antes. Cumes da parte de trás do caminha passavam através das camadas de pano. Era feita para trabalho pesado e não para isso. — Não é a superfície mais confortável... — Não havia nenhuma maneira de que eu pudesse deitá-la sobre isso. *Droga.*

— Está tudo bem.

Eu balancei minha cabeça. — Não está.

Empurrando meu peito até que eu estava deitado, ela fugiu ao meu lado, de joelhos. — Está.

Eu decidi não discutir, especialmente quando ela desabotoou minha camisa - não todos de uma vez, mas um de cada vez, um clique enlouquecedor, alisando as mãos sobre meus peitorais, traçando a tatuagem de rosas antes de descer sobre o meu abdômen, o qual endureceu - como todas as outras partes do meu corpo.

Ela desamarrou as alças de seu vestido. O tecido caiu para revelar a renda vermelha que eu estive sonhado, dormindo e acordado, desde que ela tinha me enviado a mensagens com as fotos. Quando o vestido caiu até a cintura, eu estava grato por uma lua cheia e céu sem nuvens. Levantei-me para um cotovelo e passei um dedo para o vinco sombreado de carne mal coberta pela renda.

— Posso tocar em você aqui? — Eu perguntei, olhando em seus olhos. Ela assentiu com a cabeça. — E aqui? — Sentei-me de volta, movendo ambas as mãos para a cintura dela e gentilmente pressionando o vestido para baixo sobre seus quadris quando ela balançou a cabeça novamente, sua respiração se tornando irregular.

Ela levantou-se e deixou cair o vestido de seus pés. Minha boca ficou

seca quando ela chutou atrás dela. Seu sutiã vermelho e calcinha escondiam absolutamente nada. Mesmo na semi-escuridão, era melhor do que as imagens no meu celular. Indo até os joelhos dela, ela me apertei para baixo de novo, me esticando. Minhas mãos agarraram suas coxas.

— Ainda acha que é muito desconfortável? — perguntou ela.

— Um. *Não.* Eu acho que eu poderia perfeitamente deitar sobre brasas agora e não notar. Uma superfície de metal um pouco irregular não é nada.

Uma de suas alças de sutiã caiu por sua própria vontade, e eu estiquei para puxar a outra para baixo. Os seios dela estavam perto de derramar das taças mal lá. — Puta merda, — eu disse.

Ela inclinou-se e abriu o zíper do meu jeans. — *Sim*.

Tiramos as coisas rendadas. Senti o raspar macio dela contra o meu peito enquanto ela se inclinou para me beijar. Eu coloquei as palmas das mãos na bunda dela, meus dedos tocando a pele nua logo abaixo. E então eu não conseguia sentir nada, além de onde nos juntamos. Ela engasgou o meu nome minutos mais tarde quando eu inclinei meus quadris para cima para encontrá-la e foi como fogos de artifício ao redor de nós.

— Eu acho que estou me apaixonando por você, Melody, — eu sussurrei quando ela tinha adormecido, seu ouvido pressionado contra a tatuagem de rosas acima meu coração.

LUCAS

Meu motivo oculto aterrorizava Jacqueline tanto quanto eu temia que iria. Eu queria mostrar a ela o movimento de defesa no chão aqui, onde ninguém estava olhando - o que ela não tinha sido capaz de fazer sem tremer esta manhã - e ensiná-la a fazê-lo sem um segundo pensamento.

Sabendo que ela poderia fazer isso traria seu poder. Se ela teria sido capaz de fazer este movimento e escapar naquela noite, do caminhão, ele poderia

estar muito bêbado para persegui-la. Se eu não estivesse lá, teria dado a ela a chance de ficar longe dele.

Eu ainda não conseguia pensar sobre de vê-lo em cima dela sem vermelho afiar minha visão, seguido de um esmagamento de culpa por não seguir-lhe imediatamente para fora da porta no segundo que ela deixou a festa. Eu permiti que minha insegurança sobre o meu desejo por ela diminuisse a minha percepção de que alguma coisa estava *errada* sobre ele. Erro monumental. Eu jurei que não faria isso de novo.

Foco.

— Confie em mim, Jacqueline. Funciona. Você vai me deixar mostrar-lhe? — Segurei suas mãos nas minhas - elas tinham ficado frias novamente - e vi um enxame de emoções chocarem em seu rosto. O medo estava acima de todos, e eu rezei para que o medo dela resultasse dessas lembranças e não de mim. Se ela não podia confiar em mim com isso, eu não conseguiria alcançá-la. Eu não poderia ajudá-la. *Confie em mim.*

Ela assentiu com a cabeça - uma inclinação suave de sua cabeça.

Eu a trouxe para um espaço vazio no meu chão da sala, indo de joelhos com ela, nossos olhos conectados. Se eu a lesse mal... Eu não conseguia nem pensar sobre as consequências disso. Eu conhecia essa menina. Eu confiei em meus instintos de que eu que estava certo. — Deite-se. Em seu estômago, — eu disse a ela, e ela obedeceu.

Lembrei-a de tudo o que o tenente Watts disse na aula, sabendo que ela tinha perdido um pouco quando ela tinha fugido mentalmente. Eu tinha a visto fazer isso. — A chave é se afastar, — eu disse, e ela balançou a cabeça.

Perguntei se ela se lembrava dos movimentos, e ela fechou os olhos e balançou a cabeça, como se estivesse envergonhada. Eu respirei fundo e forcei meus punhos a se soltarem. Minha raiva contra a degradação forçada nela não ajudaria a *ela,* e isso era tudo que importava. Se isto fosse funcionar, ela teria que passar por isso várias vezes. Precisava ser uma resposta programada pelo seu corpo, para simplesmente executar, sem um monte de pensamento.

— Se você se encontrar nesta posição, você irá querer fazer estes movimentos automaticamente, sem perder tempo ou energia tentando empurra-lo.

Quando ela ficou dura, eu perguntei, — O quê? — Eu procurei em minhas palavras pela resposta a isso, mas veio vazio.

— Esse é o seu nome. Buck[{10}], — disse ela, com a voz fina como um fio.

Eu encontrei-me lutando pelo controle de novo, e eu sabia que seria melhor se eu nunca encontrasse com *Buck* no campus - ou em qualquer outro lugar. Havia uma grande probabilidade de que ele não iria viver através dessa reunião. — Vou me lembrar disso.

O movimento foi um de alavancagem, apoiado pela simples física - algo muito claro para mim, mas não necessariamente para a maioria das pessoas. Desalojando um maior, mais forte inimigo significava prejudicar a alavancagem *dele* em primeiro lugar. Eu a tive executando o movimento sem o meu peso sobre ela, e então eu sugeri tentar comigo segurando-a, prometendo que ela poderia dizer a palavra e eu deixaria ir.

Ela estava claramente em pânico, os ombros subindo e descendo sob minhas mãos. Ela fechou os olhos para esconder as lágrimas que eu já tinha observado. *Maldição*, eu queria matar aquele filho da puta.

Tive o cuidado a cada vez, mas aumentei a pressão enquanto ela ganhava confiança, até que finalmente eu coloquei todo o meu peso sobre ela. Ela ficou nervosa e empurrou para cima com os quadris em vez de rolar para um lado – que ela estava fazendo perfeitamente momentos antes. Eu a lembrei de lutar para essa inclinação. — Sim. Ok. — A voz dela era visivelmente mais forte, e eu foquei nisso.

— Pronta para experimentar de verdade? — Eu perguntei, olhando-a de perto. Ela assentiu com a cabeça. — Eu não vou te machucar, mas você vai sentir a força por trás mais do que antes. Vai ser rápido e forte - você tem certeza que você está pronta para isso? — Ela assentiu com a cabeça novamente. Seu

pulso zumbia, logo abaixo da orelha, e eu rezava para que ela pudesse fazê-lo. Eu tinha que saber que ela podia. *Ela* tinha que saber que ela podia.

Agarrei seus ombros e empurrei-a para baixo, um braço para cima e sobre a sua cabeça, mas ela não conseguia alcançar a outra debaixo dela. Ela lutou, e eu esperava o sinal de rendição dela, mas não veio. Em vez disso, ela mudou os braços, empurrando um sob a sua cabeça e empurrando o chão com o braço livre, me impulsionando fora.

Eu estava de lado, espantado e rindo. — Merda! Você trocou os lados!

Ela sorriu, e meu olhar voltou-se para os lábios.

Erro.

Eu disse a ela que isso era onde ela se levantava e corria, mas ela não tomou a dica.

— Não vai me perseguir? — ela perguntou, e eu dei a resposta que Watts sempre deu - que a maioria dos estupradores não quer perseguir um alvo fugindo e gritando. Eles não querem um desafio. Eu sabia, por experiência que um cara como *Buck* provavelmente não era um desses, mas eu não diria isso a ela. Com toda a probabilidade, ela já sabia disso.

— Era para eu mostrar-lhe o seu retrato, eu acho, — eu disse, pegando a mão dela quando estávamos deitados em nossos lados, de frente para o outro.

Em voz baixa, provocando, ela perguntou: — Então, não vai parecer que você me trouxe aqui completamente sob falsos pretextos?

Eu admiti que eu queria que ela visse o desenho a carvão, mas esse fato era secundário para o que tinha acabado de fazer. Eu perguntei se ela se sentia mais confiante, e ela disse: — Sim.

Sua mão apertou a minha. Meu polegar estava sobre seu pulso, e eu estava embalado pelo ritmo constante de seu batimento cardíaco. A expressão em seus olhos - a fé e a expectativa - era forte demais para ser ignorado. Eu trouxe a minha mão livre até o rosto dela. — Eu tinha um outro motivo oculto para trazê-la aqui. — Aos poucos, com cuidado, eu inclinei em direção a ela, olhando-a nos olhos, medindo sua resposta.

Quando meus lábios tocaram os dela, ela fechou os olhos, me beijando de volta, separando os lábios, convidando-me para dentro. Eu acariciava minha língua através dela, suavemente. Explorar sua boca era tudo que eu queria fazer - chupando o lábio inferior cheio, tão doce, e, em seguida, a parte superior, a minha língua traçando a curva em forma de coração antes de mergulhar de volta para dentro e provocando através de seus dentes.

Ela suspirou, e eu soltei a mão dela para coloca-la no meu ombro, minhas mãos em seus quadris apertando e abraçando-a. Não havia um milímetro de espaço entre nós, mas eu não podia tê-la perto o suficiente. Eu amassei seu quadril e ela apertou meus dedos enquanto eu serpenteava através da base de sua espinha.

Senti sua mão sobre a pele nua de minha barriga pouco antes dela se apoiar sobre um cotovelo e pedir para ver minhas tatuagens.

Quando eu descobri que ela tinha desabotoado minha camisa de flanela, sem meu conhecimento, eu ri baixinho e seu rosto corou um tom rosado. Lançando a camisa, eu puxei a fina usada por baixo sobre a cabeça e joguei-a de lado, também, reclinando e deixando seus olhos e dedos explorar a tinta debaixo da minha pele.

Minhas primeiras tatuagens - aqueles tocando meus pulsos - tinham sete anos de idade. Eu tinha adicionado algumas desde então, mas não são muitas desde que eu saí de casa, e nada no último par de anos. Os tatuadores são como os médicos. Você tem que confiar neles - não apenas sua habilidade com a agulha, mas sua capacidade de ler você, pessoalmente. Para saber o que você precisa, e o que você faz. Eu nunca tinha encontrado alguém que eu confiava tanto quanto Arianna.

Esperei por perguntas que não vieram, como se Jacqueline soubesse que elas eram mais do que arte de corpo para mim. Como se soubesse que seu significado para mim corria mais profundo do que a tinta.

Por fim, seus dedos tocaram levemente sobre o cabelo fugindo abaixo do meu umbigo, e eu estava instantaneamente pronto para responder a esse toque

- uma resposta que ela pode não ter convidado. Sentei-me. — Sua vez, eu acho. — Eu queria aquele suéter fora. Eu queria que meus dedos vagassem sobre ela, explorando.

Ela franziu o cenho. — Eu não tenho nenhuma tatuagem.

Grande surpresa, Jacqueline. Eu sorri. Ela não tinha ideia que eu quis dizer, e eu não iria explicar sem rodeios enquanto se reclinava no chão da minha sala de estar. — Imaginei isso. Gostaria de ver o desenho agora?

As emoções piscando em seu rosto foram surpreendentemente legível - confusão na testa ligeiramente enrugada, o desejo em seus olhos dilatados. Havia um toque de indignação, bem - mas eu não tinha certeza do porquê. Quando ela estendeu a mão e pegou a minha mão, seu aperto seguro, uma coisa era certa. Ela me aceitou como o bad boy que as amigas dela queriam que ela tivesse, e eu seria um idiota em combater.

Eu a levei para o meu quarto e acendi uma lâmpada quando ela examinou o quarto e meu muro de esboços. Não trouxe muitas meninas para este apartamento, e menos ainda para a minha cama - e eu não me incomodei com a lâmpada quando eu fiz. Eu conhecia o quarto pelo tato - a colocação das estantes e mesa. A cabeceira, onde eu guardava lápis de desenho e um bloco de notas pequeno, óculos de fim de noite para ler ou estudar, e preservativos. Por fim, a cama, que se encontrava no centro dela. Totalmente escuro - eu lava com isso, mas elas sempre me seguiam.

Ou nós nunca sairemos do sofá.

Isso não era para Jacqueline.

— Estes são incríveis, — ela murmurou, e eu esperei, observando seus olhos varrerem sobre a parede, deixando-a encontrar o seu esboço, sabendo que ela estava caçando por ele. Quando ela viu, ela sentou-se, olhando fixamente. Eu me abaixei ao lado dela, muito consciente de que eu já estava meio despido.

Ela se virou e me olhou, e eu nunca quis ler a mente de alguém tão mal. *Sua vez, Jacqueline,* pensei, me perguntando o quão longe ela quer que eu vá. Eu não queria ir um centímetro além disso. Ou parar um centímetro cedo

demais.

Eu me inclinei para correr a ponta da minha língua sobre seu ouvido, seguindo a curva e chupando o diamante preso em sua orelha em minha boca. Minha língua pressionou contra a parte de trás e correu levemente sobre a carne atrás de sua orelha, e ela gemeu baixinho. Eu acariciei o cabelo para o lado e beijei seu pescoço, lambendo sua pele levemente após cada beijo, cada vez mais baixo até que eu encontrei o grande decote de sua blusa.

Indo de joelhos para o chão, tirei as botas dela, voltei para a cama, e removi as minhas. Eu a levantei diretamente para o centro do colchão, erguendo-se sobre ela e esperando até que ela abrisse os olhos. Ela piscou lentamente, uma mão levantando e agarrando o meu braço, drogada com meus beijos e desejando mais. Exatamente como eu queria.

— Diga pare, sempre que você quiser parar. Entendeu?

Ela assentiu com a cabeça.

Eu perguntei se ela queria parar agora, e agradeci a Deus quando ela balançou a cabeça em um *não.* Ela agarrou meus dois braços quando eu empurrei minha língua em sua boca, desvendando enquanto ela me chupava mais profundamente. Eu me afastei apenas o tempo suficiente para puxar o suéter por cima da cabeça e atirá-lo para longe, voltando a correr meus dedos sobre a boca e o belo arco acima do peito do cetim preto de seu sutiã.

Sua mão me acalmou no meu ombro, e eu me balancei internamente. *Pare.*

Recuei, mas antes que eu pudesse interpretar o que ela precisava, ela sentou-se e passou uma perna para o outro lado do meu quadril e se inclinou sobre mim, dentro de mim, e eu arrastei-a para beijá-la, alisando as mãos sobre os ombros e pelas costas. Ela balançou contra mim e não havia como conter o gemido que aquele movimento provocou. Boca aberta e inclinada, promovendo intensos beijos alucinantes, ela se balançou para frente de novo, e os meus dedos encontraram e libertaram os ganchos do sutiã e puxei as alças para baixo. Segurando sua cintura, puxei-a mais e chupei um mamilo em minha

boca. *Maldição* se ela não fosse mais doce do que qualquer coisa que eu já provei.

Os braços dela vacilaram enquanto ela ofegava a sua satisfação, e eu a rolei debaixo de mim, varrendo minha língua sobre seu outro peito, provocando o mamilo antes de sugá-lo profundamente. Meus dedos bifurcaram em seu cabelo na nuca, segurando a boca para ser beijada enquanto eu acariciava minha outra mão para baixo pelo seu lado e voltei minha boca para a dela. Quando ela se arqueou contra mim, eu desabotoei a calça jeans e o zíper dela preso entre meus dedos.

Quebrando o beijo, ela suspirou, — Espere, — e eu fiquei imóvel, observando-a. Ela arfava, olhando para mim, um vinco preocupado tocando sua testa.

— Parar? — Eu perguntei, e ela balançou a cabeça, pegando o lábio inchado em sua boca. — Pare tudo, ou apenas de ir mais longe?

Ela fez uma pausa antes de responder, e eu queria dizer a ela o quanto eu iria dar a ela exatamente o que ela precisava - isso eu faria, ou não faria, o que quer ela quisesse de mim.

Sua resposta foi quase inaudível. — Apenas... não mais.

Meu corpo preparado para uma batalha de contenção, mas a minha mente se reagrupou. — Feito. — Puxei-a de volta para os meus braços e mantive minhas mãos e boca acima da cintura ou sobre sua calça jeans, segurando seus quadris para arrastá-la ao longo da minha coxa, criando golpes de atritos e empregando os benefícios da gravidade. Ela não se importava com nada disso.

Virei-a em seu estômago e mudei seu cabelo de lado para beijar a nuca de seu pescoço, e ela suspirou, relaxando. Os cabelos macios fizeram cócegas no meu nariz e eu sorri, correndo minha língua sobre a pequena elevação de cada vértebra, movendo-se para baixo, eu me ajoelhei sobre ela, massageando com movimentos longos das minhas mãos - sobre seus quadris e coxas, para suas panturrilhas e voltando. Eu apertei seu quadril e ela riu, então eu dei um beijo no meio de suas costas e a virei, sugando um mamilo em minha boca. Seu riso foi

curto e ela mergulhou a mão no meu cabelo e me segurou, tremendo.

Virando de lado, eu não tinha que convencê-la a seguir - ela virou-se comigo, ao meu lado, mergulhando seu joelho entre minhas pernas quando nós nos beijamos. Minha mão avançou de seu quadril para sua coxa, pressionando, implorando por espaço suficiente para afundá-la entre nós. Ela se mexeu e eu escorreguei meus dedos entre suas pernas. — Esta tudo bem? — Eu perguntei, e ela balançou a cabeça e se apertou contra mim, seus dedos pequenos seguravam forte meu bíceps.

Eu acariciava as pontas dos meus dedos sobre o jeans e ela gemeu em resposta. *Goze, baby,* eu implorei em silêncio e me inclinei para beijá-la, estendendo em sua boca e afundando nela. Calor irradiava pelo seu corpo contra o meu lado, e eu sabia que sua imaginação estava preenchendo os espaços em branco quando a minha língua empurrou em sua boca quente e meus dedos encontraram o local exato para orbitar em suaves círculos, a pressão exata que caia sobre o seu jeans.

Quando ela gozou, ela tirou a boca da minha e seus gritos foram abafados no meu ombro, suas unhas marcando meus braços. Sua respiração desacelerou e suavizou, e ela estremeceu uma última vez assim que eu retirei a minha mão.

Momentos depois, ela tocou em seus dedos para o botão da minha calça jeans. Sem levantar os olhos, ela disse: — Eu deveria, um...

Eu peguei o queixo dela e olhei para esses azuis, profundos azuis. — Deixe-me algo para antecipar, — eu sussurrei, beijando-a suavemente.

17

Landon

— Você era apenas uma estepe, — disse Clark Richards, segunda de manhã, logo antes da campainha tocar. — Você não entende, Maxfield? Sim, eu fodi, mas eu vim para os meus sentidos. Ela é minha. As meninas como Melody não ficando com caras como você, anormal.

Caras como você.

Debaixo do braço, Melody olhou para os azulejos do corredor e não disse nada. Nenhuma explicação. Nenhum *te vejo depois.* Nada.

— Quer que eu chute a bunda dele? — Boyce perguntou quando eu joguei uma tampa de livros de metal no banheiro dos homens, dez minutos depois, amassando a porta do box e quase derrubando-a fora de suas dobradiças.

Mãos segurando a borda da pia e jurando que não iria chorar ou vomitar ou gritar as obscenidades que rolavam pelo meu cérebro, eu balancei a cabeça, uma vez. Clark Richards estava apenas sendo um idiota, ele sempre tinha sido.

Melody era a que eu deixei entrar. Se a bunda de alguém deve ser chutada, deve ser a minha.

Eu acordei na minha cama no dia seguinte sem nenhuma noção de como cheguei lá. Meu telefone estava morto, então eu não sabia que horas eram, mas não havia luz sob a porta da despensa e a casa estava em silêncio. O dia escolar anterior foi um borrão, e as horas depois do anoitecer, em branco. Fechei os olhos e me concentrei.

Boyce e eu tínhamos matado aula após mecânica e ele dirigiu para a praia, que ainda estava cheia com o resto das férias de primavera - invólucros, sacos plásticos, latas, a ocasional toalha de praia abandonada ou biquíni. O céu

estava cinza claro. Nublado. Sentamos na rocha perto de um dos nossos pontos de encontro habituais e olhamos sobre a água.

Barcos flutuavam em toda a minha linha de visão, mas meus olhos não seguiam qualquer coisa. Uma família com um cobertor, cesta de piquenique e cooler tinha pego um local perto da água. Irmão e irmã eram do mesmo tamanho - gêmeos, talvez. Idade pré-escolar. Eles continuaram desafiando uns aos outros para submergir na água ainda fria. Eles tinham cada um deles considerado algumas voltas e se arremessar. Nem tenho mais do que os seus tornozelos imersos antes de correr para trás e para fora como se houvesse cubos de gelo na água.

— Minha oferta para chutar a bunda dele está de pé, cara. — Boyce deu uma tragada em seu cigarro.

Eu balancei minha cabeça. — Ela não vale a pena. — As palavras eram falsas. Eu sabia disso, mas isso não importava, então eu não o corrigi.

Eu não conseguia entender o que ela queria de mim. Eu era apenas um truque para fazer-lhe ciúmes? Recuperá-lo? Se ela queria escapar de sua vida, mas não era destemida o suficiente para realmente fazer isso? Ou talvez fosse mais simples do que isso. Talvez eu tivesse imaginado algo entre nós, e eu nunca tinha sido bom o suficiente para ela. Eu estava preenchendo seu tempo, nada mais.

— Ainda pensando em ter um piercing em sua língua? — Boyce perguntou. A fumaça do cigarro a partir de uma rajada de fora do Golfo, levantou o meu cabelo que caiu para a frente. Eu contorci para tirá-los para fora dos meus olhos. O cabelo curto militar de Boyce não se mexeu.

As pequenas crianças na água jogaram as mãos ao ar e gritaram, perseguindo um ao outro em círculos. Era difícil acreditar que eu já tinha sido tão pequeno. Tão jovem. Tão feliz e sem noção. Eles tinham dor à frente. Corações quebrados. Perda. Eles não sabiam e eu não queria que eles soubessem - mas, ao mesmo tempo, eu odiava que eu não tinha sabido. Eu tinha levado tudo como certo - a minha mãe, os meus amigos em Alexandria, jogar

hóquei. Sonhava com o futuro porque isso é o que as pessoas eram persuadidas a fazer quando você é uma criança, mas isso é a maior mentira de todas - que você pode planejar. A realidade é, você não tem porra de ideia do que está por vir e nem o que fazer.

Algumas semanas atrás, o vovô estava me ensinando a dirigir nas tardes de domingo. Ele estava lá todas as noites para fazer o jantar e absolver a desolação azeda entre pai e eu. Ontem, eu pensei que estava se apaixonando por Melody Dover. Agora isso tinha ido embora, e por isso era tudo uma coisa ignorante e ingênua que eu sentia por ela. E eu devia ter pensado melhor. Senti-me como o mais estúpido perdedor vivo porque *eu deveria saber melhor.*

— Foda-se, não, — eu respondi a Boyce e bebi o último do meu refrigerante. — Lábios, eu acho.

Boyce fez uma cara horrorizada. O cara não tinha medo de nada - exceto agulhas. Era meio engraçado.

Eu apontei para ele. — Isso aí... é por isso. Todo mundo que olha para isso terá essa reação.

— Então... você está fazendo isso para dizer a todos que você é louco e gosta de dor?

— Ok. — Eu ofereci minha lata vazia e ele deixou cair a ponta do cigarro para ele. Boyce era inexplicavelmente anti-lixo - um resquício singular ímpar de seus dias como um escoteiro. Antes de sua mãe deixar esta cidade, seu pai, seu irmão e ele. Antes que seu pai começar a usar seus filhos como sacos de pancada, e coisas como escoteiros não eram mais uma opção.

— Huh. Faz um tipo estranho de sentido. Eu gosto.

Ele recebi um texto de Rick, que tinha retirado mercadoria suficiente da semana passada para a festa de hoje à noite, de forma gratuita. — Thompson tem Molly{11} e maconha. Ele diz trazer cerveja. Tá afim?

— Foda-se sim. Por que não.

Como Boyce digitava algo coerente com os polegares de Neandertal era um mistério, mas eles voaram sobre a superfície de seu telefone. —

Ponto. Temos algumas horas para matar. Vamos pegar o seu caminhão do estacionamento e comer alguma coisa.

Eu tinha esquecido sobre o caminhão. Ele estava sozinho no lote escola quando chegamos, Com *Anormal* esculpido a chave na porta do motorista.

— É isso aí, — afirmou Boyce, olhando para ele. — Eu estou chutando a bunda dele.

Eu não me importava com o que Clark Richards dizia ou fazia para mim, mas meu caminhão era uma extensão do meu avô, e ele lhe tinha desrespeitado. — O faça ser convidado esta noite, Wynn.

Boyce tinha um sorriso maligno que era tudo muito familiar do meu cofre memória da nona série - se tivesse brotado chifres e um bigode vilão junto com ele, eu não teria ficado surpreso.

— Isso mesmo menino, Maxfield, — ele disse, polegares voando, mensagens de texto de alguém. — Considere feito.

De acordo com o espelho do banheiro, eu tinha tido um inferno de uma noite. Olho roxo. Nariz inchado. Mandíbula machucada. O relógio de parede na cozinha disse que era no início da tarde, por isso, estava oficialmente abandonando a escola para o dia. Liguei meu telefone, bebi uma Coca-Cola, comecei o café e fui tomar um banho enquanto fazia.

As minhas costelas doíam e machucavam, também, e meus dedos estavam rasgados. Eu passei pomada em tudo ainda sangrento após a água e sabão, antes de puxar a calça de moletom cinza escuro e uma camiseta de beisebol vermelho e branco, fazendo uma careta de dor aguda no meu lado o tempo todo. Respirações profundas eram agoniantes e a tosse era pior. Eu pesava a possibilidade de uma costela quebrada. Cabeça em minhas mãos na mesa da cozinha, olhei para a minha caneca vazia e tentei me lembrar de como eu consegui essa lesão.

Quando tinha ido comprar cerveja, nosso funcionário habitual tinha estado fora. A mulher do outro lado do balcão não estava disposta a nos dar o benefício da dúvida de que éramos mais velho do que nós parecíamos. —

Sumam, — disse ela, pegando as doze latas de Bud Light para o seu lado do balcão. Sua boca não se moveu de sua descontente, linha horizontal.

Em seu lugar, roubamos uma garrafa de Jim Beam do armário do Bud Wynn.

— Você tem certeza disso?— Perguntei a Boyce, que seria o único pagando por isso, de uma maneira ou de outra.

Boyce deu de ombros. — Talvez ele vá esquecer que a tem.

Eu arqueei uma sobrancelha. — Certo. — Seu pai era um alcoólatra meia-boca. E ele nunca se esquecia de nada.

Mateo Vega, um dos amigos de Boyce, foi o primeiro a cumprimentar-nos quando chegamos à praia. Nós três trocaram saudações, Vega inclinou o queixo quando Boyce perguntou se Richards estaria lá. — Sim, homem - o vi há cinco minutos. — Boyce perguntou outra coisa que eu não podia ouvir, mas eu tinha certeza que tinha a ver com se ou não sua namorada havia vindo. Vega balançou a cabeça uma vez. — Mas ele trouxe um par de membros da equipe, — ele avisou.

— Entendi, — disse Boyce.

Nós entregamos a garrafa para Thompson e pegamos merda o suficiente para nos levar ambos fodidos. — Eu não quero nada até encontrar Richards, — disse eu, sem saber até que eu disse as palavras, que eu *precisava* bater a merda fora dele, e eu não queria nada entorpecendo a raiva.

Dez minutos mais tarde, eu tive o meu desejo. Richards estava parado em uma térmica com um copo azul na mão. Uma vez que o vi, eu não vi mais nada. Nem seus amigos, nem meus.

Boyce: Acordado?

Eu: Sim. Tentando me lembrar da noite passada. Você está na escola?

Boyce: É. Richards está hoje também. Cara, você bateu nele. Eu sabia que você tinha isso em você, mas puta merda.

Eu: Eu tenho toda a possibilidade de uma costela quebrada?

Boyce: Merda. Talvez. Eu vou está ai depois da escola.

Eu derramei uma xícara de café e abri a porta do quarto do avô. Já cheirava a mofo. A luz solar filtrada através de pequenas aberturas nas antigas persianas metálicas, que estava enferrujado em alguns lugares onde a pintura estava descascada. Partículas de poeira entravam nas vigas, rodando a partir de minha entrada. O mobiliário foi despido - sem lençóis na cama ou óculos na mesa de cabeceira. Papai tinha empilhado algumas caixas de contabilidade contra a parede. Os anos foram rotulados em seu rabisco irregular.

Não me ocorreu que eu poderia pedir para me mudar para este quatro em vez de permanecer na despensa. Evidentemente, não tinha ocorrido ao pai, também.

Sentei-me na borda do colchão nu e tomei um gole de uma segunda xícara de café, limpando a minha cabeça pouco a pouco. Depois da minha luta com Boyce, o vovô me tinha ensinado a maneira correta de empenhar um punho e dar um soco.

Eu tinha corrido direto para Richards ontem à noite e puxei-o para cima, fechando ambas as mãos em sua camisa. Ele deixou cair o copo e empurrou livre, tropeçando um passo para trás. Se seus amigos se moveram para defendê-lo, Mateo e Boyce os convenceram a ficar de fora. Sem uma interferência.

— Q... que merda, Maxfield?

Eu me aproximei e me inclinei em seu espaço. — Você é um maldito marica covarde, Richards.

Ele empertigou-se, os olhos mudando para o público reunido, e riu. — Qual problema, esquisito, chateado porque a minha namorada não queria chupar seu pau? — Ele me empurrou de volta com as duas mãos, ou tentou.

Senti meu meio sorriso zombador no lugar. — Oh, ela chupou tudo.

Seus olhos brilhavam abertos e balançou um punho que tinha a minha mandíbula como objetivo. Recuei e lhe dei um soco na boca, seus dentes raspando meus dedos. Ele tentou um golpe de corpo, mas eu bloqueei com um cotovelo e acertei-lhe no estômago, e ele deu um satisfatório *oof*. Separamos e circulamos entre si.

— Você é um mau perdedor, anormal, — ele ofegava. — Você precisa aprender a não ficar entre outro cara e o que pertence a ele. — Ele repetiu o soco para o meu queixo com o mesmo resultado falho.

Eu ri, o cáustico som. — Você acha que isso é sobre *Melody?* — Eu não esperava o tiro de dor através de mim ao dizer o nome dela. Ele aproveitou minha pausa e conseguiu um golpe. Acertou meu nariz e eu vi estrelas. Ele se mudou para uma outra batida, mas eu abaixei e fui para ele, derrubando-o na areia.

— É claro que é sobre *Melody*, — ele disse. Nós rolamos e socamos o outro mais um par de vezes, cada um dando golpes sólidos o suficiente para tirar sangue. — Você quer o que você não pode ter e nunca será bom o suficiente.

Assim que nós ficamos de pé, eu balancei e perdi. Ele me atacou e eu aterrissei na caixa de gelo, mas eu o levei comigo e usei seu impulso para jogá-lo de volta pela minha cabeça. Antes que ele pudesse se levantar, eu pulei em cima dele e lhe dei um soco duas vezes.

— Eu não dou uma *merda* sobre ela, seu vaidoso, filha da puta *imbecil.* — Eu bati nele mais uma vez e seus olhos desfocaram. Antes que eu pudesse batê-lo inconsciente, senti mãos em cima de mim, me puxando de cima dele e ele lutava para se levantar com a ajuda de seus amigos. Segurando meu lado e com ofegantes respirações rasas, cada uma das quais gerou um tiro dor, eu apontei o dedo para ele. — Mas você toca na minha caminhonete de novo e eu vou *acabar com* você.

Quando Boyce apareceu, ele trouxe, de todas as pessoas, *Pearl.* Eu não tinha ideia de que estava em condições de falar. — Eu não serei uma médica por dez anos, você sabe, — disse ela, olhando para Boyce. — Ele deve ir ao pronto-socorro. Eu não vejo o problema. Não é como ele tivesse facadas de uma iniciação de gangue.

Boyce suspirou. — Você está aqui. Basta olhar?

— *Tudo bem.* — Ela revirou os olhos e se virou para mim. — Deite-se no sofá.

Após pressionar em vários lugares - dolorosos, mas não excruciantes - e ouvir meus pulmões com um estetoscópio emprestado da cômoda de seu padrasto, ela disse que não achava que alguma coisa ficou ferida. — Você pode ter uma costela fraturada - mas não há tratamento para isso. Só tem que curar. Vai demorar seis semanas. Sem *luta* e sem *violência.* Ela nivelou uma carranca em Boyce.

— O quê? Eu não fiz isso. E não deveríamos, cobri-lo?

— Tenho certeza que você incentivou-o. E não. — Ela olhou para mim. — Respire fundo o mais rápido possível e tussa várias vezes por dia, para se certificar de seus pulmões estão limpos. — Voltando-se para Boyce, ela guardou o estetoscópio em sua bolsa e disse: — Enfaixe-o para impedi-lo de fazer essas coisas. Ele poderia usar um bloco de gelo para a dor, você pode fazer um de um Ziploc e gelo. Pressione, se possível.

Boyce disse: — Estou nisso, — saudou, e se dirigiu para a cozinha.

— Obrigado por ter vindo, — disse eu, ainda confuso. Pearl e Boyce nunca se falaram na escola a menos do que foi exigido em biologia, e apesar de ele ter claramente a cobiçado, ela nunca pareceu ter o menor interesse. Além disso, eu tinha acabado de bater a merda fora do namorado de sua melhor amiga.

Quando Boyce cavou gelo do congelador, ela se sentou ao meu lado no sofá, seus olhos escuros no nível do meu. — Para que conste, eu estava errada sobre Clark. Ele é um idiota, e eu não posso acreditar que ela o aceitou de volta. — Ela suspirou e olhou para fora da janela da frente. — Ele é o diabo e ela sabe, eu acho.

LUCAS

Quando eu deixei Jaqueline em seu dormitório, eu não estava prestando atenção em nada, a não ser ela. Não até que ela alcançou os degraus - na parte superior onde seu ex estava e levantou seu olhar, alternando entre nós dois. Ela

não o viu até que ela quase esbarrou nele.

Eu não me movi, exceto cruzar os braços e assistir a sua linguagem corporal de perto, e a dela.

Enquanto eles falavam, ele continuou a apertar os olhares ocasionais para mim por cima da cabeça dela até que, finalmente, ela se virou e acenou, como se quisesse me dizer que ela estava bem. Eu não estava indo embora, porque a linguagem corporal dela dizia que ela estava agitada - as mãos dela nos quadris enquanto conversavam, e, em seguida, os braços cruzados defensivamente. Eles estavam muito longe para eu decifrar palavras, mas o tom de suas vozes apenas afastou bastante o suficiente para me atingir. O dela era irado. O dele foi apaziguador.

Eu a conhecia bem o suficiente para saber que *apaziguador* não seria bem-vindo.

Duas palavras que eu a ouvi dizer, claramente: — É. *Jacqueline.* — Com isto, ela descruzou os braços, as mãos enrolando em punhos em seus lados.

Ele se aproximou e ela não se moveu, mas quando ele levantou a mão para o rosto dela e ela deu um passo para trás, eu impulsionei fora da moto e andei. Ela bateu seu cartão e atirou a porta aberta, e eu segui. Eu agarrei a porta antes que fechasse, quando Jacqueline girou, com a boca aberta. Ela parou quando me viu.

— Você está bem, Jacqueline? — Eu perguntei, dando um passo ao lado dela enquanto eu a examinei para sinais de agressão. Ele escorria condescendência acima de tudo – aumentou quando ele me reconheceu como o cara que consertou o AC em sua casa de fraternidade. — O que a administração vai pensar de você farejando os alunos? — Ele zombou, e levou cada grama de autodisciplina que eu tinha para não reagir.

Virei-me para Jacqueline, dispensando-o - a única coisa que caras como ele não pode engolir facilmente, e a única resposta a qual eu poderia dar livre curso.

Ela me disse que estava bem, os olhos deslizando para o público ao redor que eu estava apenas começando a perceber. Algo sobre essa garota faz tudo desaparecer para mim. Às vezes isso era o ideal, enquanto outras vezes poderia ser perigoso.

Então Kennedy Moore fez gesto para mim e disse exatamente a coisa errada. — Você está saindo com *esse cara*, também?

— Também? — ela perguntou, sua voz tão vulnerável, e eu queria dar um soco na boca dele para parar as palavras feias antes que ele dissesse a elas.

— Além de Buck, — ele disse.

Sua boca se abriu, o que ela tinha a intenção de dizer emergiu sem som.

Moore agarrou seu braço e começou a conduzi-la para longe, e sem pensar duas vezes, eu torci o pulso dele e tirei a mão dela. Eu queria quebrá-lo.

— Que porra é essa? — Ele engossou, e eu sabia que naquele momento ele não tinha terminado com ela. Ele pensou que ele poderia reconquistá-la - ou talvez ele sabia que podia.

Mas Jacqueline endureceu sua mandíbula, colocou a mão em seu braço, e disse-lhe para sair. Ele argumentou - sublinhando a sua convicção de que eu era um *homem da manutenção* - o que eu não poderia refutar sem colocar Joseph em perigo de perder o emprego.

— Ele é um *estudante*, Kennedy, — ela retrucou. Ele disse algo sobre falar com ela na próxima semana, quando forem para casa. Ela não respondeu, sua expressão ilegível.

Eu sabia que o comentário sobre Buck tinha a enervado, mas não pelas razões que ele pretendia. Ele falou como se ela devesse se preocupar com uma má reputação, isso era besteira. A noção de que pessoas poderiam estar fofocando sobre ela *ficar c*om o idiota que havia a agredido me fez querer encontrar e bater a merda total dele mais uma vez.

Moore olhou como se ele pudesse me intimidar. Eu esperava que ele não fosse estúpido, porque ele seria muito menos problemas para colocar no chão do que o seu estuprador. Ele parecia pensar que seu ressentimento estava

me ameaçando, mas sua postura era completamente inexperiente e deixou-o aberto. Dois socos e ele estaria no chão. Ele provavelmente nunca esteve dentro de uma real luta. Eu segurei seu olhar até que ele se virou e atravessou a porta.

Jacqueline me tocou, então, e meu corpo ficou tenso. Ela brincou comigo sobre os meus vários trabalhos, e eu disse a ela que a coisa de manutenção era rara, e o trabalho de autodefesa era uma posição de voluntário.

— Acho que devemos acrescentar mais um, hein? — ela disse, e eu endureci, pensando em *tutor de economia*, enquanto lutava para manter a minha expressão vazia. — Defensor pessoal de Jacqueline Wallace? — ela disse. Girei entre alívio e decepção. Eu não quero dizer a ela, mas eu queria que ela soubesse. — Outra posição voluntária, Lucas? — Ela se inclinou mais perto, brincalhona, me hipnotizando com aqueles olhos. — Como você vai ter tempo para estudar? Ou qualquer coisa divertida?

Estendi a mão e puxei-a para mim. *Porra*, essa garota me faz *querê-la*. — Há algumas coisas que eu irei arrumar tempo, Jacqueline, — eu sussurrei, beijando seu pescoço - o espaço sensível perto de seu ouvido que a fazia excitada quando eu mal tocava meus lábios nos dela. Ela gemeu baixinho quando eu lambi a delicada pele, cuidado para não a deixar com um hematoma. Ela era uma garota sexy, mas séria. Marcas só seriam bem-vindas, onde estariam escondidas para ninguém, exceto ela.

Por agora, eu a beijei e liberei.

Mandei um email para Jacqueline com minhas anotações em seu trabalho de pesquisa, observando o fato de que ela já estava acompanhando, apesar de eu continuar enviando-lhe as planilhas das aulas das últimas duas semanas. Eu também a deixei saber que eu estaria indo para casa quarta-feira - onde não havia Wi-Fi, assim eu estaria praticamente inacessível. *Como Landon.*

Se vovô pudesse me ver agora, ele balançaria a cabeça e suspiraria pesadamente. E se ele pudesse me alcançar, ele pegaria minha orelha no punho e me chamaria de dez tipos de idiota.

Ela respondeu ao e-mail para me dizer que seus pais iriam esquiar, mas

ela estava indo para casa de qualquer maneira e estaria lá sozinha. Em todos os cenários que eu já tinha imaginado, essa menina tinha os pais, e eles iria fazer algo tão alheio como não estar.

Eu estaria pegando uma carona no SUV dos Heller para uma viagem de quatro horas até a costa. Eles haviam alugado uma casa de praia e planejado fazer o jantar de Ação de Graças lá. Eu ficaria com o papai e teria alguns dias de silêncio, exceto o jantar que iria compartilhar com Charles e Cindy, Carlie e Caleb.

Cole tinha arrumado uma namorada em Duke e decidiu ir para casa com ela para a Flórida para a sua primeira férias, em vez de voltar para casa. Seu pai fez o inferno com ele por uma semana sobre sogras e sendo chicoteado e escreveu perguntas como: — Onde você se casou? — Cole negou veementemente casamento ou iminentes sogros enquanto Heller riu pra caramba em cada texto furioso de seu filho mais velho.

Eu queria poder dizer a Jacqueline.

Previsivelmente, a briga com Kennedy Moore renovou meu antagonismo e bateu-o em um nível superior. A aula de segunda-feira foi uma tortura, entre tentativas fracassadas de ou ignorá-lo ou, pelo menos, resistir a insultos disparos telepaticamente na parte de trás de sua cabeça. Quando ele se virou e sorriu para Jacqueline, no final da aula, saí da sala de aula antes que eu descesse as escadas e tirasse aquele sorriso do rosto.

Apoiando-se na parede da porta de emergência habitual de Jacqueline, eu a vi surgir com o cara que estava sentado ao seu lado na sala de aula. Ele participou de uma ou duas das minhas sessões no início do semestre, há três meses. Ambos pareciam me notar, ao mesmo tempo, e eu podia jurar que estavam falando sobre mim quando vinham. Após deseja-lhe um bom intervalo, ele foi para a saída oposta, e examinei o rosto de Jacqueline para os sinais que ele disse a ela que eu era o tutor de classe. Sua expressão foi atrapalhada quando ela olhou para mim, a testa segurando a menor ruga. Não era possível lê-la, eu diminui um passo quando ela passou, empurrando a porta aberta como nós

saímos juntos. Seu cotovelo roçou contra mim e seu perfume agora reconhecível reviveu as minhas memórias de sábado à noite.

— Posso te ver hoje à noite? — Eu perguntei.

— Eu tenho um teste de astronomia amanhã — disse ela. Ela estaria estudando com colegas durante toda a noite. Nada de estranho nisso, exceto a breve pausa que fez parecer mais pretexto do que por alguma razão.

Perseguido por uma sensação persistente de exposição, eu examinava a massa de pessoas, procurando a fonte. Intuição me disse que essa fonte estava bem perto de mim - mas isso tinha que estar errado. — Amanhã à noite?

— Eu tenho um ensaio do conjunto amanhã, — disse ela, e o zumbido nos ouvidos aumentou. Ela falou sobre faltar na prática domingo de manhã e arrumar suas coisas para o recesso - terreno familiar - mas meu cérebro vacilou, compreendendo que era familiar para *Landon* - não *Lucas*.

Eu estava correndo de cabeça em uma parede de concreto, e eu tinha batido naquela parede antes, duro. Eu não tenho que sentir a crise de tudo se quebrando miseravelmente para saber como seria a sensação. Eu precisava dessa pausa. Eu precisava das ondas na costa, e a presença silenciosa do meu pai. Eu precisava ver se eu poderia quebrar essa obsessão.

Olhando fixamente em seus olhos, eu pedi a ela para me mandar um texto se seus planos mudassem. Com cada partícula de força de vontade que eu possuía, eu disse, — até mais tarde, Jacqueline, — e fui embora sem tocá-la ou beijá-la em adeus.

18

Landon

Pensei que bater em Clark Richards me faria sentir melhor - e fez. Parecia bom demais, se há uma coisa como bom demais. Cada golpe que desembarquei, e mesmo os golpes que eu recebi, anestesiava e transformavam a aberração patética que eu era, trazendo à vida um filho da puta insensível em seu lugar.

Minha luta com Boyce no ano passado sacudiu essa gaiola, mas martelar a merda do rosto de Richards foi o divisor de águas. Eu tinha encontrado algo melhor do que juntar Molly e erva, melhor do que o álcool, melhor do que sexo para sufocar as vozes na minha cabeça - porque mesmo quando essas coisas funcionavam, e elas às vezes funcionavam, a voz que eu ainda ouvia era a minha própria, e nunca me deixou esquecer completamente. Nunca.

— Eu só vou ficar fora três dias, — papai tinha dito, com as mãos segurando o rosto dela. — Veremos Charles e Cindy neste fim de semana, certo? Vamos planejar o Natal na viagem que você e ela estão insistindo há anos.

Ela fez beicinho para ele com uma carranca falsa. — Oh, *insistindo,* hein? Talvez você possa ficar em casa, Sr. Grinch.

Ele deslizou as mãos por seus ombros até os cotovelos, soltando os braços cruzados e puxando as mãos contra o peito antes de puxá-la perto e levantar seu queixo. — Você não pode me deixar para trás, Rosie, — ele murmurou. — Não depois de ontem à noite. — Ele se inclinou para beijá-la como se eu não estava sentado a seis metros de distância.

— Deus, vocês, *obtenham um quarto.* — Agarrei o controle na minha mão, os olhos olhando resolutamente para a tela e meu skatista fazendo manobra

sobre espaços entre os edifícios, antenas nas paredes e deslizando para baixo de escadas rolantes - material que iria me matar na vida real. Tentei fechar meu olho esquerdo, então eu não podia ver meus pais, que estavam de pé junto à porta, dizendo as suas longas despedidas e chupando um ao outro.

— É por isso que compramos um console de TV e jogos para o seu quarto, filho. Então, sua mãe e eu possamos desfrutar... — Ele sorriu para ela. —... do resto da casa.

Eu peguei *uma pausa* e me deitei sobre as almofadas do sofá, com as mãos sobre os olhos. — Oh, cara. *Sério?*

Mamãe riu. — Pare de provocá-lo.

— Eu não posso. É muito fácil, — disse o pai.

Suspirando, ela ajeitou a gravata dele em perfeita linha reta. — Eu estava realmente pensando que devemos visitar o seu pai neste Natal. Ele está sempre sozinho, Ray...

A relação do meu pai com o seu pai era a definição de complicado. — Ele escolhe ficar sozinho. Ele gosta.

— Mas, querido, ele está tão feliz quando visitamos. Ele adora Landon, e ele não estará por perto para sempre.

Os pais de minha mãe tinham por volta do inicio de seus quarenta anos quando ela nasceu - um bebê surpresa, muito tempo depois que tinham aceitado a ideia de não ter filhos. Professores proeminentes nos campos de análise, eles estragaram a filha curiosamente artística deles - suas palavras. Ambos tinham morrido pelo tempo que eu tinha cinco ou seis anos. Mamãe sentiu muita falta deles, mas eu mal lembrava da minha avó e meu avô, apenas não conseguia me lembrar.

Vovô - pai do meu pai - era o único avô que eu tinha.

— Ele só acha que ele finalmente tem um otário para assumir os *negócios da família* Maxfield, — ele citou com aspas no ar, — Porque Landon gosta de sair no barco com ele. Além disso, só o vimos um par de meses atrás, em julho. — Apesar dessas afirmações, eu ouvi a voz dele em rendição,

aceitando a tudo o que mamãe queria. Ele praticamente sempre fez. — Quando eu escapei aquela cidade, eu nunca tive a intenção de voltar. E aqui você está me fazendo ir a cada verão. E agora o Natal?

— Porque é a coisa certa a fazer. E porque você não é um garoto de dezoito anos de idade mal-humorado mais - você é um homem adulto.

Ele a beijou novamente, envolvendo os braços em volta dela e rosnando, — Malditamente certo eu sou.

— Menor na sala. Bem aqui. No sofá. Tendo sua inocência corrompida. *por seus próprios pais.*

— Vá se preparar para a escola, bebé,— Mamãe disse, chamando-me da única coisa que ela dizia apenas na frente do pai ou quando estávamos sozinhos. Crianças de treze anos não poderiam ter suas mães dizendo porcaria como essa na frente dos amigos ou o público em geral.

Eu desliguei o jogo e meus pais *ainda* estavam *se beijando.*

— *Com prazer.* — Eu fiz vendas com minhas mãos quando passei por eles.

— Abrace seu pai dando adeus primeiro.

Fiz meia-volta na base da escada e me apoiei nele para um abraço rápido. Ele bateu no meu ombro e olhou para mim, ainda centímetros mais alto, embora eu estivesse ganhando dele.

Eu peguei mamãe no outro dia só para provar que podia e ela gritou e riu. — Eu costumava trocar sua fralda!

Eu fiz uma careta. — Mãe, realmente - *essa é* a memória da minha infância você quer evocar?

Ela me cutucou no peito e inclinou a testa. — A menos que você quer que eu traga como eu te alimentei?

Eu a coloquei para baixo. — Eca, *não.* Ugh.

— Comporte-se na escola e pratique para aquele jogo deste domingo contra aqueles idiotas de Annandale, — papai disse. — Eu estarei de volta quinta-feira. — Ele bagunçou meu cabelo, que ele sabia que eu meio que odiava

- e é por isso que ele fez.

Eu torci debaixo de sua mão. — Bom uso de idiota, velho. Seu vocabulário está melhorando.

Ele sorri. — Está certo, grandão. — Ele segurou meus ombros e me olhou nos olhos. — Você é o homem da casa enquanto eu estiver fora. Cuide de sua mãe.

— Ok, papai. Vou fazer. — Eu saudei e subi as escadas correndo, pensando sobre o jogo deste fim de semana, e Yesenia, que eu planejava chamar para sair antes do final do dia, se eu pudesse ser homem o suficiente para fazê-lo.

LUCAS

A temperatura na praia era cerda de 21 graus, a média para esta época do ano. Os Heller me deixaram no papai antes de se dirigir para sua casa de aluguel de férias com um peru descongelando e uma caixa cheia de inhame, feijão verde, farinha de rosca e cranberries. — Vemo-nos amanhã, — Cindy disse a nós. — Vamos comer em torno de uma da tarde. E se o peru ainda não estiver pronto, vamos *beber* por umas horas.

Boyce: Você está aqui?

Eu: Sim. Dê-me um par de horas.

Deixei minha mochila sobre a cama. O quarto nunca pareceu menor. Era como um casulo. Eu emergi a partir dele e tinha voado para longe mais de três anos atrás, e agora era apenas um apertado lugar superado, ao mesmo tempo familiar e estranho.

A parede em branco estava cheio de buracos de Alfinete, e as prateleiras opostas estavam quase vazias. Papai não tinha mudado a luminária para a cozinha - que ainda pairava perto do teto, lançando sua iluminação indireta sobre o espaço. Alguns livros velhos estavam empilhados em uma prateleira, junto

com a Bíblia do vovô e um repertorio do colegial. Havia um envelope que também não estava lá quando eu visitei da ultima vez. Ele continha uma dúzia de fotos que eu nunca tinha visto antes.

Uma delas tinha sido tirada no meu primeiro dia de oitava série, depois que eu saí do carro com o meu novo uniforme. Eu tinha crescido a cada peça de roupa que me dava três meses antes. Eu sorri para a câmera - a minha mãe – enquanto um cara na calçada atrás de mim, deixava a língua de fora ao lado de sua boca. Tyrell. Odiado ou amado por todos os professores, ele era um dos caras mais engraçados que eu já tinha conhecido. No fundo, mais perto do prédio da escola, um trio de meninas estavam conversando. Uma delas encaroou a câmera, cabelo escuro em um rabo de cavalo, olhos escuros na parte de trás da minha cabeça. Yesenia. Ela estava provavelmente prestes a entrar na faculdade de direito agora, ou começar um estágio em contabilidade ou candidatar-se a programas de mestrado em cinema ou sociologia. Eu não a conhecia bem o suficiente para saber seus interesses ou ambições, além de seu interesse por mim. Aos treze anos, isso era tudo que importava.

Eu vasculhava as outras fotos, fazendo uma pausa em um das pinturas da Mãe, e outra de nós dois fazendo palhaçadas no quintal. Eu pressionei a dor no centro do peito e as abaixei para estudá-las depois, refletindo que o papai deve tê-las deixado aqui para mim. Talvez estas imagens tenham estado em um cartão de memória em uma câmera velha que ele finalmente verificou antes de jogá-la fora.

Na cozinha, havia um saco de espinafre na geladeira e uma tigela de frutas sobre a mesa da cozinha. Eu não tinha certeza se o papai tinha virado um saudável por folha, ou eu estava adiando fazer comprar para eu escolher o que quero comer, enquanto eu estiver em casa.

— Como está a escola? — Ele perguntou, puxando uma cerveja na geladeira, com o cabelo molhado de um banho. Ele tinha estado no barco antes de chegarmos hoje, é claro. Eu achava que ele teria folga amanhã o dia todo, mas tinha medo de perguntar. Iria ferir os sentimentos de Cindy se ele não tivesse.

— Boa. Eu consegui uma vaga em uma equipe de pesquisa no próximo semestre. Um projeto com um dos meus professores do ano passado. Há um salario.

Ele se sentou na pequena mesa antiga - o verniz muito tempo já desgastado, a madeira riscada. — Parabéns. Então, pesquisa de engenharia? Projeto de carro de corrida?

Minha boca torceu. Meus interesses se transformaram além de carros de corrida desde o colégio - não que ele sabia disso. Esta conversa tinha que ser a conversa mais longa sobre os meus objetivos acadêmicos que tivemos desde que mamãe morreu. — Não, materiais duráveis macios. Para medicina, mais ou menos. Material a ser usado em engenharia de tecidos.

Suas sobrancelhas se ergueram. — Ah. Interessante. — Ele olhou para fora da janela sobre a mesa, aquela tinha a melhor vista do golfo, exceto pela a vista do quarto do vovô - onde ninguém morava. Estava prestes a sair da sala para tomar banho e descompactar as poucas coisas que eu trouxe quando ele perguntou, — Planos para o jantar?

— Estou, uh, saindo com Boyce daqui a pouco. — Tomei uma cerveja na geladeira e abri a tampa com a ponta do meu canivete fechado.

— Tem a chave, ainda?

— Sim.

Ele balançou a cabeça, os olhos nunca deixando a janela, e ficamos no nosso silencio habitual.

Boyce e eu escolhemos uma cabine perto de uma janela. Havia um bar decente nesta cidade, e nós estávamos nele. Era muito barulhento e muita fumaça, e eu sentia falta de passar tempo na praia, o que ele disse que foi invadido com punks do ensino médio agora. Tivemos que rir, porque nós *éramos* os punks do ensino médio não muito tempo atrás.

— Ainda tem a Sportster? — Ele perguntou. Nos últimos meses antes de eu sair da cidade, os dois de nós tínhamos reconstruído a Harley mal mantida que seu pai havia aceitado como pagamento para reparos de um de seus

companheiros de bebedeira. Quando eu precisei vender o caminhão para pagar o meu primeiro semestre da mensalidade da faculdade, Boyce, de alguma forma convenceu-o a vender barata a moto para mim.

— Yep. Ainda vai ser mais alguns meses, até eu me formar. — Pensei sobre os braços de Jacqueline, trancado em volta de mim, as mãos sobre o meu abdômen. Seu peito pressionado nas minhas costas. Suas coxas abraçando meus quadris. — Eu provavelmente vou mantê-la, porém, depois que eu comprar um carro.

A garçonete trouxe nossas bebidas e uma cesta de coisas fritas e variadas. Boyce escolheu uma fatia de abacate e mergulhou-o no molho. — Viu Pearl ultimamente?

Eu balancei minha cabeça. — Não em poucos meses. Ela estava indo bem, eu acho, provavelmente nas escolas de medicina agora. Você está mais propenso a encontrar com ela do que eu, apesar de tudo. Há, como, quatorze vezes mais estudantes lá, do que há moradores aqui, e eu sei que ela visita seus pais muitas vezes.

— Verdade. — Ele tomou um gole de tequila.

— Então, você a viu?

Sua boca chutou para cima em um lado. — Algumas vezes.

Eu balancei a cabeça, sorrindo. — Vocês dois têm uma relação estranha, Wynn. Um dia desses, você vai ter que me dizer sobre isso.

— Seja como for, homem, — ele disse, descartando o assunto de Pearl Frank. — Novas aventuras para você? Sexo a três? Festas de orgia? Professores te assediando sexualmente? — Ele balançou as sobrancelhas, esperançoso.

Corri meus dentes sobre o piercing em meu lábio e balancei a cabeça, rindo. — Você sabe que eu estou estudando ou trabalhando o tempo todo.

— Sim, homem, seu cento e um empregos. Você não pode me dizer que você não tirou um tempo para um T-e-A[{12}], só para quebrar a monotonia. — Ele olhou para trás para a multidão crescente. — Você está muito danado exigente ou eu sugeria uma ou duas das meninas neste bar. E aquele trabalho de

tutor? Quaisquer gostosas precisando de oferta e demanda demonstrada à queima-roupa? — Olhei para a minha cerveja por um segundo muito longo, e ele bateu a mão na mesa e se inclinou mais perto. — Maxfield, seu filho da...

Eu coloquei minha cabeça em minhas mãos. — Eu estou meio que superando alguma coisa. Ou tentando.

Ele ficou quieto por cerca de cinco segundos. — Uma dessas alunas que você é tutor?

Porra. *C*omo é que ele sabia disso? Mas Boyce sempre sabia. Eu balancei a cabeça.

— Hmm. Conhecendo você - e eu conheço – isso é ruim. Se fosse eu? Eu superaria toda essa merda. Ainda bem que eu nunca vou ser o mentor de alguém. Ou chefe. — Ele jogou de volta o último de sua tequila e sinalizou para a garçonete para outra rodada. — Veja, *eu* - eu preciso ser contratado por uma garota gostosa assim *eu* posso ser o único sendo assediado.

Em um flash, eu imaginava Jacqueline e eu trocando de posições – Se ela fosse a tutora e eu fosse o aluno. Se eu tivesse sido um-sênior do colégio para a garota universitária... Todos os músculos do meu corpo contraíram e endureceram. *Porra*, eu a seduziria tão rápido que a cabeça dela giraria.

A garçonete bateu a nossa segunda rodada e Boyce riu e brindou seu copo para o meu copo de cerveja congelada. — O que você está pensando, cara. Essa é a aparência de um cara que vai conseguir algo. Qualquer coisa que eu possa fazer para ajudar?

Eu balancei a cabeça, assustado com a intensidade de um minuto de fantasia.

Isso é o que era, é claro. Uma fantasia.

Mais duas semanas de aulas de economia. Mais dois módulos de autodefesa. Acabava.

Quando Boyce me deixou na noite passada, eu vi a placa alterada do Isca & Equipamento, que tinha acrescentado — Coffee & Wi-Fi — ao seu nome. Eu poderia imaginar o próprio velho Joe pintando a extensão da placa - o

que é exatamente o que parecia. Pensei sobre passar, entrar no meu e-mail do campus e ver se Jacqueline tinha escrito para mim. Para *Landon.*

Uma vez que eu pensei sobre ela - sozinha em casa, os pais esquiando, eu não conseguia parar de me preocupar. Lembrei-me que estávamos viajando para direções opostas neste feriado. Ela estava quatro horas para o norte, enquanto eu serpenteava quatro horas ao sul. Se ela estivesse com problemas, não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso.

Se ela estivesse bem, eu poderia relaxar. Tudo o que eu tinha que fazer era checar.

Mas eu a deixei em pé na frente do prédio de artes três dias atrás, quando eu tinha tomado a decisão de suspender este desejo, pelo menos pelo feriado. Se eu mandasse uma mensagem para ela agora, tudo iria começar de novo. Isso não seria justo para nenhum de nós.

Então Caleb adormeceu na minha cama depois de comer pelo menos dois quilos de peru e porções duplas de todo o resto. Papai, Charles e Cindy estavam todos intimamente colados em um jogo de futebol que eu não conseguia me concentrar em nada, e Carlie lamentou, por duas vezes, — *Eu estou tão entediaaaada*.

Minhas convicções vaporizaram e eu me ofereci para acompanhar Carlie em um passeio de exploração em torno da cidade. Seu pai rendeu felizmente as chaves para o seu SUV. Nós rolamos as janelas e eu coloquei em uma estação pop e parei no Isca & Equipamento & Coffee & Wi-Fi gratuito.

— *Isso é* uma coisa, — disse Carlie, dobrando uma sobrancelha com o tipo de superioridade que só uma garota de dezesseis anos de idade, pode fazer. Uma vez lá dentro, ela observou: — Este lugar é como um palco. Eles estão falando sério com estas cadeiras floridas? — Sua opinião sobre o café, — *Nojento.* Tem gosto de *peixe.*

Ela verificou as prateleiras de souvenirs enquanto eu assinei e encontrei uma dúzia de e-mails inúteis, mas nada de Jacqueline. Landon não tinha nenhuma desculpa plausível para escrever para ela. Não havia planilha para

enviar. Sem próximo quiz. Então, eu descrevi o novo e melhorado Isca & Equipamento e, acima de minha assinatura habitual, LM, eu adicionei um casual: Você está trancando e acionando os alarmes de sua casa todas as noites, certo? Eu não quero insultar, mas você disse que ia estar em casa sozinha.

Eu esperei por 15 minutos, mas ela não respondeu.

Carlie, estava toda sobre observações incisivas sobre a decoração, comprou uma camiseta rosa brilhante com *isca* escrito no peito - o que sua mãe provavelmente confiscaria imediatamente - e um recipiente de globo de neve contendo “neve” cor de areia e uma pequena réplica da original Bait & Tackle, menos café e acesso Wi-Fi gratuito.

— Vamos, Lucas, vamos sentar na praia, — disse ela. — Se houver meninos bonitos da minha idade nesta cidade, eles definitivamente *não estão aqui*. — Eu decidi não informá-la de que os meninos bonitos de sua idade não seriam susceptíveis a andar em qualquer lugar perto dela se eu estiver lá.

Seis horas mais tarde, a tela do meu telefone lançou uma luz esverdeada na minha despensa/casulo. Minha força de vontade foi esgotada.

Eu: Quando você vai estar de volta no campus?

Jacqueline respondeu segundos depois: Provavelmente domingo. Você? Eu respirei aliviado. Ela estava bem. Disse-lhe que estaria de volta sábado, e do nada eu acrescentei: Eu preciso de você para esboçar de novo, e disse-lhe para me mandar uma mensagem quando ela voltar.

Sexta-feira, o papai e eu levamos Charles e Caleb no barco enquanto Carlie e Cindy estavam sentadas na varanda de sua locação, bebendo daiquiris virgens e lendo. Depois que voltamos, eu peguei emprestado o caminhão do papai e me dirigi ao Isca & equipamento. Jacqueline tinha respondido o e-mail de Landon minutos depois que tínhamos trocado mensagens. Meu sorriso se abiu sobre o fato de que ela estava ligando o sistema de segurança todas as noites e todo o tempo.

Passei o dia no meu ex, ela escreveu. Ele queria vê-la no sábado para *conversar.* Eu meio que poderia adivinhar que tipo de *conversa* que ele

queria ter. Eu fechei o laptop sem responder.

Quando Caleb anunciou que tinha um esboço de projeto de ciência-feira para Segunda-feira - e ele não tinha escolhido um tema, no entanto, o Hellers decidiram voltar sábado de manhã. Papai tinha reservado uma excursão de pesca durante todo o dia de qualquer maneira, então nos despedimos antes do amanhecer, e eu estava de volta em casa ao meio-dia.

Puxei o e-mail de Jacqueline novamente, imaginando que ela poderia passar a noite - se não a noite - com Kennedy Moore. Ele a tratava como se ela fosse dispensável, substituível, quando ela estava tão longe de ambos. Ela era mais forte do que sabia, mas seu relacionamento com ele a tinha feito mais fraca. Ela aceitou sua visão dela. Ela seguiu seus sonhos, e não os dela própria. Ela o deixou mudar o nome dela, e quem sabe o que mais sobre ela.

Eu digitei uma *resposta,* e disse que parecia que ele queria ela de volta. Então eu perguntei: o que *você* quer? Gostaria de saber se alguém já perguntou isso a ela.

O Hellers saíram para jantar e um filme, seguido de uma procissão pelas luzes natalinas nos bairros fechados nas colinas no extremo sul da cidade, que estavam cheios de mansões grandiosas decorados por profissionais. Curvando-se para fazer a lavanderia, eu disse a mim mesmo que eu queria ficar sozinho. Fiz uma marinada de coentro para a cioba que eu tinha pego ontem, coloquei na geladeira e fui para uma corrida. Jacqueline Wallace estava em um loop eterno na minha mente. O pensamento dela com Moore despertou uma parte violenta de mim que eu pensei que tinha enterrado. Fazia sentido lutar para protegê-la, mas eu não conseguiriaa chutar o traseiro de alguém que ela escolheu a cima de mim. Foda-se se eu não *quisesse.*

Joseph: Sobreviveu ao T-dia{13}? Que tal aqueles Cowboys?

Eu não estava autorizado a dizer isso de novo ao Elliott, sob pena de uma coisa chamada de kinky boots{14}- não o meu tipo de pervertido por sinal - em repetição a todo caminho de casa, Cleveland.

É uma viagem malditamente longa.

Me: Sobrevivi. Casa. Vai Cowboys. Seu namorado está no controle, cara.

Joseph: Nem me fale sobre isso. Eu estou fodidamente açoitado. :P

Quando meu telefone tocou de novo, eu achava que era mais de Joseph, mas não. Era Jacqueline, dizendo: Eu estou de volta. Então, é claro, eu a convidei para jantar.

Preparando minha própria comida era algo que eu tinha feito há tanto tempo que não parecia estranho. Quando criança, eu tinha brincado de assistente de culinária para a minha mãe, a quem cozinhar era outra forma de arte. Quando vovô morreu, eu cozinhei para o pai e para mim em caso de necessidade. – Era isso ou uma dieta constante de torradas, peixe e ovos. Ambos teríamos contraído escorbuto antes de eu sair da escola.

Cozinhar uma refeição completa para alguém além de mim havia se tornado raro. Eu morava sozinho, e Carlie estava certa há alguns meses atrás - Eu geralmente não tinha ninguém mais. Eu não tenho tempo para um círculo de amigos, e eu não tinha encontros. Eu mal tinha ficadas.

Convidar alguém para uma refeição caseira possui confiança na culinária e convidava a um nível de expectativa, mas eu não era chef. Eu ignorava receitas gourmet e tudo com passos complexos. Eu preparava refeições simples de maneira despretensiosa.

Eu não tinha ideia do que Jacqueline gostava ou não.

— Eu nunca tive um cara cozinhando para mim antes, — disse ela, apoiando-se nos cotovelos, no lado oposto do balcão, observando-me cortar legumes e manjericão e jogando vinagrete sobre eles. Sua inexperiência com caras da faculdade cozinhando era um bom presságio para o pargo e batatas cozidas. Depois que tudo estava no forno, liguei o temporizador e eu a levei para o sofá.

Eu queria saber quais conclusões que ela e seu ex tinham chegado, mas eu não perguntaria. Ela estava aqui, e eu não conseguia pensar sobre ela voltar para ele.

Tomando a mágica mão dela na minha, examinei cada milímetro dela. Eu segui as linhas na palma da mão, e os vales sensíveis entre os dedos. Ela manteve as unhas curtas para que pudesse tocar seu violoncelo, pressionando e dedilhando as cordas, sem impedimento.

Isso Landon sabe. Lucas não sabe.

Eu tinha que dizer a ela. Eu tinha que dizer a ela, em breve.

Puxando-a para o meu colo, eu a inclinei para as almofadas de canto levantando a cabeça dela para trás e beijando seu pescoço, zumbindo com necessidade quando ela engoliu em seco, traçando o caminho daqueles minúsculos músculos trêmulos com minha língua enquanto sua respiração e pulso aceleraram. Eu desabotoei a blusa branca – um botão, depois dois, seguindo o caminho de cada centímetro do território recém-adquirido com os meus lábios, parando na parte superior do seu sutiã. Se eu desabotoasse ainda mais, o nosso jantar seria queimado até cinzas.

Uma de suas mãos estava presa entre nós, esparramadas em meu peito. Sua mão livre agarrou meu bíceps, a malha grossa agrupados sob sua palma. Quando minha língua começou a acariciar as curvas apenas visíveis entre os seios, ela apertou o meu braço como um gatinho e ronronou como um também. O peso dela era apenas perfeito, o quadril arredondado pressionando para a sela do meu colo. Eu lutei para combater minhas furiosas contemplações - como a forma como o seu corpo mole, nu se sentiria em minhas mãos. Eu queria virá-la de costas, sentir o seu calor pressionado contra mim...

O cronômetro começou a apitar, e Francis adicionou seu miado ansioso ao alarme.

Eu nunca tinha estado tão excitado e pronto para morrer de fome de boa vontade na minha vida.

— Hora de comer. — Essas palavras descarregaram outra onda de irresponsáveis pensamentos desinibidos em relação ao lindo corpo de Jacqueline.

Seu desorientado gemido frustrado era uma espécie de alucinante música para os meus ouvidos – um refrão que me dizia, claramente, que ela me

queria. *O que ela sabe de você,* meu cérebro esclareceu. Mesmo possuído com a luxúria, eu não poderia abafar a minha consciência.

Durante o jantar, eu mencionei que eu só tinha cozinhado para o pai e para mim antes de sair para a faculdade.

— Você cozinhou? Não seu pai ou sua mãe? — Seu olhar era firme abaixo das sobrancelhas levemente levantadas.

— Minha mãe morreu quando eu tinha treze anos. — Eu tentei fazer como se não fosse nada o fato de que eu cozinhava depois disso - como eu estava apenas tendo certeza que meu pai e eu comíamos algo além de torradas e peixe.

— Sinto muito. — Sua genuína simpatia à tona no silêncio, a preocupação de sua voz, e eu me senti separado por desejos contraditórios - seguir a minha a conversa onde o tema da minha mãe estava envolvido, ou dizer-lhe tudo. Como de costume, as palavras ficaram presas em minha garganta. Eu balancei a cabeça e não disse nada.

Enquanto comíamos, Francis comeu o seu peso corporal em peixe e miou para ser solto depois. Fechando a porta atrás dele, imaginei que ele precisava correr em torno do bairro, em vez de uma expedição de caça esta noite.

Voltei para a mesa e peguei a mão de Jacqueline. Ela levantou-se e seguiu-me para a minha cama, onde deitamos, olhos presos um no outro, como se fosse um velho hábito de fazê-lo. Cheguei a tocá-la, para confirmar que ela não era uma invenção cruel e real do meu coração. Sua pele era tão macia, e seu rosto se tornou mais bonito a cada vez que a vi. Ela assustou o inferno fora de mim, mas eu não conseguia ficar longe dela.

Eu desabotoei a blusa o resto do caminho, lentamente, com os olhos nos dela, pronto para parar no momento em que ela me sinalizasse para fazê-lo, independentemente do que tínhamos feito antes. Ela engoliu em seco, nervosamente, quando mostrou a curva de seu ombro e se inclinou para tocar meus lábios nos dela. Sua respiração quente no meu ouvido, ela enfiou as mãos geladas debaixo da camisa, palmas das mãos deslizando pela minha barriga e

vagando para cima. Eu não podia tirar minha camisa rápido o suficiente.

Deslizando uma perna entre as dela, eu pressionei minha coxa contra ela com firmeza e dirigi minha língua em sua boca doce quando ela engasgou, a minha necessidade por ela substituindo a minha necessidade de oxigênio. Ela me recompensou com um gemido sutil e arqueando contra mim, suas mãos deslizando sobre minha pele, acariciando o poema inscrito na minha lateral que eu finalmente compreendia totalmente. Meu cérebro estava um tumulto de desejo e medo. Eu nunca tinha estado tão aterrorizado com meus próprios desejos, pois era muito além de seu corpo. Meu centro sacudiu, a minha alma curvando protetoramente em volta dela quando minha mente se esforçou para determinar o cálculo lógico que poderia fazê-la minha. Eu queria ser dela também -*mais* - do que eu queria a possuir, quando eu sabia, muito bem, que ambos não eram possíveis.

Ela moveu-se em cima de mim, com os cabelos caindo sobre os ombros, as pontas de seda escovando meu queixo, blusa e sutiã deslizando afastado com golpes de meus dedos apreciativo. Enfiei minhas reservas para o lado para estes redentores momentos da nossa curta vida, adorando suas súplicas murmuradas e suaves sussurros despreocupados. Eu senti, com absoluta certeza, que minhas terminações nervosas da pele se multiplicaram na semana anterior, porque cada lugar que ela me tocou com a boca ou os dedos, eu queimava.

Desde que eu não tinha um plano além do antigo ponto de resistência de Jacqueline, as horas que passamos em minha cama estavam mais quentes do que eu jamais imaginei que poderia ser, e beijando-a era uma luxuosa indulgência sensorial. Como meu corpo aceitou isso, eu permaneci sobre cada curso da minha língua, persuadindo-a junto somente com a minha boca e prendendo as mãos dela para o colchão para que ela não pudesse me tocar. Ela arqueou e torceu debaixo de mim, enrolando as pernas em minha volta, dizendo-me com cada gemido e hum que seu corpo era um instrumento que eu sabia como tocar, e tocava bem.

Quando eu finalmente soltei suas mãos, ela enfiou os dedos no meu

cabelo enquanto eu beijava seu peito e para baixo através de sua barriga, girando minha língua em seu umbigo, enquanto segurando firmemente sua cintura e quadris, como se estivesse debatendo se removeria seus jeans. Ela raspou as unhas em meus ombros, e eu sabia que se eu tocasse no botão logo abaixo do meu queixo, ela me diria que sim. Cada toque de seus dedos provocante, seus lábios, sua língua, e cada som que ela fez, alcançaram, ambos, o meu desejo e o meu contentamento – o que não fazia nenhum sentido lógico, mas eu não me importei.

Eu escorreguei de volta para seus lábios, lentamente, meu peso pressionando dentro dela, atendendo a todas as partes do seu corpo que exigiam minha atenção no caminho para cima. Ela tremeu e se agarrou a mim quando eu puxei-nos para os nossos lados. — Deveria te levar de volta.

Escondido no meu peito, os dedos dela estavam entrelaçados com os meus, e embora ela balançou a cabeça, ela intensificou seu aperto em minha mão e não se mexeu um centímetro de sua posição em meus braços por alguns minutos. Eu senti um forte desejo de preservar o momento, como se os grãos de areia finais corriam através do pescoço de uma ampulheta, e tudo que eu queria fazer era congelá-los por mais alguns preciosos segundos.

Nós nos vestimos sem falar, e eu abotoei a blusa dela, deliberadamente demorando sobre cada botão, e depois me inclinei para beijá-la uma última vez.

Eu estava prestes a trazer à vida a Harley quando Charles surgiu a partir da parte de trás da casa com um saco de lixo da cozinha. Eu não podia me mover, meus olhos traçando seus passos da porta para a lixeira, e de volta para a porta. Eu queria que ele entrasse sem se virar, mas eu sabia que ele não iria. Sua mão na maçaneta da porta, ele virou e olhou diretamente para mim. Em linha reta para Jacqueline.

— Landon? Jacqueline? — Ele perguntou, como se não pudesse acreditar em seus próprios olhos. Ou apenas desejasse a Deus que ele estivesse errado. Ele suspirou e me disse para encontrá-lo na cozinha quando voltasse. Eu balancei a cabeça uma vez, e ele foi para dentro.

Jacqueline não disse nada. Eu não sabia se ela estava chocada em silêncio ou se ela havia sentido este final iminente, como eu tive. A viagem de dez minutos para seu dormitório parecia como dez segundos, mas foi tempo suficiente para eu perceber uma dupla verdade esclarecendo sobre a minha pessoa e Jacqueline: ela já sabia.

19

Landon

Após as férias de primavera, minha evasão escolar escalou novos níveis de nem-dou-a-mínima. Sr. Quinn estava desapontado comigo - ele me disse isso cada vez que eu entregava de volta um branco ou quase branco teste ou me enviava para a detenção por faltar a aula. Mas havia alguns dias que eu *não estava* sentando em uma mesa com Melody Dover.

Escapar da aula eventualmente resultou em suspensão na escola, porque na escola pública, um corpo presente e responsável contava pelo dinheiro do estado. Exilado em uma sala isolada, é dado a você um merda de tonelada de trabalho que ninguém pode fazer você fazer. A secretária da diretoria é sua babá. Você está autorizado a dormir o dia todo, embora, ocasionalmente, eles balançam o seu ombro e lhe dizem para não dormir. Tudo isso, é claro, é *para o seu próprio bem.*

A última vez que ela me condenou a ISS, Ingram informou-me que mais uma ausência não justificada resultaria na minha expulsão, e até mesmo uma ausência justificada resultaria em eu atrasando um ano, em vez de ser promovido para a série seguinte. De jeito nenhum eu queria estar preso lá por mais um ano. No último mês de escola, eu tive de assistir a todas as aulas, que era um saco. Passei na risca, o vovô teria dito.

Eu trabalhava para o meu pai no barco, mas ele me entregava dinheiro que não correspondia ao salário mínimo, então eu complementava com um segundo emprego. Rick Thompson havia se tornado um dos caras mais procurados da cidade. Sua popularidade se deve a duas coisas: drogas e meninas que ele chamava de *favores de festa* - quem trazia o negócio era pago em drogas. Graças aos caras da fraternidade, rapazes adolescentes à procura de

algo *não-familiar* para fazer em suas férias em família, e os homens adultos que eram estúpidos o suficiente para ser atraído por meninas do ensino médio, Thompson fez muito dinheiro.

Ele começou permitindo linhas de crédito para habitantes locais. De vez em quando, ou alguém indo muito profundo ou revender em seu território sem dar-lhe sua parte.

É aí que eu e Boyce entramos.

Boyce tinha principalmente parado de implicar com garotas e crianças menores, no entanto, isso tinha pouco a ver com tornar-se mais perceptivo. O primeiro o fazia transar com mais frequência - óbvio incentivo, e o segundo foi devido apenas ao fato de que eu não gostava. Sua reputação anterior de bully o precedia, porém, e depois da minha explosão de hulk durante a luta com Richards, o benefício adicional de instabilidade mental me fez quase tão ameaçador como o meu melhor amigo. Felizmente, Thompson não tinha muitos problemas, por isso na maioria das vezes, nós estávamos lá apenas para se certificar de que as pessoas faziam o que ele queria que eles fizessem - pagá-lo.

Em troca, ele nos pagava. Às vezes, em drogas, às vezes em dinheiro. Tudo o que tinha que fazer para estar em sua folha de pagamento era intimidar e bater a merda fora do algum idiota ocasional. Boyce, maior do que eu, normalmente fazia o primeiro. Eu fazia o segundo - e eu gostava.

— Você não tem que estar aqui, — eu disse. — Nós não precisamos de você desmaiando ou algo assim.

Boyce jogou as mãos no ar, como se não tivesse feito sons de engasgos enquanto Arianna alinhava a enorme agulha curva. — Se você não quer que eu fique, eu não vou ficar, — ele disse.

Olhei para o seu rosto mais pálido do que o usual bronzeado com uma expressão vazia.

Ele revirou os olhos e voltou para frente.

Cinco minutos mais tarde, eu tinha um piercing no meu lábio.

— Sexy ca-aaara,— Boyce cantou enquanto eu pagava. Ele estava bem

quando as agulhas sumiam.

— Quer um, Wynn? Eu estou pagando.

— Po-ooorra não-oooo, — ele cantou, acrescentando uma dança de movimento giratório de quadril. — Minha sensualidade é uma Wynn-ganha{15} sem buracos na minha *pe-eleee.*

Arianna balançou a cabeça e entregou-me meu troco.

— Oh, Deus. Pare — eu disse.

— Viu o que eu fiz lá? — Ele perguntou, sem arrependimento.

LUCAS

— Você já sabia, não é? — Eu não conseguia olhar para ela.

— Sim.

Eu queria saber quanto tempo ela sabia e como ela descobriu, mas nenhuma dessas coisas eram importantes. Obriguei-me a enfrentar sua raiva. — Por que você não disse nada?

— Por que não *você?*

Eu não podia culpá-la. Eu não pude responder.

Ela queria saber como era que eu usava dois nomes.

— Landon é o meu primeiro nome, Lucas no meio. Eu vou por Lucas... agora. Mas Charles - Dr. Heller - Eu o conheço há muito tempo. Ele ainda me chama de Landon. — Minha garganta estreitou quando eu procurava as palavras para explicar por que eu tinha feito essa mudança, por isso eu não disse nada. O fato era que eu poderia ter dito a ela e não tinha.

— Você *mentiu* para mim. — Seus olhos azuis estalaram com fogo.

Eu pisei fora da moto e peguei seus os ombros, desesperado para fazê-la ver que eu nunca quis machucá-la. Eu insisti que eu nunca me chamava de Landon - essa era suposição dela, mas *Jesus Cristo,* se essa não era a desculpa mais covarde que eu já tinha manifestado. Eu sabia o tempo todo o que ela

acreditava ser verdade, e eu não tinha corrigido as suas percepções.

Ela encolheu os ombros fora do meu alcance e eu olhei em seus olhos. A traição lá me cortou aberto. *Eu tinha que deixá-la ir.*

— Você está certa, isso foi culpa minha. E eu sinto muito. — Minhas mãos tremiam e eu as fechei ao meu lado. Eu me acalmei e respirei. — Eu queria você, e isso não pode acontecer como Landon. Qualquer coisa entre nós é contra as regras, e eu as quebrei.

Eu tinha que consertar isso com Charles - em primeiro lugar, para inviolabilidade da sua nota. Ela tinha feito o trabalho, e eu não podia deixá-la ser punida por meu engano. Meu desejo de restaurar a confiança do homem que tinha sido o meu salvador em minhas horas mais escuras era secundário. Eu não poderia considerar, agora, o que eu faria se eu perdesse completamente sua confiança.

— Então só acabou, — disse ela, e eu voltei a mim.

— Sim, — eu respondi, sangrando aos pés dela. Meus ouvidos estavam tocando. Eu sabia que tinha falado a palavra, mas eu não podia ouvi-la.

Ela escutou.

Ela se virou e foi para dentro, e quando ela desapareceu, fui para casa para enfrentar as consequências do que eu tinha feito.

Eu queria você... Eu queria você... Eu queria você. Eu ouvi o refrão das minhas palavras por todo o caminho, como um disco de vinil arranhado, repetindo. E depois disso: *Então acabou... acabou... acabou.*

Era quase uma da manhã, quando eu escorreguei pela porta dos fundos. Heller se sentou à mesa da cozinha com uma xícara de chá, o seu livro de notas e o trabalho de Jacqueline. A única luz vinha do fogão e da pequena lâmpada sobre a mesa. O resto da casa estava em silêncio.

Sentei-me em frente a ele e esperei. Em todas as vezes que eu colocava meus pés em uma mesa de um professor frustrado ou meu diretor mesquinho, eu nunca senti remorso no fundo do osso, ou esta decepção exaustiva comigo mesmo.

Assim que eu estava sentado, ele perguntou: — Você a ajudou na produção deste trabalho?

Eu balancei minha cabeça. — Eu ofereci a ela as fontes de pesquisa preferenciais, e eu chequei suas conclusões e citações. Mas ela escreveu o trabalho.

— O mesmo que você faria para qualquer um que eu tivesse tutelado para esta trabalho.

Eu suspirei. — Sim, mas...

— Filho, deixe-me ajudá-lo a soltá-lo onde eu posso. — Ele fez uma careta, nossos olhos se conectaram. — Se eu tivesse atribuído este trabalho para outro aluno da classe, você teria dado a mesma ajuda ao outro aluno?

Eu balancei a cabeça. — Sim.

— Será que ela lhe pediu vantagem adicional ou revisar qualquer tipo de nota porque vocês dois estavam... envolvido? Seus olhos não deixaram os meus.

Lambi meus lábios, e chupei o anel em minha boca. — Ela... não sabia que eu era o tutor de classe.

Sua carranca intensificou e apertou os olhos, confuso.

— Eu conheci Jacqueline fora da classe, antes de você atribuir o trabalho de compensação e deu-lhe o meu endereço de e-mail. Ela me conhecia como Lucas, mas você me chamou de Landon. Eu nunca a conheci pessoalmente como seu tutor - realizamos tudo isso por e-mail, porque nossos horários não funcionaram para um encontro.

Ele arqueou uma sobrancelha e meu rosto aqueceu.

— Um, durante regulares horas do dia.

— Então você não sabia, até que eu lhe pedi para ajudá-la a acompanhar a aula, que ela estava na classe...

— Eu sabia.

Ele suspirou. — Ela pensou que estava na classe - mas não sabia que você era o tutor.

Eu balancei a cabeça.

Ele tirou os óculos e fechou os olhos, com um suspiro. — Então você conduziu todo este duplo - *relacionamento* - mentindo para ela sobre quem você era. E ela não sabia até esta noite.

— Certo. — Engoli em seco, mas a culpa não foi para baixo facilmente. Eu não tinha a intenção de mentir, *adicionalmente,* hoje à noite, mas esta mentira protegia Jacqueline. Eu não sabia por que ela não tinha me confrontado quando soube ou suspeitava. Eu nem sabia quanto tempo ela sabia. Mas não seria bom que ela soubesse e continuasse o relacionamento.

Eu não tinha escolha, além de protegê-la - isso havia se tornado uma necessidade, como respirar.

— Landon... — Ele acenou com a mão e se corrigiu — *Lucas - por quê?*

Quantas vezes eu me fiz esta pergunta? — No início, era porque ela tinha medo de mim - como Lucas. Mas não como Landon. Através do e-mail, ela me tomou como você tinha me apresentado - um veterano experiente, que iria ajudá-la a recuperar o atraso nas aulas. Ela era engraçada, e inteligente, e como Landon, eu não... — Olhei para as minhas mãos. — Eu não a *assustava*.

Ele limpou a garganta. — Para não contradizer seus sentimentos... mas ela não pareceu tão *assustada* com você há alguns minutos atrás.

Meus lábios fecharam em uma linha reta.

— Há mais alguma coisa que você gostaria de confessar, antes de me decidir o que fazer sobre isso?

Merda, eu pensei, como mais uma indiscrição surgiu na minha cabeça. — O teste - Eu não *disse* a ela sobre isso, por si só... mas posso ter *sugerido* que você estava dando um.

Ele cobriu os olhos com a mão e suspirou. — Tudo bem. Eu vou falar com ela segunda-feira...

— Charles. — Inclinei-me para a mesa, segurando minhas mãos na minha frente como um suplicante. — Esta é minha culpa. Tudo isso. Ela não fez

nada fora da linha, ela trabalhou duro para se recuperar. Ela escreveu o trabalho sem ajuda, como você queria. Se ela tivesse tido um problema em fazê-lo, eu poderia ter sido tentado a cruzar uma linha para ajudá-la. Mas esse não foi o caso. Por favor, não a penalize pelo meu mau julgamento.

Ele inclinou a cabeça, olhar amolecendo. — Você admira essa garota um pouco, não é?

Eu dei um aceno rápido.

— Você a colocou em um lugar ruim aqui, filho. Se eu não tivesse te conhecido toda a sua vida... Eu poderia tomar uma decisão disciplinar para cada um de vocês com base em como a situação parece. Aparências muitas vezes têm mais peso do que a verdade - mas eu acho que você sabe disso. — Ele suspirou de novo, colocando a palma da mão sobre as minhas mãos firmemente agarradas. — Bem. Posso confiar em você para limitar-se a interações apropriadas de tutoria para as últimas semanas do semestre? Eu preciso da sua palavra.

Eu balancei a cabeça novamente, meus olhos ardendo. Eu não era digno de seu perdão. — Sim. Eu prometo. Desculpe-me, eu te decepcionei, Charles. E ela.

Ele bateu na minha mão antes de reunir os papéis. — Eu admito que estou frequentemente errado sobre as mulheres - mas parece-me que mentir para evitar aborrecimento no presente apenas adia para mais tarde, e é uma má ideia. Mentiras tem uma maneira de compor o problema - ou voltar para mordê-lo nas *nozes*, como Caleb diria.

Nós dois rimos. — Eu acho que eu concordo com Caleb lá.

— Sim, ele já está muito inteligente agora. Dê-lhe um ou dois anos. Uma vez que a puberdade o golpear forte o suficiente, ele vai liberar metade de suas células cerebrais direito para baixo.

Eu não olhava para Jacqueline quando ela entrou na classe segunda-feira. Eu não olharia para ela, se eu pudesse evitar, durante toda a aula. Eu não olhei para ela quando Heller disse: — Stra. Wallace, por favor, me veja por um

momento, depois da aula.

Benjamin Teague olhou por cima do ombro para mim, no entanto. Um momento depois, inclinando-se para Jacqueline, inclinou a cabeça em minha direção, fazendo uma pergunta. Ela balançou a cabeça, mas não se virou.

Eu continuei a enviar-lhe as planilhas, meus e-mails limitados a: Nova planilha anexa, LM. Ela não respondeu; Eu não esperava que fizesse. Eu não a via entrar ou sair da classe, exceto notar que Moore a escoltava para fora, e segui-a a partir do edifício também. Ela não olhou para mim, e eu não podia culpá-la.

Eu me permiti alguns fazer trabalhos durante as avaliações de sua classe quarta-feira e sexta-feira. Ela prestou toda a atenção nas palestras - sem inquietação dos dedos ou olhando por cima de seu ombro. Exceto para tomar notas, estavam suas mãos paradas. Ela era como uma criatura encantada que tinha se visto de repente presa a terra e privada de seus poderes mágicos, quando nada poderia estar mais longe da verdade. Ela conjurou amor no coração de um homem cuja alma tinha sido congelada por anos, anestesiado pelo excesso de dor e culpa para suportar.

Jacqueline e Erin foram para a linha de Ellsworth, quando chegou a hora de praticar chutes. Eu não a assisti, mas eu estava atento a sua frequência. Eu podia ouvir sua voz acima de todos, mesmo quando ela não foi mais alto do que qualquer outra pessoa, gritando: — *Não!* — quando ela mandou uma joelhada ou um pontapé, ou rindo com a amiga.

Quando Watts anunciou uma pausa, eu não pude deixar de encontrá-la, e beber dela. Ela olhou para cima e nossos olhos se conectaram, e todos os demais desapareceram. Havia apenas Jacqueline, parado do outro lado da sala, com os olhos de um céu sem nuvens e seu rosto ficou vermelho-rosa de esforço. Avistando-a naquele momento era como olhar por uma janela e se deparar com um pôr do sol - inadvertido, de tirar o fôlego, nunca antes e nunca mais.

Erin a pegou pelo braço e conduziu-a para o corredor para o vestiário das mulheres ou a fonte de água, e me sacudi de meu estupor para ajudar

Ellsworth a organizar o equipamento para a próxima rodada de treinos, e então vesti o equipamento.

— Certifique-se de que você tem essa merda firme, — Ele me lembrou. — Fairfield foi pregado nas bolas no ano passado depois de não colocar certo. Nós estamos ensinando a estas moças a não se segurar e eles *fazem.* Eu não acho que ele poderia aguentar para um total de 15 minutos, pobre coitado. Eu ri até chorar, é claro.

Quando chamados de volta a fila, as mulheres separadas em dois grupos, preparadas para o assalto de abraço de urso, que era apenas o que parecia ser. Então Watts disse, — Don, Lucas, vamos ter vocês dois trocando, misturando as táticas de atacante.

Isto pousou Jacqueline na minha linha, assim como o meu grupo, que se ofereceu para ajudar a demonstrar o movimento - uma série de possíveis defesas contra ser agarrado em um abraço de corpo inteiro. Não era de admirar que Jacqueline parecia assustada e pronta para fazer uma fuga para a porta. Eu não me senti diferente. Eu teria meus braços todo o caminho em volta dela, na frente de todos, dentro dos próximos minutos.

Expliquei os movimentos - cabeçada, chute na canela, pisar no peito do pé, cotovelo para o meio da barriga e a favorita da classe toda vez, o mãos para baixo agarrando as bolas, torcendo, puxando, *cortador de grama*. Watts veio e me usou para demonstrar. — Chegar para trás e pegar a mercadoria, torcendo e puxando para fora, como você estivesse ligando a máquina de cortar grama.

Ele terminou com, *Vvvvrrroom!* — As mulheres uivavaram de tanto rir, e eu mordi meu lábio e provavelmente vermelho quando Watts pediu-lhes para dramatizar o movimento sem plenamente a adotar, para garantir que Ellsworth e eu fossemos capazes de sermos pais no futuro.

Uma a uma, as seis mulheres da minha linha se viraram enfrentando as outras, enquanto eu vim atrás delas e peguei todo o copo, fechando meus braços e prendendo os delas. Elas usaram qualquer das defesas que elas queriam usar, mais fazendo um grande sorriso no cortador de grama, no final, com efeito

sonoro. A amiga de Jacqueline, Erin, fez cada uma das defesas, acelerando a fundo. Eu sorri, imaginando seu agressor no chão *implorando*-lhe para fugir. Seu grupo aplaudiu enquanto ela perguntou, completamente séria, se ela deveria chutá-lo antes de fugir.

Eu gostava dessa garota.

Por fim, foi a vez de Jacqueline. Eu sabia que ela estava nervosa por causa de mim, e eu estava determinado a não ser a desvantagem por causa disso. Ela precisava aprender estes movimentos. Ela precisava sentir o poder por trás das execuções deles. Ela precisava de fé em si mesma, e era o meu trabalho dar isso a ela.

Quando meus braços a rodearam, ela congelou. *Droga. Minha culpa, minha culpa, minha culpa.*

— Me bata, Jacqueline, — Eu falei suavemente. — Cotovelo.

Ela obedeceu.

— Bom. Pise no pé. Cabeçada. — conduzi-a em silêncio, e ela seguiu. — Cortador de grama. — Ela fez o movimento, sem o efeito de som empregado pelos outros.

Eu a soltei e ela tropeçou para seu grupo, que estavam torcendo como se ela tivesse ganhado uma medalha em um evento olímpico. Erin a envolveu em um abraço protetor, e eu decidi que ela era a amiga mais digna que minha garota poderia ter.

Minha garota.

O abraço de urso me deixou mudo. Mesmo com abraço, o público e o objetivo por trás da interação, olhei em seus olhos, a poucos centímetros de distância, e meu desejo por ela pareceu como um chute no estômago. Felizmente, o meu corpo ficou no piloto automático para imitar um ataque frontal de corpo inteiro, e ela fez a defesa, se moveu sem avisos, em sintonia com as vozes de seu grupo com entusiasmo gritando diretrizes e palavras de encorajamento.

Mais uma semana de aulas de economia.

Mais um módulo de autodefesa.
Tudo Acabaria.

20

Landon

— Veja, Standish, aqui está o negócio... — Boyce às vezes parecia um pai sofredor, que de uma forma era apenas mais ruim. Ele fazia as pessoas pensarem que as coisas não eram tão graves como eram. — Você se meteu em alguma merda, cara.

Revirei os olhos, os braços cruzados sobre o peito, um quadril apoiado contra uma pia lascada.

Eddie Standish enfrentou Boyce, mas me olhou de lado sem se virar para mim, como um pássaro. Pra ver melhor onde eu estava... sem me olhar nos olhos. — Eu só preciso de um pouco mais de tempo, você sabe?

— Ah, — disse Boyce, franzindo os lábios. — Veja, esse é o problema. Seu tempo, tipo que acabou.

Standish piscou e seu rosto ficou manchado. Jesus, eu espero que ele não choro. Eu odiava quando eles choravam. — Acabou? O que quer dizer, acabou? Vocês me conhecem. Thompson me conhece. Posso, tipo, ter uma extensão? — Ele se virou e correu ambas as mãos pelos cabelos, puxando-o - mas quando ele se virou, era como se ele tivesse colocado uma máscara. — Vamos, Wynn. Não seja um idiota. — Um superior, melhor do que você mascara *eu estou prestes a ter a minha bunda entregue a mim*.

Wynn olhou para mim. *Ele está fazendo o que eu acho que ele está fazendo?*

Dei de ombros. *Sim, cara.*

Um cara de classe baixa veio em seguida, através da porta do banheiro, deu uma olhada em nós três e correu diretamente para fora, olhos esbugalhados.

Wynn inclinou a cabeça e caminhou até Standish. — Então *eu sou* um idiota, né? Não o cara que deve duzentos - é duzentos, Maxfield?

— Sim.

— Duzentos dólares em dívida por alguma merda que ele trocou por bucetas. — Boyce riu, e Standish riu também. *Idiota.* — Eu poderia fazer um comentário aqui sobre o fato de que Maxfield e eu não temos que pagar por uma buceta - nunca. Eu poderia comentar sobre o quão triste e patético é que (a) você tem que pagar para fazer sexo ou que (b) fazer isso restringe o campo de meninas que iriam transar com um cara por merda free em primeiro lugar, mas eu não irei.

Boyce olhou para os pés dele, com os dedos no queixo, tocando - o que significava que estava prestes a ficar filosófico. *Foda-se.* Eu tinha uma aula para ir.

— Agora, eu não tenho nada contra uma menina que gosta de seu corpo da mesma forma que eu gosto do meu, embora haja uma diferença entre ser uma puto - como eu – e ser uma prostituta. — Boyce olhou de volta para Standish. — Eu não as julgo. Uma menina consegue fazer - etcetera, etcetera. Mas caras como você - que só tem quando você paga por isso? *Isso* é apenas trágico. Em uma espécie realmente bem-humorada de forma, quando você quiser virar e me chamar de idiota.

Houve uma pausa, quando Standish absorvia isso. — Eu realmente não dou nenhum das minhas merdas a essas cadelas, cara — ele disse, rindo nervosamente, como se nós fossemos próximos. — Eu só *digo* a elas que eu vou, então vou em frente e as fodo. O que vão fazer? Chorar por estupro? Elas são viciadas e prostitutas. — Ele olhou entre nós, engolindo. — Eu - uh, eu troquei a maio parte da droga por um carburador.

— Eu realmente queria que você não tivesse me dito isso, — eu disse, minha voz baixa.

— Standish, *cara...* Primeiro, trocar aquela quantidade de droga por peças do carro? *Isso é troca,* imbecil. No território de Thompson. — Boyce

olhou para mim. — E quanto aquela outra coisa? Você só fodeu, cara. Meu amigo Maxfield, aqui, ele tem problemas com a palavra “E”.

Eu assisti Standish pensar muito para se lembrar que palavra “E” que ele tinha dito. — M-mas, você não pode *estuprar* uma prostituta drogada...

Ele não terminou a frase. Eu realmente não tive a intenção de arrancar um dente - Isso foi um bônus. Eu queria motivá-lo a ser criativo com Thompson recebendo suas duas centenas de dólares, e eu quis fazer para que ele não conseguisse falar ou comer normalmente por um mês. Feito e *feito.*

Ele pagou no dia seguinte. Boyce ouviu que ele tinha penhorado o Rolex de seu pai, e ele perdeu 9kg que já era muito magricela para perder com a dieta líquida forçada por seis semanas.

O problema veio do fato de que nós estávamos na propriedade da escola quando Standish adquiriu sua motivação. Embora nós preferíamos manter esses confrontos fora do campus, ele fez-se ausente por dias. Mas a escola era obrigatória, e não é difícil encontrar alguém quando todo o corpo discente é menos de duzentas pessoas. Descobrimos sua agenda e arrumamos uma emboscada - Boyce atirou um braço em volta de seus ombros, rindo e sorrindo como se fossem bros, ao dirigi-lo para o banheiro fora de vista.

Infeliz acidente de Standish nos colocou de volta no radar da Ingram. Fomos chamados para o seu escritório. Boyce adivinhou que o cara mais novo delatou, porque eu tinha certeza que Standish se cagaria antes dele delatar-nos como os caras que o bateu.

— Exceto por aquele ato Jekyll e Hyde dele - talvez ele *seja* burro o suficiente, — eu disse.

— Quem e esconder o quê? — Boyce franziu o cenho. — Isso é um livro, certo? Deixa para lá. Apenas negue.

— Concordo.

Estávamos instalados nas mesmas cadeiras que tinhamos ocupado há dois anos, após a infame briga no corredor que ninguém que testemunhou admitiu. Os olhos de Ingram estreitaram. — Acho interessante que vocês dois

foram vistos com Edward Standish pouco antes de sair desta escola com seu dente da frente em sua mão, a boca sangrando, e anos de cara ortodontia *destruída.*

Boyce encenou um ataque de tosse para esconder o riso. Se havia uma coisa que Boyce Wynn não poderia fazer bem - além de leitura – era fingir que ele não estava rindo quando estava rindo. Eu me concentrei em manter uma expressão vazia. Ela não podia expulsar-nos por bater a merda fora de um cara que jurou que não tinha nada a ver com isso, e estranhamente, sua testemunha também retratou a sua história. Eu tinha certeza que Boyce estava por trás disso, mas eu não perguntei.

Nós estávamos fora da água por duas horas antes da menina no biquíni listrado vermelho-e-branco se dignar a falar comigo. Ela me fez pensar em um gostoso pirulito de hortelã. Esnobe, mas gostosa. Eu não estava certo particularmente sobre a atitude, no entanto, porque uma menina bonita no barco era raro. Fez uma melhor vista para o dia do que os quilômetros de água, litoral e peixe.

— Caras que são, como, emo ou gótico ou o que seja na minha escola são muito... *mais pálidos* do que você. E menos musculoso. E aquele olhar anêmico que eu achava que era parte do estilo de vida. Ou o que seja.

Eu levantei um olho para espiar para ela. Ela aproximou-se ao meu lado enquanto eu preparava a isca da vara. Estávamos bem loje.

— *Estilo de vida?* — Eu ri. — Eu realmente não tive tempo para estabelecer uma filosofia, — *querida,* eu teria acrescentado, se ela não fosse filha de um cliente. — Eu só sou o que sou.

— E o que é isso? — Ela tinha um brilho malicioso em seus olhos que eu não tinha notado nas primeiras duas horas desta viagem. Então, novamente, ela passou esse tempo trabalhando em seu bronze atrás dos óculos escuros empoleirado em sua cabeça agora, enquanto tentava ignorar seus pais, que estavam negociando insultos velados e não tão veladas na parte de trás do barco.

Um sorriso engatou em um lado da minha boca. — O que você quiser

que eu seja?

Ela revirou os olhos. — Essa frase funciona com as meninas por aqui?

Corri a ponta da minha língua sobre meu piercing de lábio e me agachei para abrir um balde de isca, um movimento que exibiu os músculos que ela observou. — Sim.

Ela arqueou uma sobrancelha. — O que mais funciona com elas?

Olhei por cima do ombro, onde meu pai estava ao volante e não estava, no momento, dando-me o olhar do mal. — Por que não a ensino a colocar a isca e segurar esta vara enquanto falamos mais? — Eu olhei por cima dos meus óculos de sol para ela. — Se você realmente quer a resposta a essa pergunta, pode demorar um pouco para relacionar os dados.

Enquanto eu levantava, ela se moveu para a minha frente, apoiando os pés, evitando as ondulações do golfo no convés. Estava agitado hoje e teria sido melhor ir para a baía, mas seu pai queria pescar em águas abertas.

— Eu sei tudo sobre bad boys, atrair e fisgar *ganchos*... — Ela reuniu as duas mãos no parapeito, olhando para a água. Mas da minha posição sobre o ombro dela, ela tinha acabado de pressionar os perfeitos e cheios monte, quase para cima e para fora de seu minúsculo top de biquíni. Seduzindo de fato. — ... E *segurando... hastes* - qual era o seu nome mesmo?

— Landon.

— Prazer em conhecê-lo, Landon. Sou Chastity.

Eu sabia o nome dela, depois de ter prestado atenção a seus pais se apresentando antes de acertarem esta excursão. Antes se tornou óbvio que seus pais iriam passar o dia na garganta um do outro, sibilando comentários ou ignorando um o outro. Inferno, mesmo sua mãe tinha flertado com o meu pai. Não que ele tenha dado qualquer atenção.

— Chastity.

Ouvimos as palavras *saber* e *prostituta* e *idiota* sobre as ondas e gaivotas. Meu pai estava fazendo-se tão distraído quanto possível, considerando que estávamos todos presos nos 32 pés do barco. Chastity e eu estávamos presos

no meio.

— Pais tendo problemas? — Eu perguntei.

— Pai e montro-drasta. E *sim.* Ela o acusou de estar conseguindo coisas de fora. Conhecendo meu pai... é possível. Não vamos falar sobre eles. Eles são chatos como o inferno e eu quero ter *alguma* diversão neste feriado estúpido. E, Landon, você parece divertido para mim. — Ela manobrou a vara, agarrando-a e apertou seu quadril em mim.

— Então, Chastity - Isso é uma designação precisa ou um equívoco?

Ela riu e inclinou um ombro no meu peito, ambas as mãos deslizando sobre a vara. — Isso é para eu saber, e...

— Oh, não se preocupe. Eu totalmente pretendo descobrir.

— Arrogante filho da puta, não é?

Eu sorri para ela. — Eu prefiro *confiante* filho da puta... mas sim. Então o que você diz que você estará fazendo hoje?

— Mmm, que tal *você?*

Apesar do que eu disse a Chastity sobre as frases e as meninas locais, eu raramente saia com elas. Elas queriam encontros, bailes da escola e as relações - e eu não poderia ter estado menos interessado. A grande maioria das meninas que eu brinquei estavam aqui temporariamente. Eu as conheci na praia, ou no Isca & Equipamento, ou em algum lugar na cidade. Nós ficamos em seus condomínios alugados ou quartos de hotel ou na praia, se estava escuro e elas estavam dispostas.

Chastity era um jogo para jogar - mas não em público, escuro ou não, e não em qualquer lugar perto de seus pais. Quando fui buscá-la, ela disse que os convenceu que ela encontrou alguns amigos de sua escola em Fayetteville. — Eu disse a eles que eles me deixariam aqui à meia-noite, depois de um peixe frito e s’mores na praia.

Eu não podia acreditar que tinham caído nisso.

— Leve-me para o seu lugar, — ela pediu, depois que tinha beijado e passeava na praia com algumas dezenas de outras pessoas. — Eu posso ser

muito quieta. Prometo.

Então eu fiz algo que eu nunca fiz - eu levei uma menina em minha casa. Eram dez ou algo assim, mas meu pai era um madrugador e deitava cedo, também. Seu quarto ficava no corredor da minha despensa. Nós serpenteávamos pela sala escura e para a cozinha, evitando cada piso estridente.

Uma vez que nós chegamos ao meu quarto, fechei a porta e ela sussurrou: — Puta merda, isso é minúsculo. Isso é uma... uma *despensa?*

Acendi uma lâmpada presa na parede e desliguei a luz do teto. Chutei os sapatos agredidos do convés ao lado dela.

— Você quer discutir o meu quarto, ou...?

— Eu só pensei que tudo era maior em...

Tirei minha camiseta e seu queixo caiu. Eu me inclinei para beijá-la, puxei o top sobre a sua cabeça e puxei o laço em sua nuca, desembrulhando a parte superior do pirulito de hortelã e os peitos dela derramaram em minhas mãos. Ela fugiu de volta para a cama e eu a segui.

— Você estava dizendo?— Eu disse, e ela balançou a cabeça, me puxando para baixo em cima dela.

Nós acordamos em torno de uma da manhã, que teria sido ruim o suficiente por conta própria desde que ela tinha um toque de recolher passado da hora e tinha chamadas não atendidas, mensagens de voz e mensagens de texto em seu telefone - o que ela tinha colocado no *silencioso.*

Mas a razão pela qual acordei foi por causa do meu pai. Eu não tenho ideia por que ele decidiu abrir a porta do meu quarto. Se ele tivesse feito isso antes, eu não saberia sobre isso. Talvez ele estava checando para ver se eu estava em casa por algum motivo. Mas Cristo, estávamos todos bem acordados cinco segundos depois.

— *Landon Lucas Maxfield* - o que, em santa *porra* você está *fazendo?* — Ele gritava, e então virou totalmente de costas, porque Chastity se sentou, ainda de topless. — Jesus fodido *Cristo* ! Posso assumir que seus *pais* não sabem que ela está *aqui?*

Limpei a garganta quando nós pegamos nossas roupas e as colocamos, sem jeito, preso na minha cama de solteiro com papai bloqueando a porta. — Não, pai, eles não sabem.

— Será que eles sabem que ela está com você?

Eu olhei para ela. Ela balançou a cabeça. — Não, pai, não sabem.

— Leve-a de volta ao seu hotel. *Imediatamente*. *Maldição,* Landon. *Maldição.*

Este foi o máximo que eu o ouviu xingar de uma só vez sempre. À medida que passei por ele, os músculos em sua garganta apertaram e seu rosto estava amassado em fúria.

Eu a deixei na entrada do hotel. Ela mandou uma mensagem para o pai dela que ela tinha desligado acidentalmente o telefone. Ele estava esperando apenas dentro do lobby, carrancudo, quando nós chegamos.

— Merda, — eu disse.

— Eu vou lidar com isso. Ele merece tudo o que ele recebe de mim. Confie em mim. — Ela se virou e se inclinou para me beijar. — Obrigada por fazer esta viagem muito melhor do que eu pensava que seria. Tem um cara na minha classe de literatura com alguns piercings. Eu sempre pensei que era meio assustador, mas eu posso ter que dar-lhe uma chance agora. — Ela sorriu e pulou para fora.

LUCAS

Domingo à noite, enviei a última planilha a Jacqueline, junto com a minha mensagem padrão agora: Nova planilha anexa, LM. Eu queria dizer muito mais, mas o que eu mais queria dizer a ela não poderia ser reduzido a palavras.

Perto das dez horas, meu celular tocou. O rosto de Jacqueline encheu a tela - eu tirei uma foto dela neste sofá. Ela sorria para mim como se tivesse um segredo.

Não nos comunicamos - além das interações da classe de autodefesa

ontem - em mais de uma semana. Mais importante, ela nunca me ligou antes.

Quando eu respondi, ela disse: — Eu preciso de você.

Eu estava de pé, deixando cair a minha caneta e livro no sofá ao lado de Francis, e caminhei para o meu quarto. — Onde você está? — Enfiei minhas botas de amarrar que eu tive desde que eu tinha dezessete anos - o único calçado que eu comprei novo na escola.

— No meu quarto.

Enfiei os pés dentro das botas e peguei meu casaco no caminho para fora da porta. — Estarei ai em dez minutos.

Sua resposta, antes de desligar, era um sussurro. — Obrigada.

Entrei no quarto dela tão facilmente como eu tinha da última vez, levei dois degraus de cada vez e bati suavemente na porta. Um tremor passou por mim. Eu não tinha ideia do que esperava no outro lado desta porta, mas tudo o que ela precisava era que eu estivesse lá, eu estava pronto para isso.

Ela abriu a porta, mas não empurrou de lado. Seus olhos se encheram de lágrimas quando ela olhou para mim.

— Jacqueline - o que -

— Ele fez isso de novo, Lucas - e é minha culpa.

— *O QUÊ?*

— Shhh. — Ela balançou a cabeça, colocou a mão no meu braço e examinou o corredor vazio. Ouvi vozes de dentro de seu quarto, no mesmo momento em que ela disse em voz baixa: — Uma outra menina. Em uma festa, na noite passada. Ela está aqui. Erin e eu não sabemos o que fazer a seguir. — Ela engoliu em seco. — Ela é uma caloura. Ela está tão chateada, e com medo, e nós não sabíamos para quem ligar. Desculpe.

Eu segurei seu rosto com uma das mãos. — Nunca peça desculpas por me chamar por socorro. Eu vou fazer o que você precisar. Será que ela vai falar comigo?

Ela assentiu com a cabeça. — Eu acho que sim. Erin disse a ela que você dá a aula de autodefesa e você é da polícia do campus. Pequenas mentiras

inofensivas, mas ela está tão assustada...

— Eu entendo. — Eu tomei uma respiração calmante e compus meu personagem. — Qual é o nome dela?

— Mindi.

A colega de quarto de Jacqueline sentou em sua cama, um braço firmemente ao redor de uma menina que me lembrou de Carlie - cabelo loiro pálido, face em forma de coração – toda pequena e delicada, exceto para os seus enormes olhos. Mas eu nunca tinha visto Carlie assim.

— Oi, Mindi. Eu sou Lucas. — Eu me aproximei dela lentamente.

— V-você não se parece com um oficial de p-polícia, — ela gaguejou, respirações trêmulas, discurso quebrado de tanto chorar.

Piercing nos lábios, cabelo comprido, o capuz - eu não parecia ser o cara mais confiável, e eu certamente não parecia um oficial. Agachei-me na frente dela, mas não muito perto. — Na verdade eu sou um estudante. Mas eu tenho um trabalho com o departamento de polícia.

Ela pareceu aceitar isso.

— Então a coisa é, precisamos levá-la para o hospital para que você possa ver um conselheiro e um médico, e ver sobre a apresentação de um relatório. — Seus olhos se encheram de lágrimas, e eu continuei. — Você precisa ser muito corajosa para fazer essas coisas, mas Erin e Jacqueline acham que você pode fazer isso, e eu também.

— Absolutamente, — disse Erin, segurando sua mão. — E eu não vou deixá-la por um minuto.

Mindi fungou e enxugou os olhos com as costas das mãos. — Ok. — Sua voz era estridente, como uma criança.

— Você tem seus pais por perto? — Eu perguntei, lutando para abrir meu queixo. Eu poderia ter vidro moído entre meus dentes.

Ela balançou a cabeça. — Eles estão na Pensilvânia. Mas não posso chamá-los. Eu *não posso.* — Sua histeria acompanhou a cada palavra. — Eles vão ficar tão bravos que eu estava bebendo...

— Você não tem que chamá-los, no entanto, — disse eu. — Mas não há nenhuma maneira que eles vão ficar com raiva de você. — Eu esperava que isso fosse verdade. Se esta fosse Carlie, ou Jacqueline... melhor não ir por esse caminho agora. Tomei outra respiração calmante. — Você pode falar com o conselheiro sobre como dizer-lhes, ok?

Ela assentiu com a cabeça, imitando a respiração profunda com um de suas próprias, estremecendo e apertando a mão de Erin.

— Assim, devemos ir para o hospital, então, Lucas? — Perguntou Erin. — Podemos pegar o meu carro.

— Você vai estar lá? — Mindi então me perguntou, sua voz rouca. Ela deve ter chorado durante a maior parte do dia. Lembrei-me de Jacqueline na noite da festa de Halloween. As lágrimas nos olhos. Seu aperto nas mãos. Se eu soubesse onde o cretino morava, ele estaria morto até o final da noite.

Olhei para Erin e ela balançou a cabeça. — Se você quiser, — eu respondi. Mindi assentiu. Quinze minutos depois, nós quatro entramos no ER, e eu descobri como era difícil *dizer.*

Fixei minha expressão de blefe no lugar quando os detalhes de festa de ontem à noite começaram a sair, antes mesmo de sair da sala. Tinha sido um grande evento - um formal, múltiplas fraternidade, com ambos Buck e Kennedy Moore organizando - e *Jacqueline foi.* Ela não era de irmandade, por isso não havia necessidade dela ir, sem expectativas de sua presença ali.

— Erin precisou de mim como um apoio para seu ex, — ela ofereceu preferencial no banco de trás no caminho, com a voz em um murmúrio. Eu não tinha perguntado por que ela foi.

Uma vez que estávamos sozinhos na sala de espera, eu tinha que saber se Buck se aproximou *dela.* — Então ele falou com você? Ontem à noite? — Eu não olhei para ela ou marquei a pergunta com um nome. Eu estava certo que ela sabia de que quem eu estava falando.

— Yeah. Ele me pediu para dançar.

Sentei-me completamente imóvel e não conseguia olhar para ela. Eu

não estava zangado com ela - eu não estava. Mas o pensamento de que ela ia colocar a si mesma perto dele sem mim assustou o inferno fora de mim. Finalmente, eu levantei os meus olhos para os dela.

— Eu disse que não, — disse ela, como se fosse a culpada por algo disso. Como se ela estivesse aplacando o ciúme, quando tudo o que eu sentia era *medo* e uma incondicional e abrangente necessidade de protegê-la.

— Jacqueline, — eu falava baixo, forçando minha mandíbula para liberar. — Toma tudo o que tenho neste momento para sentar aqui e esperar pelos oficiais da justiça cuidar disso, em vez de caçá-lo e bater a *merda* fora dele. Eu não estou culpando você - ou ela. Nenhuma de vocês pediu o que ele fez - não há tal coisa como pedir isso. Isso é uma porra de uma mentira argumentada por psicopatas e idiotas. Ok?

Ela assentiu com a cabeça, sem dizer nada, e eu perguntei se ele aceitou seu *não.* Meu temperamento estava em perigo de ruptura. Eu senti isso, torcendo e alongamento, se esforçando para libertar-se, prometendo retribuição e vingança que eu não tinha direito de ter. Eu estava apenas deste lado do recipiente que a contém.

Ela me disse que seu ex estava com ela, e ele notou seu desconforto. Ela disse a ele o que aconteceu naquela noite. — Ele estava mais nervoso do que eu já vi. Ele levou Buck do lado de fora e falou com ele, disse-lhe para ficar longe de mim... o que provavelmente fez Buck se sentir fraco, e é por isso... — As palavras dela sumiram.

Jacqueline pensou que o ressentimento de Buck sobre a reprimenda de Moore foi a causa que ele tinha estuprado Mindi. A triste verdade era que era possível - caras como ele são fracos, fazem isso quando se sentem impotentes - mas o que Jacqueline não conseguia entender era que as ações dele mão era *culpa de ninguém, exceto dele.*

— O que foi que eu disse? — Eu disse a ela. — Isso não é culpa sua.

Eu gostaria de poder fazê-la acreditar em mim.

A menos que Francis tenha aprendido a fazer um punho, havia alguém

na minha porta às 1:15 da manhã. Eu olhei pelo olho mágico com um taco de beisebol na mão. E então eu deixei cair o bastão de volta para o canto, abrindo e puxando a porta aberta.

— Jacqueline? Por que...? — Puxei-a para dentro e tranquei a porta. — O que há de errado?

Ela olhou para mim, os olhos arregalados e assustados, e meu coração quase parou de bater.

— Eu queria te dizer que eu só... eu sinto sua falta, — ela desabafou, com a voz frenética, quase sem fôlego. — E talvez isso soe ridículo - como nós mal nos conhecemos, mas entre os e-mails e textos e... tudo o mais, eu senti que nós nos conhecíamos. Conhecemos. E eu sinto falta - Eu não sei outra forma de dizê-lo - Eu sinto falta de vocês dois.

A angústia em seu rosto era... porque ela sentia minha falta?

Ela não deveria estar aqui. Heller estava diretamente do outro lado do quintal. Eu tinha prometido a ele que seria *adequado* com ela para o resto do semestre, mas o desejo através de mim não era nada apropriado. Era fogo e posse, adoração e necessidade, fome e sede e, insuportavelmente e impossível uma esperança. Eu não podia suportar a ideia dela me deixar por cinco minutos, e muito menos para sempre. Eu não poderia tê-la, mas eu queria isso, muito.

Sua fase de bad-boy. Seu estepe.

Eu senti como se tivesse um mau funcionamento físico interno - uma fração de segundo meu controle estalou. Quando eu já não importava o que eu perdi fora deste momento, porque eu não poderia perder o que era certo e bem na minha frente.

— *Foda-se* — eu disse, empurrando-a para a porta e prendendo-a com os braços, aproveitando a boca aberta com a minha e beijando-a como se eu pudesse engoli-la e impedi-la de me quebrar.

Eu me afastei o suficiente para retirar o casaco e transportá-la para o sofá, para o meu colo, minhas mãos por trás dos joelhos, espalhando-os em posição de cada lado de meus quadris e puxando-a para caber contra

mim. Minha mão esquerda pressionando-a mais perto, eu embalava seu belo do rosto na minha direita e a beijei. Eu queria beijá-la para sempre. Fazer amor com ela a noite toda. Porra, até que ela pertencesse a mim e ninguém mais, sem cuidados com as consequências - e havia tantas opções de consequências para escolher.

Joguei os óculos que eu usava tarde da noite, sem me importar se eles bateram na mesa lateral ou voaram pela sala. Eu arranquei minha camiseta e depois desacelerei para remover o dela, minhas mãos trêmulas, com uma delicadeza que eu tive que forçar. Quando eu deslizei minhas mãos para os lados, ela veio para mais perto, passou os braços em volta do meu pescoço e suas mãos no meu cabelo. Eu beijei o lado de sua boca, seu suspiro contendo o mais macio pequeno gemido, e me desci pelo queixo para beijar e sugar a pele frágil de sua linda garganta - a origem dos sons apaixonados e palavras ilegíveis que ela proferia quando sua cabeça caia para trás.

Prestei atenção especial para a única sarda que me deixava louco - era como uma pequena pista, colocada lá para eu encontrar - o *comece aqui* em um mapa do tesouro. Eu lambia a minha língua em toda ela, e ela se apertou contra mim, com as mãos segurando meu cabelo. Fantasias explodiram na minha mente, muito bom, muito perfeito. Eu a queria... tudo dela.

Tudo diminuiu a velocidade.

Tirei o sutiã, cobrindo os seios e os provocando com os dedos - Trilhas leves, círculos em volta de cada mamilo, varrendo os polegares por baixo. Ela se inclinou para me beijar, tirando minha língua em sua boca e varrendo a dela e em volta dela, deslizando a mão do meu peito para o meu estômago para as cordas ainda amarradas na parte da frente das minhas calças de pijama – fina e macia flanela, que não pode esconder o que meu corpo queria dela.

Mas eu tinha feito uma promessa. *Tinha feito uma promessa.*

Minhas mãos deslizaram em seu cabelo na nuca e eu pressionei minha testa em seu ombro, olhos fechados. — Diga-me para parar, — eu respirava.

— Eu não quero que você pare, — ela sussurrou, sua respiração no meu

ouvido, a tentação encarnada.

Parado por um minuto, eu deixei as suas palavras melosas absolver-me da promessa que eu *queria* quebrar, eu estava destruindo a ética, o coração que eu estava deixando-a fatiar aberto - o meu. Eu nos rolei para nossos lados, abri sua calça jeans e deslizei os dedos para baixo e para dentro dela, enrolando-os e pressionando quando ela suspirou meu nome e segurou meu braço como se ela nunca quisesse me deixar ir.

Eu poderia fazê-la me amar. Eu não poderia ser esse homem para seu próximo...

Ah, eu sabia melhor.

— Jacqueline. Diga pare. — Eu estava implorando a ela, incapaz de me fazer deixá-la ir.

— Não pare, — ela repetiu, me beijando, e eu voltei para terra firme quando eu não queria nada mais do que me afundar nela. Ela abriu a boca, me beijando, insinuando que poderia ser minha se eu quisesse.

Eu prometi.

Cinco segundos. Eu iria tirar seus jeans e tomá-la aqui no sofá. — Diga pare, por favor. — Três segundos. Gostaria de levá-la para o meu quarto, deixá-la na minha cama, e começar com a minha boca em sua coxa. — *Por favor.* — Um segundo. Eu trairia a confiança da pessoa que nunca desistiu de mim.

— Pare, — disse ela.

Obrigado, eu disse. Ou queria dizer, antes de adormecer, abraçando-a.

21

Landon

Quando o sol se pôs, a temperatura baixou e a luz desapareceu, e as festividades das férias de primavera aqueceram.

A ruiva montando meu colo tomou o último trago do baseado que tinhamos compartilhado, as brasas chamuscando nas pontas de seu dedo indicador e o polegar. — Ouch! — Sua voz era um guincho tímido. Ela deixou cair o último pedaço na areia, onde se extinguiu e desapareceu.

— Hey! — Eu fiz uma careta, olhando para baixo do meu poleiro em um pedaço irregular de madeira cutucando e virando as imediações como um idiota. A última coisa que eu queria encontrar era um baseado possivelmente ainda aceso com a porra do meu pé.

— O quê? Foi todo usado de qualquer maneira. — Sua voz petulante estava grossa, embora eu sabia muito bem que não havia tido suficiente para puxar um trago completo dele.

Comecei a responder, mas quando eu olhei para cima, ela estava chupando o dedo ferido. O baseado quase consumido caiu fora da minha mente e meus pensamentos desviaram para outros desejos. Puxando-a para mais perto, eu puxei o dedo indicador em minha boca, sugando-o suavemente, enquanto ela chupava o polegar ao lado dele, os olhos fechados, apenas tão drogada quanto eu estava. Meu queixo descansou na palma de sua mão, e eu chupava mais forte quando ela fechou os dedos com unhas afiadas em meu rosto. Eu queria sentir essas unhas raspando pelas minhas costas, e eu não queria esperar ou me mover. Uma curta, forte luta com o meu pai sobre uma nova rodada de aulas fracassadas, junto da tarde estranhamente quente e a erva tinha me deixado lento e preguiçoso, mas com tesão. Abrindo os meus lábios, eu corri minha língua ao

longo do V entre o dedo na minha boca e o polegar na dela. Ela fechou os olhos.

Eu puxei um copo fino de seu top de biquíni para baixo, liberando um peito. Seus olhos se abriram, mas ela não se afastou. Como se ela não se importasse com isso, eu vejo como ela estava disposta a me fazer ali, a vinte metros da fogueira e das duas dúzias de pessoas que bebem, fumam e / ou emparelhados em torno dela. Com alguma sorte, ela estava tão preguiçosa e com tesão como eu estava.

Liberando seu dedo com um leve *pop,* eu abaixei minha cabeça e puxei o mamilo em minha boca. Ela arqueou em mim, ofegante, o dedo queimado esquecido. Alcancei entre nós, eu movi a virilha de seu biquíni de lado. Ela engasgou novamente, deslizando os braços em volta dos meus ombros, como faixas, antes de dizer as palavras mágicas. — *Oh, Deus - sim. Agora. Agora*.

Diabos, sim. Eu ainda não tinha beijado ela ainda. Talvez eu não faria. Uma transa sem beijo - *Isso seria uma primeira,* eu pensei - e eu estava sempre à procura de estreias. Elas estavam ficando vez mais raras.

Foi quando eu ouvi o grito de Amber Thompson.

Certo que era seu habitual grito em busca de atenção, eu estava determinado a ignorá-la. Houve uma oscilação de pânico nele que eu não tinha ouvido antes, mas ela estava provavelmente tendo um delírio paranoico trazido por seu irmão idiota passando-lhe um baseado. Jovens de quatorze anos magros não devem fumar maconha. Eles não sabem como racionar. A mesma quantidade disso me fez pronto para foder essa menina no meu colo, encontrar algo para comer, e, em seguida, cair em um sono felizmente sem sonhos que poderia assusta-los.

Eu só rasguei um preservativo - o único que eu tinha comigo - quando ouvi outro grito.

O maldito do inútil irmão de Amber. Uma lata grande de cerveja em uma mão e um baseado na outra, ele era visível à luz do fogo, tropeçando de um lado para o outro, rindo com dois outros caras.

A menina no meu colo gemeu e apertou-se contra mim. Agarrando o

preservativo em um punho e um rabo de cavalo macio e espesso de cabelo vermelho no outro, eu gritei: — Ei, Thompson!

Rick olhou em volta uma vez antes de voltar para a conversa. — *Merda,* homem, — eu disse, e então tentei novamente. — Thompson, seu babaca! — Desta vez só olhei na direção oposta, para o outro lado das chamas de seis pés.

— Por que você está gritando? — A ruiva lamentou.

Então eu ouvi Amber uma terceira vez - mas desta vez, sua voz assustada e mais longe. Nem uma maldita pessoa estava prestando atenção - exceto eu.

De pé, eu deslizei a garota quente, maleável do meu colo e entreguei-lhe o preservativo. Forcei-a a sentar-se e as mãos dela foram direto para o cordão do meu short. Nesse segundo, eu sabia que ela pensou que eu queria que ela me chupasse antes que eu a fodesse, e ela estava totalmente preparada para fazê-lo.

Foda-se esta noite.

Firmemente agarrando seus ombros, eu disse: — Volto já. — Seu lábio enrolou um pouco e ela piscou, confusa. Eu não podia culpá-la. Mesmo alto, eu estava plenamente consciente de que eu tinha acabado de dizer a mais estúpida merda que eu já havia dito.

Amber gritou de novo, felizmente não soando mais longe do que ela tinha segundos atrás, e eu me virei e corri em direção a sua voz - longe da fogueira, longe da minha coisa certa para a noite, amaldiçoando Rick Thompson e minha consciência.

Fora da luz do fogo, esperei meus olhos se ajustaram lentamente para discernir duas figuras, se beijando. *Ótimo,* pensei. *Caralho.* Eu tinha abandonado a garota mais gostosa que eu conheci nas últimas semanas para correr pela praia e descobrir a irmãzinha de Thompson era uma gritadora. Então a figura menor se afastou, o maior pulou e prendeu-a, e desceram ambos na areia. Isso não era um grito de *me pegue* - isso era um grito *saia*.

Fui em direção a eles, amaldiçoando o zumbido das ervas que me fez zigue-zaguear pela maldita areia. A última coisa que eu estava plenamente

consciente de fazer foi derrubar o cara no chão com a mão esquerda e balançar o meu punho direito em linha reta no lado de sua face. O impacto inicial do meu punho para a maçã do rosto doeu e sentia incrível. Quando ele não caiu imediatamente, eu bati nele novamente. E mais uma vez. E mais uma vez. Até que a euforia e raiva se reuniram, e eu meio que apaguei.

Quebrei a maioria dos vasos sanguíneos no topo da minha mão e fraturei um par de dedos. Eu nem sabia que podia fazer isso. Minha mão direita parecia e sentia como o inferno e estava em uma tala. Fora isso, não havia uma contusão em mim.

O outro cara sofreu uma concussão que beirava ao coma por algumas horas. Eu poderia tê-lo matado. Eu poderia tê-lo matado, e eu não conseguia lembrar de fazê-lo.

O que eu lembrava: algemas. O banco traseiro de um carro da polícia. Sendo registrado na delegacia. A cela que cheirava a mijo, mas felizmente só abrigava a mim. Porque eu não estava no reformatório. Jovens de dezessete anos são julgados como adultos, então eles vão regularmente para a cadeia. Quando eu voltei da maconha e da luta, eu comecei a tremer e não conseguia parar.

— Maxfield! — Um oficial gritou algum tempo depois, e minha cabeça disparou. — Fiança paga. Vamos, mexa-se fora - a menos que você esteja querendo ficar.

Subi para cima do banco.

Eu esperava ver o papai. Ele estava lá, mas Charles Heller estava ao lado dele. Eu tinha esquecido que estavam visitando para férias de primavera. Eu não tinha visto muito deles enquanto eles estavam aqui. Não tinha separado tempo para eles.

No banco de trás no caminho para casa, eu não fazia um som. Todos os três de nós estavam silenciosos. Em vez de deixar-nos e voltar para seu hotel, Heller seguiu papai para dentro.

— Preciso de um banho, — eu murmurei, e ninguém se opôs.

Quando liguei a água, eu ouvi suas vozes através da porta fina.

— Você está perdendo ele, Ray. — Houve uma pausa, e eu prendi a respiração. — Você é meu amigo, e eu te amo - e porque eu te amo, eu vou te dizer a verdade. Você já fodeu isso desde o início.

— Cindy implorou para levá-lo para terapia, e você não quis. Nós imploramos para não levá-lo longe de seus amigos - longe de *nós* - e movê-lo do outro lado do país, mas você não quis ouvir. Ele estava em uma escola preparatória privada e agora ele está... ele está deixando tudo ir. A luta hoje não foi sua primeira, não é? E as drogas - deve ter bebida envolvida também. Ele está usando todos os métodos de fuga que pode. Porque *você fez isso.*

Papai murmurou alguma coisa.

— Eu sei. Mas não é o suficiente. Ele precisa de um objetivo. Ele precisa ver valor em si mesmo. — Outra pausa. Engoli em seco, os olhos ardendo. A voz de Heller abaixou, e eu não conseguia ouvir o que eu disse. Saí do banheiro, toalha em volta da minha cintura, e não olhando para eles - sentados na mesa da cozinha - antes de me fechar no meu quarto/despensa.

Vesti um par de shorts, que levou três vezes mais tempo com o uso de uma das mãos. Significava algo saber que Charles Heller se importava comigo. Não mudava nada, mas isso significava alguma coisa.

Um objetivo. Ele disse que eu precisava de um objetivo. Talvez fosse hora de eu desistir da escola - a minha mandíbula apertou com a ideia de dar a Ingram essa satisfação - trabalhar no barco. Se eu não acabar na prisão pelo ataque. Sabia o suficiente sobre fiança para saber que era apenas até que eu tenha uma data para o julgamento.

Engraçado, que, de todas as lutas que eu estava dentro, a única que eu tinha uma boa razão para estar era a única que me pegou. Se Amber se recusar a depor, eu estava ferrado. O cara que eu quase matei era um garoto rico da faculdade. Ele brilhava com dinheiro suficiente ontem à noite para fazer o pau de Thompson duro – comprando bagulhos de qualquer coisa que tínhamos e entregando-os a seus amigos como doces de Halloween. Caras de sua idade que

se vestiam como ele fazia e dirigiam Range Rovers não vinham sozinhos.

Você tem o seu desejo, vovô, eu pensei. O barco seria o meu salvador. O meu futuro. Meu caminho para fora. Era melhor do que a prisão. Fechei os olhos. *Melhor do que prisão. Uau, isso é fodido.*

O segundo que minha cabeça bateu no travesseiro, eu adormeci.

LUCAS

Eu não pude resistir captura os olhos de Jacqueline por um momento quando ela entrou na sala de aula.

Seu sorriso era tímido, inseguro, e depois de ontem à noite, eu não podia culpá-la. Quando eu acordei para descobrir que ela estava indo embora, eu a acompanhei a sua pickup e dei um beijo de despedida. Assistindo aquelas luzes traseiras recuar, eu sabia que eu poderia dar a ela o que ela queria, uma vez que eu estava livre das restrições de ser seu tutor. Eu seria o que ela precisava, e então eu a deixaria ir.

Porque eu estava apaixonado por ela.

No final da aula, a loira que estava interessado em Kennedy Moore no início do semestre estava me perguntando sobre a minha sessão de tutoramento. Eu não conseguia lembrar o nome dela. — É quinta-feira, horário normal, — respondi, olhando Jacqueline se arrumar. Conversando com aquele cara Benjamin, que lançou um olhar para mim, ela revirou os olhos e olhou para mim, também.

Eu tive uma resposta definitiva para o quanto ele sabia o que estava acontecendo sobre Jacqueline e eu quando ele piscou seus cílios e disse: — Vou levar *Tutores Sexys* por duzentos, Alex, — quando ele deixou o corredor. Jacqueline corou completamente, enquanto ele cantarolava a música tema de *Jeopardy!*, subindo os degraus em direção a saída. Ele sorriu para mim antes de desaparecer.

Nenhum de nós falou até que estávamos fora.

— Será que ele, um, será que ele sabe? Sobre...? — Meus dentes roçaram sobre o anel quando ela disse-me que foi por seu colega que ela descobriu.

—... Ele nos notou olhando um para o outro. E me perguntou se eu fui para as suas sessões de tutoria. — Ela deu de ombros, como se fosse além dela.

Eu poderia imaginar a conversa e como ela deve ter se sentido, após a traição de Moore, para ser enganada novamente. — Deus. Eu sinto muito. — Mas as palavras não poderiam compensar essas mentiras, e eu sabia disso.

Caminhamos em direção a ela aula de espanhol dela, em silêncio e debruçado em nossas jaquetas. Meus velhos amigos em Alexandria iriam rir e dizer que esse ensolarado dia do final do outono era *tempo de calções.*

— Eu percebi você na primeira semana, — eu disse então. Como uma enchente após uma tempestade inesperada de verão, eu confessei tudo - vê-la na sala de aula e catalogar suas maneiras, de dobrar o cabelo atrás da orelha esquerda para os dedos musicais. Eu disse a ela sobre o dia chuvoso - seu *obrigada,* seu sorriso, e como essas duas coisas me afetaram. Eu disse a ela sobre o meu ciúme de Moore, antes que ela me conhecesse.

— E então, a festa de Halloween.

Ela ficou muito quieta. Nós nunca discutimos o que aconteceu naquela noite - meu ponto de vista dele.

Eu admiti que eu tinha a visto sair. Que visto Buck a seguir. — Eu pensei que talvez... talvez vocês dois tinham decidido sair mais cedo juntos, sem todo mundo sabendo. Encontre-me lá fora ou algo assim. — Meu coração bateu por baixo das minhas costelas, revelando-lhe esta falha - o fato de que eu estava de pé lá dentro, debatendo segui-la em tudo, enquanto um predador a seguia pelo estacionamento atrás dela.

Como eu suspeitava, Buck era um cara que ela só conhecia por mais do que o nome. Ele era alguém que ela tinha visto como amigo. — Ele é o melhor amigo do namorado da minha colega de quarto, — disse ela, nenhuma

condenação para mim ou minha reação muito lenta naquela noite em sua voz. Pensando na minha infância, recordei o gesto simbólico de absolvição do sacerdote, e eu senti que ela tinha acabado de dar para mim.

No mesmo momento, nós percebemos que não estávamos cercados por massas de colegas mais. Já passava da hora - ela estava atrasada para a aula. — Eu tenho um A. Eu realmente não preciso de revisão, — disse ela. Eu tinha uma hora antes da minha próxima aula. Eu olhei para os lábios avermelhados do frio, correndo de cabeça para um território impróprio. Eu queria beijá-la, aqui no meio do campus.

— Você nunca me esboçou novamente, — disse ela. Ela lambeu os lábios, uma pequena escovada na ponta da língua e, por um milagre, eu puxei meu olhar, em vez de empurrá-la para o mato e tomar posse daquela boca.

— *Café,* — eu disse.

Eu raramente parava pela Starbucks da união dos estudantes como um cliente.

— Lucas, — Gwen deu um sorriso tenso, recusando-se a olhar para Jacqueline diretamente. Ela estava infeliz que suas palavras sábias tinham caído nos meus ouvidos mortos, sem dúvida.

— Ei, Gwen. Um par de americanos. E eu não acho que você conheceu Jacqueline.

Como uma coruja, Gwen girou a cabeça para olhar pata Jacqueline. — Prazer em conhecê-la, — disse ela, seus dentes presos.

Jacqueline sorriu de volta, como se a minha doce colega normalmente não fosse eriçada com frieza. — Prazer em conhecê-la, Gwen. Eu amo a sua manicure - tão bonita!

As unhas pintadas de Gwen estavam pintadas como presentes coloridos e embrulhados para o Natal. Pareciam horrível para mim. Mas ela voltou seus olhos grandes e escuros para Jacqueline, aumentando a semelhança coruja. — Oh. Obrigada. Eu mesma fiz.

— Você *fez?* — Jacqueline estendeu a palma da mão e Gwen colocou a

mão esquerda em Jacqueline para uma inspeção mais próxima, enquanto anotava o nosso pedido e passava o meu cartão com a direita. — Estou com tanta inveja! Eu não posso nem pintar uma cor na minha sem fazer uma bagunça. Além disso, eu toco violoncelo, então eu tenho que manter minhas unhas muito curta para fazer algo divertido com elas.

Graças a Deus, pensei.

— Aww, isso é uma merda! — Gwen disse, conquistada. Fiquei impressionado. Eu estava feliz que Eve não estava trabalhando, porque ela desconfiava de elogios ao ponto que ela considerasse como um ataque.

Uma vez sentado em uma mesa no canto, Jacqueline trouxe o fato de que eu uso óculos, levando uma legião de reflexões inapropriadas, cortesia da minha cruel memória vividamente detalhada das razões que eu tinha arremessado longe esses óculos.

Eu não quero que você pare.

— Eu poderia esboçar você agora, — eu disse, e agarrei meu bloco de desenho de minha mochila, como se fosse um salva-vidas, significava me salvar de um afogamento. Enfiei o lápis atrás da minha orelha, equilibrando o caderno no meu joelho cruzado, e me recostei para olhar para ela. Ela corou como se pudesse ler meus pensamentos.

Leia isso, Jacqueline. Meu lápis varreu a página, e eu imaginava meus dedos deslizando através de sua pele. Eu vi seu peito subir e descer, como eu tinha na noite passada. Ela olhou para as minhas mãos enquanto elas interpretavam as curvas de seu corpo e convertia-as em linhas e sombras no papel.

Imaginei-a se esticando na cama, cruzando os pulsos acima de sua cabeça, como ela estava no desenho na minha parede. Eu corria meus dedos sobre ela, aplicando nenhuma pressão. Leves cursos apenas, elevando os minúsculos pelos invisíveis, treinando seu corpo para reconhecer o meu toque. Para excitar a ele. Ela iria cantarolar no fundo de sua garganta, como ela tinha ontem à noite, inquieta, especialmente quando os meus dedos roçaram

sobre suas coxas, a partir de seus joelhos e se movendo para cima.

Inferno. Desenhar ela era uma *terrível* ideia.

— O que você está pensando? — Eu perguntei, em uma tentativa de me distrair.

— Escola, — respondeu ela.

Okay. Isso funcionou. Ela poderia muito bem ter jogado seu café em mim. Eu assumi que ela estava pensando sobre Moore até que ela disse: — Eu não estava pensando sobre ele.

Ela perguntou como ensino médio foi para mim, e eu vi os anos em uma série de flashes – amizade inesperada de Boyce, a dispensa de Melody, a dor de perder o meu avô, papai e seu silêncio, as lutas, as meninas sem rosto, e Arianna, transformando minhas cicatrizes e pele em uma narrativa de perda. Eu mudei meu nome quando saí de casa, mas eu não podia me desligar tão facilmente do que eu tinha sido.

— Muito diferente do que era para você, eu acho, — eu disse. Ela perguntou como, e eu lhe disse que a primeira coisa que me veio à cabeça - Eu nunca tive uma namorada. Ela parecia cética, mas ela não conseguia entender o garoto que eu tinha sido. As festas e ficadas, a desesperança. Em algumas frases, eu disse a ela sobre Amber, e essa última luta - quando raiva sequestrou meu cérebro e meus punhos, e eu apaguei. Eu disse a ela sobre a prisão. Eu disse a ela sobre Charles, e o que ele tinha oferecido.

— Ele é como um anjo da guarda para você.

— Você nem imagina, — eu disse.

Eu enviei a revisão para Jacqueline dois dias antes que eu estaria dando na minha sessão, depois de debater se fazer isso cruzava mais uma linha ética. ra flagrante favoritismo. Mas qual era a graça de abraçar meu lado bad-boy se eu não poderia ter favoritos?

Ela me escreveu de volta e disse que se sentia estranha em obter economia enviada por email a partir de mim, como se Landon e eu ainda éramos duas pessoas diferentes. Ela admitiu que ela tinha quase

recomendado *Landon* como tutor para *Lucas* - que parecia como um completo preguiçoso, nunca prestando atenção na aula e perdendo provas. Eu estava feliz que ela não me disse isso pessoalmente, porque eu riria alto.

Ela e Mindi tinha ido à delegacia para apresentar relatórios e apresentar queixa contra Buck - nome legal: Theodore Boucker III, que eu descobri quando fui contatado pelo detetive. Eu dei a minha história de sua agressão à Jacqueline e nossa luta. Buck tinha informado a todos e qualquer outra pessoa que ouviria que ele teve relações sexuais consensuais com Jacqueline em seu caminhão, e foi atacado pelos “bandidos de rua”, depois que ela foi embora - embora ele falhasse em não apresentar um relatório de agressão no campus ou na polícia da cidade.

Amanhã é minha última aula com Jacqueline. Sua prova final em economia era na próxima semana, e os dormitórios iriam encerrar para as férias de inverno na semana seguinte.

Ela mandou uma mensagem: Após o término na próxima quarta-feira, e depois?

Eu cliquei na tela e desliguei. *Então o quê?* Será que ela não sabe como a coisa bad-boy funcionava? Não havia *então o que.* Eu tinha provado isso com muitas meninas para me lembrar. Se agarre e dê o fora, ou foda e então tudo feito.

Ao contrário de todo mundo antes e depois, eu iria adorar e saborear Jacqueline Wallace quando ela viesse para a minha cama. Em primeiro lugar para mim. Fazer amor e então feito.

Finalmente, eu mandei uma mensagem de volta: pausa de Inverno. Existem coisas que você não sabe sobre mim. Eu disse a mim mesmo que eu não vou mentir para você novamente, mas eu não estou pronto para colocar tudo lá fora. Eu não sei se eu posso. Desculpe.

Eu não esperava uma resposta. Eu não recebi uma.

22

Landon

Eu acordei com o cheiro de café. Estranho, porque meu pai estava quase sempre fora na hora que eu acordava. Eu não poderia supor que ele tinha cancelado excursões programadas para discutir a minha prisão - Ele nunca desistiu de seus clientes.

Saí para encontrar Charles Heller sentado na mesa da cozinha, o papai não estava à vista. Ele tinha um bloco legal em frente a ele, junto com seu laptop e um telefone local. Ele sentou-se para trás e olhou para mim enquanto eu caminhava até a cozinha.

— Landon - eu gostaria de falar com você, se você estiver disposto. Eu trouxe bagels torrados, e eu acabei de passar fresco de café. Vou lhe dar alguns minutos para acordar, e depois vamos conversar. Tudo bem?

Franzindo a testa, eu balancei a cabeça e fui para o banheiro, cavando alguns analgésicos de venda livre do armário sobre a pia. Eu mal podia abrir a tampa à prova de crianças. Minha mão estava tão inchada que parecia que pertencia a um personagem de desenho animado, e doía como o inferno. Tudo era estranho sem o uso da mesma, escovar os dentes, vestir ou tirar roupas. Eu puxei uma blusa e calções - que eu desisti e deixei aberto.

Depois que cai no assento em frente a banco Heller, ele deslizou um bagel carregado com creme de queijo e uma caneca de café preto na minha direção. Ele removeu os óculos de leitura e olhou para mim, seu olhar aberto e persistente, procurando o meu rosto, meus olhos. Eu não estava acostumado a tal exame perto de alguém que dava a mínima para mim. Eu sabia que o tinha decepcionado. A vergonha foi um deslizamento de terra, tão rápido e avassalador que eu estava enterrado nela antes que eu pudesse fugir.

Olhos caindo para a caneca em minhas mãos, eu lutei para não chorar e esperei tudo o que ele tinha a dizer.

— Tenho uma proposta, e você é livre para aceitar ou não, — ele começou. — O que eu estou prestes a oferecer-lhe não é um presente. É um desafio. Se você não quiser aceitá-lo, ninguém pode fazê-lo aceitar, e ninguém vai tentar. Entende?

Eu não entendi, mas eu balancei a cabeça, em silêncio.

— Eu escrevi uma lista do que eu quero de você. E ao lado dela, eu escrevi o que eu vou fazer, se você fizer essas coisas com o melhor de sua capacidade. — Ele empurrou o bloco para mim, e eu olhava para ele enquanto ele narrava. — Primeiro: a escola. Eu quero que você comece a ir para a aula, todos os dias, todas as aulas. Eu quero que você faça o melhor que puder, porque eu quero que você vá para a faculdade. Você terá que se inscrever para alguns cursos desafiadores no próximo ano, para se preparar, e você vai ter que trabalhar muito duro para aumentar o seu GPA atual. Porque você cavou-se um buraco grande, Landon.

Eu me perguntava se ele tinha alguma ideia de como era ruim. Eu não podia dizer a ele.

— Segundo: conseguir um emprego. Qualquer trabalho. Algo que lhe dê um cheque de pagamento, e não dinheiro de seu pai. Algo que lhe dê experiência de trabalho para alguém. Terceiro: parar as drogas e bebidas. Drogas, inteiramente. Bebidas - bem, eu seria um hipócrita se dissesse que estava fazendo você jurar não tocar em uma cerveja novamente até que você tivesse vinte e um. Mas eu quero que você tente, e eu quero que você mantenha uma verificação de si mesmo. E, finalmente, eu quero que você se inscreva no taekwondo. Se você estiver indo lutar, você precisa saber como fazê-lo direito, e você vai aprender as razões para fazê-lo e, mais importante, as razões para não.

Engoli em seco, e meu primeiro pensamento foi que eu não poderia fazer tudo isso. Isto não era um desafio. Isso era impossível.

Mas eu queria fazê-lo. *Eu queria.*

— Se você concordar em fazer essas coisas, aqui está o que eu vou concordar em fazer: Eu vou pagar as aulas de artes marciais. Eles salvaram a minha bunda e me centraram quando era jovem, e eu acho que eles vão fazer o mesmo por você. Em segundo lugar, eu vou puxar cada corda que eu possa puxar para conseguir um estágio probatório na universidade. — Meus olhos foram para os dele. Ele estava trabalhado para a melhor escola do Estado. — Exceto isso, — ele continuou, — há faculdade comunitária. Temos uma ótima. Você faz um ano com as melhores notas lá, e você deve ser capaz de transferir de qualquer forma, Cindy e eu queremos que você venha morar conosco. Há um apartamento em cima da garagem que abriga um monte de lixo que não precisamos. Você terá que conseguir um emprego para pagar a mensalidade, mas sua habitação será coberta.

— Eu fiz algumas chamadas esta manhã. Eu encontrei uma respeitável Dojang{16} a cerca 20 minutos de distância. Se você aceitar o meu desafio, vamos fazer com que você se inscreva hoje. Vou tomar a sua assinatura na parte inferior da lista como uma aceitação. — Ele colocou uma caneta em cima do bloco e se levantou. — Coma seu café da manhã e pense sobre isso. Eu estou indo ver Cindy e as crianças irem embora - eles estão indo para casa hoje. Estarei de volta em pouco tempo.

Colocando uma mão no meu ombro, ele disse: — Eu também recebi um telefonema do detetive sobre seu caso de agressão. Seu pai e eu vamos ver o que podemos fazer quanto a isso, independentemente do que você decidir aqui.

Ele não poderia saber com quanto medo que eu tinha estado, como eu me sentia desolado, sentado naquela cela. Eu olhei para ele reconhecendo tudo o que ele disse, e eu não podia falar. Eu apenas assenti. Ele bateu no meu ombro e foi embora.

Eu assinei aquele pedaço de papel antes que ele tivesse ido por um minuto inteiro.

LUCAS

Quando cheguei para economia quarta de manhã, Jacqueline estava falando com Moore no corredor. O conjunto rígido de seus ombros irradiava frustração, e seu tom de voz confirmou. — Nunca me ocorreu que ele ia fazer *isso.*

Jacqueline me viu por cima do ombro quando eu me movi para ficar ao lado dela. — Você está bem? — Eu perguntei.

— Eu estou bem, — disse ela, balançando a cabeça. Eu olhei para Moore por um momento antes de me virar para entrar na sala de aula. Ele me reconheceu e juntou as peças antes que eu estivesse fora do alcance da voz. — Esse cara está na nossa classe? E para que diabos era aquele olhar?

Eu *não* quis saber o que aquele olhar era, ou que eu era mais do que capaz de voltar.

Jacqueline não olhou para mim quando os dois entraram, cinco minutos depois. Heller havia começado as palestras. Moore passou por mim, sua expressão sombria, e Jacqueline entrou em seu lugar, composta. Tomei uma respiração suave.

Jacqueline e Mindi planejavam apresentar liminares de emergência esta tarde. Eu ofereci acompanhá-las, mas ela disse que os pais de Mindi estavam cuidando bem de ambas. — Erin disse que eles podem retirá-la de forma permanente.

Desejei pela centésima vez que eu tivesse matado aquele bastardo quando eu tive a chance.

Eu assisti minha respiração soprar fora como fumaça e ansiava um cigarro pela primeira vez em sempre. Eu somente fumava enquanto bebia - e talvez isso é o que eu realmente queria. Algo entorpecente. Observando o que aquela garota - apenas dois anos mais velha do que Carlie - tinha que percorrer para relatar o que aconteceu com ela foi inacreditável. Ela contou com o apoio de seus pais e com o apoio de sua irmandade - mas a única vez que eu tinha

visto, desde então, ela ainda parecia vazia.

Jacqueline não tinha contado a seus pais. Após o seu ato de desaparecimento durante as férias de Ação de Graças, eu poderia muito bem imaginar o por que.

Quando chegamos ao prédio dela, ela se virou para mim. Apesar dos meus pensamentos sombrios 30 segundo antes, eu sorri para seu rosto adorável - espreitando de um gorro de malha, um casaco com capuz e um cachecol difuso amarrado várias vezes em volta do pescoço, tão alto que cobria a boca.

Eu toquei meu dedo frio para o rosto dela, acariciando a linha de sua mandíbula e mergulhando nesse cachecol ridículo, revelando seus lábios carnudos. — Eu gostaria de vê-la, antes de você ir para casa, — eu disse.

Ela me lembrou de sua performance solo esta noite, o recital que ela tinha que participar essa sexta-feira, e seu desempenho conjunto sábado à noite. Eu estava convencido de que oficialmente estudantes de música tinham mais aulas fora da sala de aula do que quaisquer outros cursos.

— Eu posso ir amanhã à noite, se você quiser, — ela disse.

Oh, eu queria, tudo bem. Eu balancei a cabeça, — Eu quero.

Seus olhos eram incrivelmente grandes e azuis, os lábios rosa escuro implorando para ser beijados. *Eu quero te beijar, Jacqueline,* pensei. *Aqui mesmo, agora mesmo, na frente de Deus e todo mundo.* Ela me deixaria. Eu podia ver em seus olhos. Para nos salvar ambos, eu puxei o cachecol de volta no lugar.— Você parece uma parcial múmia. Como se alguém tivessse sido interrompido enquanto enrolavam você em sua mortalha.

— Talvez eu tenha um ótimo soco e fizesse seu nariz sangrar antes que ele pudesse fazer toda aquela coisa horrível de múmia para mim, — ela disse, e eu ri. Quando ela se inclinou para mim, eu não pude resistir a beijá-la na testa, inalando descuidadamente. *Droga.*

— Me mande uma mensagem quando terminar esta tarde? — Eu disse, dando um passo para trás.

Jacqueline: Tudo feito. Ordens de Restrição arquivadas. Ele não pode andar dentro de 30 metros de qualquer uma de nós.

Me: Ótimo.

Jacqueline: Indo para minha performance solo. Desejem-me sorte!

Eu: Você não vai precisar. Você tem dedos mágicos, lembra?

Jacqueline: ☺

Eu sempre bati na porta de trás do lugar dos Heller antes de entrar. Charles e Cindy nunca tinham sido tão demonstrativos como meus pais eram, mas você nunca poderia estar muito certo. Eu não queria traumatizar todos nós, caminhando sobre eles quando seus filhos estavam fora e eles pensavam que estavam sozinhos.

Heller atendeu a porta. — Landon, tudo bem?

Landon. Eu suspirei. — Yeah. Ótimo. Eu queria falar com você sobre... Jacqueline.

Suas sobrancelhas se ergueram, e então ele sorriu. — Entre. Eu só estou fazendo o meu exame final na próxima semana. Meus alunos de graduação vão me *detestar* pelo tempo que terminarem. — Ele esfregava as palmas das mãos, muito entretidos por esse pensamento. Graduandos quase sempre amavam Heller. Alunos graduados pensavam que ele era o Satanás - mas os que ele já tinha orientado conheciam sua merda.

Sentamos na mesa da cozinha com um par de cervejas.

— Duas coisas. Um, eu preciso explicar-lhe sobre a minha relação com ela...

Ele se preparou. — Ok.

— Eu lhe disse que eu a conheci antes de me tornar seu tutor, como Lucas. O que eu não lhe disse foi como nos conhecemos. — Eu respirei. — Ela foi agredida, fora de uma festa da fraternidade no campus. Eu... parei. Ela não quis denunciá-lo.

— Jesus Cristo. — Ele empurrou de lado seu laptop e apoiou os

cotovelos sobre os cadernos espalhados sobre a mesa. — Ela foi agredida por *outro aluno?*

Eu balancei a cabeça.

— Por que ela não o denunciou? Sem dúvida, ele é perigoso...

— Eu não... terminei.

Ele ficou em silêncio, franzindo a testa.

— Charles, eu parei antes - antes que ele fossse para o nível que ela poderia provar algo, *fisicamente.* Sem contusões e sem... — Eu enterrei meus dentes — sem penetração. O cara é um membro da fraternidade de seu ex. Você sabe como esses caras podem ser - ou eles não iriam acreditar que ele fez isso, ou eles fariam campanha para difamá-la de qualquer maneira. Eu não poderia fazê-la fazer isso, embora, honestamente, eu não tentei tanto assim. Então, talvez a culpa seja minha. Talvez eu esperava que batendo o impediria. Não funcionou.

— Oh, Deus. Ele fez isso de novo. — Suas palavras eram uma afirmação, não uma pergunta.

— Yeah. Ele estuprou outra garota.

— O que o...

— Ela reportou, e Jacqueline também. E eu também.

— Ele foi expulso? — Seus olhos brilhavam. — Eu não quero aquele idiota rondando em *minha escola.*

Meus lábios torceram. — O rumor na PD[{17}] é que a administração vai deixá-lo permanecer pela semana de provas finais, se ele somente for no campus para suas finais, e um membro de sua fraternidade estará com ele em todos os momentos, quando ele estiver lá.

— *Isso é besteira...*

— Inocente até que se prove a culpa, Charles.

— Eu sei. *Eu sei.* — Ele suspirou pesadamente, tão frustrado quanto eu tinha estado. — Eu só, eu penso em Carlie, e isso me faz tão malditamente furioso... — Ele parou.

Eu corri um dedo sobre a cicatriz no meu pulso esquerdo, e nenhum de

nós falou por um momento.

— Jacqueline e a outra menina apresentaram temporárias ordens de restrição hoje. Ele não pode andar dentro de 30 metros delas, dentro ou fora do campus, ou contatá-las de qualquer forma.

Ele acenou com a cabeça, e eu sabia que ele estava pensando o que eu estava pensando: *Não é bom o suficiente.* Mas era alguma coisa.

— Você disse que havia duas coisas? — Ele cutucou.

Eu chupava o anel no meu lábio, e ele notou. Eu tinha um tique implacável. Eu não poderia deixar de me preocupar com a maldita coisa quando eu estava ansioso. Eu tomei uma respiração profunda. — Eu quero ver se o... hum, separação aluno/tutor pode ser levantada agora? Queremos sair amanhã à noite. Depois de eu dar minha aula de revisão. Em que ponto os meus deveres de tutoria estão tipo que terminados...

Ele angulou uma sobrancelha. — Hmm. Ela mora na área, ou ela vai estar deixando o campus durante as férias de inverno?

— Deixando.

— Ah, bem. Eu sugiro que você não vá totalmente público até após o exame na próxima semana. Mas um pouco escondido... — Ele destinou um sorriso tortuoso para mim. — Eu suponho que vocês dois são capazes disso.

Ele pensou que Jacqueline estava prestes a se tornar minha namorada - ou já era. Além disso, ele estava emocionado com a perspectiva. Eu não tive o coração para corrigi-lo.

Jacqueline estava agitada durante o jantar. Fiz massas, o que parecia impressioná-la, mais uma vez - mas eu percebi que ela estava nervosa sobre o que tinha acontecido da última vez. Não haveria uma repetição, mas eu não podia dizer a ela exatamente, sem soar como um imbecil. *Hey, se lembra como eu queria parar de vez? Bem, desta vez, eu não estou parando até terminar com você gritando o meu nome.*

Yeah, não.

Depois que eu carreguei nossos pratos para a máquina de lavar, eu a

puxei para mais perto e fingi dar-lhe uma lição de autodefesa improvisada – pegando as mãos e prendendo-os atrás das costas. — Como você vai sair desse aperto, Jacqueline?

Ela me disse, baixinho, que ela não iria queria sair dele.

— Mas se você quisesse. Como você faria? — Eu pressionei. Ela fechou os olhos e me deu respostas reais - chute na virilha, pisar no peito do pé.

— E se eu te beijasse, e você não quisesse?

Eu esperava que ela usasse algo que tinha aprendido na aula - uma cabeçada, talvez. Mas não. Ela me disse que iria *me morder*, e maldição, eu quase me perdi.

Beijei-a, com cuidado, a meio caminho esperando que ela *fosse* me morder. Em vez disso, ela passou a língua em todo o interior do meu lábio e sobre o anel, e eu a coloquei em cima do balcão, para que ela estivesse mais alta que eu. Envolvendo seus braços e pernas em volta de mim, ela empurrou sua pequena língua em minha boca. Chupei sua língua mais fundo, acariciando-a com a minha, beliscando-a quando ela se retirou.

— Santo inferno, — ela respirava. Eu a varri fora do balcão e levei-a para a minha cama, colocando-a no centro e a beijando até que ela estava sem fôlego. Tirei sua blusa e ela desabotoou minha camisa enquanto eu voltei a beijá-la. Quando toquei um dedo para o zíper da calça jeans, ela disse: — Sim.

Eu lhe disse que não tinha tentado isso com ninguém o que significativa em muito tempo, e ela entendeu mal e pensou que eu estava dizendo a ela que eu não tinha tido relações sexuais com ninguém. Eu quase ri, mas não havia nada de engraçado. — Não com alguém que eu me importava ou... conhecia, — Eu melhorei. — Isso é tudo. — Eu estava preocupado que ela estaria revoltada com isso. Três anos com Kennedy Moore - certeza de que ela tinha estado lá com ele. Mas eu percebi que havia uma boa chance de que ele fosse só isso.

— Isso é tudo - sempre?

— Não é como se houvesse toneladas delas. — Eu senti como se devia cruzar os dedos atrás das costas. — Havia mais antes, na escola, do que houve

nos últimos três anos. — Isso era verdade.

Levantado por cima dela, eu olhava quando ela dizia que queria isso. Me queria. — Por favor, não me peça para dizer pare, — acrescentou.

Ela não precisa se preocupar com *isso.* A minha única preocupação era levar isto lento o suficiente para agradá-la. Eu queria que ela se sentisse bonita, desejada e totalmente, intensamente, completamente satisfeita.

Eu puxei a calça jeans por suas pernas e fora, permitindo que os meus olhos passeasse sobre seu lindo corpo, tirei minha camisa e jeans. Eu varri meus dedos sobre ela, levemente - a curva de seus seios acima de um sutiã de renda cor de rosa, a pequena cavidade oval de seu umbigo acima da renda rosa correspondente - e não muito mais - abaixo. Ela era tão incrivelmente sexy, me alcançando, traçando as linhas do meu bíceps e ombros, as palmas das mãos deslizando pelos meus abdômen - a língua se lançando para molhar os lábios.

Peguei uma camisinha da gaveta da mesa de cabeceira, mas quando eu voltei para cima dela, ela estava tremendo. Eu sabia que não era de frio, mesmo se isso fosse onde ela colocou a culpa quando eu perguntei. Ela estava tensa, quase em pânico, e eu não tinha certeza do porquê. Rezei para que tivesse mais a ver com a inexperiência com ele do que com o que aconteceu com ela *naquela noite.* Inexperiência eu poderia remediar. Pavor ou medo que faziam ecos de algo tão angustiante como o que aconteceu com ela - eu não tinha certeza de como combater isso.

Eu poderia parar. Posso segurá-la. Se o medo dela não diminuísse, isso é o que eu faria.

Sentei-me de volta para baixo e puxei as cobertas debaixo dela. Os lençóis eram gelados, aumentando seus tremores até que eu puxei o edredom para cima e sobre nós dois, deitando em cima dela, beijando-a suavemente e aquecendo-a com o meu corpo. Senti seus músculos afrouxar abaixo meus dedos, sua respiração vindo mais rápido, mas mais profundo. Tomei sua boca lentamente, suavemente, minhas mãos segurando a cabeça dela, persuadindo-a de volta para o estado aquecido que estávamos quando saímos da cozinha. Ela se

aconchegou em mim, confiando, acolhedora e descontraída.

— Melhor? — Eu perguntei, e ela respondeu *que sim.* — Você sabe que você pode dizer. Mas eu não estou perguntando, neste momento.

Inclinei-me para beijá-la novamente, e ela se abriu para mim, sua língua enroscando com a minha, meu lábio lambendo, sugando de leve no anel e empurrando seus dedos no meu cabelo - segurando a minha cabeça no ângulo exato em que ela me queria. Quando ela raspou as pequenas unhas curtas nos meus ombros para os quadris, os dedos mergulhando abaixo do elástico da minha cueca boxer enquanto nos beijávamos, eu sabia que ela estava pronta, mas eu mantive o ritmo lento, com a intenção de apaziguar cada desejo que ela tinha. Eu desabotoei o sutiã e removido-o, deslizei sua calcinha por suas pernas, tirei minha cueca e coloquei o preservativo em seu lugar, e nunca parei de beijar.

Uma mão em seu quadril, eu me inclinei para ela, abrindo a boca com um beijo profundo e penetrante quando eu empurrei nela e permaneci apenas o tempo suficiente para que ambos possamos sentir a conexão totalmente. Quente e apertado, ela era um ajuste perfeito. *Claro que ela era.* Eu beijei o queixo, a mandíbula, a borda de sua linha fina ao lado da orelha. — Menina bonita, — eu murmurei, retirando e voltando. Acariciando o interior de sua boca, eu disse a ela, sem palavras, como eu a amava.

Ela engasgou, empurrando os dedos no meu cabelo e apertando, sugando minha língua, enrolando uma perna em volta de mim e apoiando o pé oposto no colchão para que ela pudesse arquear para encontrar meus golpes quando eu comecei a balançar dentro dela.

Estremeci por cima dela - *tão bom, tão bom,* movendo com ela, deslizando a mão sobre seu corpo macio, apertando e acariciando. Quando eu tirei o peito dela na minha mão e me inclinei para chupar o mamilo em minha boca, ela murmurou meu nome, se contorcendo e gemendo baixinho, precisando disso, precisando de mim.

Eu rolei para minhas costas, levando-a comigo, com as mãos na cintura, pressionando-a para baixo quando eu subi, guiando-a até que ela assumiu e

definiu o ritmo, os joelhos pressionados para os meus quadris, braços tremendo. Seu cabelo caiu em torno de nós quando as minhas mãos escorregaram para as coxas, e sob a cortina de seu sedoso, cabelo madressilva, eu mapeei as curvas de seus seios com a minha língua, deslizando a parte inferior macia, os contornos exteriores completos, a linha peitoral para baixo do centro. Ela cantarolou na garganta tão profundo que eu senti isso com o meu rosto pressionado contra o peito.

— Goze, Jacqueline, — eu sussurrei. — Goze agora, baby. — Ela choramingou novamente, frustrada, como se ela não tivesse certeza do que fazer, então eu a rolei debaixo de mim, achatando as mãos dela para o colchão de cada lado de sua cabeça, e empurrado de volta para ela.

— Oh, Deus, — ela suspirou, seus dedos enrolando sobre o meu. — Lucas, — ela gemeu, os olhos fechados.

— Eu estou bem aqui. — Eu disse, me inclinando para beijá-la quando ela apertou e convulsionou.

Segui-a, nunca tão satisfeito na minha vida.

Eu não conseguia ver nada abaixo de seu ombro nu, aconchegado debaixo do edredom - embora eu certamente poderia senti-la. Ela era quente e macia, dobrada em meus braços, nossas pernas entrelaçadas. Tentei me concentrar nas partes que eu podia ver – que eu conhecia bem como os padrões incorporados sob a minha pele. Decidi que seus olhos eram os meus favoritos. Eles também foram os mais difíceis de capturar no papel. Impossível, ilustrar as facetas multicoloridas e o jeito que ela olhava para mim. Ou talvez sua boca... Eu toquei os lábios e ela olhava, esperando.

Tão injusto, o quanto eu a queria. Beijei-a e tirei as cobertas até a cintura. Homens são visuais, como são artistas, então eu dobrei para baixo sobre o desejo de ver sua pele nua. Porra, ela era muito bonita. — Eu quero esboçar você assim, — eu disse, me esforçando para não rir quando ela perguntou, em tom de brincadeira, se iria na parede. Eu nunca iria conseguir dormir se eu fizesse isso. Ou eu teria ela na minha cama, repetindo o que tinha acabado de

fazer, ou eu estaria usando a minha muito vívida imaginação para imagina-la lá.

— Eu tenho feito vários esboços de vocês que não estão na parede, — eu disse. *Opa.*

Ela queria vê-los, é claro. Corri as pontas dos meus dedos sobre seu peito antes de pressioná-la para mais perto. — Agora? — Eu perguntei. *Por favor, não agora.*

Ela cedeu, curiosa, eu acho, e eu movi sobre ela e desapareci sob as cobertas.

Eu pressionei beijos de seu esterno para baixo, lentamente. Sua respiração acelerou e afundou os dedos no meu cabelo e apertou quando eu passei seu umbigo e continuei. Eu desviei para o lado, sugando beijos em sua coxa superior, internamente, inalando seu perfume doce, soprando suavemente como se mostrando a ela o caminho que minha língua tinha a intenção de levar. Em suas pequenas mãos, meu cabelo longo e escuro transformado em algo que nunca tinha sido - rédeas.

Guia-me, Jacqueline. Mostre-me onde você quer que eu vá.

Ela fez.

Vesti minhas cuecas boxer antes de deixar Francis entrar e alimentá-lo para que ele nos deixasse em paz. Eu derramei um copo de leite e coloquei alguns pedaços de brownie num prato, entregando-os a Jacqueline quando voltei para a sala mal iluminada.

Ela segurou o lençol sobre os seios, que era tanto bem-humorado e atraente, considerando as últimas horas. Depois de ligar a lâmpada de mesa, peguei meu caderno e fui para a cama atrás dela, exortando-a a se inclinar para trás contra meu peito. Seus quadris nus estavam pressionados contra o que seria, em um futuro não muito distante, uma sólida ereção exigente. No momento, eu queria ronronar de contentamento, ou rosnar, ou o que caras fazem quando todas as necessidades possíveis são satisfeitas.

Ela mordiscou um brownie quando eu folheava os esboços que eu tinha feito no semestre - edifícios do campus, com uma arquitetura notável, desenhos

mecânicos, paisagens e pessoas que eu achei interessante. No momento em que se virou para o esboço que eu tinha feito dela no dia chuvoso, ela terminou dois brownies e estava iniciando o terceiro.

Eu olhei para o meu teto. *Ponto, vovô. Agora evite olhar.*

Eu perguntei se incomodava que eu estava observando-a antes que ela me conhecesse, mas ela parecia pensar que era apenas mais um dos estranhos interessantes que eu tinha desenhado.

— Eu não sei se isso me faz sentir melhor ou pior, — eu disse.

Ela se encostou no meu braço. — Eu não estou mais chateada que você não me disse que você era Landon. A única razão que eu estava com raiva era porque eu pensei que você estava brincando comigo, mas era o oposto disso. — Ela tocou meu rosto quando o lençol foi mais para baixo. — Eu nunca poderia ter medo de você, — ela sussurrou.

Eu transferi a prato de brownie para a mesa de cabeceira e a virei para ela me encarar, montando meu colo. Quando eu toquei, beijei e chupei os seios dela, e ela correu os dedos mágicos pelo meu cabelo e sobre a minha pele, meu corpo acordou completamente.

— Devo pear, um... — ela sussurrou, e eu assenti. Ela se inclinou para a gaveta do criado mudo e voltou com um quadrado de celofane. — Posso... ou isso é muito...

— Deus, sim... Por favor. — Eu nunca tinha tido uma menina a rolando um preservativo em mim antes. Eu assumi, quando seus pequenos dedos frios pressionaram e foram para baixo sobre ele, habilmente, que eu era o inexperiente neste momento. E *oh, meu Deus,* eu estava bem com isso.

23

Landon

Conseguir um emprego de tempo parcial foi mais problemático do que eu tinha assumido. Em uma cidade pequena, com um legitimo ataque em conhecimento de todos e não muito distante passado, os gerentes não estavam perdendo a chance de mão me colocar na folha de pagamento.

Canalizando as profundezas, eu perguntei no último fast-food que eu jamais iria querer trabalhar, e ainda ouviu: — Você pode preencher isso, mas nós não estamos realmente contratando agora. — Era quase verão - o período mais movimentado do ano para todas as empresas nesta cidade de praia. Não contratando minha *bunda.* Olhei para a camisa de manga curta do gerente e gravata de poliéster quando peguei a folha de sua mão, que levaria 15 minutos para preencher. Por nada.

— Você não é filho de Ray? O neto de Edmond?

Virei-me para encontrar um dos caras mais velhos com aparência excêntrica da cidade olhando para mim. Eles não eram escassos por aqui. Este era mais baixo e mais largo do que eu, ostentando um par de macacões de lona vermelho que se assemelhava aos macacões de prisão, com exceção do monograma *Hendrickson Elétrica & AC* no peito. Ele derrubou sua bandeja de embalagens wrappers e caixas no lixo e voltou.

— Sim, senhor. — Enfiei a mão. — Landon Maxfield.

Ele balançou minha mão em um aperto de triturar os ossos notavelmente. — W. W. Hendrickson, — ele disse, seu sotaque local encurtando suas iniciais para *Dubyah Dubyah.* — Precisando de um emprego, não é? Você não quer trabalhar este lugar porcaria. — Ele atirou um olhar para o gerente, que avermelhou. — Sem ofensa, Billy.

Eu tenho a sensação de que Bill Zuckerman não tinha usado *Billy* em pelo menos vinte anos. Ele limpou a garganta e lutou para não fazer carranca, falhando. — Uh, sem ofensa, Sr. Hendrickson.

— Hmph, — disse Hendrickson. — Venha para fora um minuto, Landon. Fale comigo. — Ele acenou e eu segui. — Você trabalha no barco com seu pai, eu pensei? — Nós caminhamos até a caminhonete e ele apoiou o cotovelo do lado da cama.

Eu balancei a cabeça. — Sim, senhor. Mas eu pretendo ir para a faculdade em pouco mais de um ano, e eu vou precisar de experiência de trabalho coma uma referência.

— Plano para correr da cidade como seu pai fez, né? — Ele perguntou, mas eu não poderia detectar qualquer malícia em seu tom.

— Sim, senhor. Eu pretendo estudar engenharia.

Suas sobrancelhas espessas elevaram. — Ah, agora que é uma coisa que vale a pena estudar. Eu nunca poderia entender como o seu pai precisava de tanto estudo para estudar algo feito com fumaça e espelhos.

Eu prendi meus lábios juntos, sabendo melhor do que tentar explicar vários graus de economia do meu pai para caras como o Sr. Hendrickson.

— Eu vou chegar ao ponto. Estou precisando de um novo assistente. Antes de aproveitar a oportunidade, perceba que você provavelmente vai ficar eletrocutado uma ou duas vezes antes que aprenda quais os fios evitar. E eu vou estar o enviando em escuros sótãos de quarenta e oito graus, onde você vai suar baldes, obter fibra de vidro em seus joelhos e sua bunda, e pode ter uma criatura ocasional deslizando através de seus pés. — Ele riu, um som quase silencioso, fungando pelo nariz. — Eu tinha um assistente, ele foi limpar através do teto de um cliente por causa de um gambá. Caiu no meio da sala, felizmente.

Felizmente? — Hum, tudo bem. — Eu não sabia o que dizer ou perguntar.

— Paga um par de dólares acima do salário mínimo. Não bebendo e

fumando, se engraçando com as filhas dos clientes - sinto que eu tenho que mencionar que, você tendo a aparência como seu pai e também, eu estive lá antes.

Meu rosto aqueceu.

— Eu suponho que você sabe tudo sobre computadores e tal? — Com o meu aceno de cabeça, eu disse, — Ótimo. Eu poderia usar alguma ajuda de como colocar meus livros lá. Entrar no século 21 antes que acabe. Então, o que você acha?

Eu tenho um trabalho, eu pensei.

— Bem, Sr. Maxfield. Aqui estamos nós - o início de seu último ano. Devo admitir, eu nunca pensei que você iria chegar tão longe.

Eu olhei para minha diretora e pensei, *Não brinca. Especialmente quando você fez tudo em seu poder para tornar isso verdade.* Ainda assim, a vontade dela de me chamar em seu escritório só para dizer isso no meu rosto não pode significar nada de bom. Ela pensou que estava acima de tudo e de todos, e dentro dos limites desta escola, ela estava certa.

Nove meses, eu disse a mim mesmo. Nove meses e eu estava fora daqui. Eu nem mesmo iria mesmo fazer uma pausa para sacudir o pó das minhas botas.

Então, eu não disse nada. Simplesmente equiparei seu olhar lustroso com um duro dos meus próprios. Ela estudou um pedaço de papel com a minha agenda impressa. — Eu vejo que você se inscreveu para cálculo e física. — Ela olhou para mim por cima dos óculos empoleirados na ponta do nariz. — Quão... *ambicioso* de você. — Lábios pressionados fechados, sobrancelhas um pouco elevada, baixou as pálpebras - sua expressão mostrou seu inteiro ceticismo que eu era capaz da mudança que eu tinha começado nas últimas semanas do ano anterior.

Eu queria tirar esses óculos e essa condescendência do rosto dela.

Em vez de responder, eu repeti meu mantra silenciosamente - os princípios que eu aprendi no meu primeiro mês de artes marciais, na última

primavera: *cortesia, integridade, perseverança, autocontrole, espírito indomável.* Muitas vezes, essas funções se turvam juntas - Porque cada um estava entrelaçadas com as outros. Se eu falhasse uma, eu poderia deixar todos eles. O que seria integridade, se eu não tinha autocontrole?

Portanto, me sentei, esperando Ingram terminar comigo.

Ela não estava satisfeita com a minha mudez - isso era evidente demais. Seus lábios finos torcidos. — Eu entendo que um de nossos alunos modelo o ajudou a passar nas suas aulas na última primavera.

Ah. Pearl.

Além do dia em que ela me verificou por um pulmão perfurado, Pearl Frank e eu nunca tínhamos falado da presença de Melody ou *você pode passar isso para frente* conversa do tipo da sala de aula. Eu quase não respondi quando ela tocou meu braço na biblioteca na primavera passada e perguntou: — Landon, você está bem?

Com seis semanas de aula para aprender os restantes das 30 semanas de coisas que eu não consegui absorver mais o novo material, eu estava ferrado. Mas eu não tinha nenhum desejo de confessar para a melhor amiga de Melody, que passou a ser também a pessoa mais inteligente da minha turma.

Eu pisquei e rolei meus ombros, estalando meu pescoço. — Yeah. Tudo bem. — Eu tinha estado preso em uma posição apertando o cabelo pela hora inteira de sala de estudo, olhando para uma seção no meu livro de química.

Suas sobrancelhas vincaram, ela apontou para o texto aberto. — Por que você está olhando para isso? Passamos pela Lei de Dalton nas últimas seis semanas.

Fechei o livro, carrancudo e de pé. — Sim, bem, eu não entendi na época, eu não entendo agora. — Eu afrouxei a minha careta e encolhi os ombros. — Não é grande coisa.

O olhar de Pearl perdeu muito pouco. — Mas você está estudando isso agora porque...

Engoli em seco. Eu não queria dizer isso em voz alta - que eu

executando uma proposta de ultima hora que poderia alterar o meu futuro. E que eu estava com medo que eu não seria capaz de fazê-lo.

— Se você quiser, eu posso lhe enviar as minhas notas a partir das últimas seis semanas, e você pode me fazer perguntas. — Seus olhos escuros seguraram um desafio, não pena.

Eu balancei a cabeça. — Ok.

— Não tenha medo de pedir ajuda de seus professores, também. Eles são apenas pessoas, você sabe. — Eu arqueei uma sobrancelha e ela sorriu. — Bem, a maioria deles.

Ao longo das próximas semanas, ela me salvou não só pelo ano todo - e não apenas química, mas literatura e pré-calculo. Graças à sua ajuda, meu cérebro acordou de três anos de hibernação.

— Pearl Frank? — Sra. Ingram perguntou agora, como se eu não me lembrasse da tutoria ou quem a deu. Eu não tinha certeza de como ela sabia, mas eu com maldita certeza não ia perguntar.

— Sim? — eu respondi.

Ela me odiava agora. Nos meus primeiros meses de taekwondo, eu me tornei mais consciente dos indícios de que alguém estava progredindo de irritação para raiva. Reconhecendo o nível de probabilidade de que alguém poderia perdê-lo a qualquer momento e o que seria necessário para a defesa, depois de tudo. Suas indicações físicas foram menores, mas elas estavam lá.

— Eu entendo que você foi preso por agressão na última primavera. Negociou a liberdade condicional, felizmente. — *Felizmente* não era o que ela queria chamá-lo.

Eu não disse nada.

Pearl me disse uma vez quer Ingram era o tipo de líder que acreditava em *Adição por Subtração.* — É metade gênio, metade trapaça. Eles removem os estudantes de menor pontuação, funcionários com registros de serviços ruins, etcetera, que levanta a pontuação geral ou a classificação da organização.

Finalmente, Ingram quebrou a hierarquia e olhou diretamente. — Por

que você não me responde, Sr. Maxfield?

Uma sobrancelha angulada. — Você não fez nenhuma pergunta.

Seus olhos brilhavam. — Deixe-me ser clara. Eu não sei qual jogo que você está jogando aqui, ou qual o seu negócio com a senhorita Frank, mas eu não quero o precioso tempo dela desperdiçado no seu absurdo. Eu não acredito por dois segundos que você tem a ética de trabalho essencial ou as habilidades para a vida e habilidades interpessoais necessárias para representar esta escola e seus padrões educacionais exemplares.

Mordi o lábio para não a corrigir. Segundo o Estado, a escola dela estava longe de ser *exemplar.*

Eu a sintonizei para fora quando ela discursava sobre a minha falta de integridade e habilidades de pensamento crítico e de respeito pela autoridade. Engraçado como as pessoas que blasfemavam falta de respeito sobre outras pessoas geralmente não estavam dispostos a oferecer qualquer em troca.

Quando ela parou, meus ouvidos zumbiam. — Nós nos entendemos, rapaz? — Claramente ela esperava uma resposta para mais do que essa questão - ou uma reação aquecida. Ela estava ficaria desapontada.

— Eu acredito que sim. Terminamos aqui, senhora Ingram? — Eu estava de pé, lançando uma ampla sombra sobre a mesa, através da janela virada para o leste atrás de mim. — Eu tenho uma aula para ir. A menos que você queira me atrasar no primeiro dia. — em sugestão, o primeiro sino tocou.

Ela se levantou, esticou o pescoço, mas ainda olhava para mim. Eu tinha chegado a imponente altura do meu pai durante o verão, e ela não se importava de eu pairando sobre ela. Enfiei a mão no bolso da frente e mudei o meu peso para um lado - tão perto de um cessar-fogo, como eu daria a ela. Eu não tinha quatorze anos mais, e essa mulher não ia jogar para o lixo as minhas chances de sair dessa cidade e entrar na faculdade.

— Você está dispensado. Mas eu estou te observando.

Uh-huh, eu pensei, virando e deixando sem resposta.

Eu me perguntava por que diabos alguém como ela iria seguir uma

carreira na educação, em primeiro lugar, mas eu não perguntaria. Nem todo mundo é lógico. Nem tudo faz sentido no final. Às vezes você tem que esquecer explicações ou desculpas e deixar pessoas e lugares para trás, porque eles vão caso contrário, arrastar você para baixo.

LUCAS

Sábado de manhã, tinha sido trinta e poucas horas desde que eu tinha visto Jacqueline. Sargento Ellsworth e eu nos vestimos para o módulo final no vestiário. Nós dois não deveríamos praticar até a metade da aula, pois serviria apenas um objetivo hoje: “atacantes”, isso exigia distância emocional das “vítimas”.

Quando entrei na sala, totalmente preenchido, os meus olhos foram instantaneamente para Jacqueline. Junto com os outros, ela estava usando todos os equipamentos de proteção. Elas se assemelhava a uma tribo de mini lutadoras de sumô. Ela olhou para cima e me viu, baixando os cílios rapidamente e mordendo o lábio, e fiquei impressionado com a recordação gráfica das horas que passamos na minha cama. Pela aparência de seu sorriso tímido, ela também.

Distância emocional. *Certo.*

Desejava, tarde demais, que eu abertamente pedisse para Jacqueline evitar ir contra mim. Nós poderíamos praticar defesas juntos, mas isso era diferente. Como os atacantes, Ellsworth e eu iríamos fazer comentários audíveis. Iríamos procurar espaços para atacar. Nós não iríamos soltar a “vítima” ao menos que os golpes de defesa fossem adequados - e ambos de nós tínhamos sido treinados para julgar aquele ponto.

Esta seção da classe era enervante para mim. Fingindo ser um predador sexual sempre me fez desejar um banho escaldante depois.

Assim que as mulheres terminaram a revisão e se moveram com Watts, elas estariam prontas para fazer o que Jacqueline me disse que a amiga dela Erin

denominou de *chutando sério as bolas.*

— Ela está animada, porque ela pode praticar e não machucar vocês, por causa da cobertura, — disse ela quando nós nos vestimos para que eu pudesse levá-la de volta para o quarto na quinta-feira à noite.

— Uh-huh, — eu disse inexpressivo, e ela riu.

Enquanto ela calçou as luvas, os olhos deslizando para longe do meu, ela disse, — Erin foi a primeira pessoa que eu disse. — Sua voz era tão suave. — Eu gostaria que tivesse dito mais cedo.

Eu derrubei o queixo e puxei para mais perto. — Não há maneira certa ou errada para ser uma sobrevivente, Jacqueline. Não há nenhum script. — Ela engoliu em seco e assentiu com a cabeça, não muito convencida, mas, por causa da Mindi. — Você sobreviveu, e ela irá também.

Eu estava em primeiro. Quando eu fui para a esteira, senti os olhos de Jacqueline em mim, e eu rezava que não sermos emparelhados para isso. Vickie foi a primeira voluntária, e ela chutou a minha bunda no melhor tipo de caminho. Como eu esperava, Erin deu um passo para a frente primeiro, mas ela ficou para trás com Jacqueline, que parecia não ter pressa para ir. Durante voltas de Ellsworth na esteira, eu assisti as duas torcerem para seus colegas de classe, Erin gritando sugestões no topo de seus pulmões — Cabeçada! *CORTADOR DE GRAMA!* Chute-o! Chute-o *Forte*! — Enquanto Jacqueline gritava e aplauda.

Finalmente, Erin apertou a mão de Jacqueline e adiantou-se para lutar com Ellsworth, deixando apenas Jacqueline e uma outra mulher extremamente tímida que trabalhava no Centro de Saúde. Ellsworth olhou nos olhos de Erin e resmungou: — Se esta chutar meu saco até a minha garganta, você me *deve*, cara, — antes dele sair. — Eu não tenho tanta certeza que eu confio nas almofadas com ela.

Se a “vítima” conseguisse um bom golpe, não estávamos realmente senti-lo. Na minha aula de treinamento, eles nos disseram para encontrar os nossos dramaturgos internos. Mesmo assim, quando Erin pregou Ellsworth nas bolas com um perfeito chute em linha reta e ele caiu no chão, eu estava um

pouco preocupado. Onze vozes gritaram: — *Corre!* — mas Erin tinha uma atriz dramática interna própria dela. Depois de lançar-se fora no *peito* dele, ela se virou e chutou duas vezes antes de correr para a zona segura, onde ela retornou ao redor como se tivesse ganho o campeonato de pesos pesados.

Ellsworth rolou a seus pés e me deu um polegar para cima. *Ufa.*

Eu fui para o tapete e esperei. Gail do Centro de Saúde veio, ela estava tão nervoso tremendo. Neste ponto, alguns podem ter sido tentados a dizer que ela não tinha que fazer. Mas ela tinha chegado tão longe. Tempo para provar a ela que ela tinha aprendido alguma coisa. Watts deu-lhe instruções tranquilas, num primeiro momento, incentivando-a a bater mais forte. Fui com calma com ela, mas quando ela conseguiu socos e chutes, e foi aplaudida por seus colegas de classe, ela chutou mais, bateu mais forte, gritou *Não* e *Se afaste* mais forte. Ela estava chorando e sorrindo pelo tempo que tínhamos terminado, cercada e parabenizada pelos outros.

Para mim, nada comparava a assistir Jacqueline. Sem direção, ela executou uma série de movimentos, e ela acertou-os ou não, mas ela os variou. Em um ponto, ela apareceu enfiada em um abraço de urso na frente, até que Erin gritou, — *SACO!* — alto o suficiente para ser ouvida em um estado limítrofe, e Jacqueline trouxe seu joelho para cima, com força. Ellsworth foi direto para o chão. Ela arrancou em direção à zona de segurança, onde Erin a abordou em um abraço entusiasmado. Eu estava tão orgulhoso dela - e eu pedia a Deus que ela nunca tenha que usar qualquer coisa que ela tinha acabado de aprender.

Domingo à tarde, Jacqueline e eu fizemos uma pausa de estudar para as provas finais. Arrumei café em garrafas térmicas e fomos para o lago. Eu queria esboçar canoístas, que Jacqueline insistia que era comprovadamente insano ir no lago nessas temperaturas. Ela encolhida ao meu lado no banco, envolta da cabeça aos pés e ainda tremendo. Eu usava o meu moletom com capuz, mas sem luvas, e eu descartei minha jaqueta de couro, porque eu não precisava disso.

Chamei-a de bunda mole por ser tão covarde no tempo frio, e ela me

deu um soco no ombro. Eu vi isso acontecer e poderia tê-la bloqueado, mas eu não fiz. — Ai, caramba - eu retiro! Você é durona como pregos. Totalmente durona. — Puxei-a para mais perto para aquecê-la.

— Eu tenho um soco malvado. — Suas palavras eram quase inaudíveis, murmurada em meu peito.

— Você tem. — Eu levantei o rosto dela para o meu. — Na verdade, estou um pouco com medo de você. — Minhas palavras brincalhonas foram mais verdadeiras do que ela sabia.

— Eu não quero que você fique com medo de mim. — Suas palavras emitidas com pequenas baforadas de sua respiração, e beijei-a até que seu nariz estava quente contra minha bochecha.

Voltamos para o meu apartamento, onde ela me lembrou do meu pedido, semanas atrás, de me deixar algo para antecipar. — Então, você tem estado... antecipando? perguntou ela. Nossas roupas estavam tortas, mas nós não fomos além de um aquecido agarre no meu sofá com Francis como um público entediado.

Se eu estive antecipando suas mãos e boca em mim? Uh... sim.

Olhando para o meu lábio - o anel completamente sugado para a minha boca - um lento sorriso apareceu em seu rosto. Ela me beijou do meu colo antes de deslizar de joelhos, entre as minhas pernas. Quando ela desabotoou e abriu o zíper do meu jeans, eu tinha certeza que eu estava sonhando. Eu não queria me mover e ariscar de acordar, mas eu não poderia deixar de passar meus dedos por seu cabelo macio para que eu pudesse tocá-la e observar todas as coisas que ela fazia.

Quando ela correu a ponta da sua língua e correu da base para a ponta, eu fechei os olhos por um momento, perdendo a cabeça com êxtase. Ela inclinou-se para me morder com os dentes, me acariciando com a ponta dos dedos e, em seguida, sua língua. Eu gemia, o que foi, aparentemente, a resposta exatamente certa. Quando sua boca quente se fechou sobre mim - *Santa Mãe de Deus,* minha cabeça caiu para trás no sofá e eu fechei meus olhos novamente,

minhas mãos ainda em seu cabelo, minhas palmas contra as maçãs do rosto dela. E então, ela cantarolava - uma longa nota baixa,

— Puta que pariu, Jacqueline, — eu engasguei.

Desta vez, ela não me deixou pará-la.

Ela mandou uma mensagem ontem à tarde: Final de Econ: PWNED[{18}]. Se ela conhecia o termo de jogos de vídeo ou memes, eu não me importei. Era muito bonito. Tudo por causa de mim, certo? Eu mandei uma mensagem de volta. Não, por causa daquele cara Landon, ela retornou. Eu ri alto, ganhando uma sobrancelha levantada de Eve, com quem eu estava trabalhando dois turnos. Gwen e Ron cada um tinha duas finais hoje, e nenhum de nós tínhamos uma, então nós praticamente concordamos em trabalhar o dia todo, juntamente com o nosso gerente.

— Eu preciso de alguma coisa quente e doce. — Eu reconheci a voz de Joseph, dando sua ordem para Eve. Ele esfregava as mãos em suas luvas sem dedos, tentando aquecê-los. Seu casaco era emitido pela universidade e exibia seu nome. Seu gorro de lã, puxado sobre seus ouvidos, ostentava o nosso mascote.

Ela olhou para ele. — Eu vou precisar do *nome* da sua desejada *bebida,* senhor. — Veneno rolou de cima dela. Isso ia ser engraçado. Ou realmente doloroso. De qualquer forma, eu não poderia me acelerar e fazê-lo parar.

Joseph raramente entrava na loja de café, insistindo que era tudo completamente superfaturado e super comercializado.

Ele olhou para Eve outro lado do balcão. — Recomendações? Eu não estou familiarizado com todas as bebidas extravagantes que vocês têm. Como eu disse - Eu quero algo *quente* e *doce.* Eu não tenho tanta certeza se você é aquele a dar-me, no entanto.

— *Sério?* Essa é a sua frase?

Suas sobrancelhas inclinaram para cima e a boca torcida. — Querida, se você está esperando uma frase, você não vai consegui-la de *mim.* Você está muito, muito longe do meu tipo.

Eve balbuciou, furiosa. — Ah, então ‘eu quero algo quente e doce’ não significa nada?

— Hum, *não.* — Os olhos deles eram glaciais. — Isso significa que eu gostaria de uma bebida *quente,* ao contrário de uma fria, e eu gostaria de algo *doce* - como *com xarope nele.* Maldição. Você tem um colega de trabalho ou alguma coisa que eu poderia pedir isso? — Ele olhou e me viu, apertou os lábios.

— Lucas, caramba, me pegue alguma coisa... — Ele olhou para Eve — *quente* e *doce*.

— Mocha com caramelo soa bom?

Sorrindo, ele disse: — Diabos, sim - isso soa perfeito — Seu sorriso caiu quando ele olhou de volta para Eve, embora ele ainda estivesse falando comigo. — E obrigado por seu profissionalismo. — Eu fiz a bebida enquanto eu entreguei a conta e Eva tocou-o silenciosamente.

— Até a próxima semana, naquele show de Air Review, — ele disse, tomando o copo. — A irmã de Elliott está vindo para uma visita de uma semana depois, a propósito. Se você quiser se juntar a nós para jantar uma noite, eu posso mostrar o meu único amigo inteligente.

— Com certeza. — Eu ri. — Parece bom, Joseph.

Quando ele se foi, Eve olhou com raiva para mim e disse, sem inflexão: — Ele é gay, não é.

— Sim.

— E você ficou lá e me deixou me fazer de idiota...

— Eve, nem tudo é sobre você. — Bati um dedo para o nariz para diminuir as palavras duras. — Talvez você devesse descobrir isso. — Virei-me para lavar os jarros antes da próxima onda de clientes-finais nos inundar.

Ela bufou um suspiro, mas não respondeu.

Meu telefone tocou com mais um texto de Jacqueline, que tinha mais três exames entre hoje e sábado para o meu único: chinês no sábado? Eu preciso de algo quente e picante para celebrar o fim do semestre. Kung-pao, talvez? *

Wink * Após a troca anterior entre Joseph e Eve, eu ri em voz alta novamente. Jacqueline e eu tínhamos planos para comemorar em seu quarto do dormitório, depois que Erin partisse para as férias de inverno.

Eu: Eu acho que eu posso fazer quente e picante acontecer

Jacqueline: * ventilando * sim, por favor

— Então como é que você acabou tocando violoncelo? — Eu perguntei, cavando em minha caixa para um pedaço de brócolis. Estávamos sentados lado a lado no chão da sala do dormitório de Jacqueline, de costas para a cama.

— Pelo título de Pee-Wee futebol, — ela respondeu. Eu fiz uma careta, minha imaginação colocando-a em um uniforme de futebol, e ela riu. — Um dos nossos baixistas estalou a clavícula em um jogo, e nosso professor de orquestra implorou para um dos violinistas mudar. Eu me ofereci. Foi um bônus que minha mãe não estava feliz com isso.

— Portanto, o seu relacionamento com sua mãe - não tão boa, eu suponho?

Ela suspirou. — Na verdade, eu apenas disse a ela - sobre Buck. Sobre tudo isso. E ela *chorou.* Ela nunca chora. Ela queria vir aqui. — Um franzir na testa. — Eu lhe disse que estava bem, eu era forte, e eu percebi que eu era. — Ela inclinou a cabeça para trás contra sua cama, com o rosto voltado para mim. — Por causa de Erin - e você.

Minha mente sugeriu que eu não era o *bad-boy* que ela estava elogiando.

Eu derrubei um chapéu imaginário. — Feliz por estar em seus serviços, minha senhora.

Ela sorriu. — Ela está me fazendo uma consulta com seu terapeuta. No começo eu aceitei porque deu algo para ela fazer - alguma forma de ajudar. Mas quando eu pensei sobre isso, eu estava feliz. Quero falar com alguém sobre o que aconteceu. Alguém que possa me ajudar a lidar com tudo isso.

Nossos rostos estavam a centímetros de distância, e eu podia jurar que

ela parecia triste por *mim.* Talvez porque eu não tinha uma mãe. — Isso é incrível. Estou feliz que sua mãe estava lá para você.

Este não era o lugar onde eu queria ir esta noite. Eu tinha tão pouco tempo com ela.

— E quanto a você? Como você decidiu estudar engenharia? Quero dizer, você poderia ter se formado em arte, provavelmente.

Dei de ombros. — Eu posso desenhar quando eu quiser. Isso me acalma - sempre foi isso. Mas eu não quero fazer isso para ninguém, além de mim. Quanto a arte em tudo - eu não sou realmente um pintor, escultor, qualquer outra coisa. Considerar estreitar meus interesses em engenharia foi difícil. Eu queria fazer tudo.

Ela sorriu. — Então como é que você escolheu?

— Bem, habilidade e oportunidade. Eu realmente não tinha considerado ir para rota médica. Eu pensei que eu estaria projetando carros ou inventando coisas futuristas como hovercraft. Mas a oportunidade se apresentou quando o Dr. Aziz me pediu para me candidatar, então eu estou no jogo.

Eu rolei através da minha lista do iTunes para a lista que eu queria que ela ouvisse e lhe entreguei ambos os fones de ouvido. Sem surpresa, ela estava emocionalmente em sintonia com a música como ninguém que eu já tinha conhecido - uma faixa subterrânea de sentimentos refletidos em seus olhos quando ela olhou para mim, ouvindo. Eu me inclinei para beijá-la, e então a peguei, coloquei-a na cama e estiquei ao lado dela, um braço sob a cabeça, o outro plano em seu abdômen.

Quando escovei um dedo sobre seu ouvido, ela tirou um fone de ouvido e entregou-o para mim. Eu marquei na lista de reprodução uma música que eu tinha descoberto pouco antes de eu ter a minha última tatuagem - agora quatro linhas inscritas no meu lado, um poema composto por minha mãe artística para o homem analítico que a amava. A canção tinha provocado a memória de suas palavras, então eu procurei no sótão para seu caderno de poesia, na próxima vez que eu estava em casa. Copiei as linhas e as levei para Arianna, e ela acrescentou

o poema para a tela que era meu corpo, há dois anos.

O amor não é a ausência de lógica
mas a lógica analisada e recalculada
aquecida e curvada para caber
no interior dos contornos do coração

Nossas mãos começaram a vagar uns sobre os outros - meus dedos deslizando sob sua camisa quando eu a beijei. Ela me alertou que Erin poderia voltar a qualquer momento - aparentemente sua colega de quarto ainda não tinha partido para as férias de inverno. Algo a ver com um namorado que estava tentando reconquistá-la.

— Por que eles se separaram? — Eu perguntei.

Eu peguei o peito dela, prestes a procurar o fecho - frente ou atrás, desta vez?

— Por minha causa, — ela disse, e eu congelei. — Não dessa forma. Chaz era... o melhor amigo de Buck. — O corpo dela ficou todo rígido, apenas falando o nome dele, e eu a puxei para perto.

Buck deveria ter ido embora, e provavelmente não estaria de volta no próximo semestre - certamente não se Charles tivesse alguma coisa a ver com isso. Ele conhecia alguém no comitê disciplinar, e eu tinha certeza que ele ia cobrar cada favor que podia.

— Eu nunca te disse sobre a escada, não é? — Jacqueline disse então.

Eu fiquei tão tenso quanto ela. — Não.

Ela engoliu em seco. — Cerca de um mês atrás, todas as máquinas estavam cheias no meu andar, então eu fui até o segundo andar para ver se eles tinham quaisquer máquinas livres. — Sua voz era tão baixa que eu não poderia mudar de posição e ainda ouvi-la. — No caminho de volta para cima, Buck me pegou na escada. Ele ameaçou... — Ela engoliu em seco novamente, duro, e partiu para o espaço em branco para preencher minha mente. — Então eu disse: “No meu quarto”. Eu pensei que se eu pudesse levá-lo para o corredor, as pessoas estariam lá e eles me ouviriam dizer-lhe para sair e que ele teria que ir.

Eu estava segurando-a com muita força. Registrei isso, mas meus músculos tinha solidificado. Eu não conseguia soltar o meu domínio sobre ela.

— Havia cinco pessoas no corredor. Eu disse-lhe para sair. Fiquei furiosa quando eu descobri o que ele tinha feito. Ele fez parecer que tínhamos feito aquilo na escada. E a partir dos olhares nos rostos de todos no salão... das histórias que criaram... eles acreditaram nele.

Ele não entrou em seu quarto. Mas ele colocou as mãos sobre ela. E ele a assustou. *Novamente.*

Eu senti a raiva insuportável e impotência protetora e não sabia o que fazer com ela. Eu não queria machucar Jacqueline, ou assustá-la, mas eu não sabia o que fazer com a raiva borbulhando dentro, ameaçando transbordar.

Eu a empurrei para suas costas e beijei-a, apertando um joelho entre as pernas dela. Senti sua luta e meu cérebro gritou *QUE PORRA VOCÊ ESTÁ FAZENDO*. Tentei puxar para trás - mas suas mãos, se libertaram de entre nós, agarrando no meu cabelo e segurando firme, e ela abriu a boca, me puxando para dentro e me beijando de volta tão forte.

Estremeci, amando-a, amando-a tanto que eu mal conseguia respirar. Querendo saber se era assim que era suposto sentir amar alguém ou se eu estava todo fodido e incapaz de amar corretamente, porque tudo o que eu sentia era isso, insana necessidade impreenchível, este buraco negro vazio dentro da minha alma. Eu estava quebrando em suas mãos, desintegrando em nada.

Eu tinha que parar. Isso tinha que parar. Dei a ela o que ela queria, o que ela precisava - e eu estava em pedaços a seus pés. Como ela não podia ver? Eu não conseguia jogar este jogo mais. Eu tinha que salvar o pouco de mim que permaneceu.

Eu queria tirar sua roupa e possuí-la uma última vez. Abrir suas pernas e adora-la. Fazê-la chorar meu nome e estremecer debaixo de mim. Eu queria fingir, mais uma noite, que eu poderia pertencer a ela. Que ela poderia ser minha. Eu estava em cima dela, beijando-a, e sabia que não iria acontecer. Sua colega de quarto voltaria a qualquer minuto, e isso era bom. Não haveria

preenchimento do espaço que eu queria que ela enchesse.

Nós diminuímos, deitados lado a lado, e eu comecei a compor minhas falas de saída.

Em seguida, ela perguntou sobre o Hellers, e meus pais, e eu me virei para as minhas costas e respondi suas perguntas.

E então — Como era sua mãe?

— Jacqueline - disse eu, quando chave de Erin atingiu a fechadura.

Levantei-me quando ela entrou, e Jacqueline seguiu. Erin tentou fazer como se ela tivesse roupa para fazer, mas eu disse: — Eu estava de saída, — atando minhas botas de trabalho preto e desejando que eu tivesse usado meu velho Noconas para que eu pudesse enfiar meus pés e ir embora.

— Amanhã? — Jacqueline disse na porta, braços abraçando-se.

Eu fechei o meu casaco e disse: — É oficialmente férias de inverno. Nós provavelmente deveríamos usá-lo para fazer uma pausa um do outro também.

Ela recuou, atordoada. Ela me perguntou por que, e eu fiquei todo lógico, sem emoção - ela estava deixando a cidade e eu estaria, também, pelo menos por alguns dias na semana do Natal. Ela ainda tinha que arrumar as malas, e Charles precisava de ajuda para ter as notas postadas – o que era mentira, mas ela não tinha nenhuma maneira de verificar isso e eu sabia disso.

Eu disse-lhe para me deixar saber quando ela estava de volta na cidade, e me inclinei para beijá-la - um beijo rápido e abrangente. Nada como ela merecia. Nada do que eu sentia. Eu disse adeus e fui embora.

24

Landon

Eu sabia que não era o único aluno na escola sem um computador, mas sentia dessa maneira. Eu costumo logar na biblioteca, ou durante o meu laboratório de programação, ou pelo de Hendrickson. Eu não tive laboratório ou horas de trabalho hoje, então eu estava usando o computador pré-histórico na garagem de Wynn.

— Compre um laptop barato já, — Boyce incentivou. — Você trabalha todo o maldito tempo, então eu sei que você tem dinheiro, e eu com certeza sei que você não está fumando ou injetando mais.

Depois de puxar para cima o local onde eu esperava que minhas notas do SAT finalmente materializassem, eu esperei o computador bufar o seu caminho para a página de login, onde eu bati minha senha. Boyce vigiava para qualquer sinal de seu pai através da janela da placa de vidro, a partir de impressões digitais sujas, pedaços de fita Scotch, manchas de sabe-se lá o que e décadas de ninguém pensando em comprar um limpador de vidros.

— Poupar para a faculdade. — Eu dei a desculpa que eu usei toda vez que se recusei a gastar dinheiro em algo. — E eu nunca injetei.

— Sim, sim. — Ele apertou meus bíceps. — Seus grandes duros, braços virtuosos só são reservados para agulhas de tatuagem.

Eu dei de ombros dele. — Cale a boca, cara...

Pontuações quase inatingível no SAT era minha única esperança de raspar minha bunda para faculdade. Nem mesmo um 4.0 este ano seria o suficiente. Eu tinha feito uso de cada pré-teste on-line gratuito e cada guia de estudo na biblioteca durante os últimos oito ou nove meses. Se a minha pontuação neste vestibular maldito não fosse ridiculamente alto, eu estava

ferrado, e não haveria corda para Heller puxar que poderia mudar esse fato.

Eu bati entrar, a tela piscou várias vezes, e, em seguida, lá estavam eles: os números que determinavam o meu futuro. Sentei-me para trás na cadeira, olhando, a minha frequência cardíaca arremessando mais alta.

Eu tinha feito isso.

— Noventa e oito por cento? — As sobrancelhas de Boyce arquearam e ele piou. — Isso quer dizer que o que eu acho que isso significa? Merda, cara. Eu sabia que você era um cérebro, mas *Santa Porra.* — Ele pegou meus ombros e sacudiu-os, rindo. Boyce era a única pessoa - Heller de lado - que sabia o quanto eu queria este escape. Quanto eu precisava. — Cara, você fez isso.

Eu balancei a cabeça, ainda atordoado.

— Oh, cara. — Ele me empurrou. — Isto *é uma porcaria.* Vou estar preso nessa cidade porcaria enquanto você corre e fode toneladas de *meninas da faculdade.*

Eu balancei a cabeça e sorri. Deixei isso para Boyce, focar na única parte da faculdade que poderia ter apelado para ele.

Tardiamente, ouvimos uma porta de caminhão bater. — Merda, — dissemos em uníssono.

O sino sobre a porta tocou logo depois que eu limpei o histórico, desliguei o computador, e sai correndo da cadeira, mas o pai de Boyce não era um completo idiota.

— Vocês idiotas estão olhando pornografia novamente no *meu computador?* — Ele rugiu, nem mesmo à espera que a porta se fechasse atrás dele. Poucos cabelos ficaram em linha reta em cima de sua cabeça, como se tivesse recebido um choque elétrico.

Tecnicamente, só tínhamos visto pornografia em seu computador uma vez, embora eu tivesse certeza de que Boyce ainda fez sempre que podia. Chegamos a um acordo tácito que vê-lo juntos era muito estranho.

— Nós estávamos olhando as pontuações dos exames universitários, — disse Boyce, acompanhando os movimentos de seu pai. Eu nem sequer sabia

como ele poderia encadear aqueles palavras.

— Mentiroso saco de merda, — Sr. Wynn rosnou, se lançando. Nós deslizamos para fora do seu caminho, Boyce abaixando do punho que voou em sua cabeça, sem entusiasmo, da maneira que você acena com a mão para uma mosca para espantá-la afastado. Seu pai nos amaldiçoou todo o caminho para fora da porta.

Boyce e eu tínhamos nos conectado pelos pais defeituosos e mães ausentes, mas as linhas eram paralelas, mas bem longe. Seu pai era um merda abusivo, onde o meu era silencioso e distante. Sua mãe deixou seu pai - e seus dois filhos - quando ele era quase demasiado jovem para se lembrar dela. Ele nunca parecia segurá-la contra sua deserção. *Teria abandonado a sua bunda, também, se eu fosse ela*, era tudo o que ele já tinha dito sobre isso.

— Hora de comemorar, meu homem. — Ele me guiou para o Trans Am, quando seu pai o amaldiçoou a partir da porta da loja.

— Horário de saída é as *seis*! — Ele berrou, ignorando o fato de que ele tinha fechado por duas horas no meio da tarde para visitar a “amiga” na próxima cidade - uma pessoa que Boyce e eu não estávamos certos que existia. Como era possível qualquer mulher achar Bud Wynn atraente estava além de nossa capacidade de imaginação. — Seu pedaço inútil de...

Nós batemos as portas, fechando todo o discurso familiar e Boyce girou a chave, inflamando o aparelho de som, enquanto eu a contragosto reconheci a sorte da mudez do meu pai.

LUCAS

Jacqueline estaria indo para casa em dois dias. O espaço entre nós foi magnetizado - eu não conseguia pensar em outra maneira de descrevê-lo. Eu lutei contra o puxão para dela a cada segundo das últimas vinte horas. Eu sabia exatamente onde ela estava, e eu queria estar lá. Eu esperava que uma vez que

ela tenha ido embora, uma vez que ela estivesse mais longe de mim, iria obter uma trégua.

Carlie e Caleb estavam no meu apartamento, jogando videogame. Eles estavam na zona - aquela em que a escola tinha recesso por duas semanas, e não há nada além de comer e dormir tarde e receber presentes, tanto quanto você pode ver - Devido aos dezesseis e onze anos, você não pode ver tão longe. Você acha que pode... mas você não pode.

Eu não posso dizer que a perspectiva deles era contagiante, mas era divertido de assistir.

Houve uma batida na porta, mas eu não estava esperando ninguém. Antes que eu pudesse pensar, Carlie se levantou e abriu a porta.

— Quem é, Carlie? — Levantei-me, indo para o bastão. — Não apenas abra a porta...

— É uma menina, — disse ela, revirando os olhos grandes e escuros.

Uma menina? Que garota? Carlie abriu a porta. — Jacqueline? — Eu disse desnecessariamente, porque *é claro* que era Jacqueline, mostrando-se depois que eu disse adeus a ela. — O que você está fazendo aqui?

Ela virou-se para descer as escadas e sem pensar sai e estiquei para apertar seu braço. Seu impulso do punho virou diretamente para o ar. Agarrei-a com as duas mãos e puxei-a para o meu peito, meu coração parando, reiniciando, acelerando e batendo como um motor de trem. Quando ela se contorceu como se quisesse se soltar, eu percebi que uma menina bonita tinha batido em minha porta.

— Ela é Carlie Heller, — eu murmurei, inclinando-se para seu ouvido. — Seu irmão Caleb está lá dentro, também. Estamos jogando videogames.

Ela balançou em mim, professando desculpas desnecessárias no meu peito.

A última coisa que eu podia sentir, segurando-a em meus braços era arrependimento. — Talvez você não devesse ter vindo sem me dizer, mas eu não

posso dizer que estou triste ao vê-la.

Eu a confundia. Isso era óbvio o suficiente. Eu forneci algumas desculpas não plausíveis tentando protegê-la com esta separação, e meu cérebro zombou -*mentiroso* - enquanto ela me disse que não fazia sentido.

— A menos que... você não quer, — disse ela.

A menos que eu não quero? Meu corpo inteiro estava preparado para se revoltar se eu lhe permitisse sair daqui pensando que eu não a queria. Enfiei ambas as mãos no meu cabelo.

— Brrr! Vocês estão vindo, ou o quê? — Carlie disse atrás de mim. — Porque eu estou fechando a porta.

Jacqueline estava tremendo, e eu estava de pé no corredor do lado de fora com os pés descalços no meio de dezembro. Capturei sua mão na minha e trouxe-a para dentro, me recusando a considerar o sorrido de cem watts de Carlie. Ela voltou para o seu canto do sofá, onde Francis se permitiu ser levantado e reposicionado em uma maneira que ninguém mais no planeta sem sibilar e arranhar.

Caleb, reclamando sobre a pausa porque ele estava detonando a bunda de Carlie e a minha, fez um comentário grosseiro e teve uma cotovelada de sua irmã enquanto eu coloquei Jacqueline no meu canto do sofá. Depois de fazer apresentações, eu me sentei no chão na frente dela e perguntei o que diabos faria agora. Um território inexplorado - é o que aquilo era. Eu tinha dado todos os motivos para deixá-la ir, e ela não estava fazendo isso.

Minutos depois, Carlie, determinada a ir com tudo de acordo com seus caprichos românticos, piscou para mim e empurrou seu irmão por todo o quintal, se ele queria ir ou não. Eu tranquei a porta atrás deles e me virei para me inclinar contra ela.

— Então eu pensei que nós dissemos que estávamos em uma pausa? — Eu disse.

— *Você* disse que nós estávamos fazendo uma pausa. — Ela ainda estava irritada.

Lembrei a ela que ela tinha que sair até terça-feira de manhã - a universidade tinha decretado intervalo, depois de tudo - e ela admitiu.

Eu olhava para o chão, sabendo muito bem o que eu tinha com ela. Eu tinha que dizer a ela. Eu tinha que colocar tudo lá fora, porque ela tinha entendido tudo tão errado. Eu me protegi muito bem. Para que ela não pudesse ver bem a verdade.

— Não é que eu não quero você. Eu menti, antes, quando eu disse que eu estava te protegendo. — Meus olhos subiram para o dela enquanto ela estava sentada, em silêncio, ainda enrolado no canto da minha cama. Tão impossível, tão bonita. — Eu estou protegendo *a mim mesmo.* — Minhas mãos apoiadas contra a porta, e eu forcei para fora a coisa que eu temia, e o desejo de que tinha esperado seu tempo, esperando para me esmagar. — Eu não quero ser seu estepe, Jacqueline.

Seus pensamentos eram legíveis, mesmo a partir desta distância. Ela não tinha certeza de como eu sabia, mas ela viu que eu fiz. Eu esperava que ela tentasse explicar que ela se importava comigo - porque eu sabia que ela faz. Eu esperei que ela argumenta-se que só não estava pronta agora, a alegação de que ela estava me dando o que podia, para perguntar por que eu não poderia estar satisfeito com isso.

— Então por que você está assumindo este papel? — ela disse em vez, levantando-se e cruzando o tapete, com os olhos nos meus, inabalável. — Não é o que eu quero, também.

Aceitei seu corpo, empurrando para o meu espaço como se ela tivesse empurrado para dentro do meu coração. Ela derrubou o muro entre nós, até que entrou em colapso e virou pó em meus pés.

— O que eu vou fazer com você? — Eu perguntei, colocando as palmas das mãos no rosto dela, e ela disse que poderia pensar em algumas coisas. Recusando-me esperar para descobrir o que essas coisas eram, fui buscá-la e levei-a para a minha cama.

Eu amava as bobas botas peludas dela. Elas saíram.

Eu amava top de malha com redemoinhos de rosa e branco dela, como uma aquarela pôr do sol que minha mãe tinha pintado na praia do avô quando eu era muito pequeno. Ele saiu, também.

Eu amava o aconchegante jeans abraçando as curvas dela que não poderia simplesmente deslizar para baixo de seus quadris - eles tinham que ser puxados enquanto ela se mexia. Eu puxei. Ela mexeu. Eles saíram tão bem.

O sutiã e a calcinha eram suaves como seda e combinando o tom de sua pele. Fecho frontal. Sutiã fora. O último pedaço fino de tecido cobria a parte dela que eu queria provar, em breve. Calcinhas, foram.

Ela deitou-se no centro da minha cama, nua, e eu estava completamente vestido, mas com os pés descalços. Eu estava de pé, olhando para ela, prolongando o momento. Ela se contorcia, seu peito subindo e descendo, as mãos amassando o edredom debaixo dela.

Alcancei para puxar a minha T-shirt de mangas compridas tirando, sem pressa. O contorcer aumentou quando eu deslizei meus braços nas mangas, flexionando-os. Eu penteei o meu cabelo para trás do meu rosto e respirei com calma, como um leve toque no freio. *Lento. Devagar.* Minhas calças jeans surradas foram - eu não desgastei estes, porque eles sempre pareciam ameaçados a em desintegração espontânea. Rasgado em três ou quatro lugares, ao redor das bainhas desfiadas, as costuras, e na cintura, pendurado em meus quadris. Um botão, desfeito. Dois.

O peito de Jacqueline subia e descia, subia e descia, os punhos cheios de seus seios exuberantes que eu queria sentir em meu peito, contra as palmas das mãos e dedos das mãos e rosto, enquanto eu chupava aqueles duros, bicos de seixos.

Como se eu tivesse dito isso em voz alta, ela gemeu baixinho.

— Em breve, baby, — eu sussurrei.

No terceiro botão, eu poderia ter empurrado o jeans para baixo - eles eram soltos o suficiente. Fiz uma pausa. Ela arfava. O quarto botão. Eu empurrei o jeans para baixo e sai deles. Seus olhos passavam sobre tudo em mim. Ela

lambeu os lábios. *Sim.* Suas mãos apertadas, com os punhos apertados em seus lados. Um joelho subiu inquieto.

Boxers para baixo e fora.

Ela começou a se levantar, mas eu apontei para ela e balancei a cabeça. *Fique. Lá.* Lendo o comando silencioso nos meus olhos, ela deitou-se, mordendo o lábio.

Eu levei a minha carteira da mesa atrás de mim e retirei o preservativo, rolei-o. Um joelho no pé da cama. Sua pele macia era uma festa, e eu queria devorá-la. Ela abriu as pernas, apenas o suficiente para me receber. Eu queria deslizar a ponta da língua de seu tornozelo para a coxa dela, lambendo e traçando um curso sem pressa, torturante. Eu queria sentir o gosto dela, mas isso teria que esperar, porque eu tinha que possuí-la. *Agora.* Arrastei-me para frente, meu corpo tremia de ansiedade, assim como o dela estava.

Quando me levantei em cima dela, ela chegou para mim e fiz uma pausa, olhando em seus olhos, e então balancei dentro dela, totalmente. Seus braços cercando meus ombros, os dedos segurando o cabelo na minha nuca enquanto ela gritava. Varrendo a minha língua pela boca, beijei-a, segurando-me parado. *Minha,* pensei. *Sua*, seu corpo respondeu. Comecei a mover-se, e ela segurou firme, cantarolando e gemendo, chorando e me puxando para dentro, em todos os lugares que eu queria dentro. Ela se desfez segundos depois e eu mergulhei minha língua em sua boca, acariciando-a profundamente e engolindo seu prazer, tornando-se meu. Rosnei o nome dela, tremendo, e arrastei-a comigo, quando eu desmoronei ao seu lado.

Eu te amo, eu pensei, mas não ouvi nada em troca.

Seus dedos se moviam sobre as pétalas tatuadas no meu coração.

— O nome da minha mãe era Rosemary. Ela ia por Rose. — Olhei para o teto.

— Você fez isso em memória dela?

Eu balancei a cabeça contra o travesseiro. — Sim. E o poema do meu lado esquerdo. Ela o escreveu - para o meu pai.

Seus dedos traçaram o poema, e eu tremi. — Ela era uma poeta?

— Às vezes. — O rosto da minha mãe sorriu para mim - uma memória agora que eu não poderia colocar. Agarrei-me a tudo o que eu poderia dela. — Normalmente, ela era uma pintora.

Jacqueline fez um comentário sobre os *genes de artistas* e *peças de engenharia* que me compunham, e eu ri com essa perspectiva, perguntando em voz alta, quais eram as peças de engenharia.

Ela perguntou se eu tinha alguma das pinturas de mamãe. Eu disse a ela que algumas estavam penduradas no lugar dos Heller, uma vez que costumavam ser tão próximos. Gostaria, talvez, mostrar-lhe. Outras estavam armazenadas no sótão dos Heller ou papai.

Ela começou a me questionar sobre sua amizade, e no começo eu pensei que ela estava apenas curiosa sobre o relacionamento de longa data entre os Hellers e os Maxfields.

— Estavam todos *muito* perto – antes.

Antes era uma palavra simples, e nunca poderia expressar tudo quando eu tinha perdido o meu cronograma dividido em dois, me lançando em um *depois* que eu nunca iria escapar. Que eu não poderia chegar através da cortina, sempre, e ver minha mãe como ela era. Tocá-la. Ouvir a voz dela do jeito que deveria ter sido.

— Lucas, eu preciso te dizer uma coisa, — disse Jacqueline, e havia um tenor desconfortável para sua voz. Virei a cabeça, observando seu rosto enquanto ela me dizia que havia sido curiosa e tinha procurado obituário on-line da minha mãe.

Eu sabia muito bem o que tinha encontrado. O pesadelo do qual eu nunca poderia acordar. Meu coração ficou como pedra fria, e eu mal podia respirar. — Será que você encontrou a sua resposta?

— Sim, — ela sussurrou.

Piedade. Isso é o que eu vi em seus olhos. Deitei-me, olhos ardendo quando eu pensava dos artigos das notícias que ela deve ter lido. Eu me

perguntei se ela tinha vasculharam os fatos para ver minha parte. Minha culpa.

Eu me preparei, tentando chegar a um acordo com isso. Ninguém fora dos Hellers e papai conheciam os detalhes. Eu nunca tinha falado com ninguém. Eu não podia suportar pensar nisso - como eu poderia falar sobre isso?

Então eu peguei o que ela tinha acabado de dizer - de que ela tinha falado com Charles.

— *O quê?*

— Lucas, eu sinto muito se eu invadi sua privacidade...

— *Se?* Por que você foi falar com ele? As reportagens revoltantes não tinham detalhes o suficiente para você? Ou pessoal suficiente? — Eu atirei para fora da cama e puxei minha calça jeans, minha voz como gelo, como uma navalha, cortando minha pele. Meus pulsos queimados. Eu não sei o que eu disse a ela e que eu fiz - os detalhes que eu nunca tinha pronunciado em voz alta. Não importava. Ela sabia todos eles.

Sentei-me, cabeça em minhas mãos, lutando para respirar, revivendo-o - *Por favor, Deus, não...*

Um ruído distante acordou-me, mas eu rolei de volta, chutando fora do lençol. Estava quente, mas com preguiça de me levantar e ligar o ventilador de teto. Eu estava de lado, olhando pela janela para o quintal, pensando sobre Yesenia, e o fim de semana. Eu segurava sua mão. Beijava-a, talvez, se eu pudesse ficar sozinho com ela. Se ela me deixasse.

Deus, estava quente. Eu cai sobre as minhas costas. Ter treze era como ser um forno. Eu queimava alimentos e energia como uma chama sugando oxigênio. *Você vai comer-nos para fora de casa pelo tempo que você tiver quinze anos!* Assistia minha mãe me dizer enquanto ela me via terminar as sobras que ela tinha intenção de reaquecer para o nosso jantar. Nós tínhamos pedido para viagem em seu lugar. Ela não queria o dela, assim que eu terminei, também.

Ouvi o barulho de novo. Mamãe provavelmente estava acordada. Ela rondava em torno da casa às vezes quando meu pai se ia, sentindo falta

dele. Devo ir checá-la... O meu relógio marcava 4:11. *Ugh.* Quatro horas até que eu iria ver Yesenia. Eu poderia acordar cedo, ir para a escola cedo. Talvez eu iria pegá-la sem todos os seus amigos rindo, e nós poderíamos falar sobre... algo. Tal como o meu próximo jogo. Talvez ela quisesse vir me ver jogar algum dia.

Virei apenas quando alguém se inclinou sobre mim. Pai? Mas ele estava fora da cidade.

Empurrado para fora da cama, eu tropecei. Algo foi empurrado em minha boca quando eu a abri para gritar – eu engasguei e não poderia fazer um som ou cuspi-lo. Eu golpeei e chutei, mas não conseguia me soltar. Não foi possível mover os pulsos. Eu fui empurrado de joelhos ao pé da cama, e então ele tinha ido embora. Eu tentei levantar, correr, pegar meu telefone para discar 911, mas eu estava preso.

Meus pulsos estavam amarrados. Esforcei-me para raspar a ligação frouxa com as minhas unhas, mas era muito apertado. Plástico. Era *plástico.* Eu puxei contra a restrição, mas não se mexeu. Tentei rodar minhas mãos para ver se eu poderia girá-los livres, ou dobrá-los e torcê-los livres, como Houdini, mas o plástico só cortava em meus pulsos. Minhas mãos eram muito grande. Mamãe disse que minhas mãos e pés eram como pés grandes e flexíveis de um filhote de cachorro que seria um cão extremamente grande.

De seu quarto no fim do corredor, minha mãe gritou. Eu congelei. Ela chamou meu nome. — Landon! — Houve um estrondo e um baque e eu me esforcei mais, não se importando se isso machucava. Eu não pude responder. Eu não podia dizer a ela que eu estava indo. Minha língua empurrou contra o pano na minha boca.

— O que você fez com ele? *O que você fez com ele? LANDON!*

Foram mais palavras, o som de uma bofetada - uma palma da mão aberta contra a pele nua, mais gritos, e os ouvi todos, havia um zumbido nos meus ouvidos e meu sangue e meu coração batendo sibilante. Ela estava chorando. — Oh, Deus. Deus. Não faça isso. Não. *Não-não-não-não-não!* — Gritando. — *NÃO! NÃO-NÃO-NÃO!* — Chorando. — *Landon...* — Eu puxei

com mais força, puxando a cama comigo, todo o caminho até a porta, apoiando meus pés contra o chão, minhas pernas esforçando. A cama correu para o armário, preso contra a parede. Eu não conseguia sentir minhas mãos.

Eu não podia ouvi-la mais. Eu não podia ouvi-la. O pano na minha boca finalmente se soltou. — *Mãe! MÃE!* — Eu gritei. — *Não toque nela! MÃE!* — Meus pulsos estavam em chamas. Por que não fui forte o suficiente para quebrar estas estupidas bandas de plástico? Eu gritei até que eu estava rouco e não parava de gritar.

Tiro.

Eu parei de respirar. Minhas pernas tremiam. Meu peito tremeu. Eu não conseguia ouvir nada além do meu coração. Meu sangue. Minhas grandes lágrimas engolidas. Meu choro inútil. — Mamãe... Mamãe...

Eu vomitei. Desmaiei. O sol apareceu. Os meus pulsos e braços estavam cobertos de sangue. Os laços de plástico em meus pulsos estavam cobertos de sangue. Estava tudo marrom, seco, coçando.

Chamei pela minha mãe, mas eu gritei muito. Um arranhão veio da minha garganta, nada mais. Inútil. Eu era inútil. Porra, porra, porra inútil.

Você é o homem da casa enquanto eu estiver fora. Cuide de sua mãe.

— Você quer que eu vá embora? — ela disse.

— Sim, — eu respondi.

25

Landon

O número de pessoas na minha turma era quarenta e três.

Isso poderia facilmente ter sido número quarenta e dois. Eu tinha sido um dos projetos desistentes desde o primeiro dia de escola. Antes disso, provavelmente. Nesta cidade, não havia tal coisa como um novo começo; nós carregamos nossas histórias ano para ano, como listas de impedimentos fixados em nossas camisas. A única razão que eu cruzei esse piso do ginásio em um boné e um vestido era o homem na terceira fileira da arquibancada, sentado ao lado de meu pai.

Meus colegas e eu entramos pela porta lateral quando a nossa banda - menos os membros mais velhos - tocaram o processional. Sentados em um cluster de cor azul royal, nós olhamos quando Sra. Ingram, nossa estimada diretora, assegurou-nos de nossos futuros brilhantes e reluzente. Eu sabia que ela estava cheia de merda, e por isso suas afirmações otimistas também eram. Olhei para as duas linhas na vertical entre os olhos dela permanentes de décadas de olhares hostis a alunos inaceitáveis. Essas linhas fez seu sorriso de discurso de graduação parecer sinistro.

Muitos dos meus colegas com lavagem cerebral - aqueles que tinham notas quase perfeitas desde que aprenderam a imprimir seus nomes – eles pensaram que iam pular para a faculdade no outono e ir tão bem, tão facilmente. Idiotas delirante. Meus cursos da oitava série da escola preparatória eram mais difíceis do que a coisa mais exigente daqui. Chegar em uma boa escola não era ganhar na loteria. Estava ganhando o direito de trabalhar sua bunda para fora para os próximos quatro anos.

Como oradora oficial, Pearl fez o discurso esperado sobre

oportunidades e escolhas e tornar o mundo um lugar melhor - ela realmente usou essa frase: *tornar o mundo um lugar melhor.* Como um dos dez por cento de nossa classe - quatro pessoas - ela ganhou admissão automática na universidade estadual de sua escolha, enquanto eu raspei na admissão probatória, para o mesmo campus que ela escolheu. Eu gostava de Pearl mais do que eu gostava da maioria das pessoas sentadas em torno de mim, e eu não tinha dúvidas de que ela sabia como trabalhar duro. Eu só esperava que ela não estivesse apostando em melhorar o mundo.

Na segunda página do programa de graduação, o meu nome foi listado na parte inferior da primeira coluna. Meu nome era o ponto médio alfabético da minha classe - estudante de número vinte e dois de quarenta e três. A colocação era boa. Quanto quase todo mundo aqui estava preocupado, eu estava na média. Medíocre. Não excepcional, mas não um completo fracasso, apesar de alguns - como a diretora Ingram, acreditava que permaneceria para ser visto.

Quando meu nome foi chamado, eu cruzei o piso de carvalho gasto na frente da banda, olhando por cima do ombro da minha diretora para o peixe gigante - nosso mascote renovado - sendo descrito nos mínimos detalhes na parede distante. Em forma de mascote, sua expressão era para parecer agressivo, com a intenção de ganhar, mas a sério apenas parecia um estúpido peixe puto.

Eu tinha estado determinado a atravessar o palco olhando para a puta que tinha feito a minha vida um inferno por quase quatro anos. Para mostrar a ela que ela não tinha me quebrado, ou não era verdade.

Então, acima da multidão aplausos e ruídos obrigatórios, ouvi o rugido forte de Cole — *LANDOOON,* — o grito alegre de Carlie e assobio cortante de Caleb.

— Ele estava fodidamente praticado essa *semana toda*, cara, — Cole me disse esta manhã, quando Caleb me mostrou sua ensurdecedora habilidade menos de cinco minutos após os Hellers chegarem. — A única razão pela qual a mamãe não o teve amordaçado é porque ele é uma criança. Se fosse comigo, eu estaria ferrado.

O reinado de minha diretora sobre mim acabou. Após este momento, ela não podia me tocar.

Estendi a mão para o diploma com uma mão e balancei a mão fria dela com a outra, como fomos instruídos a fazer. Eu olhava para a câmera, ignorando o apelo do fotógrafo para sorrir. Um clarão ofuscante depois, eu deixei cair a mão, afastando-me sem nunca fazer o contato visual.

Ela já não importava.

Quando eu deixei cair de volta no assento dobrável de metal entre Brittney Loper e PK Miller, eu levantei um olhar furtivo para meus colegas. Fora dos quarenta e três, trinta e um estariam saindo para a faculdade em três meses. Alguns poderiam tentar para líder de torcida ou beisebol ou rastrear e descobrir que eles não eram mesmo bons o suficiente para alguma faculdade merda de segunda mão. Alguns se imaginavam no campus de estudantes onde eles chegam como um dos milhares de ninguéns. Eles seriam uma das centenas de calouros durante a semana de calouros, desesperados por um grupo de pares definido.

Alguns poderiam descobrir e aprender a sobreviver. Alguns poderiam falhar, e alguns voltariam a esta cidade com o rabo entre as pernas.

Eu com certeza não seria um desses.

Doze dos meus colegas graduados planejavam permanecer aqui, tomar ou manter postos de trabalho no varejo ou turismo ou pesca ou drogas. Eles iriam se casar e engravidar - de preferência nessa ordem, mas não necessariamente.

Sua desova iria frequentar as Escolas, que os transformaram para a vida adulta após treze anos sem nada para mostrar para ele, exceto um diploma quase inútil. Daqui a dez anos, talvez cinco, alguns deles iriam pedir por que porra eles foram para a escola - por que eles trabalhavam através de álgebra, ginásio, literatura e banda. Eles querem uma resposta, mas não havia uma.

— Maxfield. — Boyce Wynn me jogou uma lata do refrigerador, molhado de derretimento do gelo. Seu nome era o último nome a ser chamado

esta tarde, o último grau que Ingram apresentava com ressentimento. Ele ficaria aqui, fingindo que este golfo era o oceano, esta cidade o seu reino. Trabalhando para o seu pai na garagem, festas na praia ou dirigindo até a cidade para uma mudança ocasional de ritmo... Não muito mudaria para Boyce.

— Ei, Wynn.

Ele apertou minha mão e se inclinou para frente, até que esbarrou nossos ombros - um ritual de Olá e muito longe do dia em que batíamos a merda profano de ambos - e, em seguida, nos tornamos amigos. Meu rosto ainda tinha uma cicatriz do baque sólido de seu punho, e ele carregava seu irmão gêmeo no canto do olho do meu.

— Estamos fora, cara. — Ele ergueu sua lata para o céu, como se ele fosse um running back com uma pele de porco, saudando a Deus por um touchdown milagroso. Ele baixou-o e tomou um longo gole. — Nós estamos *livres*. Foda-se a escola. Foda Ingram. Foda-se aquele peixe.

Risos subiram de alguns transeuntes - homens mais jovens com um ou dois anos para ir. Um deles repetiu, — Foda-se aquele peixe, — e riu. Tentei não imaginar o possível graffiti.

Boyce olhou para a praia para a borda externa do círculo. — E foda-se as cadelas, homem, — ele acrescentou, mais calmamente. Eu sabia qual o sentido que seu olhar visava, e quem. Ele era uma das poucas pessoas que conheciam a verdadeira história de Landon Maxfield e Melody Dover.

O tempo pode ser um seletivo idiota sobre quão rápido ele cura. Dois anos atrás, eu senti a dor da humilhação sempre que ouvia o nome dela ou olhava para ela. Eu não tinha perdoado e eu malditamente certo não tinha esquecido, mas no momento em que Clark Richards a largou para sempre - a noite antes dele sair da cidade para a faculdade há nove meses - eu já não dava a mínima.

— *Merda.* — Boyce ecoou meu último pensamento e xingou a areia debaixo dos nossos pés, apenas alto o suficiente para eu ouvir. — Pearl e Melody, vindo para este lado. — Pearl Frank era o próprio demônio pessoal de

Boyce, ainda.

Eu balancei a cabeça uma vez, grato pelo aviso.

— Ei, Landon. — A fala doce de Melody e a unha passando pelo meu braço nu me fez estremecer. Como poderia essas duas coisas já sentiram como o ar em meus pulmões?

Olhando para o lado, eu bebi metade da cerveja antes de responder. — Srta. Dover.

Ela riu e colocou uma mão pequena, macia no meu antebraço, como se as minhas palavras fossem tímidas em vez de desprezo, como se ela estivesse me incentivando a continuar. Eu me perguntei se ela tinha esquecido o que significava continuar comigo. Fiquei olhando em seus olhos verde-claros, e ela voltou o olhar através de cílios grossos, deslizando lentamente a mão.

Abraçando-se mesmo que estivesse quente, sua posição convidava para uma inspeção mais minuciosa. Ela usava um biquíni preto com um encobrimento transparente posando como um vestido de verão. Seu cabelo loiro derramado com uma calculada imperfeição a partir da torção criada no salão que ela tinha usado na formatura. Os aros de ouro nas orelhas e pulseira de ouro em seu pulso minúsculo brilhavam mensagens em diamantes de quão longe fora do meu alcance que ela era.

Não que eu precisava dessas pistas. Ela tinha entregue essa mensagem em toda a sua clareza cristalina, há dois anos, e eu aprendi. Difícil.

— Nós estamos tendo uma espontânea festa de formatura na piscina de Pearl em meia hora, — Melody disse, depois de uma comunicação silenciosa entre as meninas. — Seus pais foram para a Itália logo após a formatura – então eles não vão estar por perto. Se vocês quiserem vir, isso seria legal. PK e Joey estão trazendo vodka. Tragam o que quiser.

Melody pressionou perto o suficiente para eu sentir o calor de sua pele perfeitamente tonificada e inalar o cheiro dela ainda familiar, algo picante e floral, artificial. Desta vez, a ponta dos dedos acariciaram meu peito nu, o polegar passando no meu anel de mamilo.

— Uma festa na piscina? — Fiz um gesto com a lata. — Temos uma *praia,* no caso de vocês meninas não perceberam. Fogueira acesa, cerveja na mão. O que queremos com uma *piscina?*

— É uma festa *privada*. Apenas algumas pessoas. — Ela torceu o nariz para alguns dos caras mais jovens nas proximidades que estavam peidando perigosamente perto do fogo, onde havia uma discussão em curso sobre se *o gás* era *gás.* A probabilidade de algum idiota pegar sua bunda em chamas era uma possibilidade real. — *Graduados* só.

Pearl assistiu os calouros, também, bebendo de seu copo e balançando a cabeça, uma sombra de um sorriso no rosto. Boyce deslizou os olhos de Pearl para mim e arqueou uma sobrancelha - deixando-me saber que ele estaria mais do que feliz em ir junto com este rumo dos acontecimentos. Dei de ombros. *Porque não?*

— Tudo bem, — disse Boyce a Pearl. — Nós vamos daqui a pouco. Não comece a festa sem nós.

Melody revirou os olhos, mas Boyce não percebeu e não teria se importado se tivesse. Ele só tinha olhos para Pearl, pobre coitado.

O trailer que Boyce compartilhava com o pai parecia a inclinar-se para a garagem, como se corroído e caindo e não mais poderia permanecer na vertical independentemente. Duas das janelas do quarto de Boyce abriam três centímetros da parede de tijolo exterior da loja, por isso a noção de que o trailer necessitava de apoio do edifício era plausível.

Uma vez dentro, nós fomos imediatamente para direita em um esforço para evitar Sr. Wynn, que estava instalado na frente da tela plana tendo a maior parte da parede da “sala de estar”. Previsivelmente, ele não tinha se mostrado para a formatura de seu filho. O pai de Boyce: bêbado à noite, de ressaca pela manhã, mau e sóbrio durante todo o dia, repita. Ele não era nada se não confiável.

— O que- vocês dois merdas estão fazendo em casa durante o jogo? — Ele gritou, sem se mover de sua cadeira irregular, que era onde ele acabava

dormindo mais frequentemente do que não. Uma vez Boyce me confessou que ele combateu os impulsos para acendê-lo em chamas de uma dúzia de vezes.

As ameaças de Bud Wynn passavam despercebidas na maior parte agora. Um ano atrás, Boyce tinha o batido de volta durante uma surra, e desde então o seu pai tinha sido todo resmungo, sem dentes. Agora com dezoito anos, Boyce provavelmente poderia matá-lo, e ambos sabiam disso. Isso fez uma trégua que eu nunca iria entender.

Depois de ensacarmos merda suficiente para um delito, mas não o suficiente para um crime, estávamos de volta no Trans Am do meu melhor amigo e dirigindo para a mansão Frank, do outro lado da cidade.

— Eu estou indo para isso, — Boyce anunciou, socando botões do estéreo como ele estivesse programando um foguete.

— Como assim?

— Hoje a noite. Eu. Pearl. Indo. Para. Isso. Em que *isso* iguala as coxas dela espalhadas e eu entre elas. — Ele me lançou um olhar quando eu não respondi. — O quê?

Mordi o anel no lábio, odiando que eu tinha que dizer o que eu tinha a dizer. Odiando que eu prefiria não dizê-lo - especialmente para o meu melhor amigo. — Apenas, tenha certeza que é o que ela, você sabe...

— Landon, porra, cara. — Ele tirou o boné de beisebol, sacudiu a cabeça, e colocou-a novamente para trás. Bufando uma respiração, seus olhos nunca saíram da estrada. — Você *me conhece?* Não que eu tenha qualquer reais, você sabe, *moral...* — Ele sorriu — mas eu quero dizer, eu o ouvi. Já ouvi de você. *Eu entendi.* Eu não sei qual é o seu dano e eu tenho certeza que eu não quero. Mas se e quando que eu foder aquela superior, inteligente pequena... — Ele parou de falar, incapaz de chamar Pearl de algo que ela não era. — Ela vai ficar implorando por isso primeiro ou não vou tocá-la. *Ok?*

Ele deslizou uma carranca no meu caminho e eu acenei uma vez, satisfeito.

Eu não teria dito a ele meus danos se ele tivesse perguntado. Mas ele

nunca tinha perguntado.

Minha mente mudou para Melody. Se ela pedisse para isso agora, eu iria?

A resposta foi um silêncio, sussurro decisivo. *Não.*

— Ei, Wynn? Deixe-me de volta na praia, cara.

Ele baixou a música. — Você não quer ir?

Eu balancei minha cabeça e suspirei. — Claro, cara. Quem precisa de uma piscina de qualquer maneira quando temos a porra do *oceano?*

— Eu não estou pedindo para você desistir de sua última chance para uma ficada com Pearl.

A borda de sua boca se curvou em um sorriso malicioso e eu arqueei uma sobrancelha. — Oh, eu não estou desistindo. Se seus pais deixaram a cidade hoje... eles estarão fora em pelo *menos* de uma semana.

— Cara, nós acabado de nos formar, e ela está indo para a faculdade em um par de meses. Você teve *três anos...*

— Nunca diga nunca, Maxfield. Essa é a coisa legal sobre ser um teimoso filha da puta. Eu não fodidamente *nunca* desisto. — Nós rimos quando ele fez o retorno em uma grande mancha na estrada e ligando o aparelho de som, de voltar para a praia.

LUCAS

O silêncio nunca é totalmente sem som. Algo a ver com o ouvido humano, esforçando-se para ouvir. Mesmo quando não há nada, não há uma frequência, um zumbido. Como um satélite, em busca de sinais de vida onde ela não existe.

A voz do meu pai tinha ido embora. *Cuide de sua mãe.* A voz de minha mãe tinha ido embora. *Landon!* Minha ingestão de respiração embargada, ralando e alta, tinha desaparecido. Eu inalei. Soltei uma golfada de ar irregular. Ingeri. Tomei outro fôlego. Ouvi cada uma dessas ações dentro da

minha própria cabeça.

Então eu ouvi um miado. Francis pulou na cama e caminhou direto para mim. Eu cruzei meu bíceps no topo de sua cabeça, e eu deixei minhas mãos cair de onde agarrou os lados do meu rosto. Meus antebraços repousavam sobre meus joelhos, cotovelos cavando minhas coxas. Ele me bateu de novo, duro, como se ele estava tentando me guiar, e eu me sentei.

Descalço. Jeans velho. Sem camisa. Cama.

Jacqueline.

Eu me virei, mas ela se foi. As colchas eram um mar de lençóis, cobertores e travesseiros que tinha resistido a tempestade. Uma boa tempestade. E então ela disse a mim o que ela tinha feito o quê. Dor perfurado através do centro do meu peito e eu apertei meus olhos fechados e pressionei os dedos contra ele. Eu não iria lá novamente.

Você quer que eu vá?

Meus olhos se abriram. Oh, Deus. Eu disse que sim.

Eu estava, achei a minha T-shirt pelo avesso no chão. Corrigindo-a e empurrando-a sobre a minha cabeça, peguei minhas botas e meias e coloquei meus pés nelas. Agarrei minha jaqueta da parte de trás de uma cadeira da cozinha e minhas chaves do balcão.

Será que eu poderia corrigir isso. Eu *iria* corrigir isso.

Dei de ombros para o casaco e sai pela porta e desci as escadas. Chegar em seu quarto não seria tão fácil desta vez - havia tão poucas pessoas ao redor. Quase todos já haviam desocupado o campus assim que as finais acabaram. Eu iria chamá-la quando eu chegasse lá. Eu teria que convencê-la a me deixar entrar no prédio. Me desculpar. Implorar se eu tinha que fazer. De joelhos.

Eu implorava por Deus que ela respondesse. Eu iria acampar na parte traseira de sua caminhonete, se ela não o fizesse.

Fiquei prestes a balançar uma perna sobre a minha moto quando ouvi passos, batendo até a calçada. Jacqueline, correndo para mim - mas ela não me

viu. Ela estava olhando para o fundo dos degraus para o meu apartamento. O nome dela na minha boca, eu me mudei para interceptá-la - e então ela caiu, e eu vi Buck, com o punho em volta de seu cabelo. Ah, *porra* não.

Ele pousou em cima dela, mas ela empurrou para o lado dela, desequilibrando-o. Quando ela subiu para longe dele, ele seguiu.

Agarrei-o apenas quando ele chegou para ela, puxei-o, ficando entre mim e ela. Olhei para Jacqueline e vi sangue cobrindo o peito. Um grande círculo, escuro nela, como uma ferida de bala, florescendo, fatal. *Porra nenhuma porra nenhuma porra nenhuma* - mas ela estava correndo para trás em suas mãos, e seus olhos estavam arregalados. Se ela tivesse sido baleada ou esfaqueada lá, ela não estaria se movendo.

Quando ele se levantou, vi que seu rosto estava ensanguentado debaixo de seu nariz. *Ela o tinha feito sangrar.*

Gostaria de fazê-lo sangrar mais.

Meus olhos quase se adaptaram ao escuro, mas o Hellers tinha holofotes de detecção de movimento, e os nossos movimentos ativaram um deles. Um ligou - um pequeno holofote fraco para a nossa cena de luta.

Os olhos escuros de Buck estavam focados e firmes, sem álcool estragando sua coordenação. Ele tentou um círculo redondo, como se eu ia deixá-lo perto dela novamente. Movi-me com ele, de frente para ele, ciente de Jacqueline e sua localização exata. Eu a senti atrás de mim como se fosse parte do meu corpo. Carne da minha carne. Sangue do meu sangue.

— Eu vou explodir esse lábio aberto, emo boy, — ele disse. — Eu não estou fodido neste momento. Estou sóbrio e sério, e eu vou chutar o seu traseiro antes de eu foder sua putinha de nove maneiras - de novo.

Palavras fracas de um homem fraco. Ele não sabia que ele já estava morto. — Você está enganado, *Buck.*

Tirei meu casaco e empurrei as mangas para cima, e ele deu o primeiro soco. Eu bloqueei. Ele repetiu o movimento - porque esse idiota não aprendeu - e bloqueei novamente. Apressando-me, ele tentou um de seus movimentos

previsíveis de luta.

Soco para o rim. Tapa de mão aberta na orelha.

Ele cambaleou, apontando para Jacqueline. — Cadela. Pensa que você é boa demais para mim - mas você não passa de uma *prostituta*.

Eu segurei meu temperamento por um fio de cabelo. Ele queria que eu perdesse, porque as pessoas esquecem o que estão fazendo quando seu temperamento é permitido rédea livre. Eles fazem os estúpidos erros, críticas que eu não tinham a intenção de fazer. Meu temperamento permaneceria engaiolado até que eu o tivesse para baixo e desorientado.

Quando ele tentou me agarrar de novo, eu torci e peguei o braço dele, com o objetivo de deslocar o ombro. Ele se virou para isso, então eu por muito não arranquei-o para fora da junta, mas eu consegui meu primeiro satisfatório, punho-trituração da cara na sua mandíbula. Assim que sua cabeça girou de volta, ele teve outro para a boca. Ele piscou, olhando, procurando um local exposto. Não ia acontecer.

Enfurecido, ele rugiu alto o suficiente para acordar toda a vizinhança e veio para mim. À medida que caímos, ele teve um par de bons socos antes de eu girar, o segurar, e usei seu próprio movimento para a frente dele para pousar em sua cabeça. Incrível como muitos caras são muito fodidamente burros para ver isso vindo.

Não perdi tempo admirando a minha obra. Enquanto ele balançava a cabeça, tentando ver logo após o desembarque no topo de seu crânio, eu o ataquei - infelizmente, na grama, e não sobre o concreto - e bati-lhe. Eu pensei no horror nos olhos de Jacqueline. O cabelo preso em seu punho. Meu nome - *Landon* - a última palavra que minha mãe falou.

Snap.

Eu bati nele novamente. Um após o outro. E eu não ia parar.

Algo me puxou para cima e para fora. Não. *NÃO.* Eu lutei para me libertar e estava a um segundo de fazer isso quando as palavras romperam: — *Pare.* Ela está segura. Ela está segura, filho.

Charles. Eu parei de resistir, e ele afrouxou o aperto, mas manteve seus braços em volta de mim, me sustentando quando comecei a tremer. Buck não estava se movendo.

Virei-me para encontrar Jacqueline, mas eu sabia exatamente onde ela estava. Charles me deixou ir e eu cambaleei para ela, caí de joelhos ao lado dela, todo o meu corpo trêmulo. Seus olhos ainda estavam arregalados, seu belo rosto com hematomas, sangue salpicado no queixo e bochechas.

Eu coloquei a palma da mão sob o queixo rapidamente descolorando. Ela se encolheu, e eu puxei minha mão. Ela estava com medo de mim. Do que tinha acontecido - *de novo.* Eu não tinha conseguido mantê-la segura.

Então ela ficou de joelhos. — Por favor, me toque. Eu preciso que você me toque.

Estendi a mão e a peguei cuidadosamente, sentando-se e puxando-a para o meu colo, dentro do círculo de meus braços. Sua camisa estava presa ao peito. — Sangue dele? — Eu verifiquei. — Do nariz dele?

Ela inclinou-se no meu peito e balançou a cabeça, olhando para si mesma com repulsa.

Ela era uma guerreira, coberta com o sangue de seu inimigo. Eu queria bater no meu peito com orgulho, e ela devia também. — Boa menina. Deus, você é tão fodidamente incrível.

Ela puxou a camisa, entrou em pânico. — Eu a quero fora. *Eu a quero fora.*

— Sim. Logo, — eu prometi, tocando seu rosto, evitando o local machucado.

Pedi-lhe perdão por mandá-la embora, meu coração ainda se debatendo sob sua orelha. Eu mal podia ouvir-me falar. Se ela nunca me absolvesse, eu não podia culpá-la.

— Sinto muito por procurar sobre ela, — disse ela. — Eu não sabia...

— Shh, baby... não agora. Apenas deixe-me te abraçar. — Ela

estremeceu. Meu casaco estava na grama nas proximidades. Eu a enrolei nele e segurei-a para mais perto, deixando meu corpo acalmar.

A polícia tinha vindo, e uma ambulância. Eles carregaram Buck na parte de trás em uma maca, que significava que ele não estava morto. Charles nos chamou para dar uma declaração ao oficial que ele tinha falado, e eu me levantei devagar, colocando Jacqueline nos seus pés. Nós dois estávamos instáveis, segurando-se uns aos outros.

Cindy, Carlie e Caleb amontoados pelo canto da casa em casacos e cobertores sobre os pijamas. Vizinhos estavam em pé nos seus quintais ou olhando de janelas contendo pequenas árvores de Natal iluminadas. Luzes do feriado alegres brilharam juntas com as luzes da viatura e ambulância.

Charles disse ao policial sobre a ordem de restrição de Jacqueline contra Buck, e me chamou de seu namorado sem uma única hesitação. Repetindo tudo o que ele disse, incluindo a observação de namorado, Jacqueline inclinou as costas para o meu peito, segurou meus braços no local em volta de sua barriga, e contou sua parte - como Buck a empurrou para o caminhão e fechou a porta atrás deles. Quando ela usou os movimentos que tinha aprendido na aula de autodefesa para escapar do caminhão.

Meus braços se apertaram em volta dela, e eu me senti doente. Eu não podia ouvir os detalhes. Eu queria tirar Buck daquela maca e terminar o trabalho.

Quando a polícia e paramédicos saíram, fomos cercados pelo Hellers. Eles ofereceram suprimentos preferenciais de primeiros socorros, xícaras de chá, comida - mas eu garanti a eles que eu tinha todas essas coisas, e eu iria cuidar bem dela. Charles e Cindy me abraçaram descaradamente, envolvendo Jacqueline também, talvez porque eu não estava deixando-a chegar mais longe do que centímetros de distância de mim.

Quando abrimos a porta do apartamento, Francis saiu, parando no patamar. — Obrigado, — eu murmurei, batendo-lhe uma vez antes dele vagar descendo os degraus e voltar para sua espreita todas as noites.

No banheiro, eu inspecionei o rosto de Jacqueline, olhei nos olhos dela,

e perguntei se ele bateu nela. Eu mal podia dizer as palavras. Ela balançou a cabeça e disse que ele só tinha a pegado muito forte.

— O lugar onde eu dei a cabeçada nele dói mais. — Seus dedos passaram em sua testa.

— Estou tão orgulhoso de você. Eu quero que você me conte sobre isso, quando você puder... e quando eu puder aguentar ouvir. Eu ainda estou com muita raiva agora. — Eu estava lá quando ela tinha dado seu depoimento, mas não conseguiu ouvir os detalhes. As mãos dele em seu corpo. A dor que ele tinha infligido.

Tirei a roupa dela com cuidado, delicadamente, um tipo diferente de lento do que horas antes. Sua camisa e sutiã e minha camisa foram tudo para o lixo, e eu levantei-a para o chuveiro quente. Ela era perfeitamente capaz de fazer essas coisas sozinha, mas ela parecia entender que eu precisava fazê-las para ela. Eu ensaboava e beijava cada machucado e local esfolada, odiando que ela tinha sido ferida.

Os músculos de seus braços estavam doloridos, então eu a envolvi em uma toalha de banho e a coloquei ao lado da banheira. Enquanto eu secava o cabelo dela, penteando com os dedos os emaranhados e enxugando da água de cada fio com uma toalha, ela me disse que a última vez que alguém secou seu cabelo para ela foi quando tinha quebrado o braço na sexta série, caindo de uma árvore. Ela sorriu e eu ri - duas coisas maravilhosamente incongruentes com esta noite.

— Eu acho que tinha um menino e um desafio envolvido, — disse ela.

Garoto de sorte.

Mas não a mesma sorte que eu.

Agachei-me na frente dela e pedi-lhe para ficar comigo, pelo menos por esta noite. Ela tocou meu rosto, olhando nos meus olhos. Os dela estavam preocupados, e cheios de compaixão. Ela sabia o que tinha acontecido com a minha mãe, mas eu precisava confessar o que ela não sabia. Eu não poderia mantê-la sob falsos pretextos mais. Eu precisava que ela soubesse tudo.

— A última coisa que o meu pai me disse, antes de eu sair, foi: “Você é o homem da casa enquanto eu estiver fora. Cuide de sua mãe”. — Engoli em seco, ou tentei. Minha garganta doía, esforçando-se para conter as lágrimas que não ia ficar presas. Eu as sentia subindo quando o dela transbordou e correu pelo seu rosto. — Eu não a protegi. Eu não pude salvá-la.

Ela me puxou para perto e me segurou, e eu perdi, meu rosto enterrado contra seu coração.

Minutos depois, ela disse: — Eu vou ficar esta noite. Você vai fazer alguma coisa por mim, também?

Eu respirei fundo, incapaz de negar-lhe qualquer coisa. — Sim. Tudo o que você precisa.

— Venha comigo ao concerto de Harrison amanhã à noite? Ele é meu aluno favorito da oitava série, e eu prometi a ele que eu iria.

Eu concordei em seu pedido, muito cansado para saber o que ela estava fazendo - porque eu a conhecia bem o bastante para olhar para aqueles olhos e ver quando ela estava tramando algo. Eu não me importava. Eu faria qualquer coisa que ela me pedisse.

Tinha sido um longo tempo desde que eu estive dentro de um auditório do ensino médio.

A orquestra das crianças eram todos mais ou menos do tamanho de Caleb, embora ele teria estado para a pequena extremidade da escala. Os meninos estavam com humor insuportável, arrogantes em torno de seus smokings pretos, inclinando-se sobre os assentos do auditório e flertando com as garotas – todas em vestidos roxo até os pés combinando.

— Srta. Wallace! — Um garoto loiro de smoking gritou de dentro do grupo, ansiosamente acenando até que ele *me* notou. Seus olhos escuros se arregalaram. Jacqueline voltou o aceno, mas ele parecia destruído de ver o amor de sua vida sentado ao lado de um cara. Eu não poderia muito bem culpá-lo.

— Suponho que este é um dos que tem uma queda por você, — eu disse, mordendo meu lábio, mantendo minha expressão normal. Se Jacqueline

gostasse desta criança, eu não queria humilhá-lo, rindo de sua resposta à realidade de que esta *senhorita Wallace* estava tomada. Tinha sido tomada. Seria tomada novamente em poucas horas, se eu tivesse alguma coisa a dizer sobre isso.

— O quê? Eles *todos* tem uma queda por mim. Eu sou uma menina quente da faculdade, lembra? — Ela riu.

Eu angulei um pouco mais perto e disse a ela como realmente ela estava sexy, e eu pedi a ela para ficar comigo novamente esta noite.

— Eu estava com medo que você não fosse perguntar, — disse ela. Menina boba.

Harrison era um garoto corajoso, dar a minha menina uma dúzia de rosas depois do concerto. Ele estava consciente de si mesmo como o inferno, corando para combinar com as flores quando ele as empurrou para ela, mas eu admirava sua bravura em face desse medo.

Agradecendo-lhe, ela ergueu o buquê para seu rosto e inalou alegremente. Ela disse a ele que tinha a feito orgulhosa esta noite e ele ficou mais reto, inchando como um baiacu.

Radiante, ele disse, — É tudo por causa de você, no entanto, — o que a fez sorrir.

— Você fez o trabalho, e colocou em prática.

Eu fiz demonstrações semelhantes para os alunos agradecidos que pensavam que só passou em economia por causa de mim.

— Você parecia ótimo, cara. Eu gostaria de poder tocar um instrumento, — acrescentei.

Os olhos do garoto me dimensionaram, e eu lutei com o impulso juvenil de dizer a ele que eu realmente queria. — Obrigado, — ele disse, me dando um olhar inquisidor. — Será que isso dói? Em seu lábio?

Dei de ombros. — Não muito. Eu disse algumas palavras de quatro letras bem escolhidas, no entanto.

— Legal, — ele sorriu.

Jacqueline sabia como escolher favoritos.

Eu também.

Embalando sua caminhonete com tudo o que estava levando para casa para as férias de inverno e ela entregou a chave do dormitório. Ela estava gastando sua última noite na cidade comigo.

— Eu não quero ir para casa. Mas se eu não for, eles vão vir para me pegar. — Vestindo uma das minhas camisetas, ela escovou os dentes em minha pia do banheiro. Ela enxaguou a boca e me olhava no espelho. — O que aconteceu ontem foi a gota d'água para a mamãe. Ela não estava assim tão chateada quando eu caí da *árvore.*

Meus braços deslizaram em volta dela. — Eu vou estar aqui, esperando por você. Eu prometo. Volte cedo, se quiser, e fique aqui comigo até os dormitórios abrirem. Mas vá, dê uma chance.

Ela me olhou diretamente no espelho, chorando, sabendo que eu estava jogando o cartão, não importa o quão furtivamente. — E você vai dar ao seu pai a chance, também?

Sorreteira, Jacqueline.

Eu fiz uma careta, olhando em seus olhos, em nossos reflexos. — Sim. Eu o farei.

Ela suspirou, fazendo beicinho. — Agora que você já me intimidou por deixá-lo, eu posso ter a minha despedida apropriada?

Minha sobrancelha se arqueou e mudei as minhas mãos para base da t-shirt, murmurando, — Diabos, sim. — Eu me assisti no espelho - puxando a camisa para cima e sobre a cabeça, cobrindo os seios adoráveis em minhas mãos, os polegares provocando os mamilos. Uma mão deslizou para baixo para cobrir seu abdômen, deslizando em sua calcinha, direto pela renda. Sua boca se abriu enquanto eu a acariciava, e sua cabeça caiu para trás no meu ombro, mas ela não fechou os olhos. *Tão bonita.* Eu adorava vê-la responder ao meu toque. Eu nunca me cansaria disso.

Ela estendeu a mão para trás dos seus quadris, os dedos fechando em

volta de mim. Eu rosnei, empurrando em sua mão, enquanto eu pressionava seu corpo mais perto do meu. Eu me inclinei para beijá-la no pescoço, fechando os olhos e a respirando. — Pronto para a cama, então?

— Cama, sofá, mesa de cozinha, o que você tiver em mente... — respondeu ela, e eu gemi.

Quando recuperei o equilíbrio suficiente para abrir os olhos, eles escureceram para um céu cinza-azul chumbo de um dia chuvoso, em contraste com o seu profundo, azul do verão. Meu espelho do banheiro se tornou o vídeo interativo mais quente de sempre. — Tudo bem, então, — eu disse, deslizando meus dedos dentro dela. — Vamos começar aqui, baby.

— Mmm... — ela disse, com os olhos fechados e a deriva.

Ela estava deitada no círculo de meus braços, nós dois exaustos. Pia do banheiro, checado. Cadeira, checado. Sofá, duplamente checado. Eu visualizei acordar com ela na cama, em poucas horas, porém, e decidi que ela tinha mais uma *despedida* na loja.

Ainda acordada, com os olhos nos meus. *Hmm.*

— O que você acha do Harrison? — perguntou ela.

— Ele parece ser um bom garoto.

— Ele é. — Seus olhos seguiram seus dedos enquanto ela acariciou debaixo do meu queixo.

Arrastei-a mais perto e perguntei sobre o que era aquilo. — Você está me deixando pelo Harrison, Jacqueline?

Eu esperava que ela revirasse os olhos e risse, mas em vez disso, ela olhou para mim de forma constante. — Se Harrison tivesse estado dentro daquele estacionamento naquela noite, em vez de você, você acha que ele iria querer me ajudar?

O estacionamento. Com Buck.

— Se alguém lhe tivesse dito que tomasse conta de mim, — ela pressionou, — Você acha que eles jamais, jamais o culpariam, se ele não tivesse sido capaz de parar o que teria acontecido naquela noite?

Meus pulmões se contraíram. — Eu sei o que você está tentando dizer...

Ela não me deixou fora do gancho tão facilmente, embora ela tremeu em meus braços. — Não, Lucas. Você está ouvindo, mas você não sabe disso. Não há nenhuma maneira que o seu pai realmente esperasse isto de você. Não há nenhuma maneira que ele ainda se lembre de dizer isso a você. Ele se culpa, e você se culpa, mas nenhum de vocês é o culpado. — Seus olhos estavam cheios, mas eles não me deixaram ir.

Segurei-a como se eu estivesse caindo sobre a face da terra, e eu não conseguia respirar - sem gravidade, sem oxigênio. — Eu nunca vou esquecer como ela parecia naquela noite. Como posso não me culpar? — Meus olhos envidraçaram, enquanto os dele transbordaram com lágrimas.

Sua mão direita ainda estava no meu rosto. Pressionado entre nós, com a mão esquerda agarrada a minha, me segurando. Suas lágrimas escorriam no travesseiro quando ela me fez ver o garoto que eu tinha sido. Eu nunca perguntei ao meu pai se ele me culpava; assumi que ele fazia. Mas Jacqueline estava certa sobre ele - ele estava preso em luto perpétuo, culpando a si mesmo quando ninguém mais fez. E eu tinha seguido o seu exemplo.

— O que você me disse, mais e mais? *Não foi culpa sua,* — disse ela.

Ela disse que eu precisava falar com alguém que me ajudaria a me perdoar. Eu só queria falar com ela - mas eu não poderia pedir isso a ela. Cindy tinha sugerido terapia uma centena de vezes, jurando que a ajudou a lamentar a perda de sua melhor amiga, mas eu me tornei adepto em insistir que eu estava bem.

Eu estou bem. Estou bom.

Mas eu não estava bem. Eu não estava nada bom. Aquela noite tinha me quebrado. Eu me murei para me manter de quebrar ainda mais, mas a defesa não irá protegê-lo de toda a dor possível. Eu ainda era tão frágil como todos os outros - a menina em meus braços incluído. Mas eu poderia ter esperança. E eu poderia amar. E talvez, eu poderia curar.

26

Landon

Eu não tinha medo de nada em um longo tempo.

Eu estava morrendo de medo, mas eu não estava prestes a mostrar isso. Isso não era nada. *Nada.*

— Você está pronto, Landon? — Heller perguntou, e eu assenti.

Tudo que eu tinha foi empilhado na parte de trás do seu SUV. Eu não tinha nenhuma mala além de uma de um tipo de tecido e uma mochila, por isso a maioria das minhas roupas tinham sido amontoados em grandes sacos plásticos de lixo preto como o que eram. Eu tinha surrupiado algumas caixas vazias do Isca & Equipamento para os meus livros e cadernos. Eles fediam a peixe. O que significava que o interior do caminhão de Heller e tudo que eu tinha cheiraria a peixe no momento em que estivéssemos a cinco quilômetros do caralho da costa.

Valia a pena. Boa viagem. Eu nunca iria querer voltar.

Segurando sua caneca lascada de *Pescadores faça - Hook, Line and Sinker*, paoai estava de pé, pés apoiados à parte, na varanda da frente - cada pedaço de madeira composto por toda a flacidez e todo o castigo do tempo. Foi um milagre que poderia qualquer coisa feita de madeira sobreviver aqui, e ainda assim este lugar tinha aguentado, de alguma forma, ao longo de décadas - desafiando o vento, chuva, tempestades tropicais e água salgada implacável, toda a cidade com seu cheiro salobro todos os dias.

Quando criança, quando este lugar era a casa do meu avô, eu adorava as visitas de verão anual que meu pai tinha nojo, mas minha mãe insistia. — Ele é seu pai: — Ela diria a ele. — Ele é o *avô* de Landon. A família é importante, Ray.

Agora meu pai estava hospedado aqui, e eu estava saindo.

Dentro da casa em ruínas na praia, as ondas do Golfo eram audíveis em todos os momentos do dia e da noite. Quando eu era pequeno, passar o tempo aqui foi como viver em uma casa na árvore ou uma tenda de quintal por uma semana - faltava a maioria dos confortos de uma casa, mas também em polos opostos da minha vida real que parecia incrível e sobrenatural. Áspero, estilo ilha deserta.

Depois de um dia explorando a costa e sob o sol escaldante, eu espalhava uma das toalhas que mamãe sempre comprava antes das nossas férias e deixava na casa do vovô. As toalhas macias eram longas o suficiente para acomodar toda a minha infância e estrutura grande o suficiente para armazenar e classificar as conchas que eu coletava durante dias longos e quentes em uma praia que era nada, exceto a costa branca que eu deixava meus amigos de volta para casa em Alexandria imaginando.

Olhando para a enorme extensão de céu escuro e as milhares de estrelas piscando dentro e para fora, como se fossem comunicar umas com as outras, eu sonhava o que eu seria quando crescesse. Eu gostava de desenhar, mas eu era bom em matemática - o tipo de bom que me teria sido rotulado de nerd se não fosse pela minha habilidade no gelo. Eu poderia ser um artista, um cientista, um jogador de hóquei profissional. Cercado pelo o que parecia ser o infinito céu, areia e mar, eu pensava que minhas escolhas eram abertas.

Que merda de ingênuo que eu tinha sido.

Aquelas toalhas eram como todo o resto agora aqui. Desgastado. Usado demais. Como perto de inútil como algo pode ser, sem ser inteiramente inútil.

Papai parecia mais velho do que seus anos. Ele estava com um pouco menos de cinquenta - um pouco mais jovem do que Heller - Mas ele parecia uma boa década mais velho.

A água salgada e do sol fez isso.

Ser um inarticulado, idiota insensível iria fazer isso.

Muito longe, Landon. Muito longe.

Tudo bem.

O luto vai fazer isso.

Ele assistiu eu carregar minhas coisas no veículo de seu melhor amigo, como se fosse normal para um pai transferir as suas obrigações parentais - como o dia em que seu único filho saiu de casa para a faculdade. Mas ele estava fazendo isso por um tempo agora. Deixava-me falhar, agarrar meu caminho de querer me acabar desde que eu tinha treze anos. Cinco anos de sobrevivência de um dia para o outro. De escolher levantar-se ou não. Ir para a escola ou não. Dar uma merda sobre algo ou alguém ou nada

Heller tinha me dado uma chance de sair, e eu certo como a merda não estava indo pedir desculpas por tê-la.

— Dê um abraço de adeus ao seu pai, Landon, — Heller murmurou enquanto nós fechamos a porta do carro.

— Mas eu não - nós não...

— Experimente. Confie em mim.

Eu bufei um suspiro antes de me virar e caminhar de volta para subir os degraus da frente.

— Tchau, papai. — Eu obedientemente entreguei as palavras - algo que eu fiz por amor a Heller, nada mais. Ele tinha colocado sua xicara sobre o corrimão. Suas mãos estavam vazias.

Eu estava deixando-o ao seu silêncio e sua solidão, e de repente eu me perguntei quão diferente este momento teria sido se minha mãe estivesse viva. Ela teria chorado, envolvido os braços em volta de meu pescoço enquanto me inclinava para abraçar e beijar, me dizendo que ela estava orgulhosa de mim, fazendo-me prometer ligar, voltar para casa em breve, para contar-lhe tudo. Eu teria chorado, segurando-a.

Por uma questão da única mulher que nós dois unicamente tínhamos amado, eu alcancei meus braços em volta de meu pai, e ele sem palavras colocou os braços em volta de mim.

Olhei para o lado do espelho, olhando a cidade crescer menor. *Objetos no espelho estão mais perto do que parecem.* Apesar de uma curiosidade

inquieta, eu não olhei para trás para ver se era verdade. Essa merda de cidade e os anos que vivi lá estariam fora de vista em cinco minutos e apagado da minha mente consciente, logo que eu pudesse esquecê-la.

— Faça o que quiser com o rádio, — disse Heller, e ele bateu a minha atenção para frente. — Contanto que não seja qualquer uma daquela merda de Cole gritando porcaria de abusos em meus ouvidos. Não posso suportar aquela poluição sonora que ele chamada de música.

Seu filho mais velho tinha quinze anos agora. Sempre que nós estávamos juntos, ele imitava como eu me vestia e que tipo de música que eu gostava, me seguindo e imitando tudo o que eu disse ou fiz - nem sempre uma ótima ideia eu admito. Sua atitude na vida parecia ser: se algo irritava seus pais, ele estava dentro.

Pisquei como se eu estivesse surpreso. — O que, sem Bullet for My Valentine? No Slipknot?

Eu ri da carranca agitada de Heller, com certeza ele não acreditava ou se importava ou não se aqueles eram nomes reais de banda. Isso foi toda a resposta que eu tive, além de seu suspiro estoico habitual. Liguei meu iPod no console de som e liguei uma lista que eu tinha feito na noite passada intitulada *foda-se você e adeus.* As faixas foram muito menos violentas do que o título implicava, em deferência à meu companheiro de viagem. Posso compartilhar a mesma atitude de Cole quando ele era para o meu próprio pai, mas não para o dele.

Eu não via as crianças Heller muitas vezes - embora isto estava prestes a mudar, já que eu estaria vivendo em seu quintal. Literalmente. Minha nova casa seria a sala que tinha sido seu armazenamento da garagem para livros e caixas de decorações do feriado, móveis velhos e aparelhos de ginástica. Minhas memórias vagas diziam. Quando eu visitei o Hellers, eu dormia em um colchão de ar no quarto de Cole. Desistindo no último minuto de cada maldita vez, meu pai me colocava em um ônibus com minha mochila e instruções estritas para não fazer nada estúpido, enquanto eu estava lá.

Eu não era uma criança mais, e isso não era uma visita de uma

semana. Eu era um estudante universitário que precisava de um lugar para morar por quatro anos. Um adulto legal que não podia pagar um dormitório ou um apartamento junto com a taxa de matrícula. Heller me disse que eu estaria pagando o aluguel, mas não era muito. Eu conhecia caridade quando eu conseguia, mas pela primeira vez na minha vida patética, eu estava agarrando com as duas mãos, como o fim de um nó de uma corda de resgate.

LUCAS

— Eu vou tomar as primeiras duas horas, e você pode tirar as duas últimas. — Jacqueline deslizou seus óculos escuros sobre os olhos e sorriu para mim do lado do motorista de sua pick up. — Mas não cochile, ou poderíamos acabar no meio do caminho para El Paso. Eu preciso de você para navegar.

Quando ela apoiou sua pick up até a calçada, eu disse adeus para Carlie e Charles, deslizando meus óculos de sol no lugar. — Essa é uma rodovia completamente diferente. — Eu ri. — Você não está *tão* mal.

Ela balançou a cabeça e suspirou. — Sério. Não abuse da sorte. Você vai se arrepender. Nós poderíamos acabar perdidos e sem rumo dirigindo por toda a nossas férias de primavera.

Quando parei para considerar o fato de que Jacqueline estava voltando para casa comigo para a costa, dirigindo sem rumo por uma semana em vez disse não parecia tão ruim. Eu balancei minha cabeça. — Eu acho que eu deveria ter te dado um novo GPS para o seu aniversário.

Ela torceu o nariz. — Isso soa como um presente sensato.

— Ah, certo, eu esqueci - não fazemos presentes sensatos.

Ela me disse que seus pais tinham sempre comprado uns aos outros (e ela) presentes infelizmente pragmáticos, mas eles atingiram um novo patamar – comprando seus próximos presentes. — Mamãe arrumou um novo StairMaster e o papai comprou para ele um *grill,* — ela me disse que quando tínhamos

conversado na noite de Natal. — É uma grande grade com queimadores laterais e gavetas de aquecimento e, *quem se importa*, porque *santa merda* - comprar seu *próprio presente* de Natal?

Eu não lhe disse que parecia como uma ótima ideia para mim. Se ela se acreditava presentes práticos estavam fora, então eu estava destinado a uma vida de impraticabilidade. *Traga-o.*

Nós dois fizemos aniversário nos últimos dois meses. Meu presente dela: a condução de um Porsche 911 por um dia. Massivamente impraticável. Heller e Joseph estavam ambos maciçamente *ciumentos.* Eu mandei uma mensagem para Boyce com foto e ele me mandou uma mensagem de volta: Foda-se o código de mano. Estou roubando sua mulher. Você foi avisado.

Para o aniversário de Jacqueline, eu tinha escolhido uma das aquarelas de minha mãe - um horizonte chuvoso de Paris - a partir do esconderijo do sótão do meu pai quando eu estava em casa durante as férias de inverno. Eu tinha-o montado e emoldurado para ela. Ela ficou muito quieta depois que ela abriu, lágrimas correndo pelo rosto. Eu tinha certeza que minha aptidão para presentear tinha acabado, e eu nunca deveria ser autorizado a escolher um presente para alguém novamente.

E então ela se jogou em meus braços, e uma hora mais tarde, eu empurrei meus dedos em seus cabelos e beijei-a. — Espere, — eu disse. — Meu próximo aniversário é 11 meses de distância. Como é que *isso* aconteceu?

Jacqueline estava encolhida no banco do passageiro, dormindo, quando eu confrontei o fato de que estávamos 15 minutos de distância da costa. Que eu estava levando a minha namorada *para casa,* onde ela iria encontrar meu pai incomunicável e meu frequentemente impróprio melhor amigo do ensino médio. E *oh inferno,* íamos dormir na despensa? *Merda.* Eu deveria ter reservado um quarto de hotel.

— Mmm... — Ela acordou lentamente no início, bocejando, desdobrando as pernas, os braços estendidos, em seguida, toda de uma vez ela se

sentou, piscando. — Já chegamos?

Eu balancei a cabeça. — Quase.

Havia uma fila para a balsa. Bem-vindo as férias de primavera barata em uma praia do litoral. Onde eu só trouxe a minha namorada de três meses para visitar. Uma sensação pesada se alojou no fundo do meu estômago, como se tivesse engolido uma barra de ferro. Se ela não tivesse acordado quando fez, eu poderia ter dado uma meia-volta. Um cara de colete laranja nos apontou para o lado esquerdo da balsa e nós puxamos sobre a rampa e para dentro. Desembarcando do outro lado, nós estávamos cinco minutos de casa, talvez dez por causa do tráfego de turistas, aumentou isso, infundido dinheiro para esta comunidade após os meses lentos de inverno.

Não havia nada de incomum ou extraordinário sobre este lugar para mim, mas Jacqueline sentou-se em linha reta, os olhos muito abertos para absorver tudo - os edifícios revestidos de murais pintados em cores quentes, as lojas turísticas e lanchonetes, as ruas de asfalto preto que se misturavam em metros sem faróis, a água e os barcos quase sempre visível um pouco além.

— Palmeiras! — Ela sorriu. — Elas são tão bonitas.

Eu arqueei uma sobrancelha para ela.

— Quero dizer, em comparação com sua aparência em LA - elas são altas e magras lá. Estes parecem saber que não há muitos prédios altos ou colinas para competir com qualquer um aqui. Elas são...

— Atrofiadas?

Ela riu. — *Bonitas*.

Depois de algumas voltas reflexivas, eu estacionei no caminho de cascalho na frente do lugar do vovô - agora do meu pai. Engolindo em seco, eu me virei para Jacqueline. — Eu não sei como ele vai ser com você - eu quero dizer, ele não vai ser rude ou qualquer coisa. Ele sempre foi cortês com os clientes, e tenho certeza que vai ser o pior...

— Lucas. — Ela pegou minha mão, apertou-a. — Ele vai ficar bem. Eu não estou esperando abraços e uma festa de boas-vindas. Ele é um cara calmo -

como você. Eu entendo.

Eu fiz uma carranca. *Assim como eu?*

Ela virou a minha mão e beijou as costas, rindo como se ela pudesse ler a minha mente - e ela provavelmente poderia.

Cheguei a minha mão esquerda para sua nuca, puxando-a mais perto à medida que me inclinava sobre o console. Enfiando os dedos pelo cabelo dela, eu a beijei, e o pavor ultrapassando minha mente se acalmou. Ela esteve aqui comigo porque ela queria estar. Nós conversamos sobre o meu pai; ela estava preparada. Graças a minhas sessões semanais de terapia, eu estava chegando a um acordo com a forma como ele lidou com seu pesar, mesmo se tivesse sido longe de ser perfeito para qualquer um de nós.

Papai não pôde estender o tapete vermelho, mas ele seria civil. Boyce poderia ser um idiota, mas ela provavelmente iria amá-lo de qualquer maneira. E a cama despensa não era menor do que a cama do dormitório - um dos meus lugares favoritos no mundo para estar.

— Obrigado, — eu disse.

Nossas testas pressionadas juntas, eu assisti os dedos de sua mão fazer padrões livres dos traços do meu braço coberto de tinta. Ela inclinou a cabeça e me beijou novamente, sua língua brincando com meu anel. Ela gostava de brincar com ele quando nos beijamos, e que tinha feito beicinho quando eu lhe disse que eu teria que removê-lo uma vez que começasse a fazer entrevistas para o emprego.

— De nada, — ela respirou contra meus lábios.

Nossos olhos se encontraram e minha mão subiu para varrer seu rosto. *Eu te amo,* eu disse a ela em silêncio. Eu estava pronto para dizer a ela, mas não tinha certeza de como. Não era algo que eu já disse a uma menina. Não era algo que eu jamais tinha sentido - não realmente. Não assim. Parecia bobo agora que eu alguma vez pensei que poderia amar Melody Dover. O que eu sentia por ela era real - mas tinha sido como estar no primeiro degrau de uma escada comparado com o pé no meio do caminho para o topo.

Quando bati, papai veio para a porta de tela com a coisa mais próxima a um sorriso no rosto que eu tinha visto em anos. — Filho, — ele disse, pegando uma das malas de mão. — Venha.

Todas as janelas estavam abertas, e todo o lugar estava impregnado com o cheiro salgado do Golfo, que estava do outro lado da areia, do lado de fora da porta traseira. Papai tinha posto uma camada de tinta fresca nas paredes de marfim e madeira, e puxou os tapetes para revelar pisos antigos de madeira abatida que de alguma forma parecia cem vezes melhor. Uma das pinturas da mãe estava pendurada sobre o sofá. Fiquei olhando para ele quando ele disse, — Você deve ser Jacqueline. — Ela ainda segurava minha mão.

— Sim. É um prazer conhecê-lo, Sr. Maxfield.

Com esforço, me afastei da pintura e vi quando meu pai apertou a mão da minha namorada e quase sorriu, novamente. — Por favor, me chame de Ray. Fico feliz que você tenha vindo com Landon, uh, Lucas.

Isso era novo.

Ele pegou ambas as malas e foi para... o seu quarto? Segui Jacqueline, olhando para os mobiliários escassos, mas limpos da mesma forma que ela examinou a cidade quando nós dirigimos através - vendo detalhes e perdendo nada. Eu virei a esquina para o quarto do meu pai, mas não era o quarto do meu pai mais. Cama do vovô estava contra a parede, ladeado por sua mesa de cabeceira e uma lâmpada nova. Sua cômoda estava no lado oposto. Havia roupa de cama nova na cama, e as paredes estavam na simples sugestão de azul. Outra das pinturas da mãe pendurado sobre a cama, e um espelho suspenso por um comprimento de corda pendurado sobre a cômoda.

Papai colocou ambas as malas no chão ao lado da cama. — Pensei que iria precisar do seu próprio espaço... quando você visitar. Me mudei para o quarto do seu avô, há algumas semanas. Eu posso dar uma olhada no golfo na primeira coisa na parte da manhã, agora, descobrindo como será navegar para o dia.

— Um belo quarto, — disse Jacqueline, olhando pela janela para a

palmeira atarracada ao lado da casa. A praia era visível à distância. — Eu amo isso. Esta é uma das pinturas de sua esposa, não é? — Ela se aproximou para examiná-la, e eu continuava olhar o meu pai.

— Sim, é, — respondeu. Voltando-se para mim, disse: — Depois que você passou por algumas de suas coisas durante o Natal, decidi que ela teria estado triste pensando que suas pinturas estavam embrulhadas em um sótão em vez de para fora, onde elas poderiam ser vistas. — Os lábios do pai comprimiram. — Bem. Vou deixar vocês dois descansarem da viagem. Vocês têm planos esta noite, eu presumo?

Eu balancei minha cabeça. — Hoje não. Vamos nos encontrar com Boyce amanhã.

Ele balançou a cabeça. — Vou ver o que eu tenho para o jantar, se você quiser comer aqui. Vários quilos de peixe vermelho, pescado ontem. Nós poderíamos fazer algo com isso.

— Yeah. Claro. Parece bom.

Ele balançou a cabeça novamente e fechou a porta quase completamente atrás de si.

Sentei-me na cama pesadamente. — Puta merda.

— Nós nunca conversamos sobre mamãe - frases que começavam com *ela faria.*

Jacqueline estava em seu estômago e eu deitei olhando para ela, meu dedo desenhando padrões invisíveis nas costas dela.

No jantar, os três de nós tinham falado sobre minha formatura iminente, e o projeto de pesquisa com o Dr. Aziz que tinha alterado todo o meu modo de pensar sobre o que eu aprendi nos últimos quatro anos, enviando tudo isso girando em uma direção inesperada.

Sua mãe teria ficado orgulhosa, ele disse, e Jacqueline agarrou a minha mão debaixo da mesa envernizada recentemente, porque ela sabia o peso dessas palavras.

Agora, deitada na cama, no quarto que meus pais tinham compartilhado

sempre que visitamos este lugar durante meus primeiros 13 anos. Papai estava de volta no quarto do vovô, que ele tinha pintado de um verde espuma do mar. Outro conjunto de pinturas da mãe pendurado lá.

A despensa estava de volta à guardar alimentos, junto com pilhas bem arrumadas de caixas de armazenamento que abrigavam os arquivos antigos. Os buracos na parede tinha sido pintado. A lâmpada de três pontas tinha sido substituído por uma luminária de teto padrão. Eu ri, de pé naquele alcova confortável quando meu pai me enviou para buscar um dente de alho. Eu me senti seguro, ali de pé, e fiquei impressionado com a percepção de que eu sempre me senti seguro lá. De alguma forma, aquilo tinha sido gerido enquanto todo o resto foi para o inferno.

— Obrigada por me trazer aqui. — Jacqueline se virou para mim no escuro, os olhos refletindo a luz da lua sutil da janela. O som das ondas pulsando pela areia vagava pela janela como um suave, lento batimento cardíaco.

— Obrigado por ter vindo comigo.

Ela chegou mais perto. — Você não vai me dizer onde você está se candidatando para empregos, não é?

— Não. E você sabe por quê.

— Você quer que eu me transferira para o melhor programa de música que eu possa entrar, independentemente de onde você vai estar, — ela recitou, seu tom um revirar de olhos audível. — Mas... eu não suporto a ideia de que em seis meses - *cinco* meses - nós poderíamos estar em lados opostos do país um do outro.

Eu não tinha intenção de colocar distância entre nós para os próximos dois anos - mas eu não diria a ela o meu plano até que eu conseguisse. Havia muita sorte envolvida, e eu não queria que ela se decepcionasse. Eu tracei o seu couro cabeludo do templo até o lado de sua mandíbula e segurei seu rosto em minha mão. — Você não vai me perder. Mas eu não estou fazendo para você o que ele fez. Você tem sonhos, e eu quero que você os siga. Eu *preciso que* você os sega. Por que... — Eu respirei. — Eu te amo, Jacqueline Wallace.

Ela engoliu em seco, com os olhos cheios de lágrimas. — Eu amo *você,* Landon Lucas Maxfield.

Meu coração se encheu e eu me inclinei sobre ela, a beijando, a amando. Em suas palavras formais, eu ouvi o elenco do meu futuro - um futuro que eu tinha tanta certeza de que nenhuma distância teria me intimidado: *Eu tomo você, Landon Lucas Maxfield...*

Sorte poderia ser conquistada e criada. Pode ser descoberta. Poderia ser recuperada. Afinal de contas - eu encontrei essa garota. Eu encontrei o meu futuro. Eu tinha encontrado o perdão. Minha mãe teria estado feliz por mim. Pela primeira vez em muito tempo, eu não me sentia culpado sobre isso.

Epílogo

Jacqueline foi convidada a se transferir para três dos cinco programas de música que ela se inscreveu, mas quando chegou a carta de aceitação de Oberlin, nenhum dos outros importava. Dez segundos após entrar em seu e-mail, ela disparou em meu sofá, gritando e mandando Francis diretamente para debaixo da cama. Uma vez eu tinha certeza que ela estava *extremamente feliz* guinchando e não *vejo uma aranha do tamanho de minha mão* gritando, abri os braços e ela saltou para eles.

— Parabéns, baby, — eu murmurei contra seus lábios, amando como ela estava em êxtase.

Ela mandou uma mensagem para Erin. Ela ligou para seus pais. Ela enviou um e-mail para seu maestro da orquestra do colégio.

E então, ela calculou quão longe estaríamos quando ela se mudasse, se eu continuasse aqui. Duas empresas de engenharia na cidade estavam ativamente me perseguindo, e eu estava pensando a sério. Eu tinha feito uma segunda entrevista para uma surpreendente posição especializada em robótica de semicondutores - um trabalho de design tão legal que eu não poderia ter imaginado isso há quatro anos, quando todas as minhas energias estavam focadas em entrar na faculdade em tudo.

Eu a levei para fora para comemorar e me recusei a discutir as milhas e horas e anos vindo. — Hoje não, — repeti, até que ela cedeu. Se tivéssemos que namorar por longa distância por dois anos, então isso é o que faríamos. Mas a admissão de Jacqueline em Oberlin tinha me dado um novo objetivo.

Já em dezembro, eu tive um jantar com Joseph, Elliott e a irmãzinha de Elliott, Reni, que estava visitando a partir de Cleveland, onde era uma aluna do terceiro ano de medicina da Case Western. Suas tentativas transparentes no jogo

de casamenteiro caíram em chamas, mas eles arrumaram nós dois em uma relação diferente. Fascinada com os detalhes do projeto de pesquisa que eu seria parte para os próximos cinco meses, Reni me falou sobre um de seus mentores, cujo campo de pesquisa era bioengenharia.

Quando eu enviei o e-mail a ela sobre possibilidades de emprego, ela passou o meu currículo para aquele professor. Ele era um dos três fundadores de uma pequena empresa iniciante em bioengenharia em Cleveland. Um dos outros conhecia o Dr. Aziz, e ela viu o nome dele na minha lista de referências. Uma semana depois, recebi um telefonema e um pedido de aplicação.

Sorte tinha começado a jogar. O resto dependia de mim.

— Por que você não me diz onde você está indo para esta entrevista, ao menos? — Por 45 minutos, Jacqueline estava tentando me convencer a dar pistas durante os intervalos comerciais do drama zumbi que estávamos assistindo. — Não deveríamos dizer tudo um ao outro? — Seu tom de voz doce e descobrindo sua secreta expressão séria - grandes olhos azuis olhando para o meu - quase me fez desistir. Ela era muito boa nisso.

— Boa tentativa, — eu sorri, e ela fez uma careta.

— Eu só vou perguntar a Cindy.

— É por isso que eu não disse a ela, também.

Ela bateu o pé para isso, o que me fez rir até que ela me pressionou no canto do sofá e disse: — Eu adoro quando você ri. Você é tão bonito. — Ela passou os braços em volta do meu pescoço e agarrou meu cabelo, me puxando para mais perto para um beijo.

Eu balancei a cabeça e tracei os lábios dela com a língua antes de mergulhar dentro. Beijando-a sem sentido, eu sussurrei, — Bajulação não levará a lugar nenhum... mas por favor, *por favor* continue tentando.

Minha festa de formatura foi um churrasco no quintal dos Heller. Depois de não sair de casa por mais de oito anos, o papai tomou três dias de folga para participar da cerimônia. Sua aparência era também uma demonstração de fé em seus melhores amigos. Observando os três juntos, eu

esperava que este fim de semana fosse o início de um novo hábito para ele.

Eu não tinha dito a ninguém meus planos para o futuro, no entanto, apesar de que Charles, Cindy e o papai sabiam sobre as ofertas que eu tinha, e eles trocaram olhares conhecedores no café da manhã, esta manhã, quando eu lhes disse que eu tinha feito a minha escolha. Eu tinha uma pessoa para dizer, no entanto, antes de deixá-los saber minha decisão final, e essa pessoa estava em pé na minha cozinha, embalando sobras do churrasco para o frigorífico.

— Eu aceitei um trabalho na sexta-feira, — eu disse, e ela quase não respondeu. Eu me perguntava o que estava acontecendo em sua mente até que ela finalmente olhou para cima, incapaz de reorganizar os recipientes pequenos ainda mais. Minha valente menina estava mal segurando as lágrimas.

Levei-a para o sofá e puxei-a em meus braços. — É uma iniciante - menos de dez funcionários no momento. Os fundadores são pesquisadores de cardiologia que pesquisam de formas não invasivas de mapeamento de atividade eletrocardiográfica, para ajudar com o diagnóstico e tratamento de doenças do coração. Eles também desenvolvem os melhores dispositivos invasivos - e eles queriam alguém com um conhecimento básico de materiais duráveis e macios.

O vinco entre as sobrancelhas me disse que eu a perdi. Então eu disse-lhe o salário, que seria complementado com opções de ações. — Se a empresa faz bem - e *vai* - os empregados fazem bem. Minha data de início é a semana depois de quatro de julho.

Ela olhou para mim, tentando sorrir e não me enganando por um segundo. Eu sabia o que estava pensando – *2000 quilômetros de distancia.*

Eu respirei. — Assim, a minha única pergunta é esta - eu quero viver em Oberlin e voltar para Cleveland, ou viver perto de Cleveland e voltar para você? — Eu vi quando suas expressões mudarem quando ela percebeu o que tinha acabado de dizer. Seus olhos se encheram de lágrimas e se arregalaram. A boca dela se abriu e ela gaguejou algo que parecia *que?* — Oh, o que eu te disse essa parte? A empresa está localizada em Cleveland. — Meia hora de Oberlin.

Teríamos uma separação de seis semanas entre o momento em que me

mudasse para Ohio e quando ela fosse, mas eu afastei esse pensamento quando ela veio para os meus braços. Hoje era a minha festa, e eu a levava para o meu quarto para mostrar-lhe todas as maneiras que eu pretendia comemorar.

Seis semanas de intervalo tinha sido um inferno.

Uma vez que o meu vôo pousou, eu estava pronto para quebrar uma janela para sair do avião, através do aeroporto e para fora para o caminhão de Jacqueline.

Depois do almoço com os pais dela, nós dois estávamos saindo em uma viagem de dois dias de volta para Ohio. Nós planejamos parar para a noite apenas dentro de Kentucky, dirigir maior parte do dia de amanhã, e encontrar a van de mudança em seu novo dormitório amanhã à noite.

Como sempre, tudo e todos desapareceram quando eu a vi. Ela saltou da caminhonete e me encontrou na frente dela, usando um vestido branco de verão com um pequeno cardigan de manga curta por cima, desabotoado. Minha mala bateu no chão e eu a puxei para o meu abraço. — Sentiu minha falta? — Eu perguntei, nossos lábios uma polegada de distância. Uma mão na base de sua espinha, apertei-a perto enquanto a outra mão deslizava sob o suéter dela para encontrar a pele nua.

Seu vestido era sem costas. *Puta merda,* eu sabia que isto ia ser um longo dia - meio-dia e eu estava imaginando já fechando e trancando a porta do nosso quarto de hotel esta noite.

— Beije-me e descubra o quanto. — Ela ficou nas pontas dos pés, os olhos mal encarnado quando meus dedos se arrastaram sobre seus ombros.

Andando para trás para o lado do passageiro e pressionando-a até a porta de seu caminhão, eu queria desatar esses minúsculos ganchos em sua nuca, e ela sabia disso.

O que ela não sabia: eu tinha alguma tortura própria minha para transmitir.

Fechando os centímetros finais, eu capturei sua boca com a minha. Eu segui seus lábios carnudos com a ponta da minha língua e apenas mal varrendo

dentro enquanto nos beijávamos.

— Mmm... — ela gemeu, sua língua se lançando para provocar meu lábio superior antes de sugar minha língua em sua boca. Eu aprofundei o beijo pouco a pouco com nossas línguas emaranhando, e de repente ela se afastou. Seus pés foram no chão e suas mãos agarraram meu bíceps sob as mangas da minha camiseta quando ela olhou para mim, os olhos arregalados.

— Lucas.

— Hmm?

Ela olhou para minha boca. — Será que você...? Isso é...?

— Gostou? — Eu perguntei, e ela visivelmente tremeu dos pés à cabeça. — Eu sabia que você sentia falta do piercing nos lábio. Eu percebi que você precisava de algo mais para brincar quando nos beijamos.

Balançando a cabeça, ela disse: — Deixe-me ver.

Obediente, eu abri minha boca e ela olhou para a pequena bola sentada dentro de minha boca em minha língua. — Oh... Oh, Deus... — Ela lambeu aquele doce lábio inferior quando seus olhos se deslocaram para os meus. — É verdade, o que eles dizem sobre isso?

Um canto da minha boca subiu de um lado e uma sobrancelha se levantou. — Eu acho que nós vamos descobrir hoje à noite, não é? — Beijei-a de novo, a minha língua mergulhando totalmente na boca. Ela gemeu - uma súplica impaciente ofegante. Quebrando o beijo, minha mão enrolada em volta de sua nuca e sussurrei em seu ouvido. — Então me diga, quanto tempo essa coisa de *fase bad-boy* dura? Porque eu estou tentando o meu melhor para prolongá-la.

Ela respirou fundo e colocou o rosto em meu ombro. — Oh, *Deus.* Eu não posso acreditar que você sabe sobre isso.

Eu puxei o queixo dela para cima. O rosto dela estava rosa.

— Como eu estou fazendo, Jacqueline? Cumprindo cada um dos seus desejos de bad-boy, ou há algo que eu tenha esquecido? Posso ter um emprego estável e estar loucamente, profundamente apaixonado pela minha namorada... — Eu beijei-a enquanto ela se agarrou a mim. — Mas eu tenho

uma *perversa* imaginação.

Costumava haver um tempo separando *antes* do *depois*. De um lado, estava tudo de bom e belo - um sonho que não podem ser tocados em momentos acordos. Memórias da minha mãe estavam presas lá, e eu lutei para esquecê-las porque elas fizeram nada além de ferir e condenar. O lado oposto era luta. Resistencia. Meu *após* era a crua realidade, e não havia nada a fazer, exceto sobreviver.

Depois veio Jacqueline. Este amor. Esta cura. Esta nova realidade, onde antes e depois já não eram divididos por uma linha solitária. Onde cada momento era uma memória tangível e uma promessa do que estava por vir. Cada momento foi um antes e um depois. Cada momento foi um *agora* para ser vivido - e eu gostaria de saborear cada um, começando nesse segundo, com a garota em meus braços.

[1] BMOC – Big Man On Campus – o “cara” do campus

[2] Baile de retorno as aulas

[3] Ar condicionado

[4] Tipo de luva

[5] Orange Juice – Suco de laranja

[6] **Dojang** é o local de treino de artes marciais coreanas como o taekwondo e o hapkidô.

[7] Referencia a trabalhador operário

[8] Bíceps

[9] 24 horas por 7 dias da semana, ou seja , nunca fecha.

[10] Ele fala to Buck him off na frase anterior, o nome do atacante é Buck

[11] Ecstasy

[12] Seios e bundas

[13] Dia do peru – Ação de Graças

[14] Musical

[15] Ele diz Wynn-win se referindo a win-win – ganha-ganha

[16] Escola de artes Marciais

[17] Delegacia de Policia

[18] Fechei